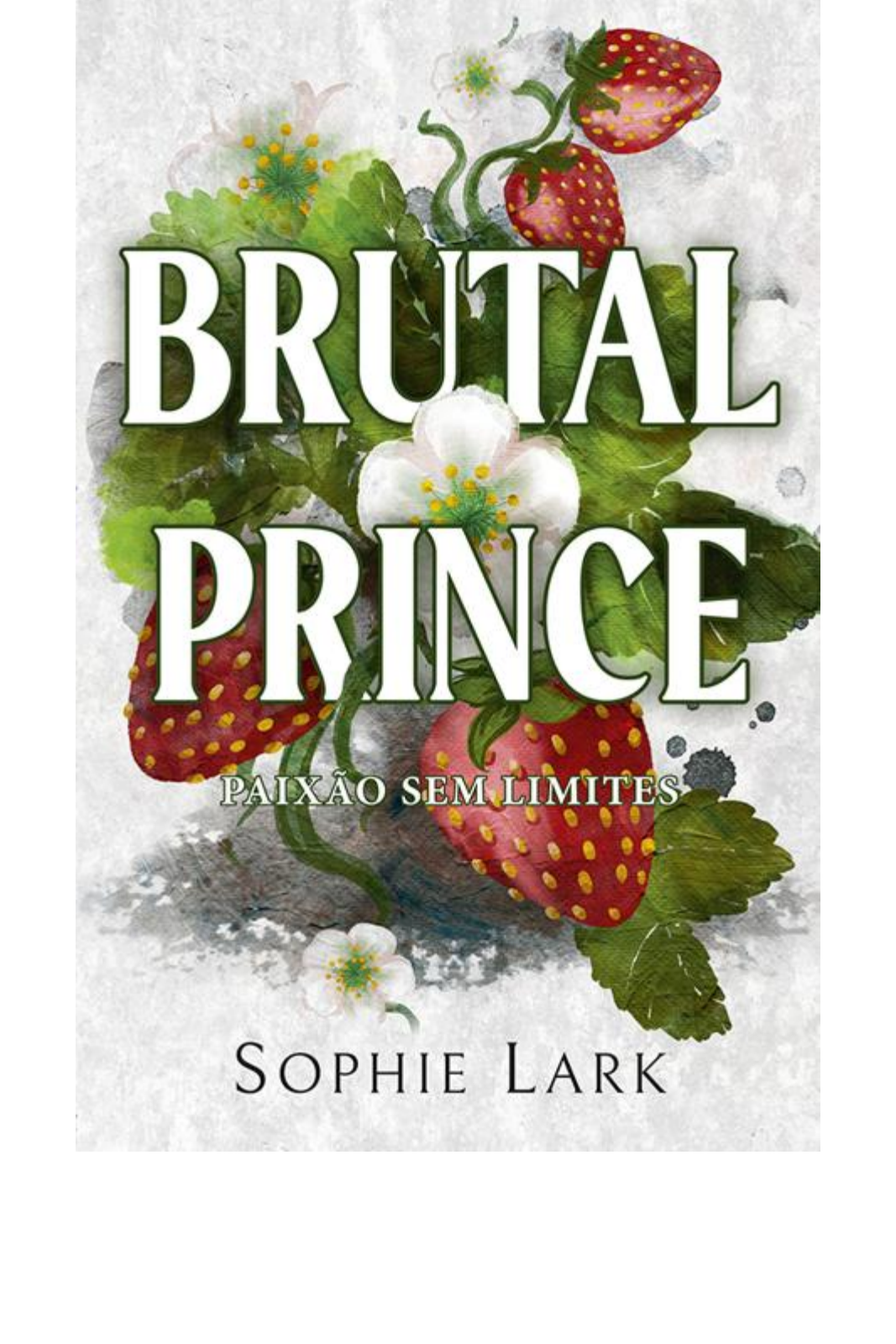


A watercolor illustration featuring several ripe red strawberries with yellow seeds and green leaves. Interspersed among the strawberries are several white flowers with yellow centers. The background is a light, textured grey. The title 'BRUTAL PRINCE' is written in large, white, serif capital letters with a black outline, centered over the illustration.

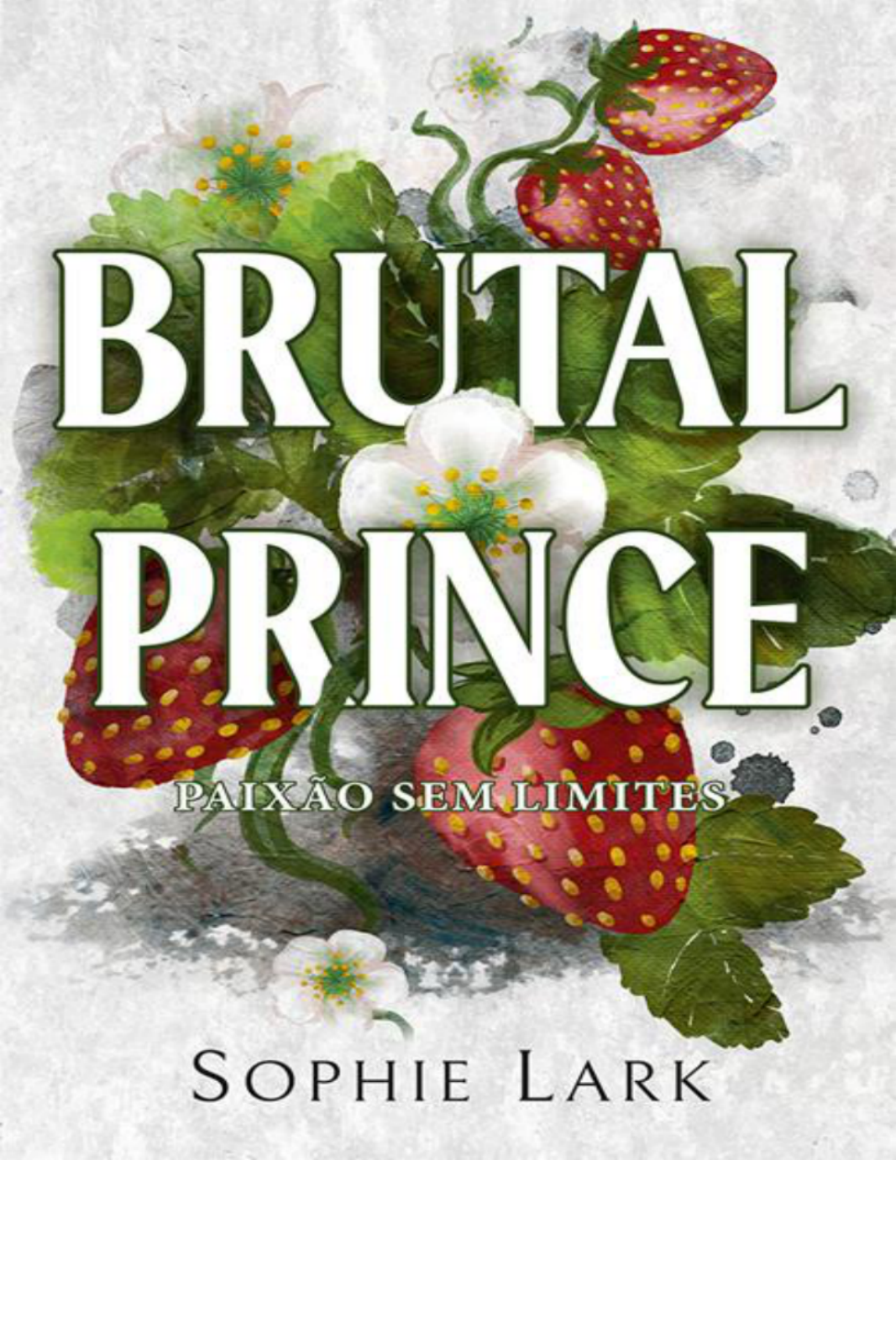
BRUTAL PRINCE

PAIXÃO SEM LIMITES

SOPHIE LARK

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

A watercolor illustration featuring several ripe red strawberries with yellow seeds and green leaves. Interspersed among the strawberries are several white flowers with yellow centers. The background is a light, textured grey with some darker, muted colors like blue and green, suggesting a garden or field setting. The overall style is soft and painterly.

BRUTAL PRINCE

PAIXÃO SEM LIMITES

SOPHIE LARK



© Sophie Lark

Comecei a escrever romances para poder criar personagens femininas fortes e inteligentes. Todos os meus casais são diferentes, mas, em todos os casos, o herói e a heroína precisam um do outro para se tornarem a melhor versão de si próprios. Cuidado, leitores, as minhas histórias são intensas: vou sugar-vos para o meu mundo e fazer-vos rir, chorar e cravar as unhas em cada página. Não tarda nada, estarão a implorar pelo próximo livro!

Sigam-me em sophielark.com

Brutal Prince

Sophie Lark

Publicado em Portugal por:

5 Sentidos®

Divisão Editorial Literária – Porto

Título original:

Brutal Prince

© 2023 by Sophie Lark

Tradução: Fernanda Vizcaíno

Design da capa: Sourcebooks, Emily Wittig

1.^a edição em papel: junho de 2024

Rua da Restauração, 365

4099-023 Porto

Portugal

www.portoeditora.pt

ISBN 978-989-745-043-3

Este livro é para todas as pessoas que me disseram que a Aida as inspirou a serem fortes. A Aida é o espírito inquebrável que existe dentro de cada uma de nós. Representa a determinação que nos faz rir quando a vida é difícil e diz-nos para sermos sempre nós próprias. Continuem a divertir-se, minhas caras.

XOXO

Sophie Lark

BANDA SONORA

1. *Hate Me* – Nico Collins
2. *You Don't Own Me* – SAYGRACE
3. *Boyfriend* – Selena Gomez
4. *Midnight Sky* – Miley Cyrus
5. *Somethin' Bad* – Miranda Lambert
6. *Sweet but Psycho* – Ava Max
7. *Love the Way You Lie* – Rihanna
8. *Ballroom Blitz* – The Struts
9. *Poison & Wine* – The Civil Wars
10. *Falling Slowly* – Glen Hansard
11. *Make You Feel My Love* – Adele
12. *Gnossienne: No. 1* – Erik Satie

A música é uma parte importante do meu processo de escrita. Se começarmos uma música quando vemos uma leitura, a música combina com a cena como uma banda sonora de um filme.

AIDA GALLO

Os fogos de artifício são lançados por cima do lago, suspensos no ar límpido da noite, caindo depois em nuvens brilhantes que pousam na água.

O meu pai estremece com a primeira explosão. Não gosta de coisas barulhentas ou inesperadas. É por isso que às vezes o irrita – consigo ser as duas coisas, mesmo quando estou a tentar comportar-me.

Vejo a careta que faz iluminada pelas luzes azuis e douradas. Sim, definitivamente, a mesma expressão que ele tem quando olha para mim.

– Queres comer lá dentro? – pergunta-lhe o Dante.

Como a noite está quente, estamos todos sentados no terraço. Chicago não é a Sicília – temos de aproveitar a oportunidade de comer ao ar livre sempre que possível. Ainda assim, se não fosse pelo barulho do trânsito lá em baixo, poderíamos pensar que estávamos numa vinha italiana. A mesa está posta com louça de pedra trazida do velho país há três gerações e a pérgula por cima de nós está totalmente envolta numa ramada de uvas americanas que o papá plantou para dar sombra. Não se pode fazer vinho com estas uvas, mas pelo menos são boas para fazer compota.

O meu pai abana a cabeça.

– Aqui está ótimo – responde ele sem rodeios.

O Dante grunhe e volta a enfiar o frango na boca. Ele é tão grande que o garfo parece ridículamente pequeno naquela mão. Come como se estivesse a morrer de fome, curvado sobre o prato.

O Dante é o mais velho, por isso senta-se à direita do meu pai. O Nero está à esquerda, com o Sebastian ao seu lado. Eu estou sentada na outra ponta da mesa, o lugar onde a minha mãe se sentaria, se ainda fosse viva.

– Qual é o feriado? – interroga o Sebastian, enquanto mais uma série de fogos de artifício é lançada para o céu.

– Não é um feriado. São os anos da Nessa Griffin – replico.

A propriedade palaciana dos Griffin situa-se mesmo à beira do lago, no coração da Costa Dourada. Estão a lançar fogo de artifício para garantir que toda a gente na cidade sabe que a sua princesinha está a dar uma festa – como se já não tivesse sido divulgada como uma combinação entre os Jogos Olímpicos e os Óscares.

O Sebastian não sabe porque não presta atenção a nada que não seja basquetebol. É o mais novo dos meus irmãos e o mais alto. Conseguiu uma bolsa de estudo integral na Universidade Estadual de Chicago e é suficientemente bom para que, quando o visito no *campus* da universidade, me aperceba de que as raparigas olham e riem-se para onde quer que ele vá. Por vezes, têm a coragem de lhe pedir para autografar as *T-shirts* delas.

– Porque é que não fomos convidados? – solta o Nero, carregado de sarcasmo.

Não fomos convidados porque odiamos os Griffin, e vice-versa.

A lista de convidados foi cuidadosamente selecionada, recheada de *socialites* e políticos e qualquer outra pessoa escolhida pela sua utilidade ou pelo seu prestígio. Duvido que a Nessa conheça alguém.

Não que eu esteja com pena dela. Ouvi dizer que o pai dela contratou a Selena Gomez para atuar. Não é a Halsey, ainda assim, não é mau.

– Quais são as novidades sobre a Torre de Oak Street? – pergunta o papá ao Dante, enquanto corta meticulosamente o frango à *parmegiana*.

Ele sabe muito bem como é que a Torre de Oak Street está, porque segue absolutamente tudo o que é feito pela Construtora Gallo. Está a mudar de assunto porque a ideia de os Griffin a bebericarem champanhe e a negociarem com a alta sociedade de Chicago irrita-o profundamente.

Estou-me nas tintas para o que os Griffin fazem. Só não gosto que ninguém se divirta sem mim.

Então, enquanto o meu pai e o Dante tagarelam sobre a torre, murmuro para o Sebastian:

– Devíamos ir até lá.

– Onde? – retruca ele, emborcando um copo cheio de leite. Eu e todos os outros estamos a beber vinho. O Sebastian está a tentar

manter-se em forma para os dribles e os abdominais ou o que quer que seja que a sua equipa de ogres maltrapilhos faz para treinar.

– Devíamos ir à festa. – Mantenho a voz baixa.

O Nero anima-se. Está sempre interessado em meter-se em sarilhos.

– Quando?

– Logo a seguir ao jantar.

– Não estamos na lista – protesta o Sebastian.

– Credo. – Reviro os olhos. – Às vezes pergunto-me se és mesmo um Gallo. Também tens medo de atravessar a passadeira?

Os meus dois irmãos mais velhos são uns autênticos rufias. Tratam das partes mais sujas do negócio da família. O Sebastian pensa que vai para a NBA. Está a viver numa realidade completamente diferente da nossa. Está a tentar ser um bom rapaz, um cidadão cumpridor da lei.

Ainda assim, ele é o mais próximo de mim em idade e, provavelmente, o meu melhor amigo, embora eu adore todos os meus irmãos. Ele sorri-me.

– Eu também vou, não vou?

O Dante lança-nos um olhar severo. Ainda está a falar com o nosso pai, mas sabe que estamos a tramar alguma coisa.

Como já acabámos o frango, a Greta traz a *panna cotta*. É a nossa governanta há já uns cem anos. É a minha segunda pessoa preferida, a seguir ao Sebastian. É robusta e bonita, com mais cabelo grisalho do que ruivo.

Ela fez a minha *panna cotta* sem framboesas, porque sabe que não gosto das sementes e não se importa que eu seja uma pirralha mimada. Agarro-lhe na cabeça e dou-lhe um beijo na face quando ela a põe à minha frente.

– Vais fazer com que eu deixe cair o tabuleiro! – Ela tenta sacudir-me.

– Nunca na tua vida deixaste cair um tabuleiro.

O meu pai demora uma eternidade a comer a sobremesa. Está a bebericar o vinho e a falar sem parar sobre o sindicato dos eletricitas. Podia jurar que o Dante está a fazer com que ele fale de propósito para nos chatear. Quando temos estes jantares formais à

mesa, o papá espera que fiquemos todos mesmo até ao fim. Também não são permitidos telemóveis à mesa, o que é basicamente uma tortura, porque consigo sentir o meu telemóvel a vibrar repetidamente no bolso, com mensagens de sabe-se lá quem. Com sorte, não são do Oliver.

Acabei com o Oliver Castle há três meses, mas ele não está a perceber a dica. Talvez tenha de levar com uma marreta na cabeça se não parar de me chatear.

Por fim, o papá acaba de comer. Todos juntamos o máximo de pratos e louça que conseguimos carregar para empilhar na banca para a Greta.

Depois, o papá vai para o escritório tomar a sua segunda bebida, enquanto o Sebastian, o Nero e eu descemos as escadas às escondidas.

Podemos sair num sábado à noite. Afinal, somos todos adultos – no meu caso, por pouco. Mesmo assim, não queremos que o papá nos pergunte *onde* é que vamos.

Enfiámo-nos no carro do Nero, porque é um monstro enorme, um *Chevy Bel Air* de 57, e também porque é o mais divertido para passear com a capota aberta.

O Nero liga a ignição. O clarão dos faróis revela a silhueta corpulenta do Dante, de braços cruzados, que mais parece o Michael Meyers, o protagonista dos filmes *Halloween* a preparar-se para nos matar.

O Sebastian dá um salto. Eu solto um grito.

– Estás a bloquear o caminho – diz o Nero, num tom seco.

– É má ideia – replica o Dante.

– Porquê? – O Nero consegue fazer uma voz inocente mesmo quando nem uma única pessoa neste mundo acredita que ele é inocente. Seja do que for. – Vamos só dar uma volta.

– Vão? – insiste o Dante, sem sair do sítio. – Pela Lake Shore Drive.

O Nero muda de tática.

– E depois, e se formos? É só uma festa de aniversário de alguém que faz dezasseis anos.

– A Nessa faz dezanove anos – corrijo-o.

– Dezanove? – O Nero abana a cabeça, estupefacto. – Então, porque é que fazem sequer... Não interessa. O mais certo é ser uma coisa estúpida típica dos irlandeses. Qualquer desculpa serve para se exibirem.

– Podemos ir andando? – pede o Sebastian. – Não me quero deitar tarde.

– Ou entras, ou saís da frente! – grito para o Dante.

Ele olha fixamente por mais uns instantes, depois encolhe os ombros.

– Está bem. Mas eu vou à frente.

Passo para o banco de trás em silêncio e deixo o Dante ir à frente. Um pequeno preço a pagar para ter o meu irmão mais velho na equipa dos Penetras.

Descemos a Rua LaSalle, apreciando o ar do início do verão que invade o carro. O Nero tem um coração negro e um temperamento violento, mas ninguém diria isso pela forma como conduz. No carro, ele é tão suave como o rabinho de um bebé – calmo e cuidadoso.

Talvez seja porque adora o *Chevy* e dedicou-lhe uma catrefada de horas de trabalho. Ou talvez conduzir seja a única coisa que o relaxa. Seja como for, gosto sempre de o ver com o braço esticado sobre o volante, o vento a soprar-lhe para trás o cabelo liso, os olhos semicerrados como um gato.

Não é muito longe da Costa Dourada. Na verdade, somos praticamente vizinhos – vivemos na Cidade Velha, que fica diretamente a norte. Ainda assim, as duas vizinhanças não são muito parecidas. São ambas elegantes à sua maneira – a nossa casa tem vista direta para o Lincoln Park, enquanto a deles está virada para o lago. Mas a Cidade Velha é, digamos, exatamente o que o nome indica: muito velha. A nossa casa foi construída na era vitoriana. A rua é sossegada, cheia de carvalhos enormes e antigos. Estamos perto da Igreja de S. Miguel, que o meu pai acredita genuinamente ter sido poupada ao incêndio de Chicago por um ato direto de Deus.

A Costa Dourada está na moda. Só tem lojas de luxo, restaurantes e mansões dos cabrões mais ricos de Chicago. Sinto-me como se tivesse avançado trinta anos só por vir até aqui.

O Sebastian, o Nero e eu pensámos que podíamos entrar à socapa pelas traseiras da propriedade dos Griffin – talvez roubar algumas fardas de *catering*. O Dante, claro, não está interessado nesses disparates. Limita-se a dar ao segurança cem dólares para que este “encontre” o nosso nome na lista, e o tipo deixa-nos entrar.

Sei qual é a casa dos Griffin ainda antes de a ver, porque apareceu nas notícias quando a compraram, há alguns anos. Na altura, era a propriedade mais cara de Chicago. Mil e quatrocentos metros quadrados por uns bons vinte e oito milhões de dólares.

O meu pai fez troça e disse que era típico dos irlandeses exibirem o seu dinheiro. *Um irlandês usa um fato de mil e duzentos dólares sem ter dinheiro no bolso para pagar uma cerveja.*

Os Griffin podem pagar muitas cervejas. Têm dinheiro para queimar, e estão literalmente a queimá-lo neste momento, sob a forma de um espetáculo de fogo de artifício que promete envergonhar a Disney World.

Não quero saber de foguetes coloridos – quero o champanhe caro servido pelos empregados, seguido do que quer que esteja a ser empilhado numa torre na mesa do bufete. Vou levar estes cabrões arrogantes à falência ao comer o meu peso em pernas de caranguejo e caviar.

A festa é ao ar livre, no extenso relvado verde. É a noite perfeita para isso – mais uma prova da sorte dos irlandeses. Toda a gente está a rir e a falar, a encher-se de comida e até a dançar um pouco, embora a Demi Lovato ainda não esteja a atuar, só um DJ normal.

Acho que se calhar devia ter mudado de roupa. Não vejo uma única rapariga sem um vestido de festa brilhante e saltos altos. Mas isso teria sido muito irritante na relva macia, por isso ainda bem que estou só de sapatilhas e calções.

Vejo a Nessa Griffin, rodeada de pessoas que a felicitam pelo feito monumental de se manter viva durante dezanove anos. Está a usar um bonito vestido de verão de cor creme – simples e boémio. O cabelo castanho-claro está solto à volta dos ombros, e ela está um pouco bronzeada e com algumas sardas extra no nariz, como se tivesse estado no lago toda a manhã. Está a corar com tanta atenção, delicadamente feliz.

Sinceramente, de todos os Griffin, a Nessa é a melhor. Andámos na mesma escola secundária. Não éramos exatamente amigas, uma vez que ela estava um ano atrás de mim e era muito certinha e boazinha. Mas parecia ser bastante simpática.

A irmã dela, por outro lado...

Consigo ver a Riona neste momento, a repreender uma empregada de mesa até a pobre rapariga ficar em lágrimas. A Riona Griffin está a usar um daqueles vestidos de bainha rígidos e ajustados que parecem pertencer a uma sala de reuniões, não a uma festa ao ar livre. O cabelo está puxado para trás, ainda mais apertado do que o vestido. É como se a genética tentasse torná-la divertida e a Riona dissesse: *Não vou ter um único momento de diversão na minha vida, muito obrigada.*

Está a avaliar os convidados como se quisesse etiquetar os mais importantes. Viro-me para encher o prato antes que ela me veja.

Os meus irmãos dispersaram assim que chegámos. Estou a ver o Nero a namoriscar com uma loura bonita na pista de dança. O Dante dirigiu-se para o bar, porque não vai beber champanhe frouxo. O Sebastian desapareceu por completo – o que não é fácil quando se tem mais de dois metros de altura. Deve ter visto algumas pessoas conhecidas; toda a gente gosta do Sebastian, ele tem amigos em todo o lado.

Quanto a mim, tenho de fazer chichi.

Os Griffin instalaram umas casas de banho ao ar livre, discretamente colocadas no lado mais afastado da propriedade, protegidas por uma cobertura de lona. Não vou fazer chichi numa casa de banho portátil, mesmo que seja uma de luxo. Vou fazer chichi numa casa de banho dos Griffin, exatamente onde eles sentam aqueles traseiros branquinhos. Além disso, dá-me a oportunidade de espiar a casa deles.

Isto requer uma certa estratégia. Eles têm muito mais seguranças junto à entrada da casa, e eu estou lisa, pelo que não os posso subornar. Depois de atirar um guardanapo de pano para o ombro e roubar a bandeja abandonada pela empregada de mesa que está a chorar, só tenho de carregar alguns copos vazios e entro sorrateiramente pela cozinha de serviço.

Deixo a louça na banca, como boa empregada que sou, e depois esgueiro-me para dentro de casa.

Minha nossa senhora, é uma porra de uma bela casa. Quer dizer, eu sei que é suposto sermos rivais até à morte e isso, mas consigo admirar uma casa que tem a melhor decoração que já vi em toda a minha vida.

É mais simplista do que eu esperava – paredes lisas, suaves e em madeira natural, mobiliário moderno e discreto, e candeeiros que parecem arte industrial.

Também não falta arte a sério – pinturas que parecem blocos de cor e esculturas feitas de pilhas de formas. Não sou totalmente filistina – sei se um quadro é um Rothko ou se apenas se parece com um. Mas também sei que não conseguiria pôr uma casa assim tão bonita nem que tivesse cem anos e um orçamento ilimitado para o fazer.

Agora estou mesmo contente por me ter esgueirado para aqui para fazer chichi.

Encontro a casa de banho mais próxima, ao fundo do corredor. É um autêntico exemplo de luxo – sabonete de lavanda, toalhas macias e fofas, e água que sai da torneira à temperatura perfeita, nem muito fria nem muito quente. Quem sabe – num lugar tão grande, talvez eu seja a primeira pessoa a pôr aqui os pés. Provavelmente, cada um dos Griffin tem a sua casa de banho privada. Na verdade, se calhar ficam bêbados e perdem-se neste labirinto.

Assim que termino, sei que devia voltar lá para fora. Já tive a minha pequena aventura, não vale a pena abusar da sorte.

Em vez disso, dou por mim a subir sorrateiramente a escadaria larga e curva até ao primeiro andar.

O piso térreo era demasiado formal e antisséptico, como uma casa para exposição. Quero ver onde estas pessoas realmente vivem.

À esquerda da escadaria, encontro um quarto que deve pertencer à Nessa. É delicado e feminino, cheio de livros, animais de peluche e materiais de arte. Há um *ukelele* na mesa de cabeceira e vários pares de sapatilhas atirados à pressa para debaixo da cama. As únicas coisas que não estão limpas e novas são as sapatilhas de

ballet, penduradas pelas fitas na maçaneta da porta. Estão muito gastas, com buracos nas pontas de cetim.

Em frente ao quarto da Nessa há um que deve ser o da Riona. É maior e está impecavelmente arrumado. Não vejo aqui qualquer indício de passatempos, apenas umas belas aguarelas asiáticas penduradas nas paredes. Estou desiludida por a Riona não ter prateleiras cheias de troféus e medalhas antigas. Parece ser o género dela.

Para lá dos quartos das raparigas está a suite principal. Não vou lá entrar. Parece-me errado. Tem de haver um limite que eu não ultrapasse quando ando a bisbilhotar a casa de alguém.

Viro na direção oposta e dou por mim numa enorme biblioteca.

Foi por causa deste tipo de cenas misteriosas que aqui vim.

O que é que os Griffin leem? Só clássicos encadernados em pele ou são fãs secretos de Anne Rice? Só há uma maneira de descobrir...

Parece que preferem biografias, livros de arquitetura e, sim, todos os clássicos. Até têm uma secção dedicada a famosos escritores irlandeses de outrora, como James Joyce, Jonathan Swift, William Butler Yeats e George Bernard Shaw. Não há Anne Rice, mas pelo menos têm Bram Stoker.

Até têm um exemplar autografado de *Dubliners*, de James Joyce. Não me interessa o que digam, ninguém percebe a porra deste livro. Os irlandeses estão totalmente comprometidos com isto, fingindo que é uma obra-prima da literatura, mas tenho a certeza de que é tudo tanga.

Além das prateleiras de livros que vão do chão ao teto, a biblioteca está cheia de cadeirões de cabedal, três dos quais dispostos à volta de uma enorme lareira de pedra. Apesar do tempo quente, está acesa – apenas uma pequena fogueira. Estão a arder toros de bétula verdadeiros, que cheiram bem. Por cima da lareira está pendurado um quadro de uma mulher bonita, tendo por baixo um relógio de carruagem e uma ampulheta. No meio destes, um relógio de bolso antigo.

Tiro-o da consola da lareira. É surpreendentemente pesado na minha mão, o metal é quente ao toque, em vez de frio. Não consigo perceber se é de latão ou de ouro. Parte da corrente ainda está

presa, embora pareça ter-se partido sensivelmente a meio do comprimento original. A tampa tem um entalhe, tão desgastado que não consigo distinguir a imagem. Também não sei como o abrir.

Estou às voltas com o mecanismo quando ouço um barulho no corredor – um leve tilintar. Enfio o relógio no bolso e atiro-me para trás de um dos cadeirões, o mais próximo da lareira.

Entra um homem na biblioteca – alto, de cabelo escuro, com cerca de trinta anos. Usa um fato feito à medida e tem um ar extremamente cuidado. Bonito, mas de uma forma dura, como se nos empurrasse de um barco salva-vidas se não houvesse lugares suficientes. Ou talvez até se nos esquecêssemos de lavar os dentes.

Não conheço este tipo, mas tenho quase a certeza de que é o Callum Griffin, o mais velho dos irmãos Griffin. O que significa que, provavelmente, é a pior pessoa para me apanhar na biblioteca.

Infelizmente, parece que ele tenciona ficar por aqui durante algum tempo. Senta-se num cadeirão quase em frente a mim e começa a ler *e-mails* no telemóvel. Tem um copo de uísque na mão e está a bebericar. Foi esse o som que ouvi – os cubos de gelo a baterem uns nos outros.

O espaço atrás do cadeirão é extremamente pequeno. O tapete sobre o soalho de madeira não é muito confortável e tenho de me encolher numa bola para que a minha cabeça e os meus pés não saiam para fora de um dos lados. Além disso, está um calor dos diabos perto da lareira.

Como é que vou sair daqui?

O Callum continua a bebericar e a ler. Bebe. Lê. Bebe. Lê. O único outro som é o estalar dos toros de bétula.

Quanto tempo é que ele vai ficar aqui sentado?

Não posso ficar aqui para sempre. Os meus irmãos vão começar a procurar-me daqui a pouco.

Não gosto de estar presa. Estou a transpirar com o calor e o *stress*.

O gelo no copo do Callum soa tão fresco e refrescante. Céus, quero uma bebida, e quero ir-me embora.

Quantos *e-mails* é que ele tem, porra?

Corada e irritada, elaboro um plano. Talvez seja o plano mais

estúpido que alguma vez engendrei.

Estico a mão atrás de mim e agarro a borla que está pendurada nos cortinados. É uma borla dourada e larga presa às cortinas de veludo verde.

Se a puxar ao máximo, posso simplesmente enfiá-la entre a grelha, diretamente nas brasas.

O meu plano é pô-la a fumar, o que distrairá o Callum, permitindo-me esgueirar pelo lado oposto da cadeira e sair pela porta. É este o esquema genial.

Mas como não estamos na porra de uma história de detetives, é isto que acontece:

As chamas rasgam o cordão como se estivesse mergulhado em gasolina, chamuscando-me a mão. Largo o cabo, que volta a balançar em direção à cortina. A cortina incendeia-se. Num instante, um jato de chamas sobe até ao teto.

Na verdade, isto cumpre o propósito de distrair o Callum Griffin. Ele grita e põe-se de pé, derrubando o cadeirão. No entanto, esta manobra de distração não me permite ser discreta, porque também tenho de abandonar o meu esconderijo e sair a correr da sala. Não sei se o Callum me viu ou não, nem quero saber.

Acho que devia procurar um extintor de incêndio ou água ou algo do género. Também acho que me devia pôr a andar daqui para fora imediatamente.

A segunda ideia ganha – desço as escadas a correr a toda a velocidade.

Ao fundo da escadaria, esbarro noutra pessoa. É o Nero com uma loura bonita mesmo atrás dele. O cabelo dela está todo despenteado e ele tem batom no pescoço.

– Credo, é um novo recorde? – Tenho quase a certeza de que ele só a conheceu há cerca de oito segundos.

O Nero encolhe os ombros, com um sorriso naquela cara diabolicamente charmosa.

– Provavelmente.

O fumo desce pelo corrimão. O Callum Griffin está a gritar na biblioteca. O Nero levanta os olhos para a escadaria.

– O que é que se...?

– Não interessa. – Agarro-lhe no braço. – Temos de sair daqui.

Enquanto o arrasto em direção à cozinha de serviço, não consigo seguir o meu próprio conselho. Olho para trás, por cima do ombro. O Callum Griffin está parado no topo das escadas, a fitar-nos com um olhar assassino na cara.

Corremos através da cozinha, derrubando um tabuleiro de canapés, e depois saímos pela porta, de volta ao jardim.

– Tu procuras o Sebastian, eu vou buscar o Dante – atira o Nero. Ele afasta-se da louca sem uma palavra e atravessa o jardim a correr.

– Mas que raio? – solta ela.

Corro na direção oposta, à procura da silhueta esguia do meu irmão mais novo.

No interior da mansão, um alarme de incêndio começa a soar.

CALLUM GRIFFIN

A festa da Nessa começa em menos de uma hora. Ainda estou enfiado com os meus pais no escritório do meu pai. O escritório dele é uma das maiores divisões da casa, maior do que a suite principal ou a biblioteca. O que é apropriado, porque os negócios são o centro da nossa família – o principal desígnio do clã Griffin. Tenho quase a certeza de que os meus pais só tiveram filhos para poderem atribuir funções a cada um dentro do seu império.

Eles queriam ter mais filhos. Há quatro anos de diferença entre mim e a Riona, e seis entre a Riona e a Nessa. Esses intervalos contêm sete gravidezes falhadas, cada uma a terminar num aborto espontâneo ou num nado-morto.

O peso de todos aqueles filhos que faltam recai sobre os meus ombros. Sou o mais velho e o único homem. O trabalho dos homens Griffin só pode ser feito por mim. Sou eu que vou continuar com o nosso nome e legado.

A Riona ficaria irritada se me ouvisse dizer isso. Ela fica furiosa com qualquer insinuação de que há uma diferença entre nós pelo facto de eu ser mais velho e ser homem. Ela jura que nunca vai casar ou mudar de nome. Ou ter filhos. Esta última parte incomoda muito os meus pais.

A Nessa é muito mais maleável. Gosta de agradar às pessoas e nunca faria nada que aborrecesse os nossos queridos papás. Infelizmente, ela vive na porra de um mundo de fantasia. É tão doce e carinhosa que não faz a mínima ideia do que é preciso fazer para manter esta família no poder. Por isso, basicamente, é uma inútil.

Isso não significa que não me preocupe com a Nessa. Ela é tão genuinamente boa que é impossível não gostar dela.

Estou contente por hoje a ver tão feliz. Está a adorar esta festa, apesar de praticamente não ter nada que ver com ela. Anda por aí a provar todas as sobremesas, a admirar as decorações, sem fazer ideia de que a única razão deste evento é garantir apoios para a minha campanha para vereador do 43.º Distrito.

As eleições realizam-se dentro de um mês. O 43.º Distrito inclui toda a zona do lago: Lincoln Park, a Costa Dourada e a Cidade Velha. Depois da presidência da câmara, é o cargo mais poderoso da cidade de Chicago.

Durante os últimos doze anos, o lugar foi ocupado pelo Patrick Ryan, até ter sido preso. Antes disso, a mãe dele, Saoirse Ryan, ocupou o lugar por dezasseis anos. Era muito melhor naquele trabalho, e comprovadamente melhor a não ser apanhada com a mão na massa.

Em muitos aspetos, ser vereador é melhor do que ser presidente da câmara. O vereador é o imperador do seu distrito. Graças aos privilégios de vereador, tem-se a última palavra em matéria de ordenamento do território e desenvolvimento imobiliário, empréstimos e subsídios, legislação e infraestruturas. Pode ganhar-se dinheiro a todos os níveis. Passa tudo pelo vereador e todos lhe devem favores. É quase impossível ser-se apanhado.

E, no entanto, estes cabrões gananciosos são tão flagrantes na sua avidez que acabam por se lixar a eles mesmos.

Isso não vai acontecer comigo. Vou assumir o controlo do distrito mais rico e poderoso de Chicago. E depois vou transformar isso numa presidência da câmara de toda a cidade.

Porque é isso que os Griffin fazem. Construimos o nosso império. Nunca paramos. E nunca somos apanhados.

O único problema é que a posição de vereador não é incontestada. Claro que não, é a joia da coroa do poder nesta cidade.

Os principais adversários são a Kelly Hopkins e o Bobby La Spata.

A Hopkins não deve ser um problema. É uma candidata anticorrupção que concorre com promessas da treta de fazer uma limpeza na câmara municipal. É jovem, idealista e não tem a mínima noção de que está a nadar num tanque cheio de tubarões vestida com um fato de carne. Vou aniquilá-la sem problemas.

O La Spata já é outra história.

Tem muito apoio, incluindo os sindicatos dos eletricitas e dos bombeiros, além dos italianos. Na verdade, ninguém gosta dele – é

um cabrão insolente que passa metade do tempo bêbedo e a outra metade a ser apanhado com uma nova amante. Mas sabe como untar as mãos certas e já cá anda há muito tempo. Muita gente deve-lhe favores.

Paradoxalmente, será mais difícil livrarmo-nos dele do que da Hopkins. A Hopkins está a contar com a sua boa reputação – assim que eu descobrir algum podre sobre ela (ou inventar um), vai à vida.

Toda a gente já conhece os defeitos do La Spata. Já não é novidade. Ele é tão devasso que já ninguém espera nada dele. Terei de encontrar outro ângulo para o deitar abaixo.

É isto que estou a debater com os meus pais.

O meu pai está encostado à secretária, de braços cruzados sobre o peito. É alto, está em forma, tem o cabelo grisalho cortado com estilo e óculos de aros de chifre que lhe dão um ar intelectual. Ninguém diria que se começou por ser um rufia, esmagando rótulas a quem não pagava as dívidas.

A minha mãe é magra e pequena, com um penteado elegante no cabelo louro. Está junto à janela, a ver os fornecedores a instalarem-se no jardim. Sei que está ansiosa por sair dali o mais depressa possível, embora não o diga até a nossa reunião terminar. Pode parecer a *socialite* suprema, mas está tão empenhada nos pormenores do nosso negócio quanto eu.

– Certifica-te de que falas com o Cardenas – pede-me o meu pai.
– Ele controla o sindicato dos bombeiros. Vamos ter de o subornar. Tenta ser subtil. Ele gosta de fingir que está acima desse tipo de coisas. O Marty Rico vai precisar de promessas de que vamos alterar o planeamento urbanístico da Wells Street para que ele possa construir condomínios. Vamos dispensar o requisito de habitação a preços acessíveis, obviamente. A Leslie Dowell também vai cá estar, mas não sei bem o que é que ela...

– Ela quer uma expansão das escolas comunitárias – completa de imediato a minha mãe. – Deem-lhe isso e ela fará com que todas as mulheres do conselho de educação vos apoiem.

Eu sabia que ela estava atenta.

– A Riona consegue lidar com o William Callahan – digo. – Há

séculos que ele tem um fraquinho por ela.

A minha mãe cerra os lábios. Acha que é indigno de nós recorrermos ao *sex appeal* para obter vantagem. Está enganada. Nada está abaixo de nós se funcionar.

Depois de termos analisado a lista de pessoas com quem precisamos de conviver na festa, estamos prontos para fazer uma pausa e começar a trabalhar.

– Mais alguma coisa? – pergunto ao meu pai.

– Sobre esta noite, não. Mas, em breve, temos de falar sobre os *Braterstwo*.

Faço uma careta.

A máfia polaca está a tornar-se num espinho cada vez mais agressivo entalado na minha garganta. Selvagens de merda que não entendem como as coisas são feitas hoje em dia. Ainda vivem no tempo em que se resolviam as disputas cortando as mãos de um homem e atirando-o ao rio.

Se for preciso, também o faço, mas pelo menos tento alcançar um acordo antes de chegar a esse ponto.

– O que é que eles querem?

– O Tymon Zajac quer encontrar-se contigo.

A coisa parece séria. O Zajac é o grande chefe, o *Carniceiro de Bogotá*.

Não quero que ele venha ao meu escritório.

– Amanhã tratamos disso – digo ao meu pai.

Não posso ter isso na minha cabeça esta noite.

– Está bem. – Ele endireita-se, ajeitando o casaco do fato.

A minha mãe fita-o de relance para se certificar de que está com bom aspeto e depois desvia o olhar para mim.

– É isso que vais usar? – Ela levanta uma sobrancelha perfeitamente cuidada.

– O que é que tem?

– É muito formal.

– O pai está a usar um fato.

– Ela quer dizer que pareces um agente funerário – comenta o meu pai.

– Eu sou jovem. Quero parecer mais maduro.

– Ainda assim, precisas de ter estilo – remata ele.

Suspiro. Estou bem ciente da importância da imagem. Todos os meus fatos são feitos à medida. A conselho do meu assistente, comecei recentemente a usar alguns pelos faciais bem aparados. Ainda assim, torna-se cansativo mudar de roupa três vezes por dia para adaptar o visual à ocasião.

– Eu resolvo isso – prometo.

Quando saio do escritório, vejo a Riona no corredor. Já está vestida para a festa. Estreita os olhos ao fitar-me.

– O que estavas a fazer ali? – Ela detesta ser excluída do que quer que seja.

– Estávamos a rever a estratégia para esta noite.

– Porque é que não fui convidada?

– Porque sou eu que estou a concorrer para vereador.

Dois pontos brilhantes de cor surgem-lhe na face – a indicação, desde criança, de que está ofendida.

– Preciso que fales com o Callahan por mim – peço-lhe, para suavizar as coisas. Para que ela saiba que é importante. – Ele vai apoiar-me, se lhe pedires.

– Claro que vai – replica a Riona, num tom arrogante. Ela sabe que tem o chefe da polícia na palma da mão. – Ele não é feio. É pena ter mau hálito.

– Então, não te chegues muito a ele.

Ela assente. A Riona é um bom soldado. Nunca me deixou ficar mal.

– Onde está a Nessa?

Ela encolhe os ombros.

– Anda por aí às voltas, sabe Deus onde. Devíamos pôr-lhe um sininho.

– Se a vires, diz-lhe que venha ter comigo.

Ainda não desejei à Nessa um feliz aniversário nem lhe dei o meu presente. Tenho andado demasiado ocupado.

Subo as escadas à pressa e depois o corredor até à minha suite. Não gosto do facto de continuar a viver com a minha família aos trinta anos, mas é mais cómodo quando trabalhamos juntos. Além disso, para se ser vereador, é preciso viver na zona. Não tenho

tempo para andar à procura de casa.

Pelo menos o meu quarto fica no extremo oposto da casa em relação à suite principal. É grande e confortável – deitou-se abaixo uma parede quando regresssei da faculdade, pelo que fiquei com a minha própria suite e um escritório adjacente. É quase como um apartamento, separado dos quartos dos outros pela enorme biblioteca no meio.

Consigo ouvir os convidados que começam a chegar ao piso térreo. Visto o meu novo fato *Zegna* e volto lá para baixo para socializar.

Tudo corre bem, como sempre acontece quando a minha mãe está no comando. Consigo descortinar o seu cabelo louro e elegante no jardim, e ouço o riso leve e educado enquanto faz questão de circular por todos os convidados enfadonhos e importantes.

À medida que as pessoas vão chegando, vou percorrendo a minha própria lista de Cardenas, Rico e Dowell.

Uma hora depois, começa o fogo de artifício. Foi programado para coincidir com o pôr do sol, para que as explosões brilhantes se destaquem contra o crepúsculo. Está uma noite serena, o lago está calmo e sem ondulação. O fogo de artifício reflete-se duplamente na água.

A maioria dos convidados vira-se para assistir ao espetáculo, com os rostos iluminados e as bocas abertas de espanto.

Não me dou ao trabalho de assistir, aproveitando a oportunidade para procurar na multidão alguém com quem era suposto falar e que me possa ter escapado.

Em vez disso, vejo alguém que, definitivamente, não foi convidado – um miúdo alto de cabelo escuro com um grupo de amigos da Nessa. Na verdade, ele é muito alto – deve ter pelo menos dois metros. Tenho quase a certeza de que é um cabrão de um Gallo. O mais novo.

Distraio-me com o facto de a Leslie Dowell me abordar novamente. Quando volto a olhar para o grupo, o miúdo alto já se foi embora. Vou ter de falar com a segurança, dizer-lhes para estarem atentos.

Primeiro, a comida. Hoje mal tive tempo para comer. Pego em

alguns camarões do bufete e procuro uma bebida de jeito.

Os empregados de mesa estão a circular pela multidão com flutes de champanhe. Não quero essa merda. A fila no bar é demasiado longa. O que quero mesmo é o uísque *Egans Single Malt* de dez anos que está no meu escritório.

Bom, e porque não? Já fiz a ronda às pessoas mais importantes. Posso esgueirar-me por uns minutos.

Volto aqui para baixo quando a cantora *pop* chegar. Isso foi uma extravagância do nosso pai. Não sei se foi para fazer a Nessa feliz, porque ela é o seu anjinho, ou se foi só para se exhibir. Seja como for, os convidados vão adorar.

Estarei de volta a tempo.

Entro em casa antes de subir as escadas para o meu lado da casa. Tenho um pequeno bar no meu escritório – nada de vistoso, apenas algumas garrafas de licor de alta qualidade e um minifrigorífico. Pego num copo pesado e bonito, coloco três grandes cubos de gelo e despejo-lhe uma grande quantidade de uísque em cima. Inspiro o aroma inebriante de pera, madeira e fumo. Depois bebo-o, saboreando o ardor na garganta.

Eu sei que devia voltar para a festa, mas, para ser franco, agora que estou aqui em cima, em paz e sossego, estou a gostar da pausa. É preciso ter um certo nível de narcisismo para querer ser político. É preciso alimentar-se da satisfação, da atenção.

Estou-me a cagar para tudo isso. A ambição é o que me move. Quero controlo. Riqueza. Influência. Quero ser intocável.

Fazer campanha esgota-me.

Em vez de ir para as escadas, como tencionava, viro-me para a biblioteca.

Esta é uma das minhas divisões preferidas da casa. Quase ninguém vem aqui, exceto eu. É sossegado. O cheiro a papel, couro e lenha de bétula é reconfortante. A minha mãe mantém a lareira acesa à noite por minha causa. A casa está tão bem climatizada que nunca está demasiado calor para ter uma pequena fogueira acesa.

Por cima da lareira está o quadro da minha tetravó, Catriona. Veio para Chicago durante a Grande Fome da batata. Com quinze anos, atravessou o oceano sozinha com três livros na mala e dois

dólares na bota. Trabalhou como empregada doméstica para um homem rico em Irving Park. Quando ele morreu, deixou-lhe a casa e quase três mil dólares em dinheiro e títulos. Os jornais diziam que eles deviam ter tido uma relação secreta. Os filhos dele disseram que ela o envenenou e falsificou o testamento. A Catriona ficou com a casa e transformou-a num bar.

Foi a primeira Griffin a chegar à América. Os meus pais gostam de dizer que somos descendentes dos príncipes irlandeses com o mesmo nome, mas eu prefiro a verdade. Somos o sonho americano: uma família que passou de criada a presidente da câmara de Chicago. Ou assim o espero.

Sento-me durante um minuto a saborear a minha bebida e depois percorro os meus *e-mails*. Nunca consigo estar inativo durante muito tempo.

Ouçó um barulho e paro por um momento, pensando que deve ser um dos funcionários no corredor. Quando não ouço mais nada, volto a pegar no telemóvel.

Duas coisas acontecem ao mesmo tempo:

Cheira-me a algo que me faz arrepiar os cabelos da nuca. Fumo, mas não o fumo limpo da lareira – é um cheiro forte a químicos.

Segue-se um som semelhante ao de uma súbita inspiração, mas dez vezes mais alto. Depois, surge um clarão de calor e luz quando as cortinas se incendiam.

Salto do cadeirão a gritar sabe Deus o quê. Estou confuso e em pânico, perguntando-me o que raio está a acontecer e o que devo fazer.

Depois, a lógica impõe-se.

As cortinas estão a arder, provavelmente devido a uma faúlha projetada da lareira. Tenho de ir buscar um extintor antes que toda a casa arda.

Isso faz sentido.

Até que um completo estranho salta de trás de um cadeirão e passa por mim a correr para fora do escritório.

Aperceber-me de que não estava sozinho na biblioteca é um enorme choque. Estou tão surpreendido que nem sequer consigo ver bem o intruso. Tudo o que registo é que é de estatura média e tem

cabelo escuro.

Então, a minha atenção é desviada para as chamas que se propagam rapidamente. Já estão a espalhar-se pelo teto e pela carpete. Em minutos, toda a biblioteca estará em chamas.

Corro pelo corredor até ao roupeiro, onde sei que temos um extintor. Volto a correr para a biblioteca, puxo o pino e pulverizo a parede inteira da divisão com espuma até apagar todas as brasas.

Quando acabo, a lareira, os cadeirões e o quadro da Catriona estão cheios de espuma química branca. A minha mãe vai passar-se.

Isso faz-me lembrar a outra parte envolvida neste desastre. Volto a correr para o topo da escadaria, mesmo a tempo de ver três pessoas a fugir: uma rapariga loura que se parece muito com a Nora Albright, uma morena que não conheço e o cabrão do Nero Gallo.

Eu sabia que os Gallo tinham entrado à socapa.

A questão é porquê?

A rivalidade entre as nossas famílias remonta praticamente ao tempo da Catriona. Durante a Lei Seca, os nossos bisavós lutaram pelo controlo das destilarias ilegais na zona norte. O Conor Griffin ganhou. Esse dinheiro tem alimentado a nossa família desde então.

Os italianos nunca se dão por vencidos. Sempre que o Conor preparava um carregamento de álcool, o Salvator Gallo estava à espera para assaltar os camiões, roubar o licor e tentar vendê-lo de novo ao dobro do preço.

Posteriormente, os Griffin assumiram o controlo das apostas na pista de corridas de Garden City, enquanto os Gallo geriam as apostas clandestinas na cidade. Quando o álcool voltou a ser legalizado, as nossas famílias geriam bares rivais, clubes noturnos, casas de *striptease* e bordéis.

Atualmente, os Gallo mudaram-se para o setor da construção. Têm-se saído muito bem. Infelizmente, os nossos interesses parecem estar sempre em conflito. Por exemplo, neste momento, estão a apoiar o Bobby La Spata para o meu lugar de vereador. Talvez porque gostem dele. Talvez porque queiram esfregar-me na cara esta guerra, uma vez mais.

Será que vieram cá esta noite para falar com alguns dos convidados que ainda estão indecisos?

Gostava de deitar as mãos a um deles para lhe perguntar. Mas quando fui falar com a equipa de segurança que contratámos para esta noite, os Gallo já tinham desaparecido, incluindo o miúdo alto.

Porra.

Volto para a biblioteca para reavaliar os estragos. É uma confusão do caraças – uma confusão fumegante, malcheirosa e encharcada. Destruíram a minha parte preferida da casa.

E, já agora, porque é que eles estavam aqui?

Ponho-me a vasculhar, a tentar perceber o que é que eles queriam.

Não há nada de importante na biblioteca – todos os documentos ou registos valiosos estão no escritório do meu pai. O dinheiro e as joias estão guardados nos cofres espalhados pela casa.

Então, o que é que eles queriam?

É nesse momento que o meu olhar recai sobre a cornija da lareira salpicada de espuma. Vejo o relógio de carruagem e a ampulheta. Falta o relógio de bolso do meu avô.

Procuro no chão e até por entre as brasas dos toros de bétula, para o caso de ter caído dentro da lareira.

Nada. Não está em lado nenhum.

Os malditos cabrões roubaram-no.

Volto a descer as escadas, onde a festa está a recomeçar depois da interrupção causada pelo alarme de incêndio. A Nessa está a rir-se com as amigas. Eu podia perguntar-lhe se ela convidou o Sebastian Gallo, mas nem ela seria suficientemente estúpida para o fazer. Parece tão feliz, apesar da agitação. Não a quero perturbar.

Não estendo a mesma cortesia às amigas dela. Ao ver a Sienna Porter, agarro-a pelo braço e afasto-a um pouco da Nessa.

A Sienna é uma ruiva magricela que estuda na faculdade da Nessa. Já a tinha apanhado a olhar para mim uma ou duas vezes. Mais importante, tenho quase a certeza de que era uma das raparigas que estava a falar com o Sebastian Gallo, ao início da noite.

A Sienna não protesta quando a puxo para longe. Fica corada como um tomate e diz:

– O-olá, Callum.

– Estavas a falar com o Sebastian Gallo, há pouco? – pergunto.

– Bem, ele estava a falar comigo. Isto é, com toda a gente. Não consigo especificamente.

– Sobre o quê?

– Sobre o *March Madness*, o torneio que determina o campeão nacional de basquetebol universitário, principalmente. Sabes que a equipa dele jogou na primeira ronda...

Abano a cabeça, interrompendo-a.

– Sabes quem o convidou esta noite?

– N-ão – gagueja ela, com os olhos arregalados. – Mas, se quiseres, posso perguntar-lhe...

– O que queres dizer com isso?

– Acho que mais logo ele vai encontrar-se connosco no *Dave & Buster's*.

– A que horas? – Aperto-lhe o braço um pouco mais.

– Hã, às dez da noite, acho eu? – A Sienna estremece.

Bingo. Solto-a. Ela esfrega o braço com a outra mão.

– Obrigado, Sienna.

– Na boa – diz ela, totalmente confusa.

Pego no meu telemóvel e ligo ao Jack Du Pont. Somos amigos desde a faculdade. Ele é o meu guarda-costas e o meu faz-tudo quando é preciso. Como contratámos uma equipa de segurança para a festa, ele não veio esta noite. Como se revelaram uma cambada de inúteis, agora só quero o Jack.

Ele atende ao primeiro toque.

– Viva, chefe.

– Vem-me buscar. Agora mesmo.

AIDA

Entramos no carro do Nero e afastamo-nos da casa dos Griffin o mais depressa possível, sem atropelar nenhum folião. Eu e o Nero estamos aos berros, o Dante está a fazer cara feia e o Sebastian parece ligeiramente curioso.

– Mas que raio fizeste tu? – reclama o Dante.

– Nada! – respondo.

– Então, porque é que estamos a fugir como se tivéssemos dez polícias atrás de nós?

– Não estamos. Acabei de ser apanhada dentro da casa... pelo Callum Griffin.

O Dante fica logo em alerta.

– O que é que ele disse?

– Nada. Nem sequer falámos.

Ele olha para mim e depois para o Nero, com as sobrancelhas grossas tão contraídas que mais parecem uma linha reta a pender sobre os olhos. O Nero tenta parecer indiferente, com os olhos na estrada. O Sebastian parece completamente inocente, porque é inocente – tudo o que ele fez foi beber uma *Coca-Cola Diet* com uma miúda ruiva.

Acho que o Dante vai deixar passar.

Mas depois avança e agarra num punhado do meu cabelo, puxando-o na sua direção. Como o meu cabelo está preso à minha cabeça, este puxão lança-me para a frente através dos bancos.

O Dante respira fundo e depois empurra-me para trás, furioso.

– Porque é que cheiras a fumo?

– Não faço a mínima ideia.

– Estás a mentir. Ouvi um alarme a disparar na casa. Diz-me a verdade agora mesmo, ou vou ligar ao pai.

Faço-lhe uma careta, desejando ser tão grande como ele, com braços de gorila que parecem poder desfazer-te em pedaços. Assim, seria muito mais intimidante.

– Está bem – digo por fim. – Eu estava na biblioteca, no andar de

cima. Houve um pequeno incêndio...

– UM PEQUENO INCÊNDIO?

– *Sim*. Para de gritar, ou não te conto mais nada.

– Como é que começou este incêndio?

Mexo-me no assento.

– Talvez eu tenha... acidentalmente... enfiado os cortinados na lareira.

– *Porca miseria*, Aida – pragueja o Dante. – Só fomos lá para beber o álcool deles e ver o fogo de artifício, não para queimar a merda da casa!

– Não vai arder – tento tranquilizar, não totalmente confiante na minha afirmação. – Eu disse-te, o Callum estava lá.

– Isso não melhora as coisas! – explode o Dante. – Ele agora sabe que foste tu!

– Talvez não. Se calhar nem sequer sabe quem eu sou.

– Duvido muito. Ele não é tão estúpido como vocês.

– Porque é que estou a ser incluído nisto? – protesta o Sebastian.

– Porque és estúpido – diz o Dante. – Mesmo que nesta noite em particular não tenhas feito nada.

O Sebastian ri-se. É impossível ofendê-lo.

– Onde é que *tu* estavas? – O Dante aponta para o Nero.

– Eu estava no piso térreo – replica calmamente o Nero. – Com a Nora Albright. O pai dela é dono do Fairmont, no Millennium Park. Em tempos, ele chamou-me de pequeno criminoso nojento. Então, fodi a filha dele em plena sala de jantar dos Griffin. Uma espécie de matar dois coelhos com uma cajadada só, em termos de vingança.

O Dante abana a cabeça, incrédulo.

– Não posso acreditar nisto. Parecem crianças. Nunca vos devia ter deixado pôr lá os pés.

– Poupa-me. – O Nero não aceita as merdas do Dante, nem que tenham de andar à pancada. – Desde quando é que és um menino bem-comportado? Tu odeias aqueles cabrões tanto como nós. O que é que importa se lhes estragámos a festa?

– Vais importar-te se o Callum Griffin conseguir ser eleito vereador. Vai enterrar-nos em burocracia e acabar com todos os nossos projetos. Vai dar cabo de nós.

– Ai, sim? – respinga o Nero, de olhos semicerrados. – Nesse caso, iremos fazer-lhe uma visita com um bastão elétrico e um par de alicates. Vamos trabalhá-lo até ele se mostrar mais cooperante. Não tenho medo dos Griffin.

O Dante abana a cabeça, demasiado irritado para tentar sequer discutir connosco.

Estou dividida. Por um lado, fomos um pouco imprudentes. Por outro, a cara do Callum Griffin quando a biblioteca pegou fogo foi impagável, porra.

– Vira aqui – diz o Sebastian ao Nero, apontando.

O Nero vira à direita na Division Street.

– Onde é que pensas que vais? – O Dante continua furioso.

– Alguns dos miúdos vão sair depois da festa. Eu disse que ia ter com eles – explica o Sebastian.

– Que se lixe isso. Têm de ir todos para casa.

O Nero já encostou o carro à berma. O Sebastian sai do descapotável, balançando as suas longas pernas para o lado tão facilmente como se estivesse a sair da cama.

– Desculpa, mano mais velho – diz ele com um sorriso. – Não tenho um recolher obrigatório. E tu não és a minha mamã.

O Nero tem ar de quem quer fazer o mesmo, mas tem de levar o Dante a casa. Perante o meu irmão mais velho zangado e a perspectiva de ele me denunciar ao nosso pai, acho que o Sebastian é que tem razão. Deslizo pelo assento e salto para fora do carro.

– Voltem já para aqui! – vocifera o Dante.

Eu já estou a correr atrás do Sebastian, a gritar por cima do ombro:

– Estou em casa daqui a umas horas! Não esperes por mim acordado!

O Sebastian abrande o passo quando me ouve a aproximar. Mesmo quando está apenas a caminhar, tenho de correr para o conseguir acompanhar. Aquelas malditas pernas compridas.

– O incêndio foi mesmo accidental?

– Mais ou menos. – Encolho os ombros.

Ele ri-se.

– Nem sequer cheguei a ver o interior da casa. Aposto que é gira.

– Pois. Se gostares de tons pastel.

O Sebastian enfia as mãos nos bolsos enquanto caminha. O cabelo chega-lhe aos olhos. De todos nós, é o que tem o cabelo mais encaracolado. Se quisesse, podia deixá-lo crescer até ficar estilo afro.

– A Nessa estava bonita.

– Sim, ela é bonita – concordo. – Não te ponhas com ideias... o papá ainda tinha um AVC.

– Não é o caso – diz o Sebastian. – Sabes o que a mãe costumava dizer: *A água calma não precisa de mais água – é preciso vento para fazer a vela avançar.* O mais provável é eu precisar de arranjar uma pequena louca como tu.

Sorrio-lhe.

– Se eu me casar, será definitivamente com alguém que não me chateie. Consegues imaginar passar de ser controlada pelo Dante para ser controlada por outra pessoa? Que se lixe isso. Preferia ficar solteira para sempre. Na verdade, não me importava mesmo nadinha.

Estamos a chegar ao *Dave & Buster's*. Pela janela, vejo que os amigos do Sebastian ainda não chegaram.

– O que é que fazemos enquanto esperamos? – pergunta-me o Sebastian.

– Há alguma gelataria por aqui?

– Não comeste na festa?

– Comi. – Encolho os ombros novamente. – Isso já foi há muito tempo.

O Seb ri-se.

– Não vou recusar um gelado.

Caminhamos um pouco mais em direção ao lago, até encontrarmos um sítio que vende gelados mais cremosos. O Sebastian pede um copo, eu peço um cone. Vamos até ao passeio para os comer, caminhando ao longo do pontão de forma a podermos olhar para a água.

O lago é tão grande que mais parece um oceano. Tem ondas como o mar e tempestades ao longo do ano. Mas agora, não. Neste momento, a água está tão calma como nunca tinha visto.

Caminhámos até ao fim do pontão, até ao ponto mais afastado do lago.

O Sebastian termina o seu gelado antes de atirar o copo para o caixote do lixo mais próximo. Eu ainda estou a comer o meu.

Falamos sobre as aulas dele na faculdade e sobre as minhas. Estou a fazer algumas cadeiras em Loyola – um pouco de tudo. Psicologia, Ciências Políticas, Finanças, *Marketing*, História. Gosto de frequentar aquilo que me interessa no momento. Infelizmente, não tenho a certeza de como é que tudo isto vai dar origem a um diploma.

Acho que o papá está a ficar irritado comigo. Sei que quer que eu acabe o curso e vá trabalhar com ele a tempo inteiro. Mas não me vai deixar tratar das coisas interessantes ou difíceis – já tem o Dante e o Nero para isso. Vai fechar-me num escritório aborrecido a fazer trabalho administrativo. E isso parece-me a porra de um pesadelo.

Sou a bebé da família e a única rapariga. Nunca houve grandes expectativas em relação a mim. Se a minha mãe fosse viva, talvez fosse diferente. Mas, basicamente, andei desde sempre à solta. Se não me metesse em confusões, o meu pai tinha coisas mais importantes com que se preocupar.

Os meus irmãos são meus amigos, mas têm as suas vidas.

Ninguém precisa de mim, na verdade.

Não me estou a queixar disso. Gosto de ser livre e despreocupada. Neste momento, estou com o Seb, a comer gelado e a desfrutar de uma noite de verão. De que mais preciso?

O contentamento dura cerca de cinco segundos. Depois olho para cima e vejo dois homens a caminhar na nossa direção. Um está de fato; o outro de capuz e calças de ganga. O homem de fato tem cabelo escuro, acabado de cortar, e as mãos fechadas em punhos ao lado do corpo. A expressão de fúria naquele rosto é-me demasiado familiar desde a última vez que a vi, há cerca de quarenta minutos.

– Seb – sussurro, fazendo com que o meu irmão se levante.

– É o Callum Griffin? – murmura ele.

– É.

– Olha quem está aqui – solta o Callum.

A voz é baixa, fria e cheia de raiva. Ele tem olhos extremamente azuis, mas não há nada de bonito neles. São dolorosamente intensos, a única cor na sua pessoa.

Não sei quem é o tipo que está ao lado do Callum. Parece mau como o diabo. Tem a constituição de um pugilista, a cabeça rapada e um nariz ligeiramente achatado, como se tivesse levado uma ou duas pauladas. Aposto que levou muitas mais.

O Sebastian aproxima-se mais de mim e põe-se ligeiramente à minha frente, protegendo-me com o corpo.

– O que é que queres? – pergunta ele ao Callum.

O Sebastian não é, nem de perto nem de longe, tão intimidante como o Dante ou tão perigoso como o Nero. Ainda assim, é mais alto do que o Callum e o seu rufia. Nunca o tinha ouvido falar num tom de voz tão severo.

O Callum limita-se a fazer uma cara de troça. O rosto dele é bonito – ou, pelo menos, deve ser. Nunca tinha visto uma expressão tão fria. Parece que odeia tudo. Especialmente a mim.

Embora não o possa culpar por isso.

– Mas que mania é a vossa, italianos? – zomba ele. – Onde é que aprenderam a ter maneiras? Aparecem numa festa para a qual não foram convidados. Comem a minha comida, bebem o meu álcool. Depois invadem a minha casa. Tentam pegar-lhe fogo. E depois roubam-me...

O Sebastian contrai-se ligeiramente. Não olha para mim, mas sei que o quer fazer.

Também fico confusa sobre que raios está o Callum a falar. Depois lembro-me do relógio que está no bolso da frente dos meus calções. Tinha-me esquecido por completo dele.

– Olha – reage o Sebastian –, o incêndio foi um acidente. Não queremos problemas.

– Bem, isso é tudo treta, não é? – cospe o Callum, baixinho. – Vocês vieram à procura de problemas. E agora encontraram.

Não é fácil irritar o Sebastian. Ameaçar a irmã mais nova é uma boa maneira de o fazer. Ele está a ficar irritado, cerra os punhos e coloca-me atrás dele.

– Pensas que és um gajo durão por trazeres o teu namorado

contigo? – responde o Sebastian, virando a cabeça para o pugilista ainda em silêncio. – Também tenho irmãos. É melhor pirares-te daqui antes que eu os chame aqui para te arrancarem essa pele branquinha.

Nada mau, Seb. Para alguém que não faz muitas ameaças, isso saiu bastante ameaçador.

Mas não preciso que me protejam. Vou para a frente para ficar mesmo ao lado do Sebastian e digo:

– Sim, baza e volta para a tua mansãozinha chique. Queres brincar aos gângsters? Não passas de um político de merda. O que é que vais fazer, matar-nos com burocracia?

O Callum Griffin fixa-me com aquele olhar glacial. Tem sobrancelhas grossas e escuras sobre olhos pálidos como o gelo. O efeito é desumano e desagradável.

– É bem visto – diz ele num tom suave. – Tenho uma imagem a proteger. Mas é engraçado... não me parece que haja alguém por perto neste momento.

O pontão está deserto. Há pessoas junto às lojas da Division Street. Mas ninguém está suficientemente perto para nos ouvir se eu gritar.

Fico com a garganta seca.

Não costumo assustar-me muitas vezes. Mas agora estou com medo. Apesar do que eu disse, não acho que o Callum seja fraco. É alto e tem um corpo imponente. E, acima de tudo, está a olhar para mim sem um pinga de medo. Não está a pensar no que deve fazer. Ele já decidiu.

Acena com a cabeça ao capanga. O pugilista dá um passo em frente, com os punhos em riste. Antes mesmo de eu poder abrir a boca ou mexer-me, ele já golpeou o Sebastian quatro vezes, duas na cara e duas no corpo.

O nariz do Sebastian começa a sangrar. Ele dobra-se, a gemer. Tenta ripostar – todos os meus irmãos receberam treino de luta, de uma forma ou de outra, mas enquanto o Dante e o Nero levaram a sua prática para as ruas, o interesse do Sebastian foi sempre atlético, não violento. Graças à sua maior envergadura, consegue dar alguns golpes. Um dos murros faz o pugilista tropeçar para trás. O capanga

bloqueia os outros golpes do Sebastian antes de atingir o meu irmão nos rins com um soco que o faz cambalear e cair ao chão.

O combate dura talvez dez segundos. Não fico ali especada – tento bater de lado no tipo, conseguindo acertar-lhe uma vez na orelha. Ele empurra-me com a mão com tanta força que quase caio para trás.

Em vez disso, atiro-me ao Callum, acertando-lhe no queixo. Ele empurra-me o peito com força. Desta vez caio para trás, batendo com a nuca no gradeamento do pontão.

O Callum parece um pouco assustado, como se não tivesse intenção de fazer aquilo. O rosto endurece e ele diz:

– Onde está o relógio, seus degenerados de merda?

– Não temos o teu relógio. – O Sebastian cospe sangue nas tábuas de madeira do pontão.

Eu tenho o relógio. Mas não o vou dar a este cabrão.

O pugilista agarra no Sebastian pelos cabelos e dá-lhe um murro no queixo. O golpe é tão forte que, por um segundo, a luz dos olhos do Seb desaparece. Ele abana a cabeça, tentando focar-se, mas parece atordoado.

– Deixem-no em paz! – grito, tentando pôr-me de pé. Tenho a cabeça a andar à roda e o estômago às voltas. A minha nuca está a latejar. Aposto que tenho um galo do tamanho de um ovo.

– Eu quero o relógio. – O Callum não desiste.

O pugilista dá um pontapé nas costelas do meu irmão como forma de incentivo. O Sebastian geme e agarra-se às costelas. A visão deste monstro a bater no meu irmão mais novo e mais gentil está a deixar-me fora de mim. Quero matar estes homens. Quero regá-los com gasolina e pegar-lhes fogo como àqueles malditos cortinados.

Não tenho gasolina. Por isso, meto a mão no bolso e tiro o relógio. É pesado na minha mão. Os meus dedos apertam-no com força. Levanto-o acima da cabeça.

– É disto que andas à procura? – pergunto.

Os olhos do Callum desviam-se para o meu punho, fixam-se nele e, por um momento, o semblante suaviza-se de alívio.

Depois, puxo o braço para trás e atiro a porra do relógio para o

lago, como se estivesse a fazer o primeiro lançamento de um jogo de baseball no Wrigley Field.

O efeito que tem no Callum Griffin é incrível. A cara dele fica branca como a cal.

– *Nãoooo!* – uiva ele.

E depois faz a coisa mais marada de sempre.

Lança-se por cima do gradeamento e mergulha na água, de fato e tudo.

O pugilista olha atónito para o seu patrão. Está confuso, não sabe o que fazer sem instruções.

Volta a olhar para o Seb. Levantando uma bota, pisa o joelho do Sebastian com toda a força que tem.

O Sebastian grita.

Ataco o pugilista. Sou mais pequena do que ele e peso muito menos, mas ao baixar-me e mergulhar contra os seus joelhos, acabo por conseguir atirá-lo ao chão. O facto de ele ter tropeçado nas pernas estendidas do Sebastian também ajudou.

Ele cai com força no pontão. Estou a dar murros e a bater com toda a força onde lhe consigo acertar. Com a perna boa, o Sebastian recua e dá um pontapé em cheio na cara do pugilista. Eu levanto-me de um salto e dou-lhe mais alguns pontapés.

Este gajo é a porra do Exterminador Implacável. Isto não o vai manter no chão por muito tempo; já está a acordar, a fazer uns grunhidos. Agarro no braço do Seb e ajudo-o a levantar-se. Ele grita quando coloca demasiado peso na perna ferida.

Ponho o braço do Sebastian à volta dos meus ombros. Apoiado em mim, ele caminha meio a saltar, meio a coxear pelo pontão. É como se fosse um pesadelo de uma corrida a três pernas, em que o prémio é não ser assassinado por aquele pugilista ou pelo Callum Griffin, quando ele se aperceber de que não há qualquer hipótese de encontrar aquele relógio no lago gelado e escuro como breu.

A minha cabeça ainda está a latejar. O pontão parece ter um quilómetro de distância. Continuo a arrastar o Sebastian, a desejar que ele não fosse tão alto nem tão pesado.

Quando finalmente nos aproximamos da rua, arrisco um olhar para trás, por cima do ombro. O pugilista está debruçado sobre o

gradeamento, provavelmente à procura do patrão. Ele pode estar a gritar qualquer coisa; não consigo perceber daqui.

Espero que o Callum se tenha afogado.

Porque se não se afogou, tenho a sensação de que o vou voltar a ver muito em breve.

CALLUM

Não sei o que me passou pela cabeça para me atirar à água atrás daquele relógio.

No momento em que entro na água – completamente gelada, ainda mal aquecida pelo início do verão – o frio é como uma bofetada na cara, acordando-me.

Estou tão desesperado que continuo a mergulhar, com os olhos abertos, à procura de um brilho de ouro na água negra.

Claro que não se vê nada, nada mesmo. A água sob o pontão é agitada, cheia de areias e poluentes. Mesmo ao meio-dia, o sol dificilmente penetraria nas águas escuras. À noite, é como se fosse óleo de motor.

O fato aperta-me os braços e as pernas, os sapatos pesam-me. Se eu não fosse um excelente nadador, poderia estar em sérios apuros. As ondas estão a tentar esmagar-me contra as vigas, os postes afiados cheios de mexilhões e perceves.

Tenho de me afastar do pontão antes de poder nadar de volta até à margem. Tudo isto leva tempo suficiente para que o Jack se esteja a passar quando me arrasto para a areia, imundo, encharcado e mais zangado do que alguma vez estive na minha vida.

Aquela *cabra* de merda!

Nunca soube muito sobre a Gallo mais nova. O pai dela mantém-na fora dos holofotes e ela não está envolvida nos negócios da família, tanto quanto sei.

Quando nos aproximámos dela e do irmão, no pontão, quase que me senti culpado. Ela parecia jovem, pouco mais velha do que a Nessa. E bonita, o que não devia ter afetado a minha determinação, mas afetou. Pele morena, cabelo escuro, olhos cinzentos e estreitos, ligeiramente inclinados para cima nos cantos... Ela retraiu-se quando nos aproximámos, reparando em nós antes do Sebastian.

Senti uma pontada de culpa ao ver como o Sebastian se pôs à frente dela para a proteger. Era o que eu faria pelas minhas irmãs.

Mas a altura e o cabelo dela... Lembrei-me da pessoa que fugiu

da biblioteca e comecei a suspeitar de que tinha sido ela a atear o fogo.

Ela deu um passo em frente e começou a gritar com o temperamento e o vocabulário de um marinheiro experiente. Tive a certeza de que fora ela a invadir a nossa casa.

Em vez de me dar o relógio, atirou-o por cima do gradeamento. Foi então que percebi que aquela cara bonita disfarçava a alma de um demónio. A rapariga é o mal encarnado, a pior de toda a família. Merece o que quer que lhe aconteça.

A questão é: O que é que eu vou fazer em relação a isso?

Neste momento, quero matá-los a todos. Mas não me posso dar ao luxo de ter um banho de sangue antes das eleições. Por isso, acho que vou ter de seguir a segunda melhor opção – levar os sacanas à falência.

Tentaram incendiar a minha casa. Vou incendiar a torre que estão a construir em Oak Street.

Isso será o aperitivo. A refeição principal será acabar com todos os restaurantes e clubes noturnos que controlam.

A única coisa que me mantém quente são as fantasias sobre o fogo infernal que vou fazer cair sobre as cabeças deles, enquanto desço a rua com os meus sapatos empapados e o fato encharcado.

O Jack caminha ao meu lado, envergonhado por ter deixado um miúdo e a sua irmã mais nova levarem a melhor sobre nós. Ele consegue perceber que estou num estado de espírito assassino, por isso não diz nada que possa piorar a situação. Ele próprio tem o nariz a sangrar e um corte na sobancelha direita. Bastante humilhante para alguém que, há uns anos, ganhou um campeonato da UFC.

Os meus sapatos fazem uma chiadeira nojenta. O meu fato feito à medida cheira a estrela-do-mar em decomposição.

Que se foda aquela rapariga!

Tenho de mudar de roupa antes de perder o juízo, literalmente.

Sigo para casa, onde a festa já está a acabar. Perdi a atuação da cantora, não que isso me interesse, pois só queria ver o olhar de alegria na cara da Nessa. Mais uma confusão nesta noite de merda.

Assim que ponho o pé na porta sou recebido pelo meu pai,

furioso.

– Onde raio te meteste? Porque não me disseste que estiveram aqui na nossa festa alguns membros da família Gallo? – Ele olha para a minha roupa a pingar água suja do lago nos azulejos imaculados da entrada. – E porque é que estás todo molhado?

– Houve uma confusão no pontão, mas vou tratar disso – replico-lhe com os dentes cerrados.

– Isto é inaceitável. Anda para o meu gabinete. Conta-me tudo.

Estou desejoso de voltar lá para fora e vingar-me daqueles sebosos de classe baixa. Em vez disso, marcho até ao escritório para lhe fazer um relatório. Ele não está satisfeito com uma única palavra.

– Em que porra estavas tu a pensar? – grita ele, tão perto da minha cara que a saliva respinga na minha face. – Porque é que estás a começar uma guerra de gangues em plena campanha?

– Foram eles que a começaram! – grito de volta. – Tentaram incendiar a merda da nossa casa. Roubaram o relógio do avô e atiraram-no ao lago! O que é que queres que faça, que lhes mande a porra de umas flores?

– Fala mais baixo – sibila o meu pai. – As pessoas vão ouvir-te.

Como se ele não tivesse acabado de gritar comigo ainda mais alto.

Respiro fundo, tentando controlar a raiva que ameaça descontrolar-se.

– Já te disse – repito, em voz baixa e estrangulada. – Eu. Vou. Tratar. Disso.

– Nem pensar. – Ele abana a cabeça. – Já provaste a tua incompetência. Estropiar o filho mais novo? Perdeste a cabeça. Sabes que ele é um atleta de renome? É como se o tivesses matado.

– Da próxima vez, fá-lo-ei.

– Acabou-se – rosna ele.

– A decisão não é tua!

Ele empurra-me com força.

Isso aumenta a minha adrenalina até eu estar prestes a explodir, a vibrar de fúria.

Respeito o meu pai. Ele pode ter ar de professor, mas já matou

homens com as suas próprias mãos. Eu vi-o fazer isso. Mas não é o único na sala que consegue partir ossos. Não sou o filho obediente de outrora. Hoje em dia, estamos em pé de igualdade.

– Não. Faça. Isso. – Estou a ferver.

Ele não recua.

– Enquanto eu for o chefe desta família, vais fazer o que eu disser.

Há tantas coisas que eu gostaria de dizer sobre isso. Mas engulo-as. Por pouco.

– E o que é que propões... pai?

– Isto está a ficar fora de controlo. Vou chamar o Enzo Gallo.

– Isso é ridículo!

– Cala-te – ordena ele. – Já causaste bastantes estragos. Vou ver o que posso fazer para reparar isto antes que as nossas famílias acabem mortas no meio da rua.

Não posso acreditar nisto. Depois de nos terem cuspidos na cara na nossa própria casa, ele quer chamá-los e negociar. É de loucos. Cobarde.

O meu pai consegue ver o motim nos meus olhos.

– Dá-me o teu telemóvel – exige ele. E fica à espera, com a mão estendida, até eu lho dar. Estava no meu bolso quando me atirei ao lago, por isso também não serve para nada.

– Vou entrar em contacto com o Enzo Gallo – repete. – Vais ficar aqui até eu te mandar chamar. Não vais falar com ninguém. Não vais telefonar a ninguém. Não pões os pés fora desta casa. Percebeste?

– Estás a pôr-me de castigo? – zombo. – Sou um homem adulto, pai. Não sejas ridículo.

Ele tira os óculos para que aqueles olhos azuis pálidos penetrem na minha alma.

– Tu és o meu filho mais velho e o meu único filho homem, Callum – diz ele. – Mas prometo-te que, se me desobedeceres, dou cabo de ti, da cabeça aos pés. Não tenho utilidade para ti se não fores de confiança. Vou abater-te como Ícaro se a tua ambição se sobrepuser às tuas ordens. Percebeste?

Cada uma das células do meu corpo quer dizer-lhe para pegar na

merda do dinheiro, nos contactos e no seu suposto génio e enfiá-los pelo cu acima.

Mas este homem é o meu pai. A minha família é tudo para mim – sem eles, eu seria um navio sem leme e sem vela. Não sou nada se não for um Griffin.

Submeto-me às suas ordens.

Por dentro, ainda estou a ferver, com o calor e a pressão a aumentar.

Se algo não mudar entre nós em breve, vou explodir.

AIDA

Os meus irmãos estão na cave, a equiparem-se. Ou, pelo menos, o Dante e o Nero estão. O Sebastian ainda está no hospital com o meu pai. O joelho dele está lixado, isso é certo. As costelas também estão partidas. Não aguento o olhar de sofrimento na cara dele. Esta temporada está estragada. Possivelmente, o resto da sua carreira. Meu Deus, ele pode nem conseguir andar direito depois disto.

A culpa é toda minha.

A culpa é como um manto, que se enrola à volta e à volta e à volta da minha cabeça. Cada vislumbre do Sebastian, cada memória da minha estupidez, é como adicionar mais uma camada a enrolar-se à volta da minha cara. Não tarda nada, vai sufocar-me.

Eu queria ficar com o Sebastian, mas o papá gritou-me que fosse para casa.

Foi então que encontrei o Dante e o Nero a vestirem coletes à prova de bala e a colocarem cintos de munições, pegando em metade das armas da casa.

– Onde é que vocês vão? – pergunto-lhes, nervosa.

– Vamos matar o Callum Griffin, obviamente – retorque o Nero.

– Talvez o resto da família dele, também. Ainda não decidi.

– Não podes magoar a Nessa – digo rapidamente. – Ela não fez nada de mal.

Nem a Riona, mas não tenho o mesmo sentido de caridade para com ela.

– Talvez *lhe* parta só o joelho, então – reage o Nero, nada preocupado.

– Não vamos fazer nada à Nessa – rosna o Dante. – Isto é entre nós e o Callum.

Quando já estão prontos para sair, parecem uma mistura de Rambo e Arnold Schwarzenegger no *Predador*.

– Deixem-me ir convosco – imploro.

– Nem pensar – nega o Nero.

– Por favor! – grito. – Também faço parte desta família. Fui eu

que ajudei o Sebastian a fugir, lembras-te?

– Foste tu que o meteste naquela confusão, para começar – dispara o Nero. – Agora nós vamos limpá-la. E tu vais ficar aqui.

Ao passar, dá-me um encontrão no ombro, atirando-me com força contra a parede.

O Dante é um pouco mais simpático, mas igualmente sério.

– Fica aqui. Não piores as coisas.

Estou-me nas tintas para o que eles dizem. Assim que saem, também saio pela porta. Por isso, sigo-os escadas acima, sem saber exatamente o que vou fazer, mas tendo a certeza de que não vou ficar aqui à espera como um cãozinho traquinas.

Antes mesmo de o Dante chegar a meio das escadas, o telemóvel dele toca no bolso.

Ele atende.

– O que foi? – interroga, num tom que me faz ter a certeza de que é o papá que está no outro lado da linha. O Dante espera, ouve atentamente e depois diz: – Compreendo.

Desliga e olha para mim com uma expressão estranha na cara.

– O que é que se passa?

– Tira esse colete – ordena o Dante ao Nero. – Aida, vai mudar de roupa.

– Porquê? Visto o quê?

– Algo limpo que não pareça lixo – responde ele. – Tens alguma coisa assim?

Talvez. Se calhar não, segundo os padrões do Dante.

– Tenho – garanto. – Mas onde é que vamos?

– Vamos encontrar-nos com os Griffin. O papá disse para te levar.

Ora bem. Que merda.

Não gostei muito do meu último encontro com o Callum Griffin. Não estou ansiosa por um segundo. Duvido que o temperamento dele tenha melhorado depois de um mergulho no lago.

E o que vestir para este acontecimento?

Acho que o único vestido que tenho é a fantasia da Wednesday Addams que usei no último Halloween.

Escolho uma camisola de gola alta cinzenta e calças, embora

esteja demasiado calor para isso. É basicamente a única coisa que tenho que é sóbria e está limpa.

Enfiar a camisola pela cabeça faz o galo na nuca latejar outra vez, lembrando-me de como o Callum Griffin me empurrou como se fosse uma boneca de trapos. Ele é forte debaixo daquele fato. Gostava de o ver enfrentar o Dante ou o Nero – quando não tem o guarda-costas a acompanhá-lo.

É isso que devemos fazer – dizer-lhes que nos queremos encontrar com eles e depois emboscar os sacanas. O Callum não teve problemas em atacar-nos no pontão. Devíamos retribuir o favor.

Encho-me de energia enquanto me visto e estou praticamente a vibrar de tensão quando entro na parte de trás do *Escalade* do Dante.

– Onde é que nos vamos encontrar com eles?

– No *Brass Anchor* – responde rapidamente o Dante. – Território neutro.

Demora apenas alguns minutos a conduzir até ao restaurante que fica na Eugenie Street. Já passa da meia-noite. O prédio está às escuras e a cozinha fechada. O Fergus Griffin está à espera à porta, juntamente com dois brutamontes. Sabiamente, não trouxe a nódoa de merda que pisou a perna do Sebastian.

Não vejo o Callum em lado nenhum. Parece que o paizinho o pôs de castigo.

Esperamos no jipe até o papá chegar. Depois saímos os quatro ao mesmo tempo. Quando o Dante desliza para fora do banco da frente, reparo na protuberância debaixo do casaco que mostra que ainda está armado. Ótimo. De certeza que o Nero também está.

Enquanto nos aproximamos do Fergus Griffin, os olhos dele fixam-se apenas em mim. Olha-me de cima a baixo como se estivesse a avaliar todos os aspetos da minha aparência e do meu comportamento numa espécie de tabela dentro da sua cabeça. Não parece impressionado.

Não faz mal, porque ele parece-me tão frio, arrogante e falsamente gentil quanto o filho. Recuso-me a baixar o olhar, teimando em encará-lo sem um pinga de remorso.

– Então, esta é a pequena incendiária – solta o Fergus.

Eu podia dizer-lhe que foi um acidente, mas isso não é bem verdade. E não vou pedir desculpa a estes sacanas.

Em vez disso, pergunto:

– Onde está o Callum? Afogou-se?

– Felizmente para ti, não.

O papá, o Dante e o Nero juntam-se à minha volta. Podem estar muito zangados por eu nos ter metido nesta confusão, mas não vão tolerar que alguém me ameace.

O Dante grunhe.

– Não fales com ela.

Um pouco mais diplomático, o papá acrescenta:

– Querias uma reunião. Vamos entrar e ter uma.

O Fergus assente. Os dois homens dele entram primeiro no restaurante, certificando-se de que não está ninguém lá dentro. Este sítio pertence ao Ellis Foster, um proprietário de restaurantes e corretor que tem ligações tanto com os irlandeses como com a nossa família. É por isso que é um território neutro.

Quando estamos todos lá dentro, o Fergus diz ao meu pai:

– Acho que é melhor falarmos a sós.

O papá assente ligeiramente com a cabeça.

– Esperem aqui – ordena.

O papá e o Fergus desaparecem numa das salas de jantar privadas, isoladas por portas de vidro duplo. Consigo ver as silhuetas deles enquanto se sentam juntos, mas não consigo distinguir qualquer pormenor das suas expressões. E não consigo ouvir uma única palavra do que estão a dizer.

O Dante e o Nero puxam um par de cadeiras da mesa mais próxima. Os homens do Fergus fazem o mesmo numa mesa a três metros de distância. Os meus irmãos e eu sentamo-nos do mesmo lado para podermos olhar de frente para os capangas do Fergus enquanto esperamos.

Isso mantém-nos ocupados durante cerca de dez minutos. Olhar para as fronhas deles é muito aborrecido. Esperar em geral é aborrecido. Gostava de ir buscar uma bebida ao bar, talvez até dar uma espreitadela à cozinha para comer qualquer coisa.

No momento em que começo a levantar-me da cadeira, o Dante avisa:

- Nem penses nisso. – Sem sequer olhar para mim.
- Tenho fome.

O Nero tem a sua navalha na mão e está a brincar com ela. Consegue fazer todo o tipo de truques. A lâmina é tão afiada que, se ele cometer um erro, corta um dedo. Ainda não errou.

Pode parecer que está a tentar intimidar os homens dos Griffin, mas não é por causa deles. Faz isto constantemente. É patológico.

– Não percebo como é que tu és a que mais come de todos nós – diz o Nero, sem levantar os olhos da navalha.

– Não sou!

– Quantas vezes já comeste hoje? Diz a verdade.

– Quatro – minto.

– Tretas. – Ele ri-se.

– Não estou tão preocupada com a minha aparência física como tu.

O Nero é vaidoso em relação ao seu aspeto. E com razão – todos os meus irmãos são bonitos, mas o Nero tem aquela beleza de modelo masculino que faz com que as cuecas das raparigas entrem em combustão espontânea. Não conheço uma única rapariga que não tenha dormido com ele ou não tenha tentado.

É um bocadinho esquisito saber isso sobre um irmão, mas somos todos muito abertos uns com os outros. É o que dá viver na mesma casa há tanto tempo, sem uma mãe por perto para os impedir que me tratem como se fosse outro irmão mais novo.

E é assim que eu gosto. Não sou contra a feminilidade, só não quero ser tratada como uma rapariga. Quero ser tratada como sou, para o melhor e para o pior. Nem mais nem menos. Apenas a Aida.

A Aida que está a morrer de tédio.

A Aida que está a começar a ficar sonolenta.

A Aida que está profundamente arrependida por ter irritado os Griffin, quando mais não seja porque vou ficar aqui presa até ao fim dos tempos, enquanto o Fergus e o papá falam e falam e falam...

Até que, por fim, quase três horas depois, os dois patriarcas saem da sala de jantar privada, ambos sisudos e resignados.

– E então? – quer saber o Dante.

– Está decidido – responde o papá.

Parece um juiz a proferir uma sentença. Não gosto nem um bocadinho daquele tom ou da expressão que tem no rosto. Ele olha para mim com tristeza.

Quando saímos, ele diz ao Nero:

– Leva tu o meu carro. Eu vou para casa com a Aida.

O Nero assente e entra no *Mercedes* do papá. O Dante sobe para o lado do condutor do jipe. O Papá entra comigo no banco de trás.

Não estou a gostar nada disto.

Viro-me para ele, sem me preocupar com o cinto de segurança.

– O que se passa? – pergunto. – O que é que decidiste?

– Vais casar com o Callum Griffin daqui a duas semanas – atira o papá.

Isto é tão ridículo que dou uma gargalhada – um latido estranho que se desvanece no silêncio do carro.

O papá observa-me, tem rugas profundas no rosto. Os olhos parecem completamente negros.

– Não podes estar a falar a sério.

– Estou a falar muito a sério. Isto não está sujeito a debate. Está decidido com os Griffin.

– Não me vou casar! – Choro. – Muito menos com aquele psicopata.

Olho para o lugar do condutor à procura do apoio do Dante. Ele está a olhar fixamente para a estrada, com as mãos agarradas ao volante.

O papá parece exausto.

– Esta contenda já dura há demasiado tempo. É uma chama que arde, arde e arde continuamente, queimando tudo aquilo por que trabalhámos. Da última vez que houve uma escalada nas tensões, perdeste dois dos teus tios. A nossa família é mais pequena do que deveria ser por causa dos Griffin. O mesmo é válido para eles. Perderam-se demasiadas vidas de ambos os lados, ao longo das gerações. É tempo de mudança. Está na altura de fazer o oposto. Vamos unir-nos. Prosperar juntos.

– Porque é que tenho de me casar para isso acontecer? – brado. –

Isso não vai ajudar em nada! Porque eu vou matar aquele sacana assim que o vir!

– Vais fazer o que te mandam! – rosna o meu pai. A paciência dele chegou ao limite. São três horas da manhã. Está cansado e parece velho. É velho, na verdade. Tinha quarenta e oito anos quando me teve. Agora tem quase setenta.

– Estraguei-te com mimos. – Fixa-me com aqueles olhos negros de escaravelho. – Dei-te rédea solta. Nunca tiveste de enfrentar as consequências dos teus atos. Agora, vais fazê-lo. Tu acendeste o fósforo que ateou este fogo... e és tu que o vais apagar. Não com violência, mas com o teu próprio sacrifício. Vais casar com o Callum Griffin. Terás os filhos que serão a próxima geração da nossa linhagem mútua. É este o acordo. Tu vais honrá-lo.

Isto é uma espécie de pesadelo.

Vou casar?

Vou ter uma porrada de bebés?

E é suposto fazê-lo com o homem que odeio mais do que qualquer outro neste planeta?

– Ele destruiu o Sebastian! – exclamo, num último esforço para exprimir o quanto o Callum Griffin me repugna.

– Isso é tanta culpa tua como dele – reage o papá, num tom frio.

Não há nada que eu possa dizer em resposta.

Porque, bem lá no fundo, eu sei que é verdade.

CALLUM

Estou sentado no terraço das traseiras, a ver a equipa de limpeza contratada a recolher os restos de lixo e os apetrechos da festa. Estiveram a trabalhar toda a noite. A minha mãe insistiu em que tudo fosse imediatamente limpo para que nenhum dos nossos vizinhos tivesse de ver qualquer vestígio de desordem nos nossos jardins a caminho do trabalho, pela manhã.

As minhas irmãs já foram para a cama – a Nessa, corada e feliz com a excitação da noite, e a Riona, amuada porque me recusei a dizer-lhe o paradeiro do nosso pai.

A minha mãe ainda está acordada, a supervisionar os esforços de limpeza, embora ela própria não tenha metido a mão em nada.

Quando o carro blindado do meu pai entra na garagem, ela deixa os trabalhadores e junta-se a nós no escritório. Sinto que, ultimamente, tenho passado aqui demasiadas horas. E não gosto da expressão na cara do meu pai.

– Então? – pergunto de imediato. – Qual foi o acordo?

Estou à espera que diga que chegámos a uma espécie de acordo financeiro ou de aperto de mão – talvez eles nos apoiem com o voto dos italianos nas eleições para vereador enquanto nós garantimos as licenças ou o planeamento urbanístico que querem para o seu próximo projeto de construção.

Quando o meu pai explica o acordo propriamente dito, fico a olhar para ele como se lhe tivessem nascido duas cabeças.

– Vais casar com a Aida Gallo daqui a duas semanas.

– Com aquela pirralha? – expludo. – Nem pensar.

– Já está tratado.

A minha mãe dá um passo em frente, alarmada. Pousa a mão no braço do meu pai.

– Fergus. Será sensato? Vamos ficar ligados aos Gallo para sempre.

– É precisamente esse o objetivo.

– São uns mafiosos nojentos! – solto com repulsa. – Não podemos

ter o nome deles associado ao nosso. Principalmente agora que as eleições estão à porta.

– A eleição será o primeiro benefício desta aliança. – O meu pai tira os óculos e limpa-os com o lenço que guarda no bolso da camisa. – O teu sucesso não está de modo algum assegurado quando enfrentas o La Spata. Os Gallo controlam o voto dos italianos. Se estiveres casado com a Aida quando for a votação, todos os italianos deste distrito votarão em ti. Eles abandonarão o La Spata sem hesitar.

– Não preciso dela para ganhar!

– Não tenhas tanta certeza. És demasiado confiante, Callum. Arrogante, até. Se a votação fosse hoje, o resultado seria uma incerteza. Deves sempre assegurar a tua vitória antes do tempo, se tiveres essa oportunidade.

– Ótimo. – Esforço-me por manter a calma. – Mas e depois deste mês? Esperas mesmo que eu fique casado com ela *para sempre*?

– Sim, espero – replica o meu pai, num tom sério. – Os Gallo são católicos, tal como nós. Vais casar com ela, vais ser-lhe fiel e vais ter filhos com ela.

Abano a cabeça em sinal de descrença.

– Mãe, de certeza que tens algo a dizer sobre isto.

Ela olha para a frente e para trás, para o meu pai e para mim. Depois ajeita uma madeixa de cabelo louro e liso atrás da orelha e suspira.

– Se o acordo foi celebrado, nós vamos cumpri-lo.

Eu devia ter percebido. Ela fica sempre do lado dele.

Mesmo assim, gaguejo:

– O q-quê? Não podes...

Ela interrompe-me de imediato com um olhar.

– Callum, está na altura de te tornares no homem que professas ser. Já te vi a brincar com as raparigas com quem saís... modelos e *socialites*. Parece que escolhes deliberadamente as raparigas mais superficiais e ocas.

Carrancudo, cruzo os braços sobre o peito. Nunca teve importância com quem eu saía, desde que ficassem bem ao meu lado e não me envergonhassem nas festas. Uma vez que nunca quis

nada sério, fazia sentido encontrar raparigas que estivessem apenas à procura de diversão.

– Não sabia que era suposto estar à procura de uma parideira. Pensei que querias que eu encontrasse a rapariga certa e me apaixonasse como uma pessoa normal.

– É isso que pensas que fizemos? – questiona calmamente a minha mãe.

Calo-me. Na verdade, não faço ideia de como é que os meus pais se conheceram. Nunca lhes perguntei.

Ela olha de relance para o meu pai.

– Eu e o Fergus tivemos um “casamento arranjado”, se é que se pode chamar isso. Para ser mais correta, os nossos pais, que eram mais velhos e mais sábios do que nós, e que nos conheciam melhor do que nós próprios, combinaram o casamento. Porque sabiam que seríamos bons parceiros um para o outro e por ser uma aliança que beneficiava as duas famílias. De início, houve desafios.

Os meus pais trocam olhares significativos. Um pouco de tristeza e de divertimento por parte de ambos.

– Mas, no fim de contas, o nosso casamento foi o que fez de nós as pessoas que somos hoje – completa o meu pai.

Isto é do caraças. Nunca tinha ouvido isto antes.

– São coisas completamente diferentes! – digo-lhes. – Vocês tiveram a mesma formação, vieram do mesmo meio. Os Gallo são mafiosos. São da velha guarda, no pior sentido da palavra.

– Isso é parte do valor que eles trarão – reage o meu pai, sem rodeios. – À medida que crescemos em riqueza e influência, perdemos a nossa vantagem. És o meu único filho. A tua mãe perdeu os dois irmãos. Há pouquíssimos homens no meu lado da família. Em termos de músculo puro, só temos aquilo que pagamos. Nunca se pode ter a certeza da lealdade das armas contratadas. Há sempre alguém disposto a pagar mais. Desde que o Zajac assumiu o comando, os *Braterstwo* estão a tornar-se numa ameaça séria para nós, algo que podemos não conseguir resolver sozinhos. Os italianos têm o mesmo problema. Com as nossas famílias unidas, o *Carniceiro* não se atreverá a atacar nenhum de nós.

– Fantástico – solto. – Mas quem é que me vai proteger da minha

prometida? Aquela rapariga é um animal selvagem. Consegues imaginá-la enquanto esposa de um político? Duvido que saiba sequer andar de saltos altos.

– Então, ensina-a – diz a minha mãe.

– Eu também não sei andar de saltos altos. Como é que eu a vou ensinar a ser uma senhora, mãe?

– Ela é jovem e maleável – acrescenta o meu pai. – Vais treiná-la, moldá-la naquilo que ela precisa de ser para estar ao teu lado e apoiar a tua carreira.

Jovem e maleável? Acho que o meu pai não olhou bem para esta rapariga. Jovem, pode ser. Mas ela é tão maleável como o ferro fundido.

– Mas que desafio tão excitante – digo com os dentes cerrados. – Mal posso esperar para começar.

– Ótimo – replica o meu pai. – Terás essa oportunidade na tua festa de noivado, na próxima semana.

– *Festa de noivado?* – Que piada de merda. Acabei de saber disto há cinco minutos e, aparentemente, já estão a planear um anúncio público.

– Têm de combinar a vossa história de fachada, tu e a Aida. Qualquer coisa como: começaram a namorar por acaso há cerca de dezoito meses. Tinham planeado esperar até depois das eleições para casar, mas decidiram que não podiam esperar mais – acrescenta a minha mãe.

– Talvez seja melhor escreveres o comunicado de imprensa por mim, mãe. E, já agora, escreve também os meus votos de casamento.

– Não sejas insolente – ralha o meu pai.

– Nunca tal me passaria pela cabeça. Embora duvide que o mesmo se possa dizer da minha futura noiva.

Esse pode ser o único lado positivo deste maldito turbilhão – ver os meus pais a lidarem com a pequena gata infernal que estão a trazer para esta família.

AIDA

Os meus irmãos estão em alvoroço por causa do plano tresloucado do meu pai.

O Dante não disse nada no trajeto para casa, mas depois ouvi-o a discutir com o papá durante horas, os dois fechados no escritório.

Foi inútil. O papá é teimoso como uma mula. Uma mula siciliana que só come cardos e dá-te um pontapé nos dentes se te aproximares demasiado. Uma vez tomada a decisão, nem as trombetas do Dia do Juízo Final a poderiam mudar.

Para ser franca, o Armagedão seria uma pausa bem-vinda em relação ao que está realmente prestes a acontecer.

Logo no primeiro dia após o acordo ter sido fechado, recebo uma mensagem da Imogen Griffin a falar-me de uma festa de noivado na quarta-feira à noite. Uma festa de noivado! Como se houvesse algo para celebrar e não apenas um desastre em câmara lenta.

Também me enviou um anel numa caixa.

Odeio-o, claro. É um diamante grande e quadrado em cima de um anel cravejado, volumoso e que certamente vai dar nas vistas. Deixo-o na caixa, na minha mesa de cabeceira, porque não tenho intenção de o usar antes de ser absolutamente necessário.

A única coisa boa nesta história de merda é que, pelo menos, o Sebastian está um pouco melhor. Teve de ser operado para reconstruir o ligamento cruzado anterior. Arranjámos o melhor médico da cidade, o mesmo que tratou o joelho do Derrick Rosedos Chicago Bulls. Por isso, esperamos que ele recupere em breve.

Entretanto, tenho ido visitá-lo todos os dias ao hospital. Levei-lhe os *snacks* preferidos – chocolates *Reese's Peanut Butter Cups*, queijo mozarela e cajú salgados – e também os manuais escolares.

– Já os leste antes? – provoco-o, colocando os manuais na mesa de cabeceira.

– Uma ou duas vezes – diz ele, a sorrir, na cama do hospital.

A camisa de dormir que lhe deram para vestir é ridiculamente pequena naquele corpo gigante. As longas pernas esticam-se por

baixo dela, o joelho enfaixado apoiado numa almofada.

– Não andas por aí com isso vestido, pois não? – pergunto-lhe.

– Só quando a enfermeira boazona está de serviço. – Ele pisca o olho.

– Que nojo.

– É melhor habituares-te a tudo o que é romântico. Já que estás prestes a ser uma noiva apaixonada...

– Não brinques com isso – aviso, irritada.

O Seb lança-me um olhar solidário.

– Estás preocupada?

– Não! – respondo de imediato, embora seja uma completa mentira. – Eles é que deviam estar preocupados. Principalmente o Callum. Vou estrangulá-lo enquanto dorme na primeira oportunidade que tiver.

– Não faças nenhuma estupidez – avisa-me o Sebastian. – Isto é sério, Aida. Não é como o teu semestre em Espanha ou aquele estágio que fizeste na *Pepsi*. Não podes simplesmente fugir disto se não gostares.

– Eu sei disso. Sei exatamente como estou prestes a ficar encurralada.

O Sebastian franze o sobrolho, porque não gosta de me ver perturbada.

– Já falaste com o papá? Talvez se lhe dissesse...

– Não vale a pena. O Dante discutiu com ele a noite toda. Não vai ouvir nada do que eu disser.

Olho para o joelho do Sebastian, inchado, com o dobro do tamanho normal e com nódoas negras até à coxa.

– De qualquer forma – continuo calmamente –, fui eu que causei isto. O papá tem razão... eu armei esta confusão. Agora tenho de a resolver.

– Não sejas uma mártir só porque a minha perna está lixada. Casares-te com aquele psicopata não vai resolver isto.

– Não vai resolver o problema do teu joelho. Mas pode impedir que algo mais aconteça.

O silêncio entre nós é pesado. Quando o Seb sair do hospital, já muita coisa terá mudado. Para nós os dois.

– Lamento imenso que... – começo.

– Não peças desculpa outra vez. Estou a falar a sério. Primeiro, a culpa não foi tua.

– Sim, foi.

– Para com isso! Não, não foi. Cada um de nós escolheu ir à festa. Não foste tu que obrigaste aquele idiota a espezinhar-me. E, segundo, mesmo que a culpa fosse tua, eu não me importava. Tenho dois joelhos, mas só uma irmã.

É impossível não ficar comovida.

– Isso é muito querido, Seb.

– É verdade. Vem cá.

Aproximo-me da cama. O Sebastian dá-me um abraço de lado. Apoio o queixo no cabelo dele, que está mais despenteado e encaracolado do que nunca. Parece lã de carneiro.

– Para de te martirizares com isso. Eu vou ficar bem. Arranja uma maneira de te dares bem com os Griffin. Entrar nisto como se fosses entrar numa batalha só vai tornar as coisas mais difíceis – aconselha o Seb.

Mas essa é a única maneira que sei como fazer isso – de cabeça baixa, protegida por uma armadura. Encaro tudo como uma luta.

– Eles planearam uma festa de noivado horrível para amanhã à noite...

– Quem me dera poder ir – diz o Sebastian, com ar melancólico.

– Eles e nós, todos obrigados a vestirem-se de forma elegante e a ser simpáticos uns com os outros. Adorava ver isso. Pelo menos tirem fotos para eu ver.

– Acho que eles não vão aparecer numa foto. Cambada de vampiros sugadores de sangue.

O meu irmão abana a cabeça em sinal de reprovação.

– Queres água ou outra coisa qualquer antes de eu ir? – pergunto-lhe.

– Não. Mas se a enfermeira ruiva boazona estiver lá fora, diz-lhe que estou pálido e suado, e que provavelmente preciso de um banho de esponja.

– Nem pensar – digo-lhe. – Além disso, continua a ser nojento.

– Não se pode culpar um tipo por tentar. – Ele recosta-se na

almofada, apoiando a cabeça nos braços.

* * *

Demasiado cedo, chegou a hora da estúpida festa de noivado dos Griffin. Parece-me que esta gente daria uma festa, por mais trivial ou banal que fosse, só para terem mais visibilidade. São tão ridículos e vistosos.

É suposto eu portar-me bem e fazer boa figura. Este será o primeiro teste à minha submissão.

Gostava de ter alguém com quem me preparar. Adorei crescer com os meus irmãos, mas é nestes momentos que uma companhia feminina seria bem-vinda.

Seria bom ter alguém que me dissesse que não pareço um saco de batatas com este vestido estúpido. É amarelo e tem folhos à volta da bainha. Parecia bonito no modelo, mas agora que o estou a experimentar em casa, sinto-me como uma criança toda enfeitada para a Páscoa. Só me falta mesmo arranjar uma cestinha de palha para pôr no braço.

O papá assente em sinal de aprovação quando o vê.

– Muito bem.

Ele está a usar um fato. O Dante veste uma *T-shirt* preta e calças de ganga, enquanto o Nero usa um casaco de couro. Os meus irmãos recusam-se a aperlaltar-se, por uma questão de princípio. Um protesto silencioso. Quem me dera poder fazer o mesmo.

Vamos no mesmo carro até *Shoreside*, onde os Griffin estão a organizar a festa. O restaurante já está cheio de convidados. Reconheço mais pessoas do que esperava – as nossas famílias frequentam alguns dos mesmos círculos e andei na mesma escola da Nessa e a Riona, embora em anos diferentes.

Pergunto-me se o Callum também andou lá. Depois abafo esse pensamento. Não me interessa onde é que o Callum andou. Não estou minimamente curiosa em relação a ele.

O facto de irmos casar dentro de poucos dias não me parece nada real. Sinto que o castigo é a preparação – o fingimento de que isto vai mesmo para a frente. De certeza que uma ou as duas

famílias vão cancelar tudo à última hora, quando virem que aprendemos a lição.

Até lá, tenho de sorrir e aguentar. Fazer uma falsa cara de cooperação para que vejam que me deram uma palmada bem dada.

A única coisa que me faz continuar é o meu prazer mórbido em saber que esta noite o Callum Griffin vai ter de fingir que está apaixonado por mim, tal como eu vou ter de fazer em relação a ele.

Para mim, é uma piada, mas tenho a impressão de que para um sacana convencido como ele, isto vai ser pura tortura. Provavelmente, pensou que se casaria com uma Hilton ou com uma herdeira dos Rockefeller. Em vez disso, vai ficar preso a mim. Tem de fingir que me adora, ao mesmo tempo que estará mortinho por me torcer o pescoço.

Na verdade, esta pode ser a oportunidade perfeita para o arrelhar. Ele não vai poder fazer nada à frente de toda esta gente. Tenho de ver até onde o posso pressionar antes que ele se passe.

Mas, primeiro, preciso de uma bebida para aguentar este exibicionismo.

Despisto o meu pai e os meus irmãos e vou direta ao bar. O *Shoreside* pode até ser um pouco pretensioso, mas tem um ambiente divertido, tipo *resort*, e é famoso pelos *cocktails* de verão. Especialmente o *Kentucky Kiss*, que leva *bourbon*, limão, polpa de morango fresco e um pouco de xarope de ácer, servido com gelo e um pequeno guarda-chuva de papel em cima.

Quando pedi o *cocktail*, o empregado do bar abanou a cabeça com pesar:

- Lamento, mas não temos *Kentucky Kisses*.
- Que tal um daiquiri de morango?
- Não pode ser. Não podemos fazer nada que leve morangos.
- A vossa carrinha foi assaltada quando vinham do México?
- Não. – Ele enche um misturador com gelo e começa a fazer um martíni para outra pessoa, enquanto eu passo os olhos pela carta das bebidas.
- É só para esta festa... acho que o tipo é alérgico?
- Que tipo?
- O que vai casar.

Pouso a carta das bebidas, com um interesse crescente.

– Ai, sim?

– Sim, a mãe dele fez um grande alarido por causa disso. Disse que estava proibido o consumo de morangos em todo o estabelecimento. Como se alguém fosse tentar meter um na bebida dele.

Bem, agora já podem...

– Muito interessante – digo. – Vou querer um desses martinis.

Ele serve um copo com *vodka* gelada e passa-mo.

– Fica com este. Eu faço outro.

– Obrigada. – Levanto-o com um movimento de “saúde”.

Deixo-lhe uma gorjeta de cinco dólares, feliz por pensar que o robô político tem, afinal, uma fraqueza. Criptonite vermelha e brilhante. Mais uma coisa para o chagar.

Era esse o meu plano, até ver o Callum.

Ele faz-me mesmo lembrar um vampiro. Magro, pálido, de fato escuro, olhos desumanamente azuis. Uma expressão simultaneamente perspicaz e desdenhosa. Deve ser difícil para ele mostrar-se encantador no exercício da sua atividade. Pergunto-me se ele observa humanos reais e tenta imitá-los. Se o faz, está a falhar redondamente. Toda a gente à sua volta está a conversar e a rir, enquanto ele agarra no copo como se o quisesse esmagar com a mão. Tem mãos grandes, dedos longos e finos.

Quando me vê, mostra finalmente alguma emoção – ódio puro, não adulterado. Sai dele em linha reta, diretamente para mim.

Aproximo-me dele sem medo, para que saiba que não me pode intimidar.

– É melhor teres cuidado, *meu amor* – sussurro. – É suposto estarmos a celebrar o nosso noivado. No entanto, estás com um ar absolutamente miserável.

– Aida Gallo – sibila ele de volta. – Fico aliviado por ver que tens pelo menos noção do conceito do que é vestir-se bem, mesmo que a tua apresentação seja péssima.

Continuo com o sorriso estampado na cara, não deixando que ele veja como aquelas palavras me afetaram um pouco. Não me tinha dado conta, até me ter aproximado, de como ele é muito mais alto

do que eu, mesmo estando eu a usar estes estúpidos saltos altos. Preferia não estar tão perto. Mas agora não vou dar um passo atrás. Isso seria mostrar fraqueza.

E, de qualquer forma, estou habituada a homens de aspeto assustador, graças aos meus irmãos. Na verdade, o Callum Griffin não tem as cicatrizes nem os nós dos dedos permanentemente inchados que denunciam no que os meus irmãos andam metidos. As mãos dele são perfeitamente delicadas. Não passa de um miúdo rico, afinal. Tenho de me lembrar disso.

O olhar dele é atraído para o anel vistoso na minha mão esquerda. Coloquei-o pela primeira vez esta noite, mas já me sinto estrangulada por ele. Odeio o que significa, e odeio como chama a atenção. O Callum contrai os lábios quando vê o anel. Fica com um ar de náusea.

Pois bem, ótimo. Fico contente por também ele estar a sofrer.

Sem aviso, o Callum passa o braço à volta da minha cintura e puxa-me para junto dele. É tão repentino e inesperado que quase o empurro e lhe dou um estalo, a pensar que me está a atacar. Só quando uma rapariga loura e esganiçada se aproxima de nós é que percebo o jogo dele.

Ela tem cerca de um metro e setenta e usa um vestido de verão cor-de-rosa com um lenço de seda a condizer ao pescoço. É seguida por um homem barbudo que segura numa enorme carteira *Hermès*, que só posso presumir que não lhe pertence, uma vez que não combina com o polo que está a usar.

– Cal! – guincha ela, agarrando-lhe os braços e esticando-se na ponta dos pés para lhe beijar a face.

Tudo isto é normal no *Shoreside*. É a reação do Callum que me surpreende.

A expressão fria transforma-se num sorriso encantador e ele diz:

– Aqui estão eles! Os meus recém-casados favoritos. Alguma dica para nós, agora que estão do outro lado?

É realmente incrível como a máscara do político encaixa naquele belo rosto. Parece totalmente natural – exceto a rigidez do sorriso. Não fazia ideia de que ele era tão bom nisto.

Faz sentido, suponho. Mas é desconcertante a facilidade com que

ele coloca a máscara de alegre e charmoso. Nunca vi nada assim.

A mulher ri-se, pousando ligeiramente a mão bem cuidada no braço do Callum. Vejo-lhe o anel de noivado, a pedra quase a inclinar a mão para o lado. Credo, acho que acabei de encontrar o icebergue que afundou o *Titanic*.

– Oh, Cal! – diz ela com uma gargalhada. – Só estamos casados há um mês, por isso tudo o que aprendi até agora é que não devem fazer a lista de casamento na *Kneen & Co*. Que pesadelo tentar devolver as coisas que não queríamos. Pedi o serviço de jantar personalizado *Marie Daage Aloe*, mas arrependi-me imediatamente quando vi o novo modelo para a primavera. Claro que isso não te interessa... provavelmente, vais deixar tudo ao cuidado da tua noiva.

Por fim, dispensa-me um olhar. O mais pequeno dos traços esforça-se por aparecer por entre as sobranceiras, lutando vigorosamente contra as quantidades maciças de *botox* que o tentam suavizar outra vez.

– Acho que nunca fomos apresentadas. Sou a Christina Huntley-Hart. Este é o meu marido, Geoffrey Hart.

Ela estende-me uma mão, frouxa e flácida. Tenho de lutar contra a vontade de me curvar e dar-lhe um beijo com um grande floreado, como um conde num filme antigo. Em vez disso, dou-lhe apenas um estranho aperto de lado antes de a largar o mais rapidamente possível.

– Aida – respondo.

– Aida...?

– Aida Gallo – completa o Callum.

Aquele traço na testa esforça-se por voltar a aparecer.

– Acho que não conheço os Gallo... São membros do North Shore Country Club?

– Não! – respondo, igualando a voz dela em tom e falsidade. – Devemos inscrever-nos? Receio que o meu desempenho no ténis tenha vindo a deteriorar-se consideravelmente...

Ela fica a olhar como se suspeitasse de que estou a gozar com ela, mas sem acreditar que isso possa ser mesmo verdade.

A mão do Callum aperta-se dolorosamente à volta da minha

cintura. É difícil não estremecer.

– A Aida adora ténis. Ela é tão atlética.

A Christina sorri de forma incerta.

– Cal... lembras-te de quando jogámos juntos em Florença? Foste o meu parceiro de pares preferido dessa viagem.

Isto é divertido. Estou-me nas tintas se a Christina Conatley-Hart quer namorar com o Callum. Eles podem ter-se comido na semana passada, tanto quanto sei. Mas acho que é uma porra de uma falta de respeito ela estar a fazê-lo mesmo à minha frente.

Olho para o pobre Geoffrey Hart para ver o que ele pensa sobre o assunto. Até agora não disse uma palavra. Está de olho na televisão do bar, que está a passar os melhores momentos do jogo dos Cubs. Está a segurar a mala da Christina com as duas mãos, com uma expressão na cara de quem acha que estes trinta dias de casamento foram os mais longos da sua vida.

– Ei, Geoff – chamo-o –, também te deixaram jogar ou só carregaste as raquetes?

O Geoffrey deixa escapar um pequeno suspiro.

– Eu não estava nessa viagem em particular.

– Que pena. Perdeste a oportunidade de ver o Cal a marcar pontos com a Christina.

A Christina está agora mesmo zangada. Estreita os olhos, com as narinas dilatadas.

– Bem – diz ela sem rodeios. – Parabéns mais uma vez. Parece que tens aí um belo partido, Cal.

Assim que ela se afasta, com o Geoffrey no seu encalço, o Callum larga-me a cintura e agarra no meu braço, cravando os dedos na minha carne.

– Mas que raio pensas que estás a fazer?

– São estes os teus amigos? Ela deveria ter comprado um daqueles cachorrinhos para levar na carteira. O Geoff é um acessório um tanto ou quanto estranho...

– Vê se cresces. – O Callum abana a cabeça em desagrado. – Os Huntley organizaram uma angariação de fundos gigantesca para mim, no ano passado. Conheço a Christina desde a escola primária.

– Conheces? Ou fodes? Porque se ainda não o fizeste, é melhor

que o faça antes que ela te comece a saltar para cima em público.

– Valha-me Deus. – O Callum pressiona os dedos contra a cana do nariz. – Não posso acreditar nisto. Vou casar com uma criança. E não é uma criança normal... é uma cria demoníaca do inferno, como o *Chucky* ou a rapariga do *Exorcista*...

Tento puxar o braço. Os dedos dele cravam-se com mais força. Vou ter mesmo de fazer uma cena para me soltar, e ainda não estou preparada para acabar com isto.

Em vez disso, faço sinal ao empregado mais próximo e tiro uma taça de champanhe da bandeja. Bebo um gole antes de dizer ao Callum, calma e tranquilamente:

– Se não me largas, atiro-te esta bebida à cara.

Ele larga-me, mais pálido do que nunca por causa da raiva.

Inclina-se para a minha cara.

– Achas que só tu é que podes estragar os meus planos? Não te esqueças de que vais viver na minha casa. Posso tornar a tua vida num autêntico pesadelo, desde o momento em que acordas até ao momento em que te deixo deitar de novo. Não me parece que queiras começar uma guerra comigo.

A minha mão está desejosa de atirar o champanhe à cara dele, para lhe mostrar exatamente o que penso disso.

Consigo controlar-me, mas por pouco. Esboço um sorriso.

– No meio do caos, também existe oportunidade – digo-lhe.

O Callum olha-me fixamente.

– O que... De que raio estás a falar? Isso significa que vais tirar o máximo partido desta confusão?

– Claro. Que mais posso fazer?

Na verdade, é uma citação de *A Arte da Guerra*. Aqui está outra de que gosto:

“Que os teus planos sejam obscuros e impenetráveis como a noite para que, quando avançares, caias como um raio.”

CALLUM

Depois daquele primeiro momento de birra, a Aida acalma-se e começa a comportar-se. Ou, pelo menos, tenta. Sorri e conversa com razoável civismo com os convidados que se aproximam para nos felicitar.

É muito constrangedor explicar aos amigos e à família que estou prestes a casar com uma rapariga de quem nunca ouviram falar, quanto mais conhecer. Uma e outra vez, digo-lhes: “Mantivemos tudo em segredo. Era romântico manter as coisas só entre nós os dois. Mas agora já não podemos esperar mais; queremos casar.”

Vejo várias pessoas a olhar para a barriga da Aida para ver se há alguma razão que justifique tanta pressa.

A Aida põe fim a esses rumores ao beber champanhe como uma esponja. Quando pega noutro copo, tiro-lho da mão e bebo-o eu mesmo.

– Já bebeste o suficiente.

– Eu é que decido se já bebi o suficiente – diz ela teimosamente.

– É preciso mais do que um pouco de *ginger ale* requintado para me embebedar.

Ela já está menos estável naqueles saltos altos, e não era muito estável para começar.

Estou aliviado por ela estar a usar um vestido, embora o que escolheu tenha um aspeto barato e seja demasiado brilhante. O que é que se passa com esta gente? Não têm dinheiro para comprar roupa decente?

Os irmãos dela parecem autênticos rufias. Um deles está a usar a merda de uma *T-shirt* e calças de ganga; o outro está vestido como o James Dean. O Dante anda a esgueirar-se pela sala como se à espera de que uma bomba expluda a qualquer momento e o Nero está a conversar com a empregada do bar como que a planear levá-la para a cama. Talvez o faça, aquele merdoso. Tenho quase a certeza de que fodeu a Nora Albright na minha casa.

Pelo menos o Enzo Gallo está bem-vestido para a ocasião, e tem

boas maneiras. Parece conhecer quase tanta gente aqui como eu. Não os novos *socialites*, mas toda a gente ligada à velha Chicago. Eles cumprimentam-no com respeito. Talvez o meu pai não estivesse totalmente errado sobre os benefícios desta aliança.

Os meus pais vêm ver como estamos, acompanhados pela Madeline Breck. A Madeline tem quase setenta anos, é negra, tem o cabelo grisalho, veste um fato simples e calça uns sapatos confortáveis. Tem um rosto calmo e inteligente. Uma pessoa estúpida poderia pensar que se trata apenas de uma simpática avozinha. Na realidade, é uma das pessoas mais poderosas de Chicago.

Como presidente do Conselho de Representantes do Condado de Cook, controla as verbas destinadas a grandes projetos financiados por fundos públicos, desde parques a infraestruturas. Tem também um controlo férreo sobre os democratas liberais de Chicago. Sem nunca parecer que está a interferir, consegue nomear quem ela quer para cargos importantes, como o de tesoureiro da cidade ou o de procurador do Estado.

Ela é perspicaz e subtil, não sendo, de todo, alguém que eu queira contrariar. Por isso, até fico doente com a ideia de a Aida dizer algo desagradável à frente dela.

Quando ela se aproxima, sussurro à Aida:

– Comporta-te. Aquela é a Madeline...

– Eu sei quem é – interrompe ela, revirando os olhos.

– Madeline – diz o meu pai –, já conheces o nosso filho, o Callum. Vai candidatar-se ao lugar de vereador no 43.º Distrito, daqui a umas semanas.

– Isso é excelente – reage a Madeline. – Já era altura de termos lá alguém com alguma visão.

– Que tipo de visão espera? – pergunto-lhe. – Talvez alguém que consiga manter o Lincoln Park intacto?

Ela sorri.

– Quem te disse que eu era contra o reordenamento?

– Um passarinho. Se eu me tornar vereador, não vou querer o Lincoln Park cortado e repartido. Felizmente, sou amigo íntimo do presidente da comissão reguladora.

– O Jeremy Ross é teimoso – lembra a Madeline, olhando para mim por cima dos óculos, como se pensasse que eu não tenho qualquer influência sobre ele.

– Ele é teimoso como o diabo, mas deve-me um favor. E não é pequeno.

– Bem, só quero o melhor para as pessoas – diz ela, magnânima.

– Claro que sim. Sinto exatamente o mesmo. Lincoln Park tem história. Não podemos permitir que seja entregue a outros municípios que não o consideram uma prioridade.

– É esse o espírito – conclui ela, dando-me uma palmadinha no braço. – Prazer em conhecer-te, querida – diz ela à Aida, e depois vai-se embora.

Estou um pouco confuso por a Madeline ter terminado a nossa conversa de forma tão abrupta. Tenho quase a certeza de que ambos queremos a mesma coisa.

A Aida dá outro gole na bebida que surripiou de algum lado.

– Sabes que ela não quer saber de Lincoln Park.

O meu pai vira-se para trás.

– De que é que estás a falar?

– Ela recebe luvas dos serviços de recolha do lixo das zonas quarenta e quatro e trinta e dois – revela a Aida, como se fosse óbvio. – Se juntarmos metade do Lincoln Park a isso, duplicamos o valor. Ela só está a opor-se ao reordenamento em público porque é impopular.

Os meus pais trocam um olhar.

– É melhor eu ir falar com o Marty Rico – diz a minha mãe.

Quando se separam para ir confirmar, a Aida ri-se baixinho.

– Como é que sabias disso? – pergunto.

– Parece que os Griffin não são assim tão bem relacionados – troça ela. – Acho que ninguém andou a falar sobre isso no North Shore Country Club.

– Como é que a fazias mudar de ideias, já que és tão esperta? – quero saber.

– Porque é que havia de te dizer?

A Aida fita-me com os olhos cinzentos semicerrados, enquanto bebe mais um gole da sua bebida. Parece astuta e maliciosa quando

faz isso, como uma espécie de gato selvagem em cima dos ramos, prestes a lançar-se sobre a minha cabeça.

– Bem – digo –, daqui a uma semana, o que é meu é teu. O que significa que os meus sucessos... e os meus fracassos... também serão os teus. Por isso, faz sentido que me ajudes.

Ela pousa o copo vazio no vaso mais próximo, com as faces coradas.

– Achas que vou ser a mulherzinha que fica atrás de ti, a trabalhar para te ajudar a lançares a tua estrela brilhante?

– Não *preciso* da tua ajuda – garanto-lhe –, mas se temos de ficar juntos, mais vale trabalharmos em conjunto.

– Não sou o teu acessório! – protesta ela com veemência.

– Ah, tens algo melhor para fazer com o teu tempo? Tanto quanto sei, não fazes porra nenhuma no negócio da tua própria família. Limitas-te a andar por aí a ter aulas na Loyola. O que é que gostas de fazer, além de entrar à socapa nas festas dos outros?

Ela olha-me fixamente, zangada e, por uma vez, silenciada. Por fim, murmura:

– Não tenho de te dar explicações.

Uma resposta fraquinha, comparada com o habitual. Devo ter tocado num ponto sensível. Por isso, pressiono-a um pouco mais.

– Duvido que tivesses alguma coisa para dizer.

Ela está a tremer de raiva. A Aida tem um temperamento forte – eu não devia mexer com ela assim, especialmente num lugar público onde tenho mais a perder com o seu descontrolo do que ela.

Ela respira fundo e endireita os ombros, surpreendendo-me.

– Estás a tentar provocar-me. Eu digo-te a resposta porque não tem importância e, de qualquer modo, não vais ser capaz de o fazer. A Madeline Breck preocupa-se em ganhar dinheiro, ponto final. Ela ganha dinheiro com uma centena de negócios diferentes de serviços públicos e construção. Mas se é apaixonada por alguma coisa, é por polícias que matam pessoas. Se a conseguires convencer de que vais fazer alguma coisa em relação a isso, talvez consigas o apoio dela. Mas não podes, porque depois perdes o apoio do sindicato da polícia e, possivelmente, dos bombeiros também.

Esta não é... a pior ideia do mundo. A Aida, provavelmente, tem

razão. Mas também tem razão quando diz que seria difícil impressionar a Madeline sem irritar o sindicato da polícia.

– Na verdade, essa é uma ideia muito inteligente.

– Oh, obrigada! Sinto-me muito honrada.

Quando estava a meio de revirar os olhos, a Aida vê alguém a vir na nossa direção. Dá uma volta como se fosse procurar um sítio para se esconder, apesar de esta festa ser em nossa honra e ela estar vestida de forma tão discreta como um semáforo.

O Oliver Castle aproxima-se, com as mãos enfiadas nos bolsos, um grande sorriso estúpido estampado na cara. Conheço-o desde a faculdade. Nunca gostei dele. Era uma estrela do futebol e, obviamente, continua a comer como uma, apesar de agora trabalhar na empresa de investimentos do pai. A sua estrutura grande e robusta está a começar a ficar mole, embora ainda pareça forte. Está muito bronzado, provavelmente de alguma viagem recente sobre a qual, certamente, me vai contar tudo.

À medida que se aproxima, vejo que a atenção dele está inteiramente voltada para a Aida.

– Não consegui acreditar quando soube.

– Olá, Ollie – cumprimenta ela, virando-se sem entusiasmo.

Ollie?

– Estou magoado, Aida. Ficas noiva e nem sequer me ligas para me dizer?

– Porque haveria eu de te ligar? – interroga ela sem rodeios. – Passei três meses a ignorar as tuas mensagens e chamadas. Quando se está a tentar treinar um cão, não se pode dar-lhe petiscos, ou ele vai continuar a ladrar e a babar-se em cima de nós para sempre.

Estou à espera de que o Oliver fique ofendido. Ele limita-se a sorrir e aproxima-se ainda mais da Aida, até ficar praticamente encostado a ela. Estou a ficar irritado com a proximidade dele e com o facto de ainda nem sequer me ter cumprimentado.

– Aí está a alfinetada que eu adoro – diz o Oliver. – Nunca mudes, Aida.

– Não sabia que vocês se conheciam.

– Oh, já nos conhecemos há muito tempo – sussurra o Oliver, ainda a olhar para a Aida.

Meto-me entre os dois, bloqueando parcialmente a visão dele.

– Bem, então parece que nos vamos ver no *casamento* – digo, sem me preocupar em esconder a irritação na minha voz.

– Acho que sim. – O Oliver olha-me finalmente de relance. – Que engraçado, nunca vos imaginei juntos. A Aida é tão selvagem. Não pensei que ela deixasse alguém do *jet set* pôr-lhe um anel no dedo.

– Só porque tu não conseguiste, não quer dizer que mais ninguém consiga – rosno.

A Aida interrompe-me.

– Por muito interessante que isto seja, acho que vou buscar qualquer coisa para comer.

Ela empurra-me para o lado, deixando-nos sozinhos.

Sem a presença da Aida, a tensão desaparece. Dou por mim irritado por estar sequer a falar com o Oliver, e mais ainda por estar irritado com o facto de ele, aparentemente, ter andado com a minha noiva falsa. Porque é que me havia de importar com quem a Aida namorou antes de mim? Ela podia ter papado a equipa inteira dos Bears, porque é que isso importaria? O nosso acordo é um negócio, nada mais.

Ainda assim, irrita-me quando o Oliver diz:

– Boa sorte, Griffin. Ela é das selvagens.

– Duvido que saibas alguma coisa sobre o que ela é ou não é – reajo.

O Oliver levanta as mãos em jeito de desculpa.

– Claro, claro. Aposto que tens tudo sob controlo.

Ele sorri-me com malícia, como se estivesse ansioso por ver de que forma a Aida vai lixar a minha vida. Infelizmente, acho que ele pode ter razão.

Vou ter com a Riona – ela deve estar a par desta história.

– Conheces o Oliver Castle? – pergunto-lhe.

– Sim.

Coloca uma madeixa do cabelo ruivo brilhante atrás da orelha. Tem o telemóvel na mão e está a ver os *e-mails* de trabalho nas pausas entre conversas. A Riona licenciou-se em Direito, principalmente para provar que era capaz. Agora trabalha para a firma que trata de todos os nossos interesses comerciais.

– O Castle namorou com a Aida?

A Riona levanta as sobrancelhas. São tão ruivas como o cabelo.

– *Sim* – responde ela, como se eu lhe tivesse perguntado se o *sushi* é feito de arroz. – Namoraram durante mais de um ano. Ele era *óbcecado* por ela. Completamente apaixonado, fazia figura de parvo, mal trabalhava, perseguia-a para onde quer que ela fosse. Ela foi de férias para Malta e ele abandonou o emprego a meio de uma importante aquisição. O pai dele ficou furioso.

– Então, o que é que aconteceu?

– Ela deixou-o sem mais nem menos. Ninguém conseguiu perceber. O Oliver é filho único, vai herdar a Keystone Capital. Além disso, é bem-parecido, charmoso... Ela deu-lhe com os pés e não disse a ninguém porquê.

– Bem, ele é um idiota de merda, para começar.

A Riona olha-me fixamente.

– Isso é *ciúme*? – interroga ela, incrédula.

– Não. – Faço uma careta. – Só não gosto de saber que a minha *noiva* andou com aquele primata. É o problema de casar com a porra de uma estranha!

– Fala mais baixo – aconselha calmamente a Riona. – Nenhum de nós gosta disto, mas como os nossos pais, aparentemente, enlouqueceram, temos de fazer o melhor que pudermos.

Pelo menos a Riona está do meu lado.

É uma pena que o meu pai esteja sempre a pôr-nos um contra o outro, porque eu respeito-a. Ela é disciplinada, trabalhadora, inteligente. Mas está sempre a morder-me os calcanhares, à espera que eu falhe para ficar com o meu lugar.

Bem, isso não vai acontecer. Vou ultrapassar isto, independentemente de quantos idiotas herdeiros a Aida namorou antes de mim.

– Ouve – digo à Riona. – Tenho de me dar bem com a Madeline Breck. Consegues fazer algum tipo de acordo com o Callahan?

Explico-lhe tudo.

O William Callahan é o chefe da polícia do meu distrito. Seria melhor se conseguisse ter o superintendente de toda a cidade do meu lado, mas, pelo menos, é um começo. Para mostrar à Madeline

Breck que tenho influência na polícia.

A Riona ouve, cética.

– Isso é difícil de conseguir.

– Tenta, pelo menos.

Ela assente, decidida. É a perfeccionista que há nela. Não consegue recusar uma tarefa.

Sai para falar novamente com o Callahan, e o Dante Gallo aproxima-se. Tem um daqueles rostos que parecem estar sempre por barbear, com sombras escuras à volta dos lábios e do maxilar. Tem um aspeto brutal, cru na cara e na estrutura física. Com uma postura curvada e defensiva, tal como um lutador. Não me sinto intimidado por ele – não me sinto intimidado por ninguém. Mas se eu tivesse de enfrentar um dos irmãos da Aida, não gostaria que fosse o Dante.

Já sei porque é que veio até aqui para falar comigo.

O Dante olha-me nos olhos.

– O meu pai pode estar a entregar-vos a Aida, mas não pensem por um segundo que nos estamos a esquecer dela. Ela é a minha irmã mais nova. Se lhe tocarem com um só dedo de uma forma que ela não goste... – avisa ele

Eu interrompo-o.

– Poupa-me. Não tenho qualquer intenção de abusar da Aida.

– Ótimo – rosna ele.

Mas agora sou eu que me aproximo dele.

– Deixa-me *dizer-te* uma coisa. Quando ela disser os votos de casamento, torna-se minha mulher. Ela pertence-me. O que lhe acontece já não é da tua conta. Ela responde a mim. O que se passa entre nós é da minha conta, não da tua.

Os ombros do Dante encolhem ainda mais. Ele cerra dois punhos do tamanho de toranjas.

– Ela vai ser sempre da minha conta – resmunga ele.

– Não sei porque é que estás preocupado. Tenho a certeza de que ela sabe tomar conta de si própria.

O Dante faz uma careta.

– Sim, ela sabe. Isso não significa que seja inquebrável.

Olho para o outro lado da sala, para onde a Aida está a falar com

o Nero. Aparentemente, ele não fechou o negócio com a empregada do bar. E a Aida parece estar a gozar com ele por causa disso. Enquanto observo, ela atira a cabeça para trás e ri-se tão alto que a consigo ouvir daqui. O Nero faz uma careta e dá-lhe um murro com força no ombro. Ela ri-se ainda mais.

– Ela vai ficar bem – garanto ao Dante.

– Trata-a com respeito – ameaça ele.

– Preocupa-te com o teu próprio lado da família – reajo num tom frio. – Se estamos acorrentados uns aos outros, vocês, selvagens de merda, têm de aprender a agir de forma civilizada. Mato-vos a todos antes de vos deixar arrastar-nos para o fundo.

– Desde que nos entendamos um ao outro. – O Dante vira-se e afasta-se.

Vou à procura de outra bebida.

Nesta última semana, já estive com os Gallo tempo suficiente para durar uma vida inteira. E ainda agora começámos a nossa nova relação “íntima”.

O Dante pode pegar na cena do irmão mais velho protetor e enfiá-la pelo cu acima.

Ele acha que a Aida tem um lado vulnerável?

Duvido.

Ela é um animal, tal como os irmãos.

O que significa que tem de ser domada.

O Oliver não foi capaz de a domar – ela passou-lhe por cima. Fez dele parvo, publicamente. Bem, ela não vai fazer isso comigo. Se a Aida é uma rocha, então eu sou o raio do oceano. E vou embater contra ela uma e outra vez, desgastando-a, uma pedrinha de cada vez. Até a ter quebrado e engolido por inteiro.

AIDA

Toda a semana seguinte é desperdiçada na idiotice do planeamento do casamento. A Imogen Griffin trata da maior parte, porque os Griffin são controladores e a minha família está-se nas tintas para a decoração do casamento. Mesmo assim, ela espera que eu aprove a disposição dos lugares, as flores e os menus, como se eu me importasse com isso.

Passar tempo com a família do Callum é bizarro. Ainda não consigo deixar de sentir que me vão atacar sempre que estou sozinha com eles. No entanto, há este faz de conta entre nós em que fingem que tudo isto é genuíno. É suposto eu alinhar como se fosse mesmo uma noiva prestes a casar.

Não consigo perceber a Imogen. Aparentemente, ela parece a típica *socialite* rica: loura, sempre com um penteado perfeito e um discurso refinado. Mas percebo que ela é inteligente e desconfio que está muito mais envolvida nos negócios dos Griffin do que deixa transparecer.

O casamento será simples, pois vai realizar-se muito em breve. Ela continua a insistir na necessidade de eu ter um vestido em condições. É por isso que estou na *Bella Bianca*, a experimentar vestidos de noiva em frente à Nessa, à Riona e à Imogen.

Não tenho qualquer mulher da família para convidar, não que as quisesse envolver nesta farsa.

A Nessa é a que está mais entusiasmada, trazendo vestido atrás de vestido para eu experimentar e depois batendo palmas e gritando de alegria por cada um. São todos vestidos de princesa e vestidos de baile com folhos, ridiculamente exagerados como um desenho animado trazido à vida. Durante metade do tempo, perco-me no tule. A Nessa tem de puxar as camadas para baixo, dar a volta a tudo e depois apertar-me o fecho.

Apesar de detestar todos os vestidos, não consigo evitar rir-me daquela energia contagiante. Ela é tão querida, com os enormes olhos verdes e as faces cor-de-rosa.

– Porque é que não experimentas alguns também? – pergunto-lhe.

– Oh, não. – Ela abana a cabeça, corando o suficiente para abafar as sardas. – Não posso fazer isso.

– Porque não? São tantos. Vai ser muito mais rápido se me ajudares.

– Bem...

Vejo que está desejosa de o fazer. Enfio-lhe nos braços um dos vestidos mais fofos.

– Anda lá, vamos ver.

A Nessa vai mudar de roupa. Suspirando de resignação, visto o vestido número sessenta e sete. Pesa cerca de cem quilos e tem uma cauda mais comprida do que a da Princesa Diana.

A Nessa sai com o ar de bailarina que é, o pescoço esguio a sobressair do corpete do vestido, a saia tão inchada como um tutu.

– O que é que acham? – questiona ela, rodopiando no estrado elevado. Agora parece uma daquelas bailarinas das caixinhas de música.

– Acho que és tu quem se devia casar. Fica-te muito melhor.

Estico as mãos para podermos dançar as duas. As nossas saias são tão grandes que temos de nos inclinar muito para a frente para darmos a mão uma à outra. A Nessa cai do estrado, aterrando incólume no enorme volume da sua própria saia. Desatamos as duas a rir.

A Riona olha para nós, sem sorrir.

– Despachem-se. Não tenho o dia todo para andar nisto.

– Escolhe um, então – digo-lhe. – Estou-me a cagar para o vestido que vou usar.

– É o teu vestido de noiva – lembra a Imogen, com a voz calma e educada. – Tem de te dizer algo. Tens de te identificar com ele. Depois, um dia, podes passá-lo à tua filha.

Sinto o estômago às voltas. Ela está a falar de uma filha fictícia que é suposto eu ter com o Callum Griffin. A ideia de andar por aí grávida do bebé dele dá-me vontade de arrancar esta saia e sair a correr da loja. Este sítio está cheio de tanto tule de um branco imaculado e de brilhantes, lantejoulas e rendas que mal consigo

respirar.

– Estou-me mesmo nas tintas. – Ponho a mão na cintura. – Não gosto muito de vestidos. Ou de roupa em geral.

– Isso é óbvio – observa a Riona, com sarcasmo.

– Sim – disparo –, não me visto como uma Barbie Empresarial. Já agora, como é que isso funciona? O teu pai deixa-te tomar notas durante as reuniões ou ficas lá parada com um ar bonito?

A cara da Riona fica tão vermelha como o seu cabelo.

A Imogen interrompe antes que a filha possa responder.

– Talvez algo um pouco mais simples te agrade, Aida.

Ela faz um gesto para a assistente, pedindo vários vestidos por número e nome do estilista. É óbvio que fez o trabalho de casa antes de vir. Ela que escolha o que quiser. Só quero que isto acabe. Nunca puxei tantos fechos de correr na minha vida.

Não sei o que aconteceu ao vestido da minha mãe. Mas sei como era – tenho uma fotografia do dia do casamento dela. Está sentada numa gôndola em Veneza, mesmo na proa do barco, com a longa cauda de renda a passar pela borda, quase a tocar na água esverdeada. Está a olhar diretamente para a câmara, altiva e elegante.

Na verdade, um dos vestidos que a Imogen escolheu é um pouco parecido com o da minha mãe – mangas curtas a sair dos ombros. Um corpete justo com um decote em forma de coração. Rendas à moda antiga, mas sem folhos. Apenas linhas simples e suaves.

– Gosto deste – digo, hesitante.

A Imogen concorda.

– Este esbranquiçado fica-te bem.

– Estás *deslumbrante* – acrescenta a Nessa.

Nem mesmo a Riona tem algo de depreciativo a dizer. Apenas inclina o queixo e assente.

– Vamos lá acabar com isto! – exclamo.

A funcionária pega no vestido, preocupada com o facto de não termos tempo para o alterar antes do casamento.

– Está ótimo assim – garanto-lhe.

– Sim, mas se o apertasse só um bocadinho no peito...

– Não faz mal. – Passo-lhe o vestido para as mãos. – Está

bastante bom.

– Contratei umas raparigas para te pentear e maquilharem na manhã do casamento – revela a Imogen.

Isso soa a mais alarido do que o necessário, mas esforço-me por sorrir e assentir. Não vale a pena discutir por causa disto – haverá muitas coisas por que discutir mais tarde.

– O Callum reservou-te um dia no *spa* antes do casamento – continua a Imogen.

– Isso não é de todo necessário.

– Claro que é! Vais querer relaxar e ser mimada.

Não gosto de relaxar nem de ser mimada.

É assim que a Imogen Griffin consegue levar a sua avante, tenho a certeza – dizendo-nos como vai ser num tom ligeiro e com um sorriso educado na cara. A comportar-se como se qualquer resistência fosse o cúmulo da indelicadeza, de modo que somos obrigados a alinhar.

– Estou ocupada – minto.

– Já está reservado. Mando um carro às nove para te ir buscar.

Estou quase a dizer *que não vou*, mas obrigo-me a respirar fundo e a engolir a rebeldia instintiva. É só um dia de *spa*. Elas estão a tentar ser simpáticas à maneira delas, insistentes e arrogantes.

– Obrigada – digo com os dentes cerrados.

A Imogen oferece-me um sorriso apertado.

– Vais ser a noiva perfeita.

Parece mais uma ameaça do que um elogio.

Cada dia passa mais depressa do que o anterior. Quando faltavam duas semanas para o casamento, parecia uma eternidade. Como se ainda pudesse acontecer alguma coisa que o cancelasse.

Mas só faltam três dias. Depois dois. Depois vai mesmo acontecer no dia seguinte, e eu estou à espera que o estúpido carro citadino da Imogen me venha buscar para me levar ao *spa* que não quero nem preciso.

Querem depenar-me e esfoliar-me e limpar todas as minhas arestas, fazer de mim uma esposa suave e macia para o descendente da sua família. O grande Callum Griffin.

Ele é o JFK deles, e é suposto eu ser a sua Jackie Kennedy.

Eu preferia ser o Lee Harvey Oswald.

Mesmo assim, acalmo toda a minha irritação e deixo o motorista levar-me a um *spa* elegante em Walton Street.

Para começar, não é assim tão mau. O Callum preparou mesmo tudo. As esteticistas molham-me os pés e pintam-me os dedos das mãos e dos pés. Fazem-me entrar num banho de lama gigante com um tipo de lama completamente diferente espalhado pela minha cara. Depois, põem-me um condicionador no cabelo e untam-me com óleo como se fosse um peru de Natal. Cobrem-me com pedras quentes, depois tiram-nas de novo e esfregam e massajam cada centímetro do meu corpo.

Como me estou nas tintas para o facto de estar nua, esta é a minha parte preferida. Tenho duas senhoras e um total de quatro mãos em cima de mim, a esfregar e a massajar e a trabalhar todos os pequenos nós induzidos pelo *stress* que se entranharam no meu pescoço, nas minhas costas e até nos meus braços e pernas. Visto que foi o Callum quem desencadeou esse *stress*, acho apropriado que seja ele a pagar para que o eliminem.

É tão deliciosamente relaxante que começo a adormecer, embalada pelas mãos das mulheres na minha pele e pelos sons falsos do oceano que são emitidos pelos altifalantes.

Acordo com uma dor lancinante na zona das virilhas. A esteticista está em cima de mim, a segurar uma tira de cera com os pequenos pelos que costumavam estar agarrados ao meu corpo.

– Mas que raio? – grito.

– Pode arder um pouco – diz ela num tom completamente antipático.

Olho para baixo, para as minhas partes íntimas, que estão agora completamente carecas do lado esquerdo.

– *Que raio estás a fazer?*

– A sua depilação brasileira – replica ela, colocando outra tira de cera no lado direito.

Dou-lhe uma palmada na mão.

– Não quero a merda de uma depilação brasileira! Nem sequer quero ser depilada.

– Bem, estava na lista de pedidos.

Ela pega na prancheta e entrega-ma, como se isso fosse aliviar o fogo ardente nas partes recentemente carecas e horivelmente sensíveis da minha virilha.

– Não fui eu que fiz o raio da lista de pedidos! – brado, atirando a prancheta para o chão. – E não quero que pratiquem as vossas técnicas de tortura nas minhas virilhas.

– A cera já está pronta – diz ela, apontando para a tira que acabou de aplicar. – Tem de sair, de uma maneira ou de outra.

Tento levantar a borda da tira de cera. Ela tem razão. Já está pronta e agarrada aos poucos pelos que me restam.

A esteticista olha para mim sem qualquer simpatia naqueles olhos azuis frios. Acho que estas mulheres se excitam a infligir dor. Consigo vê-la facilmente a trocar a bata branca por um espartilho de cabedal e um chicote.

– Então, tira-me isso – digo eu, mal-humorada.

Com um puxão rápido, a esteticista arranca a tira, deixando outra faixa de pele lisa e cor-de-rosa.

Grito e solto uma série de palavrões, alguns em inglês, outros em italiano. A esteticista nem pestaneja. Tenho a certeza de que já ouviu de tudo.

– Pronto, já chega!

– Não pode deixar as coisas assim – comenta ela, torcendo o nariz.

Cazzo! Tenho cerca de dois terços da minha rata depilada, com pequenas manchas de pelo em sítios estranhos. De facto, é horrível. Não é por causa do Callum que me importo, mas não *quero* ter de olhar para aquilo durante semanas até voltar a crescer.

Não acredito na lata do gajo, marcar uma depilação brasileira juntamente com tudo o resto. Ele pensa que já é dono da minha rata? Pensa que pode decidir que aspeto tem?

Devia esperar que ele estivesse a dormir e depois pôr-lhe cera quente nos tomates. Dar-lhe a provar do seu próprio remédio.

Em tom sombrio, digo-lhe:

– Tira tudo.

São precisas mais três tiras e muitos mais palavrões para tirar os restantes pelos. Quando termina, estou completamente careca, o ar

fresco toca-me como nunca antes tocara.

É humilhante como o caraças. É... o que quer que seja a versão feminina de castração. Sou como o Sansão. O Callum roubou-me o cabelo e tirou o meu poder.

Vou vingar-me dele por isto, aquele maldito, pervertido de merda. Ele pensa que me pode obrigar a depilar tudo sem o meu consentimento? Ele não sabe o que despoletou.

As esteticistas voltam a massajar-me. Por dentro, estou a fumegar.

Já estou a planear todas as formas de fazer da vida do Callum um inferno.

CALLUM

É o dia do meu casamento.

Não é nada como eu imaginava, mas na verdade nunca passei muito tempo a imaginar o casamento. Esperava que acabasse por acontecer, mas nunca me preocupei muito com isso.

Namorei com muitas mulheres – quando era conveniente. Sempre tive os meus planos, os meus objetivos. As mulheres tinham de se ajustar a isso, ou eu dispensava-as assim que se tornassem mais problemáticas do que aquilo que valiam.

Na verdade, eu estava a namorar com alguém quando o meu pai arranjou tudo isto com os Gallo. A Charlotte Harper e eu estávamos juntos há cerca de três meses. Assim que soube que estava “noivo”, liguei-lhe para acabar tudo. E senti... nada. Era igual voltar a ver a Charlotte ou não. Não há nada de errado com ela – é bonita, tem sucesso, é bem relacionada. Mas quando termino com uma mulher, sinto o mesmo que quando deito fora um par de sapatos velhos. Sei que em breve encontrarei uma substituta.

Desta vez, a substituta é a Aida Gallo. É suposto eu amá-la, acarinhá-la e protegê-la até ao fim dos seus dias. Não sei se consigo fazer alguma dessas coisas, exceto talvez mantê-la segura.

Eis uma coisa que sei: não vou aturar os disparates dela quando estivermos casados. É como o meu pai diz: ela precisa de ser treinada. Não vou ter uma mulher selvagem e desobediente. Vai aprender a obedecer-me, de uma maneira ou de outra. Mesmo que eu tenha de a moer até ficar em pó sob os meus pés.

Esboço um sorrisinho, ao pensar no seu “dia de *spa*” de ontem. O objetivo era, obviamente, prepará-la para esta noite. É suposto eu consumir o casamento, e não vou comer uma rapariguinha desarrumada, de chinelos e calções de ganga. Espero que esteja devidamente aprumada, da cabeça aos pés.

Adoro a ideia de ela ser preparada, limpa e depilada de acordo com as minhas especificações. Como uma pequena boneca, construída exatamente como eu gosto.

Já tomei banho e fiz a barba, por isso agora é altura de vestir o *smoking*. Mas quando procuro no gancho do armário onde esperava que estivesse pendurado, não está lá nada.

Chamo a Marta, uma das nossas empregadas domésticas.

– Onde está o meu *smoking*?

– Lamento, Sr. Griffin – responde ela, nervosa. – Fui à loja para o ir buscar, como me disse, mas fui informada de que a encomenda tinha sido cancelada. Em vez disso, foi enviada uma caixa para cá, da parte da Menina Gallo.

– Uma caixa?

– Sim, posso trazê-la para cima?

Espero com impaciência à porta enquanto a Marta sobe as escadas a correr, com uma grande caixa quadrada de roupa nas mãos.

Mas que raio é isto? Porque é que a Aida anda a brincar com o meu *smoking*?

– Deixa-a aí – ordeno à Marta. Ela pousa cuidadosamente a caixa no meu sofá. Espero que se vá embora e abro-a.

Por cima está um envelope, com uma caligrafia confusa que só posso presumir ser da minha noiva. Abro-o e tiro um bilhete:

Querido noivo,

Foi muito gentil da tua parte tratares ontem de toda a minha preparação para o casamento. Que experiência tão estimulante e inesperada!

Decidi retribuir o favor com uma prenda minha – um pequeno pedaço da minha cultura para o teu dia de casamento.

Tenho a certeza de que me darás a honra de usar isto na nossa cerimónia de casamento. Receio que seja impossível dizer os meus votos sem esta lembrança de casa.

*Para sempre tua,
Aida*

Não consigo deixar de sorrir com a descrição que ela faz do *spa*.

O sorriso congela na minha cara quando separo o papel de seda e vejo o *smoking* que ela espera que eu use.

Parece a porra de um fato de palhaço. Feito de cetim castanho brilhante, está coberto de bordados berrantes nos ombros, nas lapelas e até na parte de trás do casaco. É um fato de três peças com um colete, para não falar do lenço de bolso e da gravata de renda. A única pessoa que consigo imaginar a usar isto é o Liberace.

A minha mãe entra apressadamente na sala, com um ar atarefado. Vejo que já está vestida com um elegante vestido de *cocktail* verde-sálvia, o cabelo num liso gorro pálido, brincos de ouro de gosto requintado a pender dos lóbulos.

– O que estás a fazer? Porque é que não estás vestido? – interroga ela, quando me vê ali parado com uma toalha à volta da cintura.

– Porque não tenho o meu *smoking*.

– O que é isso?

Afasto-me para que ela possa ver. Ela pega na gravata de renda, segurando-a com desagrado entre o indicador e o polegar.

– Uma prenda da minha futura noiva. – Estendo-lhe o cartão.

A minha mãe lê-o de relance e franze o sobrolho.

– Veste-o – ordena ela.

Deixo escapar uma gargalhada.

– Só podes estar a brincar.

– Veste-o! Não temos tempo para comprar outro *smoking*. E não vale a pena estragar tudo por causa de um fato.

– Isto não é um fato. É um embaraço do caraças.

– Não quero saber! – dispara ela bruscamente. – É um casamento pequeno. Ninguém vai reparar.

– Não vai acontecer.

– Callum... já chega. Vais ter mais uma centena de batalhas para travar com a Aida. Tens de escolher as mais importantes. Agora, põe-te a mexer, temos de sair daqui a seis minutos.

Inacreditável. Pensei que ela ia perder a cabeça com isto, nem que fosse pela forma como o castanho vai chocar com o esquema de cores creme, azeitona e cinzento cuidadosamente selecionado.

Visto o fato ridículo, quase me engasgo com o cheiro a naftalina.

Nem quero saber onde é que a Aida arranjou isto. Provavelmente, o bisavô dela foi enterrado nele.

O importante é a forma como a vou castigar por isto.

Ela cometeu um erro grave ao picar o urso repetidamente. Está na altura de eu acordar e dar-lhe uma boa palmada.

Ela vai ter o que merece esta noite.

Assim que me visto, desço as escadas a correr e vou para a limusina que me espera. A que levava a minha mãe e as minhas irmãs já saiu – sou só eu e o meu pai.

Ele levanta uma sobrancelha ao ver o meu fato, mas não diz nada. A minha mãe, provavelmente, já o informou.

– Como te sentes?

– Fantástico – replico. – Não dá para perceber?

– O sarcasmo é a forma mais básica de humor – informa-me ele.

– Pensei que eram as frases feitas.

– Isto vai ser bom para ti, Cal. Não o consegues ver agora, mas vai ser.

Cerro os dentes, imaginando-me esta noite a descarregar todas as minhas frustrações no rabinho apertado da Aida.

Sinto-me ímpio ao entrar na igreja – como se Deus nos pudesse fulminar por esta união profana. Se a Aida me chatear muito, vou mergulhá-la na água benta e ver se pega fogo.

É fácil ver que lado do corredor é o meu e qual é o da Aida – todos aqueles italianos de cabelo escuro e encaracolado contra os tons de crina de cavalo dos irlandeses: louros, ruivos, cinzentos e morenos.

Os padrinhos são os irmãos da Aida; as damas de honor, as minhas irmãs. Temos números iguais, porque só o Dante e o Nero estão de pé – o Sebastian está sentado na fila da frente, numa cadeira de rodas, com o joelho inchado por causa da ligadura debaixo das calças.

Não sei se ele precisa mesmo da cadeira de rodas ou se é apenas um “vai-te lixar” para o meu lado da família. Sinto uma pontada de culpa, mas afasto-a, dizendo a mim próprio que os Gallo têm sorte por se terem safado tão facilmente.

O vestido de dama de honor verde-sálvia fica muito bem à

Riona, mas não à Nessa – dá-lhe um ar pálido e um pouco doentio. Ela não parece importar-se. É a única que está a sorrir junto ao altar. O Dante e a Riona estão a olhar um para o outro, e o Nero está a olhar para a Nessa com uma expressão de interesse que me deixa a cinco segundos de lhe pôr os dedos à volta da garganta. Se ele lhe disser uma única palavra que seja, parto-lhe aquela carinha laroca.

A igreja está impregnada com o aroma intenso das peónias de cor creme. O padre já está no altar. Estamos à espera da Aida.

A música começa. Após uma pausa momentânea, a minha noiva começa a percorrer o corredor até ao altar.

Está a usar um véu e um vestido de renda simples que se arrasta atrás dela. Tem um *bouquet* numa mão, mas deixa-o pender junto à coxa, usando a outra mão para segurar a saia do vestido. Não consigo ver-lhe o rosto por trás do véu, o que faz com que me aperceba, mais do que nunca, de que estou a casar com uma estranha. Pode estar qualquer pessoa ali debaixo.

A minha noiva para à minha frente. Levanto o véu.

Vejo-lhe a pele lisa e bronzeada, e os olhos cinzentos e claros, com pestanas fortes. Tenho de admitir que está linda. A revelação daquele rosto ilumina quão belas são aquelas feições quando não estão enrugadas numa expressão demoníaca.

Não dura muito tempo – assim que tem uma visão desimpedida do meu fato, o rosto dela ilumina-se com uma alegria maliciosa.

– Estás *fantástico*. – Solta um risinho.

– Vou vingar-me – informo-a calmamente.

– Eu já estava a vingar-me de *ti* por causa daquela treta que fizeste no *spa*!

O padre clareia a garganta, querendo começar a cerimónia.

– Quando estiveres casada comigo, espero que te portes sempre bem.

– Uma *porra* – solta a Aida, suficientemente alto para sobressaltar o padre.

– Há algum problema? – Ele franze-nos o sobrolho.

– Não há qualquer problema. Comece a cerimónia – ordeno.

Eu e a Aida continuamos a falar um com o outro em sussurros,

enquanto o padre lê os votos.

– Se pensas que vou ser uma pequena estrela porno para tu...

– Isso é só o mínimo dos mínimos...

– Sim, de certeza que foi o *mínimo*...

Interrompemos a conversa quando percebemos que o padre está a olhar para nós.

– Callum Griffin e Aida Gallo, vieram aqui livremente e sem reservas para se entregarem um ao outro em matrimónio?

– Sim – respondo.

– Oh, sim – diz a Aida, no tom de voz que o meu pai classificaria como “a forma mais básica de humor”.

– Vão honrar-se um ao outro como marido e mulher para o resto das vossas vidas?

– Sim – replico, depois de um momento de hesitação. O resto das nossas vidas é um tempo muito longo. Não o quero imaginar neste momento.

– Sim – repete a Aida, olhando para mim como se estivesse a planear tornar o resto da *minha* vida o mais curta possível.

– Aceitarão os filhos de Deus com amor e criá-los-ão de acordo com a lei de Cristo e da sua Igreja?

– Sim – respondo. Engravidava a Aida neste preciso momento, só por causa da fúria que isso lhe causaria. Seria uma forma de domar a fera.

A Aida já está com um ar tão irritado que acho que não vai responder à pergunta. Finalmente, por entre lábios rígidos, murmura:

– Sim.

– Então, digam os vossos votos – pede o padre.

Agarro nas mãos da Aida e aperto-as com toda a força que consigo, tentando fazê-la estremecer. Ela teima em manter a cara fechada, recusando-se a reconhecer a pressão nos dedos.

– Eu, Callum Griffin, aceito-te, Aida Gallo, como minha esposa. Prometo ser-te fiel nos bons e maus momentos, na doença e na saúde. Amar-te-ei e honrar-te-ei todos os dias da minha vida.

Digo as palavras rapidamente, após as ter memorizado durante a viagem de carro.

A Aida olha para mim por um instante, os olhos cinzentos mais sérios do que o habitual. Num tom suave, ela repete-me o voto.

– Declaro-vos marido e mulher – diz o padre.

E pronto. Estamos casados.

A Aida inclina os lábios para cima para um beijo casto.

Para lhe mostrar quem é que manda, agarro-a pelos ombros e beijo-a com força, forçando a minha língua a entrar-lhe na boca. Os lábios e a língua dela têm um sabor doce. Ácidos e frescos. Como algo que eu não provava há muito tempo...

Morangos.

Já estou a sentir a língua a ficar dormente. A minha garganta começa a inchar, a minha respiração sai num assobio.

A igreja rodopia à minha volta num caleidoscópio de cores enquanto caio ao chão.

Aquela *cabra* de merda!

O meu marido passa a noite nas urgências. Parece que a alergia aos morangos era mesmo grave. Não compensa as semanas que o Sebastian passou no hospital nem os meses de reabilitação e a perda desta época de basquetebol, mas já é alguma coisa.

Também me permite saltar a farsa das fotografias de casamento, o jantar, o baile e todos os outros disparates em que não queria participar. Já foi suficientemente mau ter de dizer todas aquelas mentiras numa igreja, em frente a um padre. Não sou religiosa, mas isso não melhorou as coisas. O palavreado religioso foi a cereja no topo do bolo.

Era suposto eu e o Callum irmos para o hotel Four Seasons para consumir a nossa união. Isso é outra coisa que acaba por não acontecer. Vou sozinha para a suite de lua de mel, descalço os sapatos, desfaço-me do vestido de renda que me faz comichão e peço tanta comida através do serviço de quartos que a rececionista parece muito preocupada quando lhe digo que só preciso de um garfo.

Em suma, é uma noite bastante gloriosa. Experimento todos os tipos de bolo do menu enquanto vejo episódios antigos de *Lei & Ordem – Unidade Especial* e *Project Runway*.

A manhã não é tão animada. Tenho de fazer a mala e ir para a mansão dos Griffin, junto ao lago. Porque é onde vou passar a morar. É a minha nova casa.

Sinto uma profunda amargura em relação ao meu pai e aos meus irmãos quando entro no táxi. Eles estão em casa, a mesma onde nasci, o sítio onde vivi durante toda a minha vida. Podem ficar lá, com a família por perto, enquanto eu tenho de ir para o covil dos leões. Tenho de viver no meio dos meus inimigos para o resto da vida. Rodeada de pessoas que me odeiam e desconfiam de mim. Nunca verdadeiramente confortável. Nunca realmente protegida.

A mansão dos Griffin parece deslumbrante e imponente. Odeio o relvado cuidado e as janelas resplandecentes. Odeio como tudo na

vida deles tem de ser tão perfeito, tão desprovida de alma. Onde estão as árvores mal podadas ou os arbustos que plantamos porque adoramos o cheiro das flores?

Se me dissessem que o jardim deles está cheio de plantas de plástico, não me surpreenderia. Tudo o que fazem é pela aparência, nada mais.

Por exemplo, a forma como a Imogen Griffin se encontra à porta para me receber. Sei que se está nas tintas para mim, exceto pelo facto de eu contribuir para promover a carreira do filho e talvez dar-lhe netos.

De facto, assim que entro, a máscara cai.

– Foi uma partida e tanto que pregaste – diz ela com os lábios pálidos. – Presumo que sabias que ele era alérgico.

– Não sei do que está a falar.

– Não me insultes. – Os olhos dela fixam-se nos meus, incendiados por um fogo azul. – Podias tê-lo matado.

– Ouça – digo –, eu não sabia que ele era alérgico. Não sei nada sobre ele. Somos estranhos, lembra-se? Podemos hoje estar casados, mas sinto-me igual a ontem... como se mal vos conhecesse.

– Bem, há uma coisa que tens de saber sobre mim. – O tom de voz da Imogen é mais agudo do que aquele que as senhoras do clube de campo alguma vez ouviram. – Enquanto fizeres parte desta família, vou ajudar-te e proteger-te. Mas toda a gente aqui faz a sua parte. Trabalhamos em conjunto para aperfeiçoar o nosso império. Se ameaçares o que estamos a construir, ou se puseres em perigo qualquer membro da família, quando fores dormir nessa noite, nunca mais voltarás a acordar. Estamos entendidas?

Ah. Esta é a Imogen Griffin que procurava. O aço por detrás da *socialite*.

– Eu percebo o conceito de lealdade familiar – replico. – Ver-me como parte da família Griffin... isso é outra coisa completamente diferente.

A Imogen fita-me fixamente por um momento, depois assente.

– Vou mostrar-te o teu quarto.

Sigo-a pela escadaria larga e curva até ao piso superior.

Já cá estive uma vez. Já sei o que está à esquerda: os quartos das

raparigas e a suite principal que pertence à Imogen e ao Fergus.

A Imogen vira à direita. Passamos pela biblioteca, que não mostra qualquer indício de ruína com fumo. Não resisto a espreitar. Parece que a Imogen já renovou o espaço, substituindo a alcatifa e pintando as paredes. Agora são azul-claro, com portadas nas janelas, em vez de cortinas. Até a lareira foi renovada: uma nova fachada de pedra branca e uma caixa de vidro para a grelha.

– Acabaram-se os acidentes – comenta a Imogen, num tom seco.

– Muito mais seguro – concordo, sem saber se hei de rir ou sentir-me embaraçada.

Caminhamos por um longo corredor até outra suite privada, semelhante em tamanho à principal. Quando a Imogen abre as portas, apercebo-me de que estamos no quarto do Callum. Tem exatamente o tipo de decoração masculina sóbria e atenção à ordem que eu esperaria. O quarto cheira inteiramente a homem... perfume, loção para a barba, sabonete e uma sensação da falta da sua presença naquela cama onde não dormiu. Sinto pequenos arrepios nos braços.

Estava a contar que os Griffin me dessem um quarto só para mim. Como a realeza de antigamente, que vivia em aposentos separados. Pensei que, na pior das hipóteses, o Callum teria de me fazer uma visita noturna de vez em quando.

Aparentemente, eles esperam mesmo que partilhemos um quarto, que durmamos lado a lado naquela cama larga e baixa. Escovar os dentes no mesmo lavatório de manhã.

Esta porra toda é tão estranha.

O Callum e eu não tivemos uma única conversa que não fosse agressiva ou ameaçadora. Como é que vou conseguir fechar os olhos à noite?

– Tenho a certeza de que há muito espaço para as tuas roupas – diz a Imogen, olhando para a minha pequena mala. – O teu pai vai mandar o resto das tuas coisas?

– Sim.

São só umas caixas. Não tenho assim tantas coisas. Além disso, não queria trazer nada de pessoal para aqui. O meu minúsculo vestido de batismo, a aliança de casamento da minha mãe, álbuns

de fotografias antigos – tudo isso pode ficar no sótão da casa do meu pai. Não há razão para os trazer para aqui.

– Quando é que... o Callum vai voltar? – pergunto à Imogen, de forma hesitante.

– Ele já cá está – revela ela. – A descansar junto à piscina.

– Oh. Está bem.

Merda. Estava à espera de uma pausa mais longa antes de o ver.

– Deixo-te sozinha para que te instales – diz a Imogen.

Não demoro muito a arrumar os meus artigos de higiene e a minha roupa. O Callum teve o cuidado de desocupar o espaço debaixo de um dos lavatórios da casa de banho e metade do enorme roupeiro.

Não era preciso deixar um dos lados do roupeiro vazio. As minhas roupas parecem ridiculamente solitárias, ali penduradas.

Embora o Callum não tenha assim tanta roupa. Tem uma dezena de camisas brancas iguais e três azuis, fatos em tons de carvão e preto, e um guarda-roupa casual igualmente uniforme. As roupas estão dispostas com uma precisão robótica.

Toco na manga de uma das três camisolas de caxemira cinzentas iguais.

– Casei-me com um psicopata.

Depois de desfazer as malas, não há mais nada a fazer, exceto procurar o Callum.

Desço as escadas, pensando se devo pedir desculpa. Por um lado, ele estava mesmo a pedi-las. Por outro, senti-me um pouco culpada quando a cara dele inchou e ele se agarrou à garganta.

Eu tinha comido morangos durante toda a manhã, pensando que lhe ia dar comichão. Talvez estragasse algumas das nossas estúpidas fotografias de casamento.

No entanto, as consequências foram muito mais dramáticas. Se a Imogen Griffin não tivesse uma EpiPen escondida na carteira *Birkin*, neste momento eu poderia ser viúva, em vez de esposa. Ela foi a correr ter com o filho, espetando-lhe a agulha na coxa, enquanto o Fergus chamava uma ambulância.

No entanto, quando chego à piscina, vejo que o Callum parece completamente recuperado. Não está a descansar, mas sim a dar

voltas à piscina. O braço corta a água como uma faca e gotículas de água brilham no cabelo escuro. O corpo magro e poderoso mergulha debaixo de água, empurra a parede e percorre metade do comprimento da piscina antes de ter de subir para apanhar ar.

Sento-me numa das espreguiçadeiras, a vê-lo nadar.

É realmente espantoso o tempo que ele consegue sustentar a respiração debaixo de água. Acho que os Griffin devem ser parentes dos golfinhos.

Vejo-o nadar mais uma dúzia de voltas e só me apercebo de que já passou muito tempo quando ele para abruptamente, apoia os braços na beira da piscina e sacode a água dos olhos. Fita-me, fixando-me com uma expressão pouco amigável.

– Aqui estás tu.

– Sim. Aqui estou eu. Pus as minhas coisas no teu quarto. – Não lhe chamo o *nosso* quarto. Não me parece nada disso.

O Callum parece igualmente irritado com a perspetiva de partilhar aposentos.

– Não temos de ficar aqui para sempre – diz ele, amuado. – Após as eleições, podemos começar a procurar a nossa própria casa. Depois podemos ter quartos separados, se preferires.

Assinto.

– Talvez seja melhor assim.

– Já estou a acabar – continua o Callum, preparando-se para dar outro impulso na parede.

– Está bem.

– Mas antes disso, uma coisa.

– O quê?

Ele faz-me sinal para que me aproxime.

Dou uns passos até à beira da piscina, ainda distraída com a questão de saber se devo pedir desculpa ou não.

O Callum levanta o braço e a sua mão fecha-se à volta do meu pulso. Com um movimento brusco, arrasta-me para a água e envolve-me com os seus braços de ferro.

Fico tão surpreendida que dou um grito, soltando o ar, em vez de o inspirar. A água fecha-se sobre a minha cabeça, mais fria do que eu esperava. O Callum aperta-me com força, imobilizando os

meus braços contra o meu corpo, de modo que eu não os possa mexer.

A piscina é demasiado profunda para que os meus pés toquem no fundo. O peso do Callum arrasta-me para baixo como uma bigorna. Aperta-me como uma cobra, pressionando-me contra o seu corpo.

Contorço-me e debato-me, mas não consigo dar pontapés, e os meus braços estão presos. Os pulmões ardem, tentando forçar-me a inalar, mesmo sabendo que vou aspirar uma boca cheia de água com cloro.

Os meus olhos abrem-se involuntariamente. Tudo o que consigo ver é um azul-petróleo brilhante, turbulento com a luta inútil. O Callum vai matar-me. Vai afogar-me aqui mesmo. Esta é a última coisa que alguma vez verei – o último pedacinho do meu ar, a subir à superfície em bolhas prateadas.

Estou a contorcer-me, a sacudir-me, a começar a ficar mole à medida que manchas de tinta explodem à frente dos meus olhos.

Depois, finalmente, ele liberta-me.

Volto à superfície, a arfar e a tossir. Estou exausta de lutar contra ele. É difícil manter-me à superfície com as minhas calças de ganga e *T-shirt* encharcadas a arrastarem-me para baixo.

Ele aparece ao meu lado, fora do alcance dos meus braços, que se agitam.

– Seu *cabrão*! – grito, tentando bater-lhe.

– Então, como te sentes quando não consegues respirar? – pergunta ele, olhando para mim.

– Vou dar-te a comer todos os morangos que encontrar! – guincho, ainda a engasgar-me com a água da piscina.

– Sim, ora tenta. E para a próxima amarro-te a merda de um piano às pernas antes de te atirar para a piscina.

Ele nada para o outro lado e sai antes mesmo de eu chegar à ponta.

Espero até ele se ir embora para sair da piscina, toda molhada e a tremer.

E pensar que eu ia pedir-lhe desculpa.

Bem, aprendi a minha lição.

O Callum não sabe com quem está a brincar. Ele pensou que eu

tinha estragado a casa dele antes? Agora vivo aqui. Vou ver tudo o que ele faz, ouvir tudo. Depois vou usar o que descobrir para o destruir.

CALLUM

Entro em casa, com o corpo todo a tremer de raiva.

A lata daquela maldita rapariga, aparecer aqui com a sua malinha como se não tivesse tentado matar-me. Como se eu não tivesse passado a noite de núpcias no hospital com a merda de um tubo enfiado na garganta.

Ela humilhou-me à frente de toda a gente – primeiro com aquele fato, depois fazendo-me parecer fraco, frágil, completamente patético.

Esta alergia é o meu maior embaraço. Faz-me sentir como uma criança com óculos fundo de garrafa e nariz ranhoso. Odeio o facto de isso ser tão irracional. Odeio o facto de não a conseguir controlar. Odeio o facto de ter uma vulnerabilidade tão ridícula.

Não sei como é que ela descobriu, mas o facto de ter descoberto e usado isso contra mim deixa-me absolutamente furioso.

Puxei-a para debaixo de água para lhe dar um gostinho do seu próprio veneno. Para ver se gosta de se debater e ficar sem ar, impotente perante a necessidade de respirar.

Isso fez-me sentir melhor. Durante um minuto.

Mas também me fez sentir outra coisa.

O corpo dela a torcer-se e a contorcer-se contra mim... Não era suposto ser sexy.

– Cal – chama o meu pai, quando passo pela porta da cozinha.

Olho de relance para a divisão e vejo-o sentado ao balcão a comer uma das refeições que o cozinheiro deixa preparadas no frigorífico.

– Onde é que está a Aida?

– Na piscina – respondo-lhe, cruzando os braços sobre o peito nu. Não me dei ao trabalho de pegar numa toalha. Estou a molhar os azulejos todos.

– Devias levá-la a algum sítio esta noite. Um jantar agradável. Talvez um espetáculo.

– E porquê?

– Por causa do teu... acidente... de ontem, não usaste a suite da lua de mel.

– Estou ciente disso – reajo, tentando manter o sarcasmo fora da minha voz.

– Precisas de selar o acordo, por assim dizer. Sabes que um casamento não está finalizado até ser consumado.

– Então, queres que eu a foda esta noite, é isso?

Ele pousa o garfo ao lado do prato, fixando-me com um olhar frio.

– Não é preciso seres rude.

– Vamos chamar as coisas pelos nomes. Queres que eu coma esta rapariga, apesar de nos odiarmos, apesar de ela me ter tentado matar ontem, porque não queres que a tua preciosa aliança se desfaça.

– Exatamente – diz ele, pegando mais uma vez no garfo e espetando uma uva da salada Waldorf. – E não te esqueças de que esta aliança não é *minha*. Beneficia-te mais do que a qualquer outra pessoa.

– Pois – solto, com azedume. – Tem sido uma verdadeira alegria até agora.

Subo as escadas, dispo os calções de banho e ponho o chuveiro a correr o mais quente que consigo aguentar. Demoro muito tempo a ensaboar-me, a lavar o cabelo, deixando a água bater-me nos ombros.

Sei que devo “fazer da Aida a minha mulher” em todos os sentidos da palavra, mas duvido que ela esteja com disposição para isso depois de quase a ter afogado. Nunca fui de grandes gestos românticos, mas mesmo sob as interpretações mais liberais, não acho que afogamento conte como preliminares.

Na verdade, duvido que ela aceite ir jantar comigo. O que, para mim, é ótimo. Provavelmente, come com as mãos. E só me iria envergonhar se a levasse a um sítio mais requintado.

Mesmo depois de ouvir a Aida entrar no quarto, fico exatamente onde estou, a desfrutar do duche quente. Por mim, ela pode ficar lá fora a tremer de frio.

Consigo ouvi-la a andar de um lado para o outro, mas não

consigo ver o que está a fazer. Estou aqui há tanto tempo que a divisória de vidro do duche ficou opaca com o vapor.

A Aida assusta-me quando entra, completamente nua.

– Ei! – exclamo. – Que raios estás a fazer?

– A tomar banho, obviamente. Um parvalhão puxou-me para dentro da piscina.

– Eu já estava aqui.

– A sério? – Ela fixa-me com um olhar pouco impressionado. – Obrigada por me informares desse facto. Esse é o tipo de observação perspicaz e informação privilegiada que certamente te vai assegurar o lugar de vereador.

– O sarcasmo é a forma mais básica de humor – digo-lhe, no tom mais insuportável do meu pai.

– Receber lições de humor de ti seria como perguntar a um cão como fazer uma operação ao apêndice – responde ela.

Ela dá-me uma cotovelada para chegar ao champô.

O braço nu dela roça a minha barriga e apercebo-me de que nunca nos tínhamos visto nus até agora.

Estou habituado a raparigas que mantêm os corpos tortuosamente magros recorrendo a todos os meios possíveis – dieta, comprimidos, Pilates e até intervenções cirúrgicas. A Aida, obviamente, não se preocupa com nada disso. Pelo que vi, come e bebe o que lhe apetece, e provavelmente não faz desporto há anos. Consequentemente, é curvilínea, possui um ventre macio e um grande rabo.

Mas tenho de admitir... aquela figura é *sexy* como o caraças. Acho que ela não ia gostar de me ouvir dizer isto, mas tem aquele ar clássico de ícone sexual – tipo, se eu lhe pusesse um biquíni de pele, seria a Raquel Welch no filme *Quando o Mundo Nasceu*.

Fico curioso para saber qual seria a sensação de agarrar um punhado daquela carne macia, de a ver cavalgar em cima de mim. Poder atirar-me a ela e dominá-la, sem recear que se parta como uma boneca de porcelana.

Aquela pele lisa e castanho-clara é ainda mais bonita quando se pode ver mais dela. O duche quente está a dar-lhe um tom rosado, especialmente no peito. Estou a tentar não olhar para os seios dela,

mas a forma como a espuma de sabão desliza pelo espaço entre eles é tão perturbadora...

A água quente escorre-lhe pelo corpo até ao sulco entre as coxas. Posso ver-lhe a rata acabada de depilar, completamente exposta, parecendo mais macia que veludo. O facto de ter sido depilada para mim, sob as minhas instruções, é incrivelmente erótico.

A Aida é tão selvagem e rebelde que obrigá-la a fazer qualquer coisa é uma proeza incrível. Ela está determinada a contrariar-me, a fazer o oposto do que eu disser.

Quanto mais se rebela, mais eu quero controlá-la. Quero submetê-la à minha vontade. Quero obrigá-la a fazer tudo o que eu disser, para meu prazer...

O meu pénis pende pesado e inchado entre as minhas pernas. As pestanas da Aida tremem quando olha para baixo.

Ela desvia o olhar, enxaguando o champô do cabelo. Não tarda muito, o olhar volta a descer.

Sei que estou em boa forma. Faço exercício todas as manhãs: sessenta minutos de musculação, trinta minutos de cárdio. O nosso *chef* faz refeições perfeitamente dimensionadas para garantir a ingestão perfeita de proteínas, hidratos de carbono e gorduras. Tudo isto resultou num físico bastante musculado.

O olhar da Aida demora-se nos meus abdominais e o membro continua a inchar diante dos seus olhos. Agora está a projetar-se do meu corpo.

- Vês alguma coisa de que gostas?
- Não – responde ela, teimosa como sempre.
- Sua grande mentirosa.

Aproximo-me dela para que o meu pénis ereto lhe roce na anca nua. A minha coxa desliza entre as dela, escorregadia por causa da espuma. Enfio-lhe uma mão no cabelo, enrolando a ponta dos fios molhados à volta da palma da mão e puxando-lhe a cabeça para trás, para que ela tenha de olhar para mim.

– Estragaste a nossa noite de núpcias. Sabes que não estamos realmente casados até dormirmos juntos.

- Eu sei – diz ela.
- Não tens andado a comer mais nada que seja venenoso, pois

não?

Antes que ela possa responder, pressiono os meus lábios com força contra os dela.

Quando beijei a Aida na igreja, foi apenas para terminar aquela cerimónia estúpida. Agora estou a beijá-la porque quero saborear aquela boca outra vez. Quero pressionar todo o meu corpo contra o dela e passar-lhe as minhas mãos pela pele sedosa e bronzeada.

Ela é incrivelmente macia. Não sei como é que alguém com a personalidade de um cato pode ter os lábios, os ombros e os seios mais macios que já alguma vez toquei. Quero passar as minhas mãos por cada centímetro dela.

De início, ela mostra-se rígida e inflexível, sem qualquer reação. Quando a minha coxa se esfrega contra aquela coninha nua, e quando lhe pego nos seios com as minhas mãos, ela suspira e os lábios entreabrem-se, permitindo-me deslizar a língua para dentro da sua boca.

Agora está a pressionar-me de volta, a esfregar-se contra a minha perna. Retribui o beijo, suficientemente profundo para que eu possa sentir um travo remanescente de cloro nos lábios.

Deslizo-lhe a minha mão pela barriga, até à rata careca. Esfrego os meus dedos nos lábios perfeitamente lisos, adorando o facto de ela estar nua e exposta. Depois separo-lhe as pregas e encontro a pequena protuberância do clítoris, inchado pelo calor do duche. Faço um círculo com o meu dedo médio à volta do clitóris antes de descer um pouco para testar o quão molhada está a ficar, e em seguida volto ao ponto mais sensível.

Ela suspira quando lhe toco aí e aperta as coxas à volta das minhas, a esfregar e a pressionar a minha mão ao mesmo tempo.

Introduzo um dedo dentro dela, fazendo-a soltar um gemido. Ela geme na minha boca, um som profundo e indefeso.

Eu sabia. Ela é uma cabrazinha com tesão. Gosta de sexo tanto quanto eu.

Isto é perfeito. Porque, se ela o quer, se precisa, então tem de vir ter comigo. E essa é mais uma maneira de a controlar.

Esfrego-a e trabalho-a com os dedos até as pernas dela começarem a tremer. A respiração acelera. As coxas apertam-se com

força à medida que se aproxima cada vez mais do clímax.

Quando ela já está no limite, paro de lhe tocar e retiro a mão.

– Não pares! – ofega ela, abrindo os olhos e fitando-me.

– Se te queres vir, então chupa-me primeiro – exijo.

Olha para ela, tão dura que se projeta para fora do meu corpo.

– Foda-se, não – responde ela. – Eu faço-o sozinha.

Encosta-se à parede do chuveiro, colocando a mão entre as coxas. Os dedos deslizam por entre os lábios da rata. Ela exala baixinho. Agarro-lhe o pulso e afasto-lhe a mão.

– Ei! – grita ela, piscando os olhos mais uma vez.

– Chupa-me, ou não te deixo vir.

Ela olha para mim, as faces coradas pelo calor e pelo orgasmo negado. Sei que está a ferver dentro dela, a girar como um ciclone. Tenho a certeza de que a está a atormentar, fazendo-a vibrar e latejar.

Ponho a mão no ombro dela e empurro-a para que fique de joelhos.

Relutante, ela agarra o meu pénis.

Abre a boca e vejo-lhe o brilho dos dentes. Por um momento, pergunto-me se não terei cometido um tremendo erro. Preferia mesmo não perder a minha gaita por causa do temperamento da minha mulher.

Depois aquela boca quente e húmida fecha-se à volta da minha pila, e o meu cérebro entra em curto-circuito. Se antes pensava que os lábios dela eram suaves, não fazia ideia da sensação que podiam ter na cabeça dolorosamente sensível da minha pila. Deslizam para lá e para cá, envolvendo-me por completo. A língua dela passa contra a parte de baixo enquanto ela lambe e chupa suavemente.

Mas que *raioooo*, ela é boa nisto. Não admira que o Oliver Castle estivesse obcecado por ela. Se ela o chupou assim pelo menos uma vez, imagino-o a segui-la até aos confins do mundo para repetir a dose.

Ela desliza a mão para cima e para baixo no veio, a boca e os dedos a trabalhar em conjunto. A outra mão passa por baixo para me embalar suavemente os tomates, acariciando a parte inferior do saco.

Todas estas sensações combinadas impulsionam-me para o orgasmo...

Até que ela larga a minha gaita e se põe novamente de pé.

– É tudo o que vais ter.

Credo, a obstinação dela é irritante. Se eu dissesse que a relva é verde, ela dizia que era roxa só para me irritar. Eu devia aproveitar esta oportunidade para lhe dar uma lição.

Mas tanto ela como eu queremos a mesma coisa neste momento, um raro exemplo de alinhamento dos nossos impulsos. Queremos tanto que o desejo supera a malícia.

A Aida põe um braço à volta do meu pescoço, estabilizando-se enquanto alinha a cabeça do meu pénis contra a sua fenda. Envolve-me a cintura com as duas pernas e deslizo para dentro dela.

Agarro-lhe o rabo carnudo com as duas mãos, cravando-lhe os dedos nas nádegas. Seguro-a enquanto ela começa a montar-me, com os braços à volta do meu pescoço, o corpo escorregadio e ensaboado a esmagar-se contra o meu.

Por muito quente que o duche esteja, a rata dela está ainda mais quente. Fecha-se à volta da minha pila, apertando-me com o movimento de entrada e saída das investidas.

Enganei-me ao supor que a Aida não era atlética. Está a cavalgar-me com um vigor e entusiasmo olímpicos. Estou habituado a raparigas que posam na posição mais atraente possível e depois ficam deitadas para nos deixarem fodê-las. Nunca estive com uma mulher tão... ávida.

À medida que se aproxima do limite, monta-me com mais força ainda, apertando-me a gaita como um torno. Ela investe contra mim uma e outra vez. A intensidade das pancadas e o calor do duche deixam-me tonto.

Mas não vou, de maneira nenhuma, atirar a toalha ao chão. Pressiono-a de novo contra a divisória do duche e fodo-a com mais força ainda, determinado a provar que a consigo foder mais intensamente.

Quando os olhos dela começam a revirar-se, sinto uma onda de triunfo.

– Oh, meu Deus... oh, meu Deus... oh... Cal...

Estou a extrair-lhe o clímax. Está sempre a vir, prolongado por cada golpe da minha pila. É tão sexy ver aquela expressão de rebeldia a desvanecer-se, vê-la submeter-se ao prazer que lhe percorre o corpo.

Sou eu que lhe estou a fazer isto. Estou a fazê-la sentir isto. Quer me odeie, quer não, quer deseje que seja outra pessoa que não eu, ela é incapaz de resistir. Adora a forma como a estou a comer.

Com este pensamento, expludo dentro dela.

Quero dizer, expludo mesmo. O orgasmo é como uma bomba atómica, atingindo-me sem aviso. Os meus tomates são o ponto de partida e a onda de choque percorre todos os neurónios, até às pontas dos dedos de mãos e pés. Na sequência dessa sensação, o meu cérebro já não consegue enviar mais sinais. O meu corpo fica mole. Tenho de pôr a Aida no chão antes que a deixe cair.

Desabo contra a parede oposta do duche, ambos ofegantes e corados.

A Aida recusa-se a fitar-me nos olhos.

É a primeira vez que não é capaz de olhar para mim. Por mais que eu tenha tentado fulminá-la com o olhar, ela esteve sempre à altura do desafio.

Agora está a enxaguar-se lentamente, fingindo estar totalmente absorvida pela rotina de limpeza.

Ela chamou-me *Cal*. Nunca tinha feito isso. A não ser para gozar comigo na festa de noivado.

– Então, já está – digo-lhe. – É oficial.

– É – concorda ela, ainda sem olhar para mim.

Gosto do embaraço dela. Gosto do facto de ter encontrado esta brecha na armadura dela.

– É bom saber que não és assim tão má no sexo.

Ela olha-me de volta, novamente novo com os olhos brilhantes e ferozes.

– Quem me dera poder retribuir o elogio.

Sorriso.

Aida, sua mentirosa. Se continuares assim, lavo-te a boca com sabão. Ou talvez com algo ainda melhor...

Viver com os Griffin é estranho, para não dizer mais.

A única pessoa que parece feliz por me ter lá é a Nessa. Não éramos exatamente amigas na escola, mas antes suficientemente cordiais, à distância. Temos alguns amigos em comum, por isso agora podemos falar de todas as merdas estranhas que eles fizeram desde que acabaram o secundário.

Acho que a Nessa gosta de me ter lá porque sou a única que não se comporta como um autômato. Estou realmente disposta a falar durante o pequeno-almoço, e não apenas a trabalhar e a comer em silêncio. Além disso, ambas frequentamos a Universidade Loyola, por isso podemos ir juntas para a faculdade no jipe da Nessa.

A Nessa é uma pessoa genuinamente boa, algo que não se vê muito atualmente. Muitas pessoas agem de forma simpática, mas são apenas boas maneiras. A Nessa dá sempre o dinheiro que tem na carteira a pessoas sem-abrigo, todos os dias. Nunca diz mal de ninguém, mesmo de pessoas que o merecem, como a irmã, o irmão e as amigas mais insípidas. Ela ouve quando as pessoas falam – quero dizer, ouve mesmo. Está mais interessada nos outros do que nela própria.

Não sei como é que um bando de sociopatas conseguiu criar uma rapariga assim. Na verdade, é um pouco trágico, porque os Griffin veem a bondade dela como uma falha, uma ligeira deficiência. Eles gracejam sobre o quão meiga ela é, tão inocente.

Eu sei que o Callum se preocupa com ela, mas para ele a irmã é como um animal de estimação, não uma igual.

A Nessa recebe-me de braços abertos, contente por ter outra irmã. Especialmente uma que é ligeiramente menos parva do que a Riona.

Não sei puto sobre o que é ter uma irmã. Tudo o que sei é o que vejo nos filmes: fazer tranças no cabelo uma da outra, roubar a roupa uma da outra, às vezes odiarem-se uma à outra, às vezes chorarem nos ombros uma da outra. Não sei se conseguiria fazer

alguma dessas coisas sem me sentir ridícula.

Mas estou contente por ter a Nessa como amiga. Há uma tranquilidade na personalidade dela que ajuda a suavizar algumas das minhas arestas.

Passo mais tempo com ela do que com o meu novo marido. O Callum anda a trabalhar horas a fio até às eleições e, normalmente, quando chega, já estou a dormir na nossa cama de casal.

Talvez seja de propósito. Não voltámos a ter relações sexuais desde a nossa “consumação” oficial do casamento.

Isso apanhou-me de surpresa. Entrei no duche porque tinha frio e estava cansada de esperar, e queria mostrar-lhe que ele não me intimidava, nem por quase me ter afogado e muito menos por estar nu.

Não estava à espera que ele me beijasse. E, definitivamente, não estava à espera que ele me tocasse daquela maneira...

O problema é o seguinte. Eu gosto de sexo. Muito. E estou habituada a tê-lo com bastante frequência. Por isso, a não ser que eu comece a trair o meu novo marido, o que é uma péssima ideia por várias razões, só há um sítio onde me posso satisfazer.

E não é exatamente como se eu tivesse de sorrir e suportar isso. O Callum é uma brasa. É frio, arrogante e totalmente controlador – já me repreendeu cinco vezes esta semana por deixar roupa no chão, salpicar o espelho enquanto lavo os dentes e não fazer a cama quando me levanto, uma hora depois dele. Mas nada disso muda o facto de o homem ser geneticamente abençoado. Aquele rosto, aquele corpo e aquela pila... nada disso é difícil de ver.

Também sabe algumas coisas. Não fode como um robô. Consegue ser gentil, consegue ser bruto e, acima de tudo, é extremamente perspicaz. Sabe interpretar-me. Por isso, não me importava de explorar um pouco mais esta coisa do sexo conjugal. Mas ele tem andado muito ocupado... ou a evitar-me.

Claro que, quando finalmente precisa da minha ajuda, pede-a da forma mais detestável possível, ou seja, não a pedindo de todo.

Encurrala-me na cozinha, onde estou a tentar torrar um pão. A torradeira dos Griffin está sempre a fazer saltar o pão, pois provavelmente não é usada há anos. Sou a única pessoa nesta casa

que conhece o conceito de hidratos de carbono.

– Tenho uma angariação de fundos esta noite – avisa o Callum. – Tens de estar pronta às sete.

– Lamento – reajo, apertando com força o botão da torradeira e mantendo-o no sítio. – Já tenho planos.

– Para fazer o quê?

– Maratona de *O Senhor dos Anéis*. Os três filmes, a versão alargada. Só acabo amanhã, por volta do meio-dia.

A torradeira faz um clique zangado. Mantenho o botão no sítio, determinada a torrar o pão, mesmo que isso faça com que a máquina expluda.

– Que engraçadinha. – O Callum fita-me com os olhos azul-claros semicerrados.

– Às sete em ponto, e vê se não te atrasas. Espero penteado e maquilhagem adequados. Já pus um vestido em cima da cama.

Deixo o pãozinho saltar, finalmente tostadinho. Depois, espalho uma bela camada de queijo cremoso, pondo ainda mais quando vejo a expressão de nojo do Callum.

– Também tens as minhas falas prontas? Talvez devesse simplesmente pendurar um cartaz no meu pescoço com o que esperas que eu diga.

Dou uma dentada enorme no pão, apreciando-o ainda mais porque sei que o Callum não deve comer um há anos.

– Se pudesses deixar de dizer palavrões a cada três palavras, já era um começo – comenta ele, com os dedos a contorcem-se involuntariamente.

Tenho quase a certeza de que está mortinho por me arrancar o pão da boca. Está a conter-se porque não me quer irritar antes da angariação de fundos.

– Vou fazer a porra de um esforço, querido – digo, com a boca cheia de pão.

Ele olha para mim e vai-se embora, deixando-me sozinha na cozinha. Bem, não totalmente sozinha – ainda tenho muitos petiscos.

Faço uma tigela de pipocas para poder, pelo menos, começar a ver *A Irmandade do Anel*.

Quando me dirijo para a sala de cinema, vejo a Riona a vir na direção oposta, com uma pilha de pastas. Parece nervosa e stressada, como é habitual. Não sei porque é que está sempre a esforçar-se para impressionar estas pessoas – é óbvio que os pais veem o Callum como a estrela da família e a ela como uma personagem secundária, na melhor das hipóteses. No entanto, quanto mais a põem de lado, mais ela luta para que reparem nela. Ver isto deixa-me de rastos.

Não que eu tenha muita compaixão. A Riona era uma cabra de primeira na escola. A rainha das raparigas más. A única razão pela qual eu não apanhava mais merdas dela era por ser mais nova e, portanto, indigna da sua atenção.

É mais ou menos assim que se comporta por ter de viver na mesma casa que eu. Por isso, não resisto a meter-me com ela de vez em quando.

– Queres fazer-me companhia? – Levanto a taça das pipocas. – Vou ver *O Senhor dos Anéis*. Já viste? Há algumas personagens com as quais acho que te poderias identificar.

Especialmente as que comem carne humana e nascem de sacos de ovos lamacentos.

A Riona deixa escapar um suspiro dramático, irritada por eu estar sequer a falar com ela.

– Não, não quero ver um filme às três da tarde porque não sou uma criança. Tenho de trabalhar.

– Pois. – Assinto vigorosamente. – Esqueci-me de que és a secretária de toda a tua família. De coisas muito importantes.

– Sou *advogada* – diz a Riona, com uma dignidade gelada.

– Ah. – Finjo uma careta. – Peço desculpa. Bem, não te preocupes, não digo nada a ninguém.

A Riona encosta as pastas pesadas a uma anca, inclinando a cabeça para o lado para me poder observar de cima a baixo com aquele olhar típico de menina má.

– Pois é – sussurra ela. – Para ti, tudo é uma piada. És trocada como um cromó de basebol, e não te importas, certo? Não te importas que a tua família te tenha abandonado. Que te tenham vendido a nós.

O comentário deixa-me com um nó no estômago, mas não vou deixar que a Riona perceba. Obrigo-me a continuar a sorrir e até meto umas pipocas à boca. Sinto-as secas como cartão contra a minha língua.

– Pelo menos sou um Mickey Mantle Topps – digo-lhe. – Duvido que sejas um José Canseco de 861.

A Riona olha para mim, abanando a cabeça.

– És tão esquisita.

Hum... isso, provavelmente, é verdade.

Ela empurra-me ao passar por mim, percorrendo em passo apressado o corredor.

Vou para a sala de cinema, instalando-me no meu lugar preferido, na fila do meio.

A Riona é uma cabra. A opinião dela não vale nada.

Ainda assim, não deixa de me incomodar. Nem sequer consigo prestar atenção aos timbres suaves de *Sir Ian McKellen*, a minha paixão favorita de homem velho.

A verdade é que me sinto abandonada. Sinto falta do meu pai. Tenho saudades dos meus irmãos. Tenho saudades da minha própria casa, que era velha e gasta e cheia de mobília antiga, mas eu conhecia-a bem. Era segura e confortável, com memórias gravadas em cada superfície.

Como as pipocas sem as saborear, até finalmente me perder no mundo de fantasia de elfos, anões e *hobbits* bem-intencionados.

Lá pelas seis e meia da tarde, acho que devo começar a preparar-me. Desligo tudo e subo as escadas para ver que monstruosidade o Callum pôs na cama para eu usar.

Claro que, quando abro o fecho do saco de roupa, vejo um vestido apertado com brilhantes prateados que me parece rígido, desleixado e horrível. Precisamente quando estou a torcer o nariz, o Callum entra no quarto, já vestido com um *smoking* impecável, o cabelo escuro penteado para trás e ainda húmido do duche.

– Porque é que não estás vestida? – questiona ele, zangado. – Temos de sair daqui a vinte e cinco minutos. Santo Deus, ainda nem sequer arranjaste o cabelo.

– Não vou usar isto – digo-lhe sem rodeios.

- Vais, sim. Veste-o. Imediatamente.
- Roubaste isto do armário da Imogen?
- Não – rosna ele. – Comprei-o de propósito para ti.
- Ótimo. Então, podes devolvê-lo.
- Só depois de o usares, esta noite.
- Não vai acontecer. – Sacudo a cabeça.
- Mete-te no duche – ladra ele. – Vamos chegar atrasados.

Dirijo-me para o chuveiro, deliberadamente devagar, só para o irritar. Não preciso de mais de meia hora para me arranjar; não sou a porra de uma rainha de concursos de beleza.

Mesmo assim, sinto-me tentada a ficar debaixo da água morna uma eternidade, só para o deixar à espera. Não vou mesmo usar aquele vestido – posso vestir o amarelo que usei na festa de noivado.

O Callum é capaz de ter um ataque cardíaco perante a ideia de uma pessoa usar a mesma roupa duas vezes.

Quando saio do duche, vejo que ele apanhou a roupa que eu tinha deixado amassada no chão da casa de banho. Boa.

Embrulho-me numa toalha grande e fofa – digam o que quiserem sobre os Griffin, mas pelo menos têm um excelente gosto para os tecidos –, e depois vou ao roupeiro procurar o meu vestido.

O meu lado do armário foi completamente esvaziado. Os cabides vazios estão pendurados em ângulos estranhos – alguns ainda estão a balançar devido ao despojamento selvagem que ocorreu aqui.

Abro as gavetas – também estão vazias. Ele tirou todas as peças da minha roupa, incluindo a roupa interior.

Quando me viro, os ombros do Callum ocupam todo o espaço da porta; tem os braços cruzados sobre o peito e um sorriso presunçoso estampado naquele rosto atraente.

- Acho que é o vestido ou nada.
- Então, escolho nada.

Deixo cair a toalha num montinho à volta dos pés e cruzo os braços sobre o peito, imitando-o.

– Vê se percebes isto – diz o Callum, calmamente. – Vais ao jantar desta noite, mesmo que tenha de te pôr ao ombro e carregar-te como um homem das cavernas. Podes estar a usar o vestido

quando eu fizer isso ou, juro por Deus, Aida, que te levo para lá nua e te faço sentar no teu lugar à frente de toda a gente. Não me ponhas à prova.

– Isso será um embaraço maior para ti do que para mim.

Sinto a cor a subir-me às faces. Nunca tinha visto o Callum com os olhos tão selvagens. Acredito que está a falar a sério – tal é a determinação de me vergar à sua vontade por causa deste vestido estúpido.

Os segundos passam. Segundos que vão fazer com que cheguemos cada vez mais tarde à angariação de fundos, mas o Callum não arreda pé da porta. É neste obstáculo que ele está a escolher marcar uma posição: naquele vestido feio com brilhantes.

– Está bem! – resmungo, por fim. – Eu ponho o estúpido do vestido.

O sorrisinho naquela cara dá-me vontade de retirar imediatamente o que disse. Ou então dar-lhe um murro no olho. Se tenho de ir ao jantar com aquele vestido de merda, então ele pode ir com um maldito olho negro.

Estou tão furiosa que até começo a tremer. Enfio-me no vestido rígido e apertado, e fico ali parada enquanto o Callum aperta o fecho atrás. Parece que está a apertar um espartilho. Tenho de encolher a barriga e, depois de apertado o fecho, não a consigo pôr para fora. O que faz com que me arrependa de todas as pipocas que comi.

– Onde é que escondeste a minha roupa interior? – exijo saber.

Os dedos do Callum param no cimo do fecho.

– Não precisas de roupa interior.

Aquele cabrão. Está a ficar excitado com isto! Eu sabia!

E, claro, quando me viro, ele tem um olhar faminto na cara, como se quisesse arrancar-me o vestido outra vez. Mas não vai fazer isso. Vai deliciar-se a ver-me andar com ele toda a noite. Sabendo que me está a obrigar a fazer isso. Sabendo que não estou a usar cuecas por baixo.

Estou tão furiosa que era capaz de gritar. Especialmente quando ele me mostra os sapatos que espera que eu use.

– Como é que vou conseguir calçar isto? – grito. – Não me posso

sentar com este colete de forças.

O Callum revira os olhos.

Depois faz algo que me surpreende.

Põe-se de joelhos à minha frente, colocando a minha mão no ombro dele para me equilibrar. Levanta-me o pé e calça-me o sapato, como se ele fosse o Príncipe Encantado e eu a Cinderela. Aquelas mãos são surpreendentemente gentis quando os dedos tocam o peito do meu pé. Aperta a tira e depois calça-me o outro sapato no outro pé.

Quando se levanta, estamos perto um do outro, tanto que tenho de inclinar a cabeça para olhar para ele.

– Pronto – diz ele com a voz rouca. – Vou chamar a Marta para te ajudar a preparar.

A Marta é a assistente pessoal da família. Também é boa com o cabelo e a maquilhagem, por isso ajuda frequentemente a Riona e a Nessa a arranjar-se para os eventos. A Imogen faz ela própria a sua pintura ou então vai a um cabeleireiro.

– Como queiras – digo.

O Callum desce as escadas para ir chamar a Marta. Vou a mancar para a casa de banho com os saltos altíssimos.

Não sei se é pela falta de roupa interior ou por outra coisa qualquer, mas sinto uma humidade desconfortável entre as pernas. Cada passo que dou com este vestido apertado faz com que os lábios rocem um no outro. Estou quente e a latejar, e não paro de pensar naquele olhar de excitação na cara do Callum. Como foi brusco quando me mandou vestir o vestido.

Mas que raio se passa comigo?

Deve ser o facto de não dar uma queca há mais de uma semana. É impossível ficar excitada com o Callum a dar-me ordens. Isso é uma loucura. Odeio que mandem em mim.

– Aida? – chama uma voz atrás de mim.

Dou um grito e viro-me.

É a Marta, com a mala de maquilhagem na mão. Tem cerca de trinta anos, olhos castanhos grandes, franja escura e uma voz suave.

– O Callum disse-me que precisavas de ajuda para te arranjares?

– Claro. S-sim – gaguejo.

– Senta-te. – Ela coloca uma cadeira em frente ao espelho. –
Vamos ter-te pronta num instante.

¹Referência a cromos colecionáveis, respetivamente muito caro e de valor modesto, ambos vendidos em leilão.

CALLUM

A Aida desce a escadaria, agarrada ao corrimão, vinte minutos atrasada, mas com um aspeto absolutamente deslumbrante. A Marta prendeu-lhe o cabelo num penteado ligeiramente *rétro* que reproduz o clássico ar de ícone *sexy*. Tem os olhos pintados com um *eyeliner* que os faz parecer quase tão prateados como o vestido.

Gosto do facto de a Aida mal conseguir andar com os sapatos de salto alto. Isso dá-lhe um ar vulnerável e fá-la agarrar-se ao meu braço durante a caminhada até ao carro.

Está mais calada do que o habitual. Não sei se está aborrecida por eu lhe ter roubado a roupa ou se está nervosa por causa da noite que nos espera.

Sinto-me mais calmo e concentrado como não me sentia há semanas. Tal como o meu pai previu, os italianos estão a dar-me todo o seu apoio, agora que eu e a Aida estamos oficialmente casados. O La Spata está acabado, e já descobri alguns podres fantásticos sobre a Kelly Hopkins dos seus tempos de faculdade, quando esteve metida até ao pescoço numa fraude, vendendo trabalhos de tese prontos a estudantes ricos e preguiçosos. Pobre estudante bolseira, forçada a comprometer a sua moral para conseguir uma licenciatura.

É o que acabamos sempre por encontrar – por mais puras que as pessoas pretendam ser, quando a coisa aperta, há sempre um ponto em que cedem. Isto vai cair como uma bomba no meio das suas pretensões de superioridade moral. O que deixa o campo desimpedido para um candidato: eu.

A eleição é já daqui a uma semana. Agora, quase nada me pode lixar isto.

Desde que consiga manter a minha mulher na linha.

Está sentada à minha frente, no banco de trás do automóvel, com uma divisória a separar-nos do motorista. Parece bastante calma, a observar os edifícios pela janela. Ela não me engana. Eu sei como é indisciplinada. Posso ter-lhe posto uma rédea por agora, mas vai

tentar fazer-me perder a cabeça assim que tiver a oportunidade.

O essencial é mantê-la na linha durante esta festa. Depois disso, pode amotinar-se o quanto quiser. Vários empresários italianos, diretores-executivos, investidores e representantes dos sindicatos vão estar aqui esta noite. Precisam de ver a minha mulher ao meu lado, obediente e solidária.

Dirigimo-nos para o distrito de Fulton Market, que costumava estar cheio de fábricas de embalamento de carne e armazéns, e que agora deu lugar a hotéis, bares, restaurantes e empresas tecnológicas que estão na moda. A angariação de fundos é no *Morgan's on Fulton*, na cobertura no topo do edifício.

Vamos para o elevador através da galeria de arte no piso térreo. Está repleta, desde o chão até ao teto, de pinturas de vários estilos, com diferentes níveis de arte. A Aida faz uma pausa junto a uma peça moderna particularmente horrível em tons de pêssego, cinzento e bronze.

– Oh, olha. Agora já sei o que oferecer à tua mãe no Natal.

– Calculo que prefiras *aquela*. – Indico um quadro a óleo sombrio e mal-humorado de Cronos a devorar o filho.

– Pois é – anui a Aida. – Retrato de família. O papá fica assim quando deixamos os armários abertos ou nos esquecemos de apagar as luzes.

Solto uma pequena gargalhada. A Aida parece sobressaltada, como se nunca me tivesse ouvido a rir. Se calhar não ouviu.

Quando finalmente chegámos ao elevador, alguém grita:

– Não deixem a porta fechar!

Estico o braço para a impedir de fechar. E arrependo-me de imediato quando o Oliver Castle entra de rompante.

– Oh – solta ele, quando nos vê e inclina a cabeça com arrogância. O cabelo dele é para o comprimento, espesso e raiado pelo sol. Está bronzeado e tem um ligeiro escaldão, como se tivesse passado o dia num barco. Quando sorri, o branco dos dentes salta à vista.

Os olhos dele percorrem o corpo da Aida, exuberante naquele vestido justo em forma de ampulheta. Irrita-me o facto de ele estar a ser tão descarado. O meu acordo com a Aida pode não ser

romântico, mas ela continua a ser a minha mulher. Pertence-me, e só a mim. Não a este miúdo rico e arrogante.

– Esmeraste-te mesmo, Aida – elogia ele. – Não me lembro de te vestires assim para mim.

– Se calhar não valia a pena o esforço. – Olho-o de soslaio.

O Oliver ri-se.

– Acho que a Aida estava a usar o seu *esforço* para outras coisas...

Vem-me à cabeça a visão da Aida a deslizar a língua para cima e para baixo na gaita do Oliver, tal como fez com a minha. O ciúme atinge-me em cheio. Tira-me o ar.

Preciso de toda a minha força de vontade para não agarrar o Castle pelas lapelas do casaco de veludo e atirá-lo contra a parede.

O elevador dá um solavanco, parando no último andar. As portas abrem-se. O Oliver sai sem olhar para trás.

A Aida observa-me com os olhos cinzentos e frios.

Não gosto desta nova Aida silenciosa. Põe-me nervoso a imaginar o que estará a tramar. Gosto mais quando diz tudo o que pensa assim que lhe vem à cabeça. Ainda que isso me irrite tanto.

A cobertura é uma grande sala aberta, cheia de potenciais doadores a embebedarem-se com álcool à borla. Como é óbvio, não é de graça... Vou ordenhar cada um destes cabrões até à última gota do apoio que conseguir obter. Até lá, podem empanturrar-se de *cocktails* de alta qualidade e comidas finas.

Um lado inteiro da sala é composto por portas de vidro deslizantes, atualmente abertas para o terraço da cobertura. Os convidados vão-se misturando de um lado para o outro, apreciando o ar quente da noite e a brisa do lago. O terraço está repleto de lanternas a brilhar.

Neste momento, nem a organização impecável nem a grande afluência de pessoas me satisfazem por aí além. Diriço-me para o bar e peço uma dose dupla de uísque, puro. A Aida observa-me a bebê-lo de um só trago.

– O que foi? – Bato com o copo vazio no balcão.

– Nada. – Ela encolhe os ombros nus, afastando-se de mim para ir pedir a sua própria bebida.

Na tentativa de afastar o pensamento do Oliver e da Aida da cabeça, perscruto a multidão, à procura do meu primeiro alvo. Tenho de falar com o Calibrese e o Montez. Vejo a minha mãe a falar com o tesoureiro do Estado junto à mesa com comida. Ela está aqui há horas, a supervisionar a preparação e a cumprimentar os primeiros convidados que foram chegando.

Depois vejo alguém que, definitivamente, não foi convidado: o Tymon Zajac, mais conhecido como o *Carniceiro*. Chefe da máfia polaca e a porra de uma grande dor de cabeça para mim.

A *Braterstwo* controla a maior parte do Lower West Side, até Chinatown, Little Italy e os bairros mais ricos a nordeste, que são controlados pelos irlandeses – vulgo, eu.

Se existe uma hierarquia entre os gângsters, é mais ou menos assim: no topo estão os gângsters de colarinho branco aburguesados que usam as influências dos negócios e da política para manter o seu controlo. São os irlandeses em Chicago. Nós mandamos nesta cidade. Temos mais ouro do que a porra de um duende. E ganhamos tanto dinheiro legalmente como ilegalmente – ou, pelo menos, nessa agradável zona cinzenta de lacunas e acordos de bastidores.

O que não significa que tenha medo de sujar as mãos – já fiz desaparecer mais do que uma pessoa nesta cidade. Mas faço-o discretamente e só quando é necessário.

Mais abaixo temos os gângsters com um pé nos dois mundos, os italianos. Continuam a gerir muitos clubes de *striptease*, discotecas, jogo ilegal e esquemas de proteção. Mas também estão envolvidos em projetos de construção que constituem a maior parte dos seus rendimentos. Exercem grande influência nos sindicatos dos carpinteiros, dos eletricitas, dos vidraceiros, dos operadores de equipamentos pesados, dos metalúrgicos, dos pedreiros, dos canalizadores, dos trabalhadores de chapa metálica, etc. Se quisermos construir alguma coisa em Chicago, e não quisermos que arda a meio, ou que se “atrase”, ou que nos roubem os materiais, temos de contratar os italianos como capatazes ou pagar-lhes.

Ainda mais abaixo, temos a máfia polaca. Continuam a participar em crimes violentos, em merdas ruidosas e óbvias que chamam a atenção e causam problemas aos que querem manter a

percepção de uma cidade segura.

Os *Braterstwo* continuam a traficar drogas e armas, a roubar carros, a assaltar bancos e carros blindados, a extorquir e até a raptar. Estas atividades sujas saem nas notícias, e estão constantemente a alargar as fronteiras do seu território, não querendo ficar em Garfield, Lawndale e Ukrainian Village. Querem ir para as zonas onde está o dinheiro. As zonas que me pertencem.

De facto, a presença do Tymon Zajac na minha angariação de fundos constitui, em si mesma, um problema. Não o quero aqui como inimigo nem como amigo. Não quero ser associado a ele.

Ele não é o tipo de gajo que passa despercebido. É quase tão largo como alto, com cabelo cor de trigo que está a começar a ficar grisalho e uma cara escarpada cheia de cicatrizes que podem ser de acne ou algo pior. As maçãs do rosto em forma de gancho emolduram um nariz romano. Está impecavelmente vestido com um fato de risca de giz, com uma flor branca na lapela. De alguma forma, esses pormenores só servem para enfatizar a aspereza daquele rosto e daquelas mãos.

O Zajac criou um mito à sua volta. Embora a família esteja em Chicago há um século, ele ganhou fama nas ruas polacas, liderando uma sofisticada rede de roubo de carros desde a adolescência. Triplicou sozinho o número de roubos de carros exóticos no país, ao ponto de os polacos ricos quase não se atreverem a comprar um carro importado, porque sabiam que desapareceria das ruas ou mesmo das suas garagens no espaço de uma semana.

Subiu na hierarquia dos Wolomin, perto de Varsóvia, até que este gangue se envolveu numa sangrenta guerra territorial com a polícia polaca. Na mesma altura, o seu meio-irmão Kasper foi assassinado pelos chefes da droga colombianos que ajudavam a traficar cocaína, heroína e anfetaminas com destino a Chicago. Os colombianos pensavam que podiam começar a traficar diretamente na cidade. Em vez disso, o Zajac voou para Chicago para o funeral do irmão e depois organizou uma retaliação em duas partes que deixou oito colombianos mortos em Chicago e mais doze chacinados em Bogotá.

Foi o próprio Zajac a cometer os assassinios, com um cutelo

numa mão e uma catana na outra. Isso valeu-lhe a alcunha de *O Carniceiro de Bogotá*.

O *Carniceiro* tomou o lugar do irmão como chefe dos *Braterstwo* de Chicago. Desde então, não há um mês que passe sem que ele tente reduzir os limites do meu império. Ele é da velha guarda. Tem fome. E eu sei que ele está aqui esta noite por uma razão.

É por isso que tenho de falar com ele, embora prefira não ser visto na companhia dele em público. Espero até que ele estar numa parte menos visível da sala.

– Agora interessas-te por política, Zajac?

– É o verdadeiro sindicato de Chicago – diz ele com sua voz baixa e grave, que parece indicar que fuma há cem anos, embora não sinta o cheiro na roupa dele.

– Estás aqui para fazer um donativo ou tens um cartão de comentários para a caixa de sugestões?

– Sabes tão bem como eu que os homens ricos nunca dão o seu dinheiro a troco de nada. – Ele tira um charuto do bolso e inala o cheiro a torrado. – Queres fumar um comigo?

– Quem me dera poder. Não se pode fumar no edifício.

– Os americanos adoram criar regras para os outros que eles próprios nunca cumprem. Se estivesses aqui sozinho, fumavas isto comigo.

– Claro – replico, perguntando-me onde é que ele quer chegar.

A Aida aparece ao meu lado, silenciosa como uma sombra.

– Olá, Tymon – cumprimenta ela.

A máfia polaca tem uma longa e complicada história, tanto com a minha família como com a da Aida. Durante a Lei Seca, quando os irlandeses e os italianos lutavam pelo controlo das destilarias, havia polacos de ambos os lados. Na verdade, foi um polaco que levou a cabo o Massacre do Dia de São Valentim.

Mais recentemente, o Zajac fez negócios com o Enzo Gallo, a maior parte com sucesso, embora eu tenha ouvido rumores de um conflito na Torre de Oak Street, com relatos de tiros disparados e uma construção apressada dos alicerces, possivelmente com um ou dois corpos escondidos sob o cimento.

– Já soube da feliz notícia – diz o Zajac. Lança um olhar

expressivo para o anel no dedo da Aida. – Fiquei desiludido por não ter recebido um convite. Ou uma consulta do teu pai antes. Sabes que tenho dois filhos, Aida. Os polacos e os italianos trabalham bem juntos. Não te estou a ver a aprender a gostar de carne enlatada e couve.

Interrompo-o.

– Tem cuidado com a forma como falas com a minha mulher. O negócio está feito, e duvido que qualquer oferta que lhe fizesses na altura ou agora lhe interessasse. Na verdade, duvido que tenhas algo a dizer a qualquer um de nós.

– Talvez te surpreendas. – O Zajac fixa-me com um olhar feroz.

– Pouco provável – respondo com desdém.

Surpreendendo-me, é a Aida quem mantém a calma.

– O Tymon não é um homem que desperdice o seu próprio tempo – diz ela. – Porque não nos dizes o que te vai na cabeça?

– O político é rude, e a italiana fogosa é a diplomata – observa Zajac. – Que estranha inversão. Ela vai usar o *smoking* e tu vais pôr o vestido, logo à noite?

– Este *smoking* vai ficar impregnado com o teu sangue depois de eu te cortar a porra da língua, velhote – rosno.

– Os jovens fazem ameaças. Os velhos fazem promessas...

– Poupa-me as tretas dos bolinhos da sorte – intervém a Aida, levantando a mão para eu não falar. – O que é que queres, Tymon? O Callum tem muita gente com quem falar esta noite, e acho que nem sequer foste convidado.

– Quero a propriedade da Chicago Transit – solta ele, indo direto ao assunto.

– Nem pensar – respondo-lhe.

– Porque já estás a planear vendê-lo ao Marty Rico?

Isso faz-me pausar momentaneamente. O negócio ainda não está fechado, por isso não sei como é que o Zajac ouviu falar dele.

– Ainda não estou a planear nada – minto. – Mas posso dizer-te que não vai para ti. A não ser que tenhas uma máquina de lavar mágica para a tua reputação que a faça ficar nova e brilhante outra vez.

A verdade é que eu não o venderia ao *Carniceiro* em nenhuma

circunstância. Já tenho de me dar bem com os italianos. Não vou convidar os polacos para a minha porta. Se o Zajac quer fazer de conta que é um empresário legítimo, pode fazê-lo noutro lugar da cidade. Não no meio do meu território.

O *Carniceiro* segura o charuto entre os dedos grossos, rodando-o uma e outra vez.

– Vocês, irlandeses, são tão gananciosos. Ninguém vos queria aqui quando vieram para a América. Foi o mesmo connosco. Afixaram cartazes, dizendo-nos para não nos candidatar-mos a empregos. Tentaram impedir-nos de imigrar. Agora que pensas que estás seguro à cabeceira da mesa, não queres que mais ninguém se junte a ti. Não queres partilhar nem sequer as migalhas do teu banquete.

– Estou sempre disposto a fazer acordos – garanto-lhe. – Mas não podes exigir que te entreguem o melhor pedaço de propriedade pública. Para quê? O que tens para me oferecer em troca?

– Dinheiro – sibila ele.

– Eu tenho dinheiro.

– Proteção.

Solto uma gargalhada rude. O Zajac não gosta nada disso. Fica vermelho de raiva, mas não me importo. A oferta dele é um insulto.

– Não preciso da tua proteção. Já estavas em desvantagem quando era apenas a minha família contra a tua. Agora que me aliei aos italianos, o que pensas que tens para nos oferecer? Como te atreves a ameaçar-nos?

– Sê razoável, Tymon – diz a Aida. – Já trabalhámos juntos no passado. Trabalharemos novamente no futuro. Tudo a seu tempo.

Estou chocado com a calma que a Aida consegue ter quando está a conversar com alguém do seu mundo. Nunca tinha visto este lado dela. Não teve paciência nenhuma com a Christina Huntley-Hart, que evidenciou uma atitude mais ultrajante e desdenhosa da Aida. Mas com o Tymon, que é infinitamente mais perigoso, a Aida conseguiu manter-se mais calma do que eu.

Olho para ela com verdadeiro respeito. A Aida percebe e revira os olhos na minha direção, mais irritada do que satisfeita.

– Sempre gostei de ti, Aida – rosna o Zajac. – Espero que não

tenhas cometido um erro ao casar com este galo convencido.

– O único erro seria subestimá-lo – responde ela friamente.

Agora estou mesmo chocado. A Aida a defender-me? As maravilhas não param.

O *Carniceiro* assente, tenso, o que pode significar qualquer coisa, depois vira-se e vai-se embora. Fico aliviado por ver que ele parece estar a deixar a festa sem fazer uma cena.

Volto a olhar para a Aida.

– Lidaste muito bem com a situação.

– Sim, chocante. – Ela abana a cabeça. – Sabes como é, cresci com estas pessoas. Sentava-me debaixo da mesa enquanto o meu pai negociava acordos com os polacos, os ucranianos, os alemães, os arménios... Não ando sempre a roubar relógios.

– Ele tem tomates para entrar aqui – digo, olhando para a porta por onde o Zajac desapareceu.

– Sem dúvida alguma. – A Aida franze o sobrolho, torcendo o anel no dedo, perdida nos seus pensamentos.

A minha mãe escolheu este anel e enviou-o por correio para a Aida. Olhando para o anel na mão dela, apercebo-me de que não lhe fica bem. A Aida teria escolhido algo mais confortável e informal. Talvez devesse tê-la deixado escolher o seu próprio anel ou levá-la à *Tiffany*. Teria sido fácil de fazer.

Estava tão zangado com ela depois do nosso primeiro encontro que nunca pensei naquilo que ela preferia. O que a podia fazer sentir-se mais confortável com este acordo ou com a mudança para a minha casa.

Quero perguntar-lhe que mais sabe ela sobre o Zajac. Que negócios é que ele fez com o Enzo. Mas sou interrompido pelo meu pai, que quer ouvir o que o Zajac disse. Antes de poder incluir a Aida na conversa, ela escapa-se.

O meu pai não para de me interrogar sobre o *Carniceiro*, quer um relato palavra a palavra sobre todas as pessoas com quem falei esta noite e o que disseram.

Por norma, eu analisaria tudo com ele, ponto por ponto. Mas não consigo deixar de espreitar por cima do ombro dele, tentando ver onde está a Aida na sala. O que está a fazer. Com quem está a falar.

Finalmente, vejo-a no terraço com o Alan Mitts, o tesoureiro. É um velho sacana. Acho que nunca o vi sorrir em todas as vezes que falei com ele. No entanto, com a Aida, ele está perdido numa piada qualquer, gesticulando com as mãos, e a Aida ri-se e incita-o a isso. Quando ela se ri, atira a cabeça para trás, fecha os olhos e sacode os ombros. Não há nada de polido nisso. Está simplesmente feliz.

Quero perceber o motivo por que está a rir-se tanto.

– Estás a ouvir-me? – solta bruscamente o meu pai.

Volto a virar a cabeça para trás.

– O quê? Sim. Estou a ouvir.

– Para onde é que estás a olhar? – Ele espreita na direção do terraço.

– O Mitts. Tenho de falar com ele a seguir.

– Parece que ele já está a falar com a Aida – comenta o meu pai no seu tom mais inescrutável.

– Ah. Pois.

– Como é que ela se tem apresentado?

– Bem. Surpreendentemente bem.

O meu pai olha para ela, assentindo em sinal de aprovação.

– Não há dúvida de que está com melhor aspeto. Embora o vestido seja demasiado revelador.

Eu sabia que ele ia dizer isso. Havia opções mais conservadoras na pilha de vestidos que a Marta trouxe para a minha aprovação. Escolhi este porque sabia que abraçaria as curvas da Aida como se tivesse sido feito para ela.

O meu pai continua a tagarelar.

– O presidente da câmara contribuiu com trinta mil dólares para a tua campanha e apoiou-te, mas fez o mesmo com outros vinte e cinco aliados da câmara, por isso não acho que a declaração dele seja tão forte como...

O Oliver Castle reapareceu, animado pela coragem líquida. Nota-se que está ligeiramente bêbedo pelo rubor daquela cara queimada pelo sol e pela forma como se mete entre a Aida e o Mitts. Ela tenta livrar-se dele e dirige-se para o outro lado do terraço. O Castle segue-a, tentando convencê-la a falar com ele.

– Por isso, acho que será mais eficiente e eficaz se nós...

– Dá-me só um minuto, pai.

Pouso a bebida antes de sair pelas portas de correr que estão abertas. Esta parte do recinto está apenas ligeiramente iluminada pelas lanternas, a música é mais calma e os assentos mais privados. O Oliver está a tentar puxar a Aida para o canto mais escuro e distante, escondido atrás de um biombo de japoneiras em vasos.

Tenciono interrompê-los imediatamente, mas quando chego mais perto, ouço a voz baixa e urgente do Oliver a suplicar à Aida. Fico cheio de curiosidade. Aproximo-me sorrateiramente, querendo ouvir.

– Eu sei que tens saudades minhas, Aida. Sei que pensas em mim, tal como eu penso em ti...

– Não, não penso – diz ela.

– Passámos bons momentos juntos. Lembras-te da noite em que fizemos aquela fogueira na praia, fomos para as dunas e tu tinhas aquele biquíni branco vestido, e eu tirei a parte de cima com os dentes...

Estou ali especado, com o ciúme a agitar-se nas minhas entranhas. Quero interrompê-los, mas tenho uma curiosidade doentia. Quero saber exatamente o que se passou entre o Oliver e a Aida. Ele estava obviamente apaixonado por ela. Será que ela sentia o mesmo? Será que o amava?

– Sim, lembro-me desse fim de semana – concede ela, num tom indolente. – Embebedaste-te e batestes com o carro na Cermak Road. E quase partias a mão numa luta com o Joshua Dean. Belos tempos.

– A culpa foi tua – resmunga o Oliver, tentando encostá-la ao corrimão do terraço. – Tu deixas-me doido, Aida. Deixas-me louco. Só fiz aquela merda toda depois de me teres deixado no Oriole.

– Sim? – solta ela, olhando para as ruas da cidade por baixo do pátio. – Mas lembras-te de porque é que te deixei lá?

O Oliver hesita. Nota-se que se lembra, mas não quer dizer.

– Encontrámos o teu tio, por acaso. Ele perguntou quem eu era. E tu disseste que eu era só uma amiga. Porque gostavas de ser um rebelde, por namorares com a filha do Enzo Gallo. Mas não querias arriscar o teu fundo fiduciário ou o teu lugar na empresa do papá. Não tinhas tomates para admitir o que realmente querias.

– Cometi um erro.

O Oliver continua a tentar agarrar a mão da Aida. Ela afasta-a do seu alcance.

– Aida, aprendi a lição, prometo-te. Senti tanto a tua falta que podia ter-me atirado do telhado da Keystone Capital uma centena de vezes. Sento-me naquele escritório e sinto-me tão infeliz. Tenho aquela fotografia nossa na minha secretária, aquela na roda gigante em que te estás a rir e agarrada ao meu braço. Esse foi o melhor dia da minha vida, Aida. Se me deres outra oportunidade, provarei o que significas para mim. Ponho um anel no teu dedo e mostro-te ao mundo.

– Já tenho um anel no dedo – recorda a Aida, com um ar aborrecido, levantando a mão. – Casei-me, lembras-te?

– Esse casamento foi uma treta. Sei que só o fizeste para me magoar. Não queres saber do Callum Griffin... Ele é tudo o que odeias! Não suportas pessoas presunçosas, falsas e que exibem o seu dinheiro. Quanto tempo namoraste com ele? Dá para ver que és infeliz.

– Não sou infeliz.

Ela não parece muito convincente.

Eu sei que devia interrompê-los, mas estou fascinado.

Furioso com o descaramento do Oliver Castle, a tentar seduzir a minha mulher na minha própria angariação de fundos, mas também perversamente curioso para saber como é que a Aida vai reagir.

– Vem jantar comigo, amanhã à noite – pede-lhe o Oliver.

– Não. – A Aida abana a cabeça.

– Então, vem ao meu apartamento. Sei que ele não te toca como eu costumava fazer.

Será que ela vai dizer que sim? Será que ela ainda o quer foder?

O Oliver está a tentar abraçá-la, a tentar beijar-lhe o pescoço. A Aida bate-lhe nas mãos. Ele tem-na encurralada a um canto; o vestido justo e os saltos altos dificultam-lhe os movimentos.

– Para com isso, Oliver. Se alguém te vê...

– Eu sei que sentes falta disto...

– Estou a falar a sério, para com isso, ou eu...

O Oliver pressiona-a contra o corrimão, tentando enfiar-lhe a

mão pela saia. Sei perfeitamente que ela não tem cuecas vestidas, porque fui eu que a vesti. A ideia de o Oliver a tocar-lhe nos lábios nus é o que faz com que finalmente me passe.

Já ouvi falar de pessoas que ficaram cegas de raiva. Nunca me tinha acontecido – mesmo nos momentos de maior raiva, sempre mantive o controlo.

Num instante, passo de estar atrás das japoneiras em vasos para agarrar o Oliver Castle pelo pescoço, apertando com toda a força que consigo com a mão esquerda. O meu punho direito bate-lhe na cara uma e outra vez. Ouço um rugido insano e apercebo-me de que fui eu, sou eu que estou a uivar de raiva enquanto bato no homem que pôs as mãos na minha mulher. Pego nele como se o fosse atirar por cima do corrimão; quase o atiro por cima daquele corrimão.

A Aida, o meu pai e mais algumas pessoas agarram-me nos braços e tiram-me de cima do Castle.

O rosto do Oliver está cheio de sangue, tem o lábio aberto e a camisa salpicada. A minha camisa também, agora que olho para ela.

A festa parou bruscamente. Toda a gente, dentro e fora do terraço, está a olhar para nós.

– Chamem a segurança – grita o meu pai. – Este homem tentou atacar a Sra. Griffin.

– O caralho é que tentei – rosna o Oliver. – Ele...

O meu pai cala-o com outro golpe na cara. O Fergus Griffin ainda não perdeu o jeito – a cabeça do Castle volta para trás e ele cai no chão do terraço. Dois seguranças apressam-se a levá-lo do terraço.

– Sai daqui. Agora – sibila-me o meu pai, sem respirar.

– Vou levar a minha mulher para casa – digo, suficientemente alto para que todos ouçam. Tiro o meu casaco e depois coloco-o nos ombros da Aida, como se ela estivesse em choque.

A Aida permite-o porque *está* chocada. Chocada com o facto de eu ter atacado o Oliver Castle como um cão raivoso.

Com o meu braço à volta dos ombros dela, passamos por entre a multidão antes de apanharmos o elevador para o rés do chão.

Apresso-a a entrar na limusina que nos espera.

AIDA

Assim que entramos na limusina, o Callum rosna “conduz” e levanta a divisória para ficarmos sozinhos na parte de trás, separados do motorista.

Tem as mãos cheias de sangue, tal como a camisa branca. Até tem sangue na cara. O cabelo está despenteado, caindo-lhe pela testa. Os olhos parecem selvagens, as pupilas muito pretas contra o azul pálido. Um fino anel negro rodeia a íris, fazendo-o parecer uma ave de rapina quando me olha fixamente, como está a fazer agora.

Vejo-lhe o maxilar a contrair-se e os tendões do pescoço a sobressaírem.

– És doido! – grito, enquanto a limusina arranca. Largo o casaco do Callum, irritada por o ter deixado colocá-lo nos meus ombros como se eu fosse uma vítima.

– Aquele cabrão nojento pôs-te as mãos em cima.

Noto uma emoção diferente na voz dele. Já o tinha ouvido zangado antes – mas não a este nível. As mãos manchadas de sangue estão a tremer. Vi como ele agarrou no Oliver e tentou atirá-lo por cima do corrimão. Ele ia fazer isso. Ele ia matá-lo.

– Eu podia ter tratado do assunto sozinha – disparo. – Ele estava apenas bêbedo. Podia ter-me afastado dele sem fazer uma cena.

– Ele estava a tentar seduzir-te mesmo à minha frente – rosna o Callum.

– Estavas a espiar-me!

– Podes ter a certeza de que estava. Tu és a minha mulher. Não tens segredos para mim.

– Mas isso só é válido num sentido, não é? Passas o dia a ter reuniões e compromissos secretos. Enfiado no escritório do papá a fazer planos – ironizo.

– Estou a trabalhar – diz entre dentes o Callum.

Ele continua muito acelerado, com milhares de volts de pura energia vingativa a percorrerem-lhe o corpo. Estava a descarregar a sua agressividade no Oliver quando foi interrompido. Agora, não

tem para onde ir. Parece que vai explodir ao mais pequeno toque.

Eu própria estou muito zangada. Como é que ele se atreve a ouvir uma conversa privada? Agindo como se eu fosse propriedade dele, como se tivesse o direito de ter ciúmes?

Pelo menos, o Oliver amava-me, à sua maneira estúpida e imatura. O Callum não me ama. Porque é que ele se havia de importar se um tipo qualquer me tenta enfiar a mão pela saia acima?

– Continua a trabalhar – sibilo-lhe. – E não te metas na porra da minha vida pessoal. Queres ter um acessório bonito para levar no braço? Já fiz isso. Fui à tua festa estúpida, usei este vestido horrível. Disse ao Mitts que ele devia apoiar-te. Estou a cumprir a minha parte do acordo. Com quem andei antes não é da tua conta.

– Amava-lo? – exige saber o Callum.

– Não é da tua conta! – brado. – Acabei de dizer isso, porra!

– Diz-me – ordena ele. – Amavas aquele pedaço de merda arrogante?

Ele está outra vez com aquele olhar desvairado e faminto. Como se isso o estivesse a enlouquecer e ele tivesse de saber.

Bem, não lhe vou dizer porra nenhuma. Estou lixada por ele ter estado a espiar-me, e por pensar que tem direito aos meus pensamentos e sentimentos quando ainda não fez por merecer o mínimo de confiança da minha parte.

– Porque é que queres saber? O que é que isso interessa?

– Preciso de saber. Gostaste da forma como ele te tocou? Como te fodeu?

Sem parecer dar-se conta, pôs a mão na minha coxa nua. Os dedos deslizam para cima, por baixo da saia justa do vestido que me obrigou a usar.

Dou-lhe uma bofetada na mão para a afastar, antes de o empurrar no peito, por precaução.

– Talvez tenha gostado.

– Quem é que te fode melhor? Eu ou ele? – pergunta o Callum. A mão dele está novamente na minha coxa. A outra agarra-me pela nuca, tentando puxar-me para mais perto. Pressiona-me contra o assento e põe-se em cima de mim.

Desta vez, dou-lhe uma bofetada na cara com força suficiente para lhe abrir o lábio.

A bofetada ecoa na parte de trás da limusina, ruidosa no silêncio. Por um instante, parece que o faz sair daquela espécie de transe.

Depois pestaneja, e os olhos estão mais lascivos do que nunca. Famintos como os de um lobo.

Beija-me, esmagando os lábios contra os meus e enfiando a língua na minha boca. Sinto o sabor do sangue do seu lábio ferido, salgado e quente.

O peso dele esmaga-me contra o espaçoso assento de couro. A sua temperatura corporal parece estar nos duzentos graus.

Odeio mais o Callum quando ele é frio, rígido, robótico. Quando passa por mim no corredor como se eu não estivesse lá. Quando dorme ao meu lado na cama sem me abraçar, sem sequer me tocar.

Quando o deixo furioso assim, quando ele finalmente cede e perde o controlo... é quando não o odeio. Na verdade, quase gosto um pouco dele. Porque é nessa altura que me consigo rever um pouco nele.

Quando ele tem mau feitio, quando está zangado, quando quer matar alguém... é quando o compreendo. É quando finalmente temos um ponto em comum.

Devolvo-lhe o beijo, agarrando-lhe o rosto com as mãos. Os meus dedos enterram-se no cabelo dele. Está molhado da transpiração, com o couro cabeludo a irradiar calor.

Quero tocar-lhe em todo o corpo.

Atrapalho-me com os botões da camisa dele, que são daqueles estúpidos que estão tapados, dos que nunca se conseguem desapertar mesmo à luz do dia.

Em vez disso, rasgo a parte da frente da camisa, como se ele fosse o Super-Homem e um asteroide estivesse a vir na nossa direção. Passo as mãos por aquele corpo em brasa, sentindo os músculos a contorcerem-se de excitação.

A língua dele entra tão fundo na minha boca que quase me sufoca. A barba aparada arranha-me a face. Ele está a tentar tirar-me o vestido, mas é tão justo e apertado que nem consegue puxar a saia para cima até à cintura.

A rosnar de frustração, apanha o casaco do chão e tira uma faca do bolso interior. Carrega num botão e a lâmina salta para fora, rápida e brutalmente afiada. É muito parecida com a que o Nero usa. E, tal como o Nero, posso dizer, pela forma como o Callum a segura, que ele sabe usar uma faca.

– Não te mexas – rosna ele, prendendo-me contra o assento.

Mantenho-me perfeitamente imóvel. Com cinco ou seis movimentos rápidos, arranca-me o vestido do corpo, deixando-o em pedaços no chão da limusina.

Estou completamente nua por baixo.

O Callum demora um segundo a devorar o meu corpo com os olhos e depois desaperta as calças, deixando o seu pénis livre.

Nunca o admitiria, mas o Callum tem um pénis lindo. Nunca vi nada igual. Os sulcos rasos do abdómen conduzem diretamente ao pénis, que é demasiado grosso para que eu possa fechar a minha mão em redor. A pele dele é pálida e cremosa, e o pénis é quase exatamente da mesma cor, com apenas um toque de rosa na ponta.

Gostei muito de o ter na minha boca daquela vez no duche. Era incrivelmente suave, deslizando facilmente para dentro e para fora dos meus lábios.

Na verdade, eu estaria disposta a fazê-lo novamente agora mesmo. Mas o Callum está muito impaciente.

Puxa-me para cima dele, de modo a ficar sentada no seu colo. Tem o pénis ereto entre nós, chegando quase até ao meu umbigo. Esfrego-lhe os lábios da minha rata para trás e para a frente, humedecendo-o. Depois, baixo-me sobre a cabeça grossa, deixando-a deslizar para dentro de mim.

O Callum encosta a cabeça ao assento, soltando um gemido profundo e gutural enquanto a minha rata o engole todo. Tem as mãos agarradas à minha cintura, puxando-me para baixo.

Oh, meu Deus, sabe tão bem...

Passei a noite toda excitada com a sensação enlouquecedora de estar completamente nua debaixo daquele vestido. Estava excitada e frustrada, perguntando-me quando é que voltaria a ter sexo.

Tenho de admitir que, por um segundo, a oferta do Oliver não me pareceu assim tão má. Ele é arrogante, imaturo e um pouco

idiota, mas pelo menos idolatrava o meu corpo.

Mas quando ele falou da noite em que nos comemos nas dunas, uma imagem diferente passou-me pela cabeça: o Callum a empurrar-me contra a parede de vidro do chuveiro e a fazer deslizar aquela ereção linda e grossa para dentro de mim. Eu estava a pensar nas mãos do meu marido em cima de mim naquele calor húmido, não nas do meu ex-namorado.

Desde então, não consigo parar de pensar nisso.

Agora que o estou a sentir de novo, é ainda melhor do que da primeira vez. O Callum está ainda mais selvagem e voraz do que antes. Está a levar os meus seios à boca, chupando-os como se estivesse esfomeado e eu fosse a única coisa que o mantém vivo. Quando larga o meu mamilo, começa a chupar-me o pescoço, com tanta força e voracidade que sei que amanhã vou estar cheia de marcas.

Deslizo para cima e para baixo no seu colo, cavalcando-lhe o pénis. O movimento da limusina ao passar por partes irregulares da estrada só aumenta a fricção da cavalgada. Até a vibração do motor aumenta a sensação. Sinto o cheiro do couro dos assentos, do álcool do minibar, do sangue na camisa do Callum e do suor na sua pele.

Ele agarra um punhado do meu cabelo, mordendo um dos lados do meu pescoço, tal como o vampiro que eu imagino que ele é. Isto provoca-me arrepios pelo corpo todo; faz-me agarrar-lhe o pescoço e apertar-me à volta da sua pila.

– Aida – geme ele ao meu ouvido. – És tão linda.

Paro por um segundo.

O Callum nunca me tinha elogiado. Eu pensava que ele gostava de raparigas como a Christina Huntley-Hart – magra, loura, elegante, popular. Bem-educada como um *poodle* de exposição.

Quando atacou o Oliver, pensei que fosse por orgulho. Irritação por o Oliver ter aparecido sem ser convidado na festa de angariação de fundos e ter tentado pôr as mãos na sua propriedade.

Nunca imaginei que o Callum pudesse mesmo estar com ciúmes.

Será que o meu marido, duro, empertigado e perfeccionista... está mesmo interessado em mim?

Começo a cavalgá-lo outra vez, rebolando as ancas para que a

minha rata deslize para cima e para baixo ao longo de todo o comprimento do seu membro.

O Callum suspira, com os braços tão apertados à minha volta que mal consigo respirar.

Encosto os meus lábios à orelha dele e sussurro:

– Queres-me, Cal?

– Eu não te quero – geme ele, a voz rouca e crua. – Eu *preciso* de ti.

Aquelas palavras libertam algo dentro de mim. Aquela parte de mim que estava a tentar conter a minha própria atração desesperada porque era demasiado intensa, demasiado perigosa para me entregar. Não me podia permitir desejar este homem porque era inútil. Pensava que não tinha poder sobre ele.

Agora apercebo-me de que ele precisa tanto disto como eu.

Venho-me com tanta força que todo o meu corpo treme nos braços dele. Parece uma cascata a ribombar dentro de mim. A porra das Cataratas do Niágara de prazer, a desabar e a desabar e a desabar. Imparável. Desinibida.

Mesmo depois de atingir o clímax, ainda quero mais. O orgasmo foi incrível, mas não me satisfaz por completo. Preciso de mais.

O Callum deita-me de costas e põe-se em cima de mim antes de me penetrar de novo. Fita-me diretamente nos olhos, aquele azul nítido contra o meu cinzento enevado.

Normalmente, quando o olho nos olhos, é porque estou furiosa, a querer enfrentá-lo. Nunca olhámos um para o outro assim: recetivos, curiosos, questionadores.

O Callum não é um robô. Ele sente as coisas tão intensamente quanto eu. Talvez até mais, porque está sempre a tentar reprimi-las dentro de si.

Pela primeira vez, ele pressiona os lábios contra os meus com delicadeza. A língua dele a saborear e a explorar.

Beijo-o de volta, continuando a rolar as minhas ancas sob as dele. Consigo sentir outro clímax a formar-se, a outra metade do que veio antes. Porque é que os nossos corpos se encaixam tão perfeitamente quando tudo o resto em nós é completamente contraditório?

– Tu és minha, Aida – rosna-me ao ouvido. – Vou matar qualquer um que tente tocar-te.

Com isto, ele explode dentro de mim. Eu também me estou a vir, o segundo orgasmo ainda mais forte do que o primeiro. O mais forte que já senti, na verdade.

Não sei se estarei viva quando acabar.

CALLUM

Felizmente, eu e a Aida somos os primeiros a regressar a casa, porque os restos do vestido dela estão espalhados pelo chão da limusina e ela não tem mais nada para pôr a não ser o meu casaco do fato.

Ela está-se nas tintas. Como o espírito livre que é, envolve o meu casaco à volta do corpo e corre para dentro descalça, fazendo uma saudação alegre ao motorista.

Quero segui-la, mas sinto o meu telemóvel a tocar no bolso – o meu pai, a ligar para me repreender.

– Em que raio estavas tu a pensar? – diz ele, no momento em que atendo.

– Aquele merdas tentou agredir a minha mulher.

– Tu andaste à pancada na tua própria angariação de fundos. Com o Oliver Castle! Tens noção da imagem que passa?

– Ele tem sorte por não lhe ter espalhado os miolos no passeio.

– Se tivesses, já estarias na cadeia. – O meu pai começa a fumar. – Não batestes num rapazinho qualquer... O Henry Castle é um dos homens mais ricos de Chicago. Ele doou cinquenta mil para a tua campanha!

– Bem, não vai ser reembolsado.

– Vais ter de lhe dar muito mais do que um reembolso para ele não sabotar a tua campanha.

Cerro os dentes com tanta força que os meus molares parecem estar prestes a partir-se ao meio.

– O que é que ele quer?

– Vais descobrir amanhã. Às oito da manhã, na Keystone Capital. Não te atrases.

Porra. O Henry Castle é pior do que o filho – fanfarrão, arrogante e presunçoso. Vai querer que eu me rebaixe e lhe dê graxa, enquanto eu quero castrá-lo para o impedir de ter mais filhos merdosos.

– Estarei lá.

– Hoje perdeste o controlo – diz o meu pai. – Que raio se passa entre ti e aquela rapariga?

– Nada.

– É suposto ela ser um ativo, não um passivo.

– Ela não fez nada. Já te disse que foi o Castle.

– Bem, controla-te. Não podes permitir que ela te distraia do teu objetivo.

Desligo, a ferver com tudo o que ficou por dizer e que me apetecia gritar ao telemóvel.

Foi ele que me obrigou a casar com a Aida e agora está zangado porque ela não é uma pequena peça de xadrez que pode mover no tabuleiro como faz com toda a gente?

É isso que admiro nela. É selvagem e destemida. Faço um esforço tremendo só para a convencer a usar o raio de um vestido. Ela nunca se humilharia perante o Henry Castle. E eu também não.

Subo as escadas para o nosso quarto, pensando que ela já está a lavar os dentes e a preparar-se para dormir. Em vez disso, atira-se para cima de mim assim que entro. Beija-me intensamente, puxando-me para a cama.

– Não estás cansada? – pergunto-lhe.

– Ainda nem sequer é meia-noite. – Ri-se. – Mas se preferes ir dormir, meu velho...

– Vamos ver o que é preciso para te cansar, sua doida dos diabos – digo, atirando-a para o colchão.

* * *

A Aida ainda está a dormir profundamente quando me levanto para ir ao encontro do Henry Castle. Puxo os cobertores à volta dos seus ombros nus, embora seja uma pena tapar toda aquela pele lisa e brilhante.

Parece exausta depois da nossa brincadeira de ontem à noite. Passámos uma hora a fazer algo que teve tanto de luta livre como de sexo. Ela estava a testar-me, a testar se eu a deixaria assumir o controlo, a testar a minha energia e a minha resistência.

Nem pensar que ia desistir primeiro. Sempre que ela tentava

subjugar-me, eu imobilizava-a novamente e penetrava-a sem piedade, até estarmos ambos ofegantes e a pingar de suor.

Eu via como isso a excitava, sentir a minha força contra a dela, sabendo que eu não ia ceder um centímetro. Ela gosta de me pressionar, para ver até onde consegue ir antes que eu me passe. Faz isso dentro e fora do quarto.

Bem, eu sou a porra de uma montanha que não pode ser derrubada. Ela vai aprender isso em breve.

E o Henry Castle também. Sei que ele pensa que vim ao escritório dele para me humilhar, mas isso não vai acontecer.

Na verdade, quando a rececionista me diz para me sentar e esperar do lado de fora do escritório, digo-lhe “a nossa reunião é às oito”, e entro.

Tal como eu desconfiava, o Henry está sentado atrás da secretária, a fazer absolutamente nada.

É um homem grande, completamente careca, forte e gordo. Usa fatos largos com ombros largos, o que dá a impressão de ser um homem grande. As sobrancelhas parecem pretas e deslocadas naquela cabeça sem cabelo.

– Griffin – diz ele com um aceno de cabeça austero. Tenta usar um tom de comando.

O Henry faz-me um gesto para que me sente do lado de cá da secretária, à sua frente. A cadeira é baixa e estreita, deliberadamente inferior àquela em que o próprio Henry se senta.

– Não, obrigado – digo, continuando de pé e encostando-me casualmente ao lado da secretária. Agora sou eu que estou a olhar para ele de cima para baixo.

Percebo que isso o aborrece. Levanta-se quase de imediato, com o pretexto de olhar para algumas fotografias que estão na sua estante.

– Sabes que o Oliver é o meu único filho. – Pega numa fotografia emoldurada de um rapaz numa praia. O rapaz corre em direção à água. Há uma casa atrás dele – pequena, azul, quase como uma casa de campo. A areia chega até aos degraus.

– Hum. – Assinto, indiferente. – Onde é que fica?

– Chesterton – revela o Henry, sucinto. Quer voltar ao tema da

conversa. Em vez disso, eu arrasto aquilo, para aumentar a irritação dele.

– Vão lá muitas vezes?

– Costumávamos ir. Todos os verões. Mas acabei de a vender. Tê-lo-ia feito mais cedo, mas o Oliver fez um alarido. Ele é mais sentimental do que eu.

O Henry volta a pousar a fotografia na estante, virando-se novamente para mim. As espessas sobrancelhas negras descaem sobre os olhos.

– Agrediste o meu filho, ontem à noite.

– Ele agrediu a minha mulher.

– A Aida Gallo? – O Henry permite-se uma ligeira expressão de desdém. – Sem ofensa, mas eu não acreditaria na palavra dela.

– Isso é extremamente ofensivo. – Encaro-o fixamente. – Já para não dizer que vi com os meus próprios olhos.

– Foi expulso pela segurança. Espero um tratamento melhor para um dos vossos maiores doadores.

Deixo escapar um pequeno suspiro.

– Por favor. Eu tenho muito dinheiro. Não vou prostituir a minha mulher por cinquenta mil. E, em todo o caso, a minha relação é consigo, não com o Oliver. Duvido que o facto de ele ser um bêbedo de mão-cheia seja uma surpresa, por isso é melhor irmos diretos ao assunto que o está efetivamente a incomodar.

– Muito bem – responde o Henry. As faces dele ficam vermelhas, fazendo com que a careca pareça mais brilhante do que nunca. – Ouvi dizer que vais vender a propriedade da Autoridade de Trânsito ao Marty Rico. Eu quero-a.

Valha-me Deus. Ainda nem sequer sou vereador, a propriedade não está à venda, mas metade dos homens de Chicago estão a tentar pôr-lhe as mãos imundas em cima.

– Tenho várias partes interessadas. – Bato com os dedos ao de leve na secretária dele. – Vou considerar todas as ofertas.

– Mas vais dar-ma – solta o Castle, num tom ameaçador.

Ele pode fazer todas as ameaças que quiser. Não ando a dar nada de graça.

– Se o preço for bom.

– Não me queres ter como inimigo. – O Henry está de novo atrás da secretária, de pé, porque quer impor-se. Infelizmente para ele, isso não funciona quando não se é o homem mais alto da sala.

– Tenho a certeza de que se vai lembrar de alguma coisa – comento. – Afinal de contas, está escrito “capital” na porta.

O rosto dele torna-se cada vez mais escuro. Parece que está prestes a rebentar uma veia.

– Vou falar com o teu pai sobre isto.

– Não se incomode – digo-lhe. – Ao contrário do seu filho, eu falo por mim.

AIDA

O Callum levanta-se cedo, entrando silenciosamente na casa de banho e fechando a porta para não me acordar com o barulho do duche.

Quando finalmente acordo, já ele se foi embora há muito, provavelmente para uma reunião. Ainda sinto no ar o cheiro do champô e do *aftershave* dele. Um aroma que se está a tornar cada vez mais erótico para mim.

Delicio-me a pensar na satisfação da noite anterior.

Jamais teria acreditado que o Callum Griffin pudesse ser tão apaixonado ou sensual. Para ser franca, é o melhor sexo que alguma vez tive, com a pessoa de quem menos gosto. Que enigma. Porque quase faz com que me sinta próxima dele, e eu não estava a planear nada disso.

A minha cabeça está a mil. Que raio se passa? Será a síndrome de Estocolmo, por ter estado demasiado tempo envolvida com os Griffin?

Felizmente, hoje vou a casa e assim posso recuperar um pouco da minha sanidade.

Gostava que fosse por uma razão mais feliz. É o aniversário da morte da minha mãe – um dia que passo sempre com o meu pai e os meus irmãos.

Estou ansiosa por isso. Não voltei lá desde que me casei. Pergunto-me se a sensação será diferente agora que, tecnicamente, vivo noutro lugar.

A mansão dos Griffin não me parece nada um lar. Há algumas coisas de que gosto – principalmente a sala de cinema e a piscina. Tudo o resto está irritantemente arranjado, como se alguém fosse aparecer a qualquer momento e fotografar o interior para uma revista. Parece que não é suposto sentarmo-nos em grande parte dos sofás, cheios de almofadas rígidas e sem qualquer acessório confortável, como livros ou mantas.

Além disso, o número de empregados da casa é impressionante.

Senhoras da limpeza, cozinheiras, assistentes, motoristas, seguranças... É difícil sentirmo-nos confortáveis quando sabemos que alguém pode entrar sorrateiramente no quarto a qualquer momento, retirando-se sempre educadamente se vir que o espaço está ocupado, mas lembrando-nos sempre de que não estamos sozinhos e pertencemos a uma estranha e incómoda classe social acima da deles.

Eu falo com “os empregados” – especialmente com a Marta, porque é a que vejo com mais frequência. Tem uma filha de sete anos, ouve *reggaeton* e é o Miguel Ângelo da maquilhagem. Parece ser porreira e talvez pudéssemos ser amigas. Só que é suposto ela estar sempre à minha disposição para aquilo que eu precisar, como se eu fosse uma Griffin.

É engraçado, porque os Gallo não são exatamente pobres. Mas há níveis de riqueza, como em tudo o resto.

Vou ficar contente por voltar à realidade por um dia.

A Nessa tem a amabilidade de me emprestar o jipe dela para eu conduzir até casa. Na verdade, não tenho o meu próprio carro. Em casa do papá, havia sempre carros suficientes na garagem para que eu pudesse levar o que quisesse, partindo do princípio de que o Nero não lhe tinha tirado o motor sabe-se lá para quê. Acho que agora posso comprar um. Tenho muito dinheiro no banco. Mas detesto a ideia de implorar aos Griffin por um lugar de estacionamento.

Dirijo-me para a Cidade Velha, sentindo-me como se tivessem passado meses, em vez de apenas semanas, desde a última vez que aqui estive.

Conduzir por estas ruas familiares é como voltar a ser eu mesma. Vejo as lojas e padarias que conheço tão bem, e penso em como é estranho o facto de eu e o Callum termos vivido apenas a alguns quilómetros de distância um do outro durante todo este tempo e, no entanto, os nossos mundos serem tão diferentes.

Ao longo dos anos, todos os tipos de pessoas viveram na Cidade Velha – quando estava cheia de quintas alemãs, chamavam-lhe *Cabbage Patch*. Mais tarde, vieram os porto-riquenhos e um exército de artistas. Muitos italianos também.

A nossa casa é uma grande e antiga casa vitoriana – com ênfase no *antiga*. Tem quatro andares e é tão sombria e sinuosa como uma casa assombrada, protegida por carvalhos enormes e um jardim murado.

O meu pai construiu um parque de estacionamento subterrâneo para os projetos em curso do Nero. Desço até ao estacionamento e estaciono antes de subir as escadas para a cozinha, onde surpreendo a Greta ao abraçar-lhe a cintura larga.

– *Minchia!* – grita ela, às voltas com uma colher na mão, salpicando-me com molho de tomate. – Aida! Porque não me disseste que vinhas a casa? Eu teria feito o jantar!

– Estás a fazer o jantar – observo.

– Teria feito um jantar melhor.

– Adoro tudo o que fazes – digo, tentando arrancar-lhe a colher da mão para poder provar o molho.

Em vez disso, ela usa a colher para me bater nos nós dos dedos.

– Ainda não está pronto.

Agarro-a pela cintura e abraço-a de novo, apertando-a com força e tentando levantá-la do chão.

– *Smettila!* Para com isso antes que partas as costas. Ou partas as minhas!

Contento-me em dar-lhe um beijo na cara.

– Tenho saudades tuas. A cozinheira dos Griffin faz uma comida de merda.

– Eles não têm uma boa cozinheira, com aquele dinheiro todo? – interroga ela, espantada.

– É tudo comida saudável. Detesto.

A Greta estremece como se eu tivesse dito que serviam ratos vivos.

– Não há nada mais saudável do que azeite e vinho tinto. Se comeres como um italiano, vais viver para sempre. Não é bom ser-se muito magro.

Sufoco uma gargalhada. Acho que a Greta nunca esteve a menos de cinquenta quilos de ser magra, e eu nunca estive perto de ser um palito. Portanto, não estamos exatamente a falar por experiência própria. Mas parece horrível.

– Onde está o papá? – pergunto-lhe.

– Está no quarto da tua mãe.

Ela está a falar do quarto de música. A minha mãe formou-se como pianista clássica antes de conhecer o meu pai. O piano de cauda ainda está na divisão mais soalheira do último andar, juntamente com todos os seus livros de composição e partituras.

Subo os dois lanços de escadas para ir ter com o papá. As escadas são estreitas e rangem, os degraus de madeira mal têm largura suficiente para o Dante subir sem que os ombros rocem as paredes dos dois lados.

O papá está sentado no banco do piano da minha mãe, a olhar para as teclas. Ele manda afinar e reparar o piano todos os anos, embora a minha mãe fosse a única pessoa a tocar no piano de cauda.

Lembro-me de ela se sentar exatamente naquele lugar. Ficava espantado com a rapidez com que as mãos voavam sobre as teclas, tendo em conta que ela era pequena e as mãos eram pouco maiores do que as minhas.

Não tenho muito mais recordações dela. Tenho inveja dos meus irmãos que a conheceram durante muito mais tempo do que eu. Eu tinha apenas seis anos quando ela morreu.

Ela pensou que era uma gripe. Fechou-se no quarto, sem querer contagiar mais ninguém. Quando o meu pai se apercebeu da gravidade da doença, já era demasiado tarde. Ela morreu de meningite depois de ter estado apenas dois dias doente.

O meu pai sentiu-se horrivelmente culpado. Ainda se sente.

No nosso mundo, sabemos que podemos perder um familiar de uma forma violenta. Os Gallo já perderam mais do que a sua quota-parte. Mas não se espera que uma doença, um ladrão silencioso, atinja uma mulher tão jovem e saudável.

O papá ficou destroçado. Ele amava intensamente a minha mãe.

Viu-a atuar no Teatro Riviera e depois mandou-lhe flores, perfumes e joias durante semanas até ela aceitar jantar com ele. O papá era doze anos mais velho do que ela e já era infame.

Ele cortejou-a durante mais dois anos antes de ela aceitar casar.

Não sei o que ela pensava do trabalho dele ou da sua família. Sei

que, pelo menos, adorava os filhos. Estava sempre a falar dos seus três belos rapazes e de mim, a sua última pequena surpresa.

O Dante tem a concentração dela, o Nero o talento, o Sebastian a bondade... Não sei o que é que eu tenho – os olhos, suponho.

Sei tocar um pouco de piano. Não como ela.

Vejo os ombros largos do papá sobre as teclas. Ele toca o dó médio com um dedo quase demasiado grosso para caber nos limites da tecla. O papá tem uma cabeça enorme que assenta quase diretamente sobre os ombros. As sobrancelhas são tão grossas como o meu polegar. Ainda são pretas, tal como o bigode. Mas a barba é grisalha, e o cabelo escuro e encaracolado está coberto de madeixas brancas.

– Anda cá tocar comigo, Aida – diz ele sem se virar.

É impossível apanhá-lo desprevenido. E não é só na nossa casa, onde as escadas rangem.

Sento-me ao lado dele no banco. Ele desliza para o lado para me dar espaço.

– Toca a canção da tua mãe.

Estendo os dedos sobre as teclas. Sempre que a toco, penso que me vou esquecer dela. Não sei dizer como começa nem sequer cantarolá-la corretamente. Mas o corpo lembra-se de muito mais coisas do que o cérebro.

Ela tocou esta canção vezes sem conta. Não era a mais difícil nem sequer a mais bonita. Era apenas a que lhe ficara na cabeça.

Gnossienne No. 1, de Erik Satie. Uma peça singular e assombrosa.

Gnossienne n.º 1 – Erik Satie

Começa por ser rítmico, misterioso, quase como uma pergunta. Depois parece responder com raiva, de um modo dramático. Depois repete-se, embora não exatamente da mesma forma.

Não há compassos ou divisões de compassos. Pode ser tocada como se quiser. A mamã tocava ora mais depressa, ora mais devagar, mais forte ou mais suave, dependendo do seu humor. Depois da segunda vez, passa para uma espécie de ponte – a passagem mais melancólica de todas. Em seguida, volta ao início

mais uma vez.

– O que significa? – perguntei-lhe, quando era pequena. – O que é uma *gnossienne*?

– Ninguém sabe – replicou ela. – O Satie inventou-a.

Eu toco-a para o papá.

Ele fecha os olhos, e sei que está a imaginar as mãos dela nas teclas, a moverem-se com muito mais sensibilidade do que as minhas.

Vejo o corpo magro dela a balançar com o movimento da música, os olhos cinzentos fechados. Consigo sentir o cheiro dos lilases frescos que guardava num vaso junto à janela.

Quando abro os olhos, o quarto está mais escuro do que quando ela cá estava. Desde então, os carvalhos tornaram-se mais espessos e mais altos, tapando a janela. Já não há vasos nem flores frescas.

O Nero está junto à porta – alto, magro, o cabelo preto a cair sobre um olho, o rosto belo e cruel como um anjo vingador.

– Devias tocar – digo-lhe. – És melhor do que eu.

Ele abana rapidamente a cabeça e volta a descer as escadas. Estou surpreendida por ele ter subido até aqui, para começar. Ele não gosta de recordações. Ou demonstrações de emoção. Ou aniversários.

O papá está a olhar para o anel na minha mão esquerda. Pesa-me na mão e faz com que seja difícil tocar.

– Eles tratam-te bem, Aida? – questiona ele.

Hesito, pensando em como o Callum me roubou a roupa ontem à noite, como se atirou a mim no carro e me cortou o vestido. No sabor da boca dele. Como o meu corpo reagiu a ele.

– Tu sabes que eu sei tomar conta de mim, papá – replico, por fim.

Ele assente.

– Eu sei.

– O Tymon Zajac foi à angariação de fundos do Callum, ontem à noite.

O papá respira fundo. Se estivéssemos na rua, era capaz de ter cuspidado para o chão.

– O *Carniceiro*. O que é que ele queria?

– Ele disse que queria uma propriedade da Autoridade de Trânsito que está prestes a ser leiloadada. Mas não me parece que fosse só isso, não mesmo... Acho que estava a testar o Callum. E talvez também a mim. Para ver como reagiríamos a uma exigência.

– O que é que o Callum disse?

– Disse-lhe para desaparecer.

– Como é que o Zajac reagiu?

– Foi-se embora.

O meu pai franze o sobrolho.

– Tem cuidado, Aida. Isso não vai ficar sem resposta.

– Eu sei. Mas não te preocupes, os Griffin têm seguranças em todo o lado.

Ele assente, mas não parece muito convencido.

Ouço um barulho na cozinha do andar de baixo. Esta casa não tem qualquer isolamento – o ruído propaga-se por todo o lado.

A seguir vem o som estridente da voz do Dante e uma gargalhada que parece do Sebastian.

– Os teus irmãos já chegaram – diz o papá.

– Vamos lá. – Apoio a mão no ombro dele enquanto me levanto do banco do piano.

– Eu já lá vou ter.

Desço as escadas. Efetivamente, os meus três irmãos estão todos amontoados na pequena cozinha com a Greta. O Dante está a tentar limpar os cacos dos pratos que o Sebastian deitou ao chão com uma das muletas. O Joelho do Seb ainda está preso num aparelho de alta tecnologia que é suposto ser útil, mas que, em vez disso, o transformou num desastre ambulante ainda maior do que o habitual.

Pelo menos, já anda. Mais ou menos.

– Olá, desastrado – digo, abraçando-o.

– Eras tu que estavas a tocar lá em cima? – quer saber o Sebastian, abraçando-me também.

– Sim.

– Parecias mesmo ela.

– Não, não parecia. – Abano a cabeça.

– Podes crer que não – concorda o Nero.

– Dá-me a vassoura – exige a Greta ao Dante. – Só estás a espalhar isto tudo.

Enquanto ela está de costas, o Nero rouba um pãozinho de laranja e mete-o na boca.

Pressentindo um mau comportamento, ela vira-se outra vez e olha-o fixamente. O Nero tenta manter o rosto perfeitamente imóvel, apesar de as bochechas estarem inchadas como as de um esquilo.

– Isso é para o almoço! – resmunga a Greta.

– *Sjá esh armosso* – diz o Nero, com a boca cheia.

– Não, não é! E não comas sem que o teu pai esteja presente.

O Nero força-se a engolir tudo.

– Ele não vai comer. Sabes como ele está hoje.

– Bem, não tornes as coisas piores! – ralha a Greta. – E tu. – Aponta um dedo ao Sebastian. – Sai daqui antes que partas alguma coisa importante.

– Está bem, está bem. – O Sebastian enfia as muletas sob as axilas e dá meia-volta em direção à sala de estar, falhando por pouco a chaleira da Greta, mas deitando a vassoura ao chão.

O Nero apanha o cabo com a mão direita e com a esquerda apanha outro pãozinho de laranja. Passa a vassoura à Greta, mantendo a fatia escondida atrás das costas.

– Toma, Greta. Sabes que só quero ajudar.

– Tu ajudavas era a tirarem-me a camisa do corpo, seu malandro.

– Depende. Que número vestes?

Ela tenta chicoteá-lo com um pano de cozinha. Ele sai a correr da cozinha, empurrando o Sebastian, que quase cai.

O Dante segue-o a um ritmo mais vagaroso. Eu sou a última a sair, a olhar para os pãezinhos de laranja acabados de fazer, mas sem querer arriscar a ira da Greta.

Por fim, conseguimos convencer o papá a descer, trazendo o seu velho jogo de *Mahjong* e abrindo a garrafa de vinho que o Dante trouxe. Jogamos um torneio rotativo, no qual o Nero acaba por sair vitorioso, mas não sem acusações de batota e pedidos de recontagem de todas as peças, para o caso de algumas terem sido “extraviadas” durante o jogo.

Quando o almoço está pronto, obrigamos a Greta a sentar-se e a comer connosco, em vez de estar sempre a trabalhar. O Nero convence-a a beber um, e depois vários copos de vinho, e é nessa altura que ela nos conta histórias sobre um escritor famoso que conhecia, com quem terá dormido “uma ou duas vezes”, até que ele escreveu uma personagem baseada nela que a ofendeu terrivelmente.

– Foi o Kurt Vonnegut? – quer saber o Sebastian.

– Não. – A Greta abana a cabeça. – E não te vou dizer o nome dele. Ele foi casado parte do tempo.

– Foi o Steinbeck? – O Nero sorri com malícia.

– Não! Quantos anos pensas que eu tenho? – responde a Greta, indignada.

– Maya Angelou – solto, com uma expressão de inocência.

– Não! Parem de tentar adivinhar, suas pestinhas sem respeito.

– Não é falta de respeito – diz o Dante. – São todos excelentes autores. Agora, se disséssemos Dan Brown...

A Greta, que adora *O Código da Vinci*, farta-se de nós.

– Já chega! – Levanta-se de forma ameaçadora do seu lugar. – Vou deitar ao lixo a vossa sobremesa.

O Nero faz-me um sinal frenético para ir buscar o semifrio ao frigorífico antes que a Greta se vingue.

De um modo geral, o dia está a ser tão alegre quanto se poderia esperar, tendo em conta a ocasião. A única pessoa que não está tão bem-disposta como habitualmente é o Sebastian. Está a fazer o seu melhor para sorrir e participar em jogos e conversas com todos, mas consigo perceber que as semanas de inatividade e a perda daquilo que mais gosta no mundo estão a desgastá-lo. Parece magro e cansado. Está pálido, como se não andasse a dormir muito.

Eu sei que ele não quer que eu peça desculpa outra vez. Mas vê-lo a tentar percorrer os corredores estreitos e as inúmeras escadas da casa com aquelas malditas muletas está a dar cabo de mim.

Mesmo com esta infeliz lembrança, a tarde acaba muito depressa.

Depois de todos termos comido e arrumado a mesa, o Dante e o Nero têm de voltar para o projeto da Torre de Oak Street; o

Sebastian tem uma aula de Biologia.

Eu podia ficar com o papá, mas sei que ele vai acabar o vinho enquanto folheia álbuns de fotografias antigas. Não tenho coragem para isso. Todas aquelas fotografias do papá, da mamã e dos meus irmãos a viajar por Sicília, Roma, Paris, Barcelona, enquanto eu ainda não era nascida ou, na melhor das hipóteses, era um bebê num carrinho de bebê. Só me faz lembrar aquilo que perdi.

Dou um beijo ao meu pai e ofereço-me para ajudar a Greta com a louça, sabendo que ela não me vai deixar. Depois desço à garagem para ir buscar o jipe da Nessa.

Estou de volta à mansão dos Griffin às três da tarde.

Não espero encontrar ninguém em casa, além dos empregados. Quando a Imogen não está a tratar dos negócios da família, está a espalhar a sua influência por dezenas de instituições de caridade e conselhos de administração, ou então a socializar estrategicamente com as esposas ricas e influentes dos cidadãos mais importantes de Chicago. O Fergus, o Callum e a Riona trabalham muitas horas e a Nessa tem aulas quase todos os dias – na Loyola ou no Lake City Ballet.

No entanto, quando entro pela porta lateral que dá para a cozinha, ouço duas vozes masculinas.

É o Callum e o seu guarda-costas, sentados nos bancos do bar, em mangas de camisa, com os casacos pendurados nas costas das cadeiras.

Não sei do que estão a falar, mas fico imediatamente enfurecida com a visão do pugilista bruto, que agora sei que se chama Jackson Howell Du Pont. O Callum conheceu-o na escola, nos seus tempos da Academia de Lakeside. O Jack é um dos muitos descendentes da família Du Pont, cujos membros fizeram fortuna com a pólvora e, mais tarde, com a invenção do *nylon*, do *Kevlar* e do *Teflon*.

Infelizmente para o pequeno Jackie, os Du Pont foram demasiado bem-sucedidos a espalhar o seu nome e a sua semente, porque agora há cerca de quatro mil deles, e o ramo da família do Jack mal tinha dinheiro para pagar a sua educação numa escola privada de luxo, sem o habitual fundo fiduciário. Por isso, aquilo que o pobre Jack faz resume-se a servir de motorista do Callum, a

fazer-lhe os recados, a vigiar-lhe as costas e, ocasionalmente, a partir rótulas em seu nome. Como fez com o meu irmão.

Tendo acabado de ver as olheiras e o sorriso infeliz do Sebastian, apetece-me pegar na corda de piano mais próxima e enrolá-la à volta da garganta do Jack. O Callum tem sabido manter o guarda-costas afastado da casa Griffin e fora da minha vista. Acho que ele não me esperava em casa tão cedo.

– Que raio está ele aqui a fazer? – rosno.

O Callum e o Jack já se levantaram, sobressaltados com o meu súbito aparecimento.

– Aida... – O Callum levanta as mãos em sinal de aviso. – Isso são águas passadas.

– Será? Porque o Sebastian ainda anda por aí a coxear. Enquanto este cabrão bêbedo de merda ainda está, aparentemente, a trabalhar para ti.

O Jack revira os olhos, vai até à fruteira no balcão e escolhe uma maçã suculenta e apetitosa.

– Põe uma trela na tua cadela – diz ele ao Callum.

Surpreendendo-me, o Callum vira-se para o Jack, sem expressão, mas com os olhos a brilhar.

– O que é que disseste?

Vejo o brilho baço do metal dentro do casaco do Jack. Uma *Ruger LC9* no bolso de dentro, pendurada nas costas da cadeira, em vez de estar bem agarrada ao corpo. Que raio de amador.

Com dois passos, aproximei-me do casaco e tirei a arma. Verifico se está carregada, solto a patilha de segurança e insiro uma bala na câmara.

O Callum e o Jack congelam com o som da bala a entrar na câmara.

– Aida! – solta bruscamente o Callum. – Não...

Já estou a apontar a arma ao Jack.

– Deixar a arma por aí, à mão de semear. – Faço um estalido com a língua, abanando a cabeça em sinal de desaprovação. – Muito desleixado, meu menino. Onde é que recebeste a tua formação, na Academia de Polícia de Chicago? Ou foi na faculdade para palhaços?

– Vai-te foder, sua puta labrega – rosna o Jack, com a cara vermelha de raiva e os dentes à mostra. – Se não fosses casada com ele...

– Fazias o quê? Levavas um pontapé nos dentes, como da última vez? – ironizo.

O Jack está tão furioso que sei que já estaria a avançar na minha direção se eu não tivesse a arma apontada ao seu peito.

O Callum está numa posição mais ambivalente. Por um lado, posso dizer que ele está zangado por eu ter sacado de uma arma na sua cozinha e a ter apontado ao seu guarda-costas. Por outro, não gosta da forma como o Jack está a falar comigo. Nem um bocadinho.

– Pousa a arma, Aida – ordena ele. Mas é para o Jack que está a olhar, com uma fúria fria nos olhos.

– Vou pousar – digo, baixando a arma de modo que o cano fique apontado diretamente ao joelho do Jack. – Depois de ele pagar pelo que fez ao meu irmão.

Nunca disparei contra ninguém. Já fui muitas vezes ao campo de tiro com os meus irmãos, e colocámos aqueles recortes de papel – às vezes uma silhueta humana em branco, outras vezes um *zombie* ou um ladrão. Sei como apontar para o alvo, como posicionar os meus disparos, como apertar o gatilho, em vez de o puxar, e como controlar o coice.

É estranho apontar para uma pessoa real. Vejo as gotas de suor ao longo da linha do cabelo do Jack, a forma como o olho direito se contrai ligeiramente quando olha para mim. Vejo o peito dele a subir e a descer. Ele é uma pessoa real, apesar de ser um cretino raivoso. Será que vou mesmo dar-lhe um tiro?

O Jack decide que a melhor maneira de sair desta situação é intimidar-me. Talvez pense que é psicologia inversa. Ou talvez seja apenas parvo.

– Não me vais dar um tiro – escarnece ele. – És apenas uma fedelha mimada da máfia, uma aspirante a durona como o teu irmão maricas.

O Callum, mais perspicaz do que o Jack, percebe a minha intenção antes mesmo de eu me mexer. Atira-se à arma, fazendo-me

levantar as mãos no momento em que puxo o gatilho.

O som do disparo é incrivelmente alto no recinto da cozinha. Parece ecoar por todo o lado, ensurdecendo-nos.

Graças à intervenção do Callum, não acerto na perna do Jack. Em vez disso, a bala passa de raspão pela parte exterior do braço esquerdo do Callum, antes de se enterrar na porta de um dos armários de cedro personalizados da Imogen.

Como tinta vermelha sobre o papel, o sangue encharca a manga da camisa do Callum. Ele olha para baixo, observando estoicamente os danos, antes de me torcer o braço atrás das minhas costas e prendê-lo com força.

– Eu disse *não* – rosna ele ao meu ouvido.

– Ela tentou matar-me! – exclama o Jack, incrédulo. – Ela puxou o gatilho! Sua cabra nojenta! Eu vou...

– Cala a puta da boca e mantém-na fechada – ameaça o Callum.

O Jack detém-se onde está, congelado no ato de avançar sobre mim. Aquele enorme rosto quadrado parece confuso.

– Se *voltares* a falar assim com a minha mulher, esvazio-te esse carregador no peito.

O Jack abre a boca como se fosse protestar, mas fecha-a novamente quando vê o olhar do Callum.

Não o consigo ver, porque o Callum ainda tem o meu braço torcido atrás das minhas costas, de forma bastante dolorosa. Mas consigo sentir o calor que lhe irradia do corpo. Consigo ouvir a seriedade mortal daquela ameaça. Ele está a falar a sério. Cada palavra.

– Está... está a sangrar para o chão, chefe – diz o Jack, num tom humilde.

Efetivamente, uma pequena poça está a formar-se no lado esquerdo do Callum, infiltrando-se na argamassa imaculada por entre os azulejos da Imogen. Mais uma coisa que a vai deixar furiosa.

– Limpa isso, por favor – diz o Callum, na direção da porta.

Apercebo-me de que pelo menos três membros do pessoal da casa estão a espreitar, tentando perceber que raio se passa.

Uma das empregadas, a Linda, parece particularmente alarmada

com o facto de o Callum me ter imobilizado o braço. Martino, o jardineiro, espreita pela janela, parecendo enjoado com a quantidade de sangue no chão.

– Vai para casa – ordena o Callum ao Jack. – Telefono-te amanhã de manhã.

O Jack assente, dominado. Não faz contacto visual comigo enquanto passa de forma apressada.

Imagino que o Callum me vai largar assim que o Jack se for embora. Presumi que ele me estava a segurar assim para se certificar de que eu não ia voltar a atacar o seu guarda-costas.

Em vez disso, ele leva-me para fora da cozinha, para o corredor.

– Onde é que vamos? – exijo saber, tentando torcer o meu pulso para me livrar daquele aperto.

O Callum apenas me aperta com mais força. A dor sobe-me pelo braço direito até ao ombro. A minha mão ficou dormente. O braço esquerdo dele envolve o meu corpo, com a mão a agarrar a parte da frente da minha roupa. As minhas costas pressionam-se contra o seu peito. Consigo sentir o coração dele a bater, furioso como um tambor de guerra.

– Podes largar, eu não... Ai!

Ele empurra-me pelas escadas acima, com tanta força e rapidez que os meus pés mal tocam no chão. Continua a empurrar-me até chegarmos ao fim do corredor e à porta do nosso quarto. Só então é que me larga, fechando a porta atrás de si.

Vira-se de frente para mim, com as pupilas contraídas até se transformarem em alfinetes, de modo que os seus olhos parecem mais azuis e frios do que nunca. Já não é tão pálido como um vampiro, a pele dele fica corada, o maxilar rígido devido à força com que o está a cerrar.

– Olha – digo eu. – Eu sei que isto ficou um bocado...

Ele atravessa o espaço entre nós num só passo, agarrando um punhado do meu cabelo. Puxa-me a cabeça para trás e beija-me ferozmente.

É a última coisa de que estava à espera. Toda a vontade de o desafiar abandona o meu corpo. Afundo-me contra ele, mole de alívio. Acho que me perdoou ou, pelo menos, compreende porque o

fiz.

Apercebo-me imediatamente de que estava muito enganada quanto a isso. Assim que os nossos peitos se tocam, sinto que o corpo dele ainda está a arder e a tremer, todos os músculos a latejarem com o esforço de conter a emoção dentro dele.

A língua dele enche-me a boca. Os lábios batem nos meus com tanta força que os sinto a começar a inchar. O Callum esmaga-me contra ele, ainda determinado a dominar-me, apesar de eu já me ter submetido. Só quando os meus joelhos estão literalmente a dobrar-se debaixo de mim é que ele me levanta e me leva para a cama.

Puxa-me a *T-shirt* por cima da cabeça. Como uma criança, levanto os braços para ajudar. Quando a *T-shirt* está por cima de mim, ele puxa os meus pulsos para trás, mantendo a *T-shirt* de algodão enrolada num dos braços. Rapidamente, o Callum cruza os meus pulsos, usando a camisola torcida como corda para os atar.

Depois desapertha-me os calções. Com um repelão forte, puxa os calções e as cuecas para baixo, até aos joelhos.

Sinto-me muito estúpida ali de pé, com os braços atados atrás das costas e os tornozelos igualmente bem atados também, a menos que eu queira tentar sair dos calções sem cair de cara no chão.

– Callum – digo, hesitante. – Podes...

Ele está a desaperatar o nó da gravata. Puxa-a do pescoço e aproxima-se de mim com o material esticado entre as duas mãos, como um garrote. Fico ligeiramente receosa de que me vá estrangular. Em vez disso, amordaça-me com a gravata, interrompendo-me a meio da frase e dando um nó apertado atrás da minha cabeça.

Sinto o sabor da seda crua contra a minha língua. Deve ser cara.

Tenho a vaga ideia de que o Callum planeia amarrar-me e deixar-me aqui como castigo por ter disparado contra o seu empregado. Depressa me dou conta de que o Callum não tem qualquer intenção de se ir embora. Senta-se na beira da cama e puxa-me com força para o colo dele. Atira-me para cima das suas coxas, de modo que a minha cara fique junto às suas canelas, com o meu rabo nu no ar.

De repente, apercebo-me do que está a planear. Começo a

mexer-me e a contorcer-me, tentando libertar os meus pés dos calções, gritando “*não te atrevas*” através da mordaça, embora saia mais como *Dão de adre...*

O Callum levanta uma mão grande e forte e bate-me com força no rabo. Ouve-se um estalido agudo, quase tão alto como o tiro da cozinha. Um segundo depois, apodera-se de mim uma dor aguda e quente.

– *Arggg!* – grito através da mordaça.

ESTALO!

Nem sequer sabia que ele levantara a mão outra vez e já me estava a bater no mesmo sítio, desta vez com mais força.

ESTALO!

ESTALO!

ESTALO!

A precisão dele é cruel. Cada palmada cai exatamente no mesmo sítio na minha nádega direita, fazendo-me sentir como se tivesse sido mergulhada em gasolina e incendiada.

Estou a dar pontapés e a tentar rolar para fora do seu colo, gritando todo o tipo de palavrões. O Callum imobiliza-me com força, com a mão esquerda entre as minhas omoplatas e a direita a administrar o castigo.

Estou a dar uma luta particularmente vigorosa.

– Está quieta, senão levas o dobro! – avisa o Callum.

Isso só me faz dar mais pontapés. Como é que ele se atreve a dar-me umas palmadas? E a ameaçar-me! Quando me libertar, vou dar-lhe um murro mesmo onde o atingi, e depois um pontapé num sítio pior.

ESTALO!

O Callum bate com a palma da mão no lado esquerdo. Foda-se! Porque é que ainda dói mais? Porque é que me está a bater com tanta força? É como um jóquei a chicotear um cavalo!

ESTALO!

ESTALO!

ESTALO!

Eu nunca tinha sido espancada. É incrível como está a fazer o meu rabo arder e latejar.

O Callum disse-me para ficar quieta, mas não consigo. Não posso evitar afastar-me do golpe seguinte, apertar as pernas e contorcer-me na superfície dura das suas pernas.

Isto está a ter o seu próprio efeito embaraçoso.

Afinal, estou nua. O aperto e a contorção do meu corpo nu contra a lã fina das calças do Callum criam muita fricção em sítios muito inconvenientes...

Os meus mamilos estão duros como uma rocha dentro do meu sutiã. Sinto calor e humidade entre as pernas. Não consigo ver, mas suspeito que as minhas faces estejam tão vermelhas como o meu rabo.

Paro de me debater, sobretudo porque não quero ficar mais inadvertidamente excitada do que já estou. Também não quero que o Callum repare. É uma humilhação do caraças. Se ele se aperceber do efeito que isto está a ter em mim, nunca mais o poderei olhar na cara.

Mas ele já sabe. É tão perspicaz. Assim que deixo de lutar, assim que a minha respiração muda e fico tensa, ele para de bater. Detém-se por um momento, com a palma da mão pesada pousada sobre as minhas nádegas latejantes.

Depois, começa a massajar-me o rabo, delicadamente.

A sensação é absolutamente deliciosa. Parece aquela vez em que roubei um dos bolinhos especiais do Dante e comi tudo mesmo antes de receber uma massagem. Cada aperto da mão do Callum envia impulsos de prazer que percorrem os meus neurónios, fazendo-os brilhar como luzes de Natal.

Sem querer, dou um gemido e pressiono as coxas contra a parte externa da perna de Callum.

– Gostas disto? – grunhe ele, a voz mais baixa e mais áspera do que nunca.

As pontas dos dedos dele dançam pela fenda do meu rabo antes de deslizarem entre as minhas coxas para confirmarem o que ele já suspeitava. Na verdade, os dedos deslizam facilmente sobre a superfície escorregadia dos meus lábios.

– Bem me parecia – sussurra ele.

Sem aviso, enfia dois dedos dentro de mim. Solto um gemido

profundo e desesperado. A minha rata está tão sensível e quente que aqueles dedos são as coisas mais prazerosas que alguma vez estiveram dentro de mim. Parecem feitos à medida, poderosos, tão personalizados como a porra de um dos armários da Imogen.

O Callum desliza os dedos para dentro e para fora, apreciando os sons de súplica ansiosos que estou a fazer à volta da mordança.

Oh, meu Deus, quero que me coma agora.

Quero tanto que sinto que poderia estar disposta a morrer depois, se pudesse ter aquilo de que preciso durante cinco minutos seguidos.

– Olha o que fizeste. – O Callum toca na ferida no seu braço esquerdo. Quando põe as pontas dos dedos à frente da minha cara, vejo que estão a brilhar com sangue fresco. – Já estou farto de te ver a perder o controlo – diz ele. – Isso acaba esta noite. De agora em diante, vais ser a esposa que me foi prometida. Prestável. Útil. Obediente.

Enganchando os braços sob o meu corpo, o Callum levanta-se, içando-me dos seus joelhos. Atira-me de bruços para a cama, com os pulsos ainda atados atrás das costas e os joelhos dobrados por baixo de mim, de modo que o meu rabo aponte para o ar.

As mãos fortes e quentes do Callum agarram-me as ancas, e a direita desaparece momentaneamente enquanto ele alinha a gaita na minha entrada e depois regressa.

Penetra-me com um só impulso dos quadris. Entra até ao fim, chegando ao fundo com a parte da frente das coxas encostada à parte de trás das minhas. Agarra as minhas ancas com força, deixando-se ficar totalmente enfiado, tão fundo que sinto a ponta a latejar contra o meu colo do útero.

Só depois é que se retira outra vez, quase até ao fim, antes de voltar a enfiar tudo.

Faz isto várias vezes, deixando-me apreciar todo o comprimento daquela ereção. Depois começa a penetrar-me com força. Com mais força e mais rapidez, os nossos corpos batem um no outro com um som não tão agudo como o das palmadas, mas mais rápido e insistente.

Estar desesperadamente excitada e depois ser servida

agressivamente desta forma é tão... excitante. Ao nível de um gelado num dia quente ou de um miúdo malcriado que bate com a cara no chão, estou no auge da felicidade. Eu não quero apenas isto; eu preciso disto, porra.

É então que o Callum começa a torturar-me verdadeiramente.

Passa a mão pela minha anca para encontrar o meu clítoris com os dedos. Provoca-me ligeiramente com as pontas dos dedos antes de aumentar gradualmente a pressão.

Estou ofegante e a gemer contra a mordação, tentando mexer as ancas para conseguir mais pressão no ponto certo.

O Callum não me está a dar o que eu quero. Ele sabe o que eu quero, mas está a negar-mo.

O braço dele está a envolver-me com força. Continua a investir contra mim, cada vez mais fundo. Inclina-se e rosna-me ao ouvido:

– Vais ser uma boa menina, Aida? A minha boa mulherzinha?

Estou a choramingar, quase a implorar. Não quero dizê-lo. Raios o partam, não quero dizê-lo!

– Diz-me – cantarola o Callum. – Diz-me que vais ser uma boa menina.

Nem pensar.

Não vou fazer isso.

Vou mesmo fazê-lo.

Aperto os olhos com força e assinto.

O Callum pressiona com força o meu clitóris. Esfrega-me ao ritmo das suas investidas, no sítio certo, da forma certa para me fazer acelerar até à estratosfera.

Descolagem. Deixámos o planeta, senhoras e senhores; aqui em cima são só estrelas em chamas.

Estou a flutuar, a voar, a fazer *zoom* a um milhão de quilómetros, a sentir um tipo de prazer que nunca sequer imaginara ser possível. Forte, rápido, interminável.

Perdi toda a noção do que o Callum está a fazer. Simplesmente, desapareci.

Só volto à terra quando o Callum me puxa para os seus braços, abraçando-me com força.

Tirou-me a mordação e as algemas improvisadas. Estou nua,

deitada sobre o seu peito, e ele também se despiu. O meu corpo sobe e desce ao ritmo da respiração dele. O queixo do Callum aninha-se na minha têmpora.

A respiração dele é regular e tranquila. Os braços são quentes e suaves à minha volta. Não sei se alguma vez senti aquele corpo tão relaxado. Já o vi rígido e controlado, mas nunca calmo.

– Também chegaste lá?

Ele beija-me o lado da cabeça.

– Claro.

– Isto foi... – O quê, exatamente? De loucos? Chocante? Confuso? De cortar a respiração? Inesquecível?

– Eu sei – diz o Callum.

Segue-se uma longa pausa. Não consigo deixar de perguntar:

– Já fizeste isto antes?

Outra longa pausa durante a qual penso que ele não vai responder.

Então, finalmente, ele diz:

– Não desta maneira.

Meu Deus.

Sou uma rapariga bastante aberta a novas ideias. Pensava que sabia do que gostava e não gostava.

Mas posso ter acabado de descobrir toda uma nova categoria...

CALLUM

A Aida está deitada nos meus braços. Consigo sentir como ainda está corada e quente. E vi como se veio com força. Estaria preocupado com o que ela está a sentir depois daquilo, se não estivesse tão distraído com o meu próprio espanto absoluto.

Já amarrei mulheres e fodi-as à bruta. Algumas pediram-no, outras vezes eu estava apenas a experimentar. Algumas raparigas são tão aborrecidas para foder que mais vale amarrá-las, porque vão ficar ali quietas de qualquer maneira.

Em todos esses casos, senti que estava a fazer as coisas como deve ser.

Com a Aida, foi totalmente diferente.

O sexo com ela é sempre diferente.

Para mim, foder costumava ser uma questão de libertação. Era um ato manual que podia ser bom, mau ou indiferente. Nunca imaginei que pudesse ser tão bom ao ponto de me arrebatara, corpo e alma. O puro prazer físico é absurdamente intenso. Estranhamente mais forte do que aquilo a que estou habituado.

E depois há os fatores psicológicos. A Aida atrai-me de uma forma que não consigo compreender. É como se cada um dos seus traços fosse formado por uma espécie de código secreto destinado a penetrar no meu cérebro. A forma longa e amendoada dos olhos cinza fumo. As curvas alucinantes do corpo. A pele suave cor de cedro. A forma como os dentes brilham para mim quando sorri. O modo como morde a ponta do lábio inferior quando está excitada ou a tentar não se rir.

Ela adora todos os tipos de paixão. Adora estar zangada, ser teimosa, alegre ou maliciosa. A única coisa de que não gosta é da falta de sentimento.

Infelizmente, eu sou assim. Frio. Contido. Sem prazer.

Até estar perto dela. Então, os meus sentidos ficam mais apurados. Cheiro, saboreio e vejo mais intensamente. É quase demasiado.

Assusta-me a forma como me descontrolo quando estou perto dela. Nas poucas semanas em que conheci a Aida, perdi a cabeça mais vezes do que em toda a minha vida.

No entanto, não quero que isto acabe. Não me imagino a voltar à indiferença. A Aida é a porta de entrada para outro mundo. Quero ficar ao lado dela para sempre.

Caramba, o que estou para aqui a dizer?

Nunca tive estes pensamentos antes, quanto mais permitir que se traduzissem em palavras.

Porque é que estou tão envolvido com esta rapariga que é completamente passada da cabeça? Ela tentou matar o Jack! Na minha cozinha! Se fizesse isso num evento de campanha, eu estaria completamente fodido. E não me admirava nada que o fizesse.

Tenho de me acalmar e manter a cabeça fria.

Essa resolução dura cerca de cinco segundos, até eu encostar o meu nariz ao cabelo dela e inalar aquele cheiro selvagem, de sol e sal marinho, café escuro, pimenta e apenas uma pitada de mel. Depois sinto novamente aquele abanão, a injeção de adrenalina que desliga os reguladores de cada um dos meus impulsos.

Quando o telemóvel da Aida toca, quase dou um salto.

Ela acorda de repente, depois de ter estado a dormir no meu ombro.

– Quem é? – murmura ela.

– É o teu telemóvel.

Ela rola para fora da cama, divertidamente desajeitada. Nem sequer tenta ser graciosa, caindo da cama como um urso-panda.

Ela procura o telemóvel antes de finalmente o encontrar debaixo da cama.

– Dante? – Encosta-o ao ouvido.

Fica a ouvir por um momento, com as sobrancelhas unidas numa carranca que mais parece a expressão padrão da pessoa com quem está a falar.

– *Cavallo!* – exclama ela. – *Sei serio? Che palle!*

Nunca ouvi a Aida falar mais do que uma ou duas palavras em italiano. Pergunto-me se é o que fala em casa com a família. É obviamente fluente.

A Aida tem muitos talentos escondidos.

Subestimei-a quando nos conhecemos. Pensava que era mimada, descuidada, sem educação, desmotivada.

Já me mostrou várias vezes que absorveu muito mais do negócio do pai do que eu pensava. É astuta, observadora e persuasiva quando quer. Inteligente e engenhosa. Sabe manejar uma arma – o meu bíceps latejante pode atestar isso. E é corajosa como o raio. A forma como me encarou quando atirou o relógio do meu avô por cima do corrimão... Foi uma jogada parva, mas, ao mesmo tempo, bastante inteligente.

Ela e o Sebastian estavam em desvantagem. Se ela tivesse entregado o relógio, poderia ter-lhes dado um tiro e saído dali. Ao atirá-lo ao lago, ela incitou-me a agir de forma impulsiva. Provocou o caos e dividiu os seus adversários.

A Aida pode ser imprudente e impetuosa, mas não entra em pânico. Mesmo agora, ao telemóvel com o irmão, embora algo esteja obviamente errado, ela continua imperturbável. Está a receber a informação, respondendo de forma rápida e concisa.

– *Capisco. Sì. Sarò lì presto.*

Ela desliga a chamada, virando-se para mim.

Resplandece como uma deusa bronzada na luz aquosa que entra pelas persianas. Não repara e não se importa com o facto de estar completamente nua.

– O Dante diz que alguém incendiou o equipamento no local da Torre de Oak Street. Perdemos cerca de dois milhões em maquinaria pesada, mais os danos causados ao edifício.

– Vamos até lá. – Já estou a sair da cama.

– Não é preciso... Eu vou até lá, mas tu não precisas de vir.

– Não queres que eu vá? – pergunto, de pé no vão da porta entre o quarto e a casa de banho.

– Não. Isto é, sim, podes, mas não... – Ela balança-se desconfortavelmente de um pé para o outro. A minha pequena Aida, não envergonhada pela nudez, mas corada por uma pergunta direta sobre o que quer.

– Eu vou – digo com firmeza. – Agora somos da mesma equipa, não é?

– É... – responde ela, pouco convencida.

Depois, parecendo comprometer-se com a ideia, segue-me até à entrada. Já lhe pus a roupa no sítio – uma tarefa que me levou apenas cinco minutos.

Mandeí a Marta comprar à Aida um guarda-roupa mais decente e adequado. Até ao final desta semana, a Aida vai ter um conjunto completo de fatos e vestidos de *cocktail*, calças e vestidos de verão, casacos, blusas, saias, sandálias, saltos altos, botas e casacos. Se os vai usar, isso já é outra questão.

Por agora, veste um par de calções de ganga e uma velha *T-shirt* dos Cubbies. Senta-se no tapete para apertar as sapatilhas.

Vou buscar a minha roupa.

A Aida levanta uma sobrancelha escandalizada.

– *Calças de ganga?* – comenta, escondendo um sorriso.

– E depois?

– Nunca te vi usar calças de ganga. Claro que tinham de ser *Balenciaga* – acrescenta, revirando os olhos.

– Aida – digo calmamente. – Não sou eu que escolho a minha roupa, incluindo estas calças de ganga. Nem sequer conheço a *Balan...* nem sei que marca é essa.

– O quê? – A Aida faz uma pausa com apenas uma sapatilha no pé. – Não és tu que compras a tua roupa?

– Não.

– Quem é que compra?

– Agora, é a Marta. Antes era outro assistente chamado Andrew. Combinamos uma determinada imagem e depois...

– Então, nunca vais ao centro comercial?

– Não.

– Porque não?

– Não devíamos estar a sair? – digo.

– Pois é! – A Aida calça a outra sapatilha e levanta-se.

Enquanto nos apressamos a descer as escadas, ela continua a importunar-me.

– Mas e se não gostares da cor ou...

Encaminho-a para o carro e digo-lhe:

– Aida. Passo a vida a trabalhar, literalmente. Seja na campanha

ou num dos nossos inúmeros negócios. Alguns dos quais, como muito bem sabes, são mais difíceis e perigosos do que outros. Quando socializo, é em eventos em que preciso de fazer contactos. Não me lembro da última vez que tratei das minhas compras ou fiz algo para me divertir.

A Aida mantém-se em silêncio por mais tempo do que o habitual.

– Isso é triste – diz ela, por fim.

Abano a cabeça.

– Eu gosto de estar ocupado. Não é triste, é intencional.

– Mas, então, qual é o objetivo? Se não nos divertirmos enquanto cá estamos.

Olho-a de soslaio.

– Não me parece que as maratonas de *O Senhor dos Anéis* sejam assim tão divertidas.

Não posso deixar de a provocar um pouco porque sei muito bem que a Aida se sente muitas vezes aborrecida ou com falta de estímulos. É por isso que está sempre a meter-se em sarilhos.

Efetivamente, ela não reage com a habitual resposta irreverente. Morde a ponta da unha do polegar, pensativa, em vez de irritada.

– Eu consigo fazer mais do que isto, sabes – garante ela.

– Eu sei que sim.

A Aida olha para mim, para ver se estou a gozar com ela.

Não estou.

– Sei que és muito inteligente. Sabes mais sobre a Madeline Breck do que eu – digo-lhe.

– Tenho muitas ideias boas – continua ela. – O papá sempre teve muito medo que eu me magoasse, mas sou tão inteligente como o Dante ou o Nero. Ou o Seb. Sou suficientemente inteligente para não me deixar matar.

– Desde que consigas manter a calma – digo, meio a sorrir.

– Eu não... – começa a Aida, com veemência, e interrompe-se quando vê que a estou a provocar. Na maior parte das vezes.

– Eu não tenho mau feitio – assegura ela, com dignidade. – Não sabes o que é ser sempre o cão mais pequeno na luta. Tenho de atacar primeiro e com mais força.

Não a consigo imaginar a ser branda. Estragaria tudo o que a

caracteriza.

– Seja como for – prossegue rapidamente a Aida. – Ainda não sei porque é que queres ser vereador. Os Griffin são extremamente ricos. Tens amigos por toda a parte. Tens o teu território assegurado. Por que raio queres sentar-te num escritório e lidar com toda essas tretas?

– Porque é que achas que as pessoas gastam meio milhão de dólares em campanhas para um lugar de vereador quando o salário é de 122 304 dólares? – pergunto-lhe.

– Bem, obviamente, porque se pode alterar as leis fiscais e do ordenamento do território, e servir os interesses do próprio negócio, bem como conceder favores aos outros.

– Exato – replico, encorajando-a a continuar a argumentar.

– Não me parece que valha a pena o esforço. Podes conseguir essa merda toda com subornos e troca de favores. Ou com a boa e velha violência.

– Mas estás sempre à mercê de alguém – contraponho. – O detetive incorruptível ou o político ganancioso que recebeu uma oferta melhor de outra pessoa. O verdadeiro poder não é trabalhar o sistema. É gerir o sistema. Até mesmo construí-lo tu mesma.

Faço uma pausa, lembrando-me de um pouco da história das nossas famílias.

– Lembras-te do tempo em que os italianos mandavam nesta cidade? – interrogo. – O Capone tinha o presidente da câmara no bolso dele. Imagina se o Capone *tivesse sido* o presidente da câmara. Ou o governador. Ou a porra do presidente.

– Não gosto da forma como usas o pretérito para te referires aos nossos dias de glória – observa a Aida, com ligeireza. – Mas percebo o que queres dizer. Acho que faz sentido porque é que o teu pai estava interessado em fazer um acordo entre as nossas famílias. Não se trata desta eleição. Trata-se da eleição seguinte. Se queres mandar em toda a cidade, precisas mesmo de nós.

– Sim – sussurro.

Estacionamos junto à torre, cuja estrutura esquelética e parcialmente construída se projeta para o céu. Apenas os pisos inferiores estão concluídos. O terreno é um amontoado de

maquinaria pesada, pilhas de materiais de construção, escritórios improvisados, casas de banho portáteis e camiões estacionados.

O local estaria escuro e deserto se toda a zona norte não estivesse iluminada por luzes e sirenes. Vejo um veículo dos bombeiros, duas ambulâncias e vários carros da polícia. O Dante está a falar com um agente fardado, enquanto outro polícia recolhe o depoimento de um segurança maltratado e ferido. Presumo que seja o guarda que estava de serviço quando alguém incendiou as máquinas.

O ar tresanda a gasolina e a metal calcinado. Pelo menos quatro peças de maquinaria pesada não podem ser recuperadas, incluindo duas escavadoras, uma retroescavadora e uma grua inteira. Os escombros enegrecidos ainda estão a fumegar, o chão por baixo está lamacento por causa das mangueiras dos bombeiros.

– Foi o cabrão do polaco, eu sei – diz uma voz do lado oposto da Aida.

O Nero aparece da escuridão, silencioso como um morcego.

Ele é rápido e sorrateiro. Provavelmente, conseguiria roubar a arma do cinto do polícia mais próximo sem que ele se apercebesse até tentar desarmá-la, ao final da noite.

– Como podes ter a certeza? – murmura a Aida. Está a falar baixo porque não queremos chamar a atenção para nós. Eu porque não quero o meu nome ligado a isto e o Nero porque tem, no mínimo, uma tonelada de multas de estacionamento por pagar.

– Este é o cartão de visita deles – replica o Nero. – Eles são como os russos, mas mais loucos. Adoram fazer uma cena e adoram simbolismo. Além disso – sacode a cabeça em direção à grua, onde um pedaço enegrecido arde contra a base –, eles deixaram aquilo.

– O que é? – ofega a Aida.

A cara dela ficou pálida. Sei que está a pensar o mesmo que eu – o objeto tem o aspeto cru e estalado de carne carbonizada.

– É a cabeça de um javali – revela o Nero. – O cartão de visita do *Carniceiro*.

O Dante junta-se a nós, com a pele mais escura do que nunca devido ao fumo no ar. O suor deixou-lhe marcas pálidas nas faces. Os olhos parecem negros e brilhantes, refletindo as luzes

intermitentes dos carros da polícia.

– O segurança está a dizer-lhes que foi um bando de *punks*. Nós combinámos a história antes de os polícias chegarem. Por sorte, os bombeiros foram mais rápidos do que os polícias, ou também teríamos perdido metade do edifício.

– Não queres que eles saibam que é o Zajac? – questiono.

– Não queremos que eles se metam nos nossos negócios, ponto final – responde o Dante. Na verdade, ele lança um olhar interrogativo à Aida sobre o porquê de eu estar aqui.

– Pedi-lhe para vir – digo-lhe. – Sinto-me responsável, pois fui eu que irritei o Zajac na angariação de fundos.

– Já nos tinha na mira – garante o Nero. – Já nos envolvemos com ele duas vezes por causa de os homens dele estarem a invadir o nosso território. Roubam os nossos fornecedores e assaltam bancos nos nossos bairros.

– Ele quer começar um conflito, isso é óbvio – completa o Dante, com um ronco profundo como um motor ao *ralenti*. – Nós devíamos...

O que ele está a propor é interrompido pelo disparo rápido de uma semiautomática, como uma série de bombinhas, mas cem vezes mais alto. Um *Land Rover* preto passa a rugir, com três homens pendurados nas janelas abertas, com armas à vista e os clarões dos canos a iluminar os rostos mascarados.

No momento em que começam os tiros, os irmãos da Aida tentam protegê-la. Eu já lhe pus os braços à volta dos ombros e puxei-a para trás das rodas do camião mais próximo.

Os restantes agentes da polícia também procuram abrigo, usando os rádios para pedir reforços. Agachados atrás dos veículos, alguns até tentam ripostar. O jipe já bombardeou o parque com uma saraivada de balas antes de desaparecer numa esquina.

Um dos agentes foi atingido no peito. Graças ao colete, apenas foi projetado para trás contra o para-choques da sua viatura. Outro agente, com menos sorte, levou um tiro na coxa. O seu parceiro arrasta-o para trás de uma pilha de estacas, gritando por um paramédico.

– Foram atingidos? – rosna-nos o Dante.

– Não – replica logo o Nero.

– E tu? – pergunto à Aida, passando-lhe as mãos pelos braços e pernas nus para me certificar de que não estão feridos.

– Estou bem – responde ela com firmeza.

Tento prestar atenção ao meu corpo, acima do ruído de sangue nos meus ouvidos e do disparo frenético dos meus neurónios. Acho que também não levei um tiro.

– Estamos bem – digo ao Dante.

– Viste algum dos atiradores?

– Tinham as caras tapadas. Acho que vi um relógio de ouro no pulso de um deles. Nada de útil.

– O número da matrícula termina em 48996 – acrescenta a Aida.

– Como é que conseguiste ver isso? – quer saber o Dante.

A Aida encolhe os ombros.

– Eu sou mais baixa.

– Aquele filho da mãe maluco! – O Nero abana a cabeça com espanto. – Ele quer mesmo que o arrasemos, não quer?

– Ele está a tentar provocar uma resposta. – O Dante franze o sobrolho.

– Não te levantes! – solto bruscamente, vendo o Nero prestes a levantar-se. – Não sabemos se era só aquele carro. Pode haver outro. Ou outros atiradores.

Aceno com a cabeça para as inúmeras janelas dos edifícios altos que rodeiam o local.

– Não podemos ficar aqui – murmura a Aida. – Os polícias vão vasculhar tudo. A não ser que sejam suficientemente burros para considerar aquilo uma coincidência, agora vão levar isto muito mais a sério.

Lentamente, esgueiramo-nos pelo lado oposto da obra, fazendo o caminho de volta em direção à carrinha do Nero. É o veículo que está mais próximo e o que está numa zona menos iluminada.

Entramos todos na cabine para que o Nero possa levar-me, assim como à Aida, até ao local onde deixámos o meu carro.

– O Zajac pode estar a tentar atrair-nos para uma retaliação imediata. Temos de ficar quietos esta noite. Pensar em como vamos reagir. Aida, devias vir connosco para casa – diz o Dante.

– Ela vai ficar comigo – respondo.

O Dante franze o sobrolho.

– Não sabemos exatamente quem é o alvo do *Carniceiro*. Ele atacou o nosso estaleiro, mas foi à tua angariação de fundos. Não sabemos se foi pela Aida ou por ti. Ou pelos dois.

– Exatamente... e é por isso que a Aida deve ficar comigo. Se ele estiver a atacar a vossa família, estará mais segura com a minha.

– O que é que o Zajac vos disse exatamente? – exige saber o Dante.

Eu resumo a conversa.

– Não sei se ele quer mesmo aquela propriedade da Autoridade de Trânsito de Chicago ou se estava apenas a testar-me. Na verdade, parecia mais irritado com o casamento. Acho que está a tentar destruir-nos antes que a aliança seja consolidada.

– Pode ser. – A testa do Dante enrugase enquanto pensa. – O *Carniceiro* é melindroso. Insanamente orgulhoso, facilmente ofendido. Provavelmente, está zangado por não lhe termos oferecido a Aida primeiro.

A Aida interrompe.

– Que nojo do caraças. Para começar, ele é velho. E, depois, não sou uma porca.

– Seja como for, já é tarde de mais – confirmo. – Tu és minha. E o que quer que ele queira como prémio de consolação, não o vai ter.

– Ainda acho que ela devia vir connosco – insiste o Dante. – Nós conhecemos o *Carniceiro* melhor do que tu.

– Nem pensar – recuso sem rodeios. Não vou perder a Aida de vista.

O Dante faz uma careta, não está habituado a ser contrariado. Mas não é só ego – consigo ver-lhe a preocupação no rosto, ele teme pela Aida. Isso suaviza o meu tom, mas só um pouco.

– Eu protejo-a – prometo-lhe.

O Dante assente. Ele acredita em mim.

– Vamos passar a noite fora – diz ele. – De manhã, descobrimos onde é que o Zajac está escondido e planeamos a nossa resposta.

– Uma resposta coordenada – afirmo.

– Sim – concorda o Dante.

Eu e a Aida saímos da carrinha, entrando no meu *Audi*. Vejo que o Dante ainda está relutante em deixar a irmã partir comigo.

É a Aida que o convence.

– Eu fico bem com o Callum. – Dá um abraço rápido ao irmão mais velho e aperta o braço do Nero. – Vejo-vos em breve.

Quando afasto o carro do passeio, digo-lhe, sem olhar para ela:

– Ainda bem que ficaste comigo.

A Aida observa o meu perfil enquanto conduz.

– Quero que sejamos parceiros – diz ela. – Não apenas... companheiros de quarto relutantes.

– Também quero isso.

É mais fácil falar do que fazer. Mas já não parece impossível. Estou a começar a acreditar que eu e a Aida podemos trabalhar juntos. Podemos ser mais fortes juntos do que separados.

A Aida suspira.

– Ele atingiu-nos mesmo onde dói mais.

– Porque a torre constitui um investimento muito elevado? – pergunto-lhe.

– Não é propriamente o dinheiro. É o trabalho... Temos de fornecer um fluxo constante de contratos aos comerciantes e sindicatos para os manter leais. Os materiais, os empregos... se não conseguirmos alimentar a máquina, para tudo. E, claro – ela olha-me de lado –, há as outras camadas da máquina. Os carregamentos que transportam mais do que madeira. Os negócios que lavam dinheiro para os outros negócios. É uma teia, toda interligada, toda dependente do normal funcionamento de cada uma das partes.

Assinto.

– Nós trabalhamos da mesma forma.

Os nossos negócios podem ser diferentes, mas as estratégias são semelhantes.

– Faltam apenas alguns dias para as eleições – comenta a Aida. – Pergunto-me se o Zajac vai tentar dar cabo disso também.

As minhas mãos apertam o volante.

– Desta vez, se tentar, o *Carniceiro* vai dar por si no lado errado do cutelo.

AIDA

Tenho de sair cedo na manhã seguinte, porque há uma aula de Literatura a que não quero faltar. Neste semestre tenho-me esforçado, e tenho mesmo passado nas disciplinas. Acho que está na altura de parar de brincar e acabar o curso.

O Callum não quer que eu vá a lado nenhum até isto com o Zajac estar resolvido, mas acaba por ceder sob a condição de um dos seus homens nos levar, a mim e à Nessa, à faculdade.

Infelizmente, a única pessoa disponível é o Jack.

Sob as ordens do Callum, ele abre-me a porta do carro com uma delicadeza forçada. Trocamos ondas de aversão. A tensão no carro é tanta que a pobre Nessa está de olhos arregalados e confusa, demasiado desconfortável para se envolver no habitual fluxo de conversa alegre.

– Então, vocês sabem que esta noite é capaz de haver uma espécie de chuva de meteoros? – pergunta-nos ela.

O Jack grunhe do lugar do condutor.

Olho para a parte de trás da cabeça dele, perguntando-me se valeria a pena ter outra discussão com o Callum só para dar um estalo na orelha do Jack quando estacionarmos no *campus*.

– O quê? – dirijo-me à Nessa.

– Eu disse... Ah, esquece.

O Jack deixa-nos em frente à biblioteca de Cudahy, com os olhos fixos e rígidos para a frente enquanto espera que saíamos do carro.

– Obrigada, Jack – agradece educadamente a Nessa, enquanto sai.

– Sim, obrigada, Ambrósio – murmuro-lhe ao sair pela porta.

Vejo os nós dos dedos dele a ficarem brancos no volante e quase ouço os molaes a ranger. Bato a porta atrás de mim só para o irritar ainda mais e vou para a aula, na esperança de que o Jack esteja demasiado irritado para me vir buscar depois.

Durante a aula, vou tirando o telemóvel à socapa para ver se os meus irmãos me enviaram mensagens ou se o Cal o fez. Eu sei que

estão à caça do *Carniceiro*.

Espero que estejam todos juntos, seja lá o que estiverem a fazer. O Zajac assusta-me. Eu sei de onde é que veio. Há uma diferença entre crescer numa família criminoso e lutar para subir no mundo do crime. O *Carniceiro* está a jogar este jogo para ganhar ou morrer. Não há meio-termo para ele.

Ainda bem que os meus irmãos não estão sozinhos nisto. Mas estou aborrecida por, mais uma vez, ser deixada de fora da ação. Esta manhã, exige que o Cal me levasse com ele. Respondeu que não, antes mesmo de as palavras saírem da minha boca.

– Não, Aida. Não fazemos ideia de onde o *Carniceiro* está ou até onde planeia levar isto. Podemos ir parar a uma emboscada para onde quer que vamos.

– Então, porque é que *tu* vais? Manda outro. O Jack, por exemplo – disse eu, esperançosa.

– Este não é um trabalho para qualquer um. O Zajac não está a brincar. Ele não se limitou a disparar contra nós, ontem à noite. Atingiu dois polícias. Não temos ideia do que planeia fazer.

– Conheço pessoas que conhecem o pessoal dele. Posso ajudar – insisti.

O Callum agarrou-me pelo braço com força suficiente para magoar. Os olhos azuis fixaram-se em mim, semicerrados e sem pestanejar.

– Não vais a lado nenhum. Que Deus me ajude, vou trancar-te naquele armário durante um mês antes de te deixar vaguear pela Little Ukraine a falar com empregados de bar e *strippers*.

Sempre que alguém me diz o que *não posso* fazer, fico cem vezes mais determinada.

O Callum viu o brilho de rebeldia nos meus olhos e suspirou, afrouxando um pouco o aperto no meu braço.

– Prometo que, assim que souber de alguma coisa, ligo-te.

– Ou manda uma mensagem.

Ele assentiu.

– Prometo.

Então, deixei-o ir e não me baldei logo às aulas para ir para a Little Ukraine. De qualquer forma, não era para lá que eu iria se

quisesse informações sobre o *Carniceiro* – tenho uma pista muito melhor.

Por agora, estou presa na literatura comparada, a ignorar por completo a análise das personagens feministas nos romances de Austen. Em vez disso, pergunto-me o que é que o Nero quis dizer quando me enviou a mensagem:

Encontrámos o atirador. Também temos uma pista sobre o velho sacana.

Envio-lhe uma mensagem de volta, mas ele não me responde.

A aula termina abruptamente – ou assim me parece, enquanto olho pela janela, totalmente distraída.

Pego numa braçada de livros, sem me dar ao trabalho de os guardar no saco, e depois saio, atravessando o *campus* em passo acelerado em direção ao parque oeste, onde me devo encontrar com a Nessa e o nosso detestável motorista.

Quando estou quase a chegar, ouço uma voz masculina dizer: “Precisa de ajuda para carregar esses livros todos, menina?”

Por um segundo, penso que é o Callum. Não sei porquê – ele não faz imitações pirosas, como se fosse um *cowboy* prestável. Quando me viro, deparo-me com o rosto bronzeado e sorridente do Oliver. Está todo pisado onde o Callum lhe acertou. Uma linha escura no centro do lábio marca o sítio onde abriu.

– Ah – solto, irritada. – És tu.

– Não é exatamente a saudação entusiástica que eu esperava – diz o Oliver, mantendo o ritmo ao meu lado.

– O que é que estás aqui a fazer? – Há anos que ele deixou a faculdade; não há razão para andar por aqui.

– Vim falar contigo.

Dou um passo em falso sobre uma pedra escondida na relva e o meu tornozelo dobra-se desconfortavelmente debaixo de mim.

– Ai! Porra! – sibilo, tropeçando ligeiramente.

– Cuidado. – O Oliver agarra-me o cotovelo.

– Estou bem. – Tento afastar o meu braço. Agora estou a coxear um pouco. Não acho que esteja torcido; é só aquela coisa em que está tenro e torto, e temos de ficar quietos durante algum tempo.

– Vem cá – pede o Oliver. – Senta-te um segundo.

Ele leva-me para longe do parque de estacionamento, para um passadiço subterrâneo com um banco de pedra, parcialmente escondido sob uma saliência.

O Oliver é tão grande e forte que não consigo afastar-me, não sem me magoar. Afundo-me no banco. O Oliver senta-se mesmo ao meu lado, quase obrigado a pôr o braço à minha volta por causa do espaço apertado. Sinto o cheiro do perfume que ele usa sempre, agradável, mas um pouco forte.

– Não posso ficar – aviso. – Vem alguém buscar-me. – Tiro as sapatilhas e massajo o tornozelo, tentando resolver a torção.

– Eles podem esperar um pouco.

Pega no meu pé com a meia e puxa-o para o seu colo, afagando e massajando o meu tornozelo. Sabe bem, mas não quero que ele fique com a ideia errada.

– Já está bom, obrigada – digo, um minuto depois, e retiro o pé.

O Oliver olha para mim com aqueles grandes olhos castanhos e uma expressão de reprovação.

– Aida, o que fizeste feriu-me até aos ossos. Sabes como foi doloroso ver uma fotografia tua na merda do Facebook com um maldito vestido de noiva? Ao lado *dele*?

Respiro fundo, tentando ser paciente.

– Sinto muito, Oliver. Foi repentino. Eu própria fiquei bastante surpreendida. – Não sei como explicar sem lhe revelar demasiado. Tudo o que consigo dizer, de forma pouco convincente, é: – Não o fiz para te magoar.

– Mas magoaste-me. Ainda me estás a magoar. Estás a matar-me todos os dias.

Solto um suspiro, simultaneamente culpado e irritado. O Oliver consegue ser um pouco... dramático.

– Nem sequer sabia que estavas a sair com ele! – grita.

Pressiono os nós dos dedos na minha testa. O meu tornozelo está a latejar. Na verdade, até está frio aqui, longe da luz do sol e perto do túnel de cimento húmido.

Sinto-me mal pela forma como deixei o Oliver. A sério. Foi uma coisa muito estranha. Ele nunca fez nada de errado. Levava-me em viagens, comprava-me mil presentes, dizia-me que estava

desesperadamente apaixonado por mim.

Começou por ser um namoro casual. Nunca pensei que alguém ligado a um clube de campo, um investidor capitalista, me perseguisse tão agressivamente. Pensei que o Oliver só queria ser fodido por uma rapariga má. Cansado das Madison e das Harper deste mundo que se recusam a fazer contacto visual durante um broche.

Por acaso, estávamos na mesma festa, há dois verões. Beijámo-nos bêbedos na casa do barco. Depois, ele tentou meter a mão na minha parte de baixo do biquíni, e eu empurrei-o para o lago.

Umás semanas depois, voltámos a encontrar-nos numa festa em Wicker Park. Ele chateou-me com a cena do lago e eu disse-lhe que tinha tido sorte por estarmos a nadar e não a escalar montanhas.

No dia seguinte, enviou um ramo de trezentas rosas cor-de-rosa para casa do meu pai.

E foi assim a partir daí. Ele continuava a perseguir-me com estes gestos grandiosos, e eu alinhei durante algum tempo. Jantares, bailes, viagens de fim de semana. Mas não o levei a sério. Nunca pensei que ele quisesse levar a filha de um gângster a casa para conhecer o Sr. e a Sra. Castle. Mesmo com os amigos, eu notava que ele, às vezes, se orgulhava de me exhibir, outras vezes, ficava nervoso, como se eu pudesse sacar de navalha e esfaquear alguém.

Senti-me tentada uma ou duas vezes. Já conhecia alguns dos amigos do Oliver por andar nos círculos sobrepostos da malta das festas, da malta do crime e dos herdeiros ricos de Chicago.

Não eram todos maus. Mas alguns dos pretensos membros da casta superior davam-me vontade de furar os tímpanos só para não ouvir imbecilidades.

Além disso, assustava-me o facto de o Oliver me ter dito que me amava após apenas algumas semanas. Ele chamou-me deusa, anjo, a única pessoa real na Terra.

Eu não sou um anjo.

Para mim, ele era apenas mais um tipo – por vezes divertido, por vezes bom na cama, mas dificilmente um namorado, quanto mais um melhor amigo ou uma alma gémea.

Eu sentia que o Oliver não me conhecia de todo. Ele amava uma

versão exagerada de mim na sua mente.

Tentei romper com ele algumas vezes. Ele seguia-me por todo o lado, encontrava-me em todas as festas, implorando-me que o aceitasse de volta. Uma vez chegou mesmo a voar até Malta para me fazer uma surpresa numa viagem.

Ele conseguia ser persuasivo. Era bonito, atencioso, um amante aceitável. Quando eu estava a passar por um período de seca, ele fazia com que fosse muito fácil voltar a cair-lhe nos braços.

Mas eu sabia que tinha de acabar definitivamente com aquilo. Porque se ele realmente me amava, eu não podia deixar que isso se arrastasse – não sem sentir o mesmo em troca. Por isso, acabei por o deixar, da forma mais brutal e irrevogável que consegui. Tentei fazer com que ele, finalmente, percebesse a mensagem.

Depois disso, tive de me transformar numa eremita durante alguns meses. Nada de festas, jantares, danças ou até mesmo jogar *bowling*, porque sabia que o Oliver estaria a observar, a tentar encontrar uma forma de “me encontrar por acaso” outra vez.

Tive de o bloquear por completo, mudar o meu número. E, finalmente, *finalmente*, depois de meses de mensagens, flores, chamadas perdidas e até o raio de umas cartas, o Oliver parou. Parou durante quase dois meses seguidos. Por isso, foi muito chocante voltar a vê-lo na festa de noivado. E depois novamente na angariação de fundos.

Este é o encontro mais incómodo de todos. Porque, afinal, como é que o Oliver sabia que eu estava aqui? Ele tem o meu horário das aulas?

– Oliver, deixa-te de merdas. Tens de parar de me perseguir.

Ele faz uma cara de magoado. Como se fosse um cãozinho gigante e eu estivesse sempre a dar-lhe pontapés.

– Não te estou a *perseguir*, Aida. Estou a visitar a irmã mais nova do Marcus. Prometi levá-la a almoçar fora no seu aniversário.

Hum. É possível. A tentativa de me fazer ciúmes é, no entanto, mal orientada.

– Está bem, eu acredito em ti, mas é melhor parares de tentar meter conversa onde quer que eu vá. O meu marido é do tipo ciumento, caso não tenhas reparado.

– Eu sei exatamente como é o Callum Griffin – sibila o Oliver. – Aquele pedaço de merda, arrogante e corrupto. Sem ofensa – acrescenta, lembrando-se de que o meu dinheiro é tão “corrupto” como o do Callum. E também porque sou casada com o tipo. – Não acredito que ele põe as mãos frias e murchas em ti todas as noites. – Os olhos do Oliver brilham ferverosamente. – Como raio é que isto aconteceu, Aida? Como é que ele conseguiu fazer com que te apaixonasses por ele e eu não consegui?

Na verdade, o comentário faz-me sentir mal, pelo menos um pouco. Eu não me apaixonei pelo Callum. É cruel deixar o Oliver pensar que me apaixonei.

– Não foi... não é... – Mordo o lábio. – Não se trata propriamente de amor.

– Eu sabia – bafeja o Oliver. – Soube assim que me apercebi do que a família dele é. Eles são a porra da máfia, tal como a tua.

Estremeço. Nunca contei segredos ao Oliver. Mas também não é exatamente um segredo que os Gallo têm sido gângsters de Chicago ao longo das últimas seis gerações.

– As nossas famílias têm uma... relação. Acho que concordas que eu e o Callum somos mais compatíveis culturalmente do que tu e eu seríamos. Por isso, não vale a pena...

– Isso é treta. – Ele tenta pegar nas minhas mãos, e eu afasto-as como se estivéssemos a jogar ao “bate na mão”. – Eu sei que te obrigaram a fazer isto. Sei que terias voltado para mim, Aida...

– Não – interrompo bruscamente. – Não íamos voltar a ficar juntos, Oliver. Isso nunca vai acontecer. Com ou sem o Callum na equação.

– Veremos – solta o Oliver.

Estou prestes a levantar-me. Estou mesmo atrasada – a Nessa deve estar à espera há pelo menos dez minutos. O Oliver agarra-me no pulso, puxando-me de volta para o banco. Abraça-me com força, fitando-me nos olhos.

– Eu sei o que sentes por mim, Aida. Quer consigas admiti-lo, quer não. – Ele olha para o meu peito, onde os meus mamilos se destacam através da minha *T-shirt*.

– Não é... É que está um frio do caracas neste banco! – exclamo.

O Oliver cala-me com a boca, beijando-me com força e humidade.

Empurro-o o mais depressa possível, salto do banco e tropeço imediatamente no estúpido tornozelo.

– Não! – digo, estendendo a mão para o parar enquanto ele se levanta também. – Tenho de regressar. Não me sigas. Não me liguês. E, definitivamente, não me tornes a beijar.

O Oliver não responde. Fica ali parado, com as sobrancelhas franzidas e as mãos enfiadas nos bolsos.

Vou a coxear em direção ao carro, a caminhar com o meu único pé bom e furiosa com aquela situação.

Estou zangada por ele me ter beijado! O meu casamento com o Callum pode não ser exatamente real, mas não estou pronta para ser infiel. Sobretudo não com o Oliver, que está realmente a começar a assustar-me.

Quando chego ao parque de estacionamento, vejo a Nessa no passeio com a mochila ao ombro.

– Onde é que está o Jack? – pergunto-lhe.

– O carro está ali. – A Nessa aponta para um lugar de estacionamento próximo. – Mas está trancado e sem ninguém.

Pego no meu telemóvel, planeando enviar uma mensagem de texto para o telemóvel do Jack com algo educado e simples – talvez um daqueles *emojis* do dedo do meio.

Ele aparece de repente ao meu lado.

– Estão prontas para ir? – interroga ele.

– Sim! – replica a Nessa, com doçura.

– Estamos prontas para ir há vinte minutos – minto. – Onde é que estavas?

– A mijar. – Ele abre a porta de trás para eu e a Nessa entrarmos. Encosto-me ao assento de couro, sem acreditar nele.

Fico em silêncio durante a viagem de regresso à mansão dos Griffin, a pensar como é que vou evitar o Oliver Castle no futuro. A meio da viagem, recebo uma mensagem do Callum.

Vai ter comigo à biblioteca quando chegares.

Saio do carro assim que ele para, entro apressada na casa

agradavelmente fresca e subo as escadas em direção à biblioteca.

O Callum está sentado num dos novos cadeirões – desta vez em pele creme, em vez de castanha. Sento-me na cadeira em frente.

Ele está pálido e composto num fato escuro. Dá para perceber que descobriu alguma coisa pela firmeza dos ombros.

Antes que ele diga alguma coisa, quero contar-lhe que o Oliver apareceu no *campus*. O problema é que foi por o Oliver me ter apalpado na outra noite que vi, pela primeira e única vez, o Callum perder a cabeça de forma violenta. É um assunto delicado entre nós. Não estou exatamente ansiosa por falar nisso. Especialmente quando temos estado a trabalhar tão bem juntos.

Antes mesmo de eu começar, o Callum diz:

– Encontrámos um dos atiradores. Mas não o *Carniceiro*. Os teus irmãos acham que esta noite devíamos arrasar o casino do Zajac. Fazer com que ele se mostre.

– Vais com eles? – questiono.

Ele endireita-se.

– Vou. E tu também podias ir. Se quiseres – replica ele.

Percebo que não é, de todo, o que *ele* quer, mas está a sugerir, sem esperar que eu lhe peça.

Agora é que não quero mesmo contar-lhe sobre o Oliver.

Em vez disso, digo:

– Eu quero ir.

O Callum parece um pouco angustiado, mas não retira a oferta.

É curioso que ele me tenha convidado para ir à biblioteca. Não ponho os pés aqui desde a primeira noite em que nos conhecemos.

O retrato restaurado da sua tetra – sejam lá quantas forem – avô está de novo por cima da lareira. Também o relógio de carruagem e a ampulheta. Mas o relógio de bolso não.

O Callum já sabe para onde estou a olhar.

– O relógio de bolso era meu, o relógio de carruagem é da Riona e a ampulheta é da Nessa – revela ele.

– O que é que significam? – pergunto-lhe, sem ter a certeza se quero saber.

– O meu avô deu-nos quando nascemos. Ele dizia: “A única coisa que temos é tempo.”

– Eram chegados a ele?

– Sim. – O Callum assente. – Mais chegados do que a qualquer outra pessoa.

Foda-se, odeio sentir-me culpada. Porque é que peguei na merda do relógio? Se nunca tivesse pegado nele... Então, não estaria aqui agora, suponho. A olhar para a cara elegante e bonita do Callum.

– Eu... desculpa – lamento.

O Callum abana a cabeça como se se tivesse esquecido de que estava perdido.

– Isso faz parte do passado, Aida. Vamos preocupar-nos com esta noite.

CALLUM

Assim que começamos a caçar o *Carniceiro*, tenho de admitir que estou muito contente por ter os irmãos da Aida do meu lado. Talvez o meu pai tivesse razão quando disse que eu era demasiado arrogante, demasiado seguro do nosso domínio. Estou a tentar garantir acordos, angariar votos e pôr um travão no Zajac, tudo ao mesmo tempo.

Curiosamente, também estou a gostar muito de ter a Aida na minha equipa. Quando ela não está a incendiar a nossa biblioteca ou a atirar o meu objeto mais estimado por cima de um muro, é realmente muito útil. Uso o número da matrícula que ela viu para localizar um dos homens do Zajac, o dono do *Land Rover* usado no tiroteio. O nome dele é Jan Kowalski, mas todos o conhecem por Rollie.

Chamo o Dante e o Nero para o apanharmos juntos.

Está num concessionário de carros usados em East Garfield. O *Carniceiro* é dono de vários *stands* de automóveis e oficinas de reparação. Pode matar dois coelhos com uma cajadada só, lavando dinheiro através da venda de carros enquanto corta e revende os carros que os seus lacaios roubam.

O Nero vai pelas traseiras, enquanto o Dante e eu entramos pela porta da frente à procura do Rollie. Já sei como é que ele é, porque já tive pequenas negociatas com ele no passado. Graças às suas redes sociais idiotamente públicas, o Dante e o Nero também tiveram o prazer de ver fotografias do Rollie a embebedar-se no bar, do Rollie a exibir o novo par de sapatilhas *Yeezy*, que provavelmente roubou, e do Rollie a fazer a pior tatuagem do mundo de umas mãos a rezar.

Assim, é fácil identificá-lo na área de serviço do *stand*. Está a usar um fato-macaco. Uma bandana imunda prende-lhe o cabelo comprido cor de areia. Assim que vê o corpanzil do Dante à porta, atira para longe o recipiente de óleo da F-150 que está a reparar e tenta sair a correr pelas portas da oficina como a porra de uma

lebre.

Infelizmente para ele, o Nero já está à espera atrás de uma pilha de pneus. Se o Rollie é uma lebre, o Nero é um galgo – magro, veloz e totalmente implacável. Prende as pernas do Rollie com uma chave de rodas e depois salta-lhe para as costas, prendendo-o ao chão.

O Dante põe o gerente a dormir com um brutal soco cruzado, e eu faço uma rápida vistoria à loja para me certificar de que não nos escapou mais nenhum funcionário.

Encontro um mecânico agachado atrás de um *BMW*. É mais velho e não tem as marcas habituais da máfia polaca – tatuagens, correntes de ouro e anéis vistosos. Presumo que só trabalha nos carros e não é um dos soldados do *Carniceiro*.

De qualquer forma, revisto-o e tranco-o no escritório depois de arrancar o fio do telefone da parede.

O Dante e o Nero já estão a afinar o Rollie. Não é preciso muito para o fazer falar. Ele dá-nos o telefone que o *Carniceiro* usa para o contactar, bem como vários locais onde o Zajac “pode” estar.

– Não quero saber onde ele *pode* estar – dispara o Nero. – Diz-nos onde é que ele está neste momento.

– Não sei! – grita o Rollie, passando as costas da mão pelo nariz ensanguentado por culpa do Nero. – Eu não sou, tipo, um dos gajos de topo.

– Ele mandou-te disparar contra o estaleiro de construção, ontem à noite – digo.

O Rollie olha para mim e para o Nero, lambendo os lábios, nervoso.

– Eu não sabia quem estava lá. Não sabia que estava a disparar contra vocês. Ele disse para crivarmos aquilo de balas, atacarmos os polícias e provocarmos um tumulto.

– Tretas – rosna o Dante, a voz áspera como gravilha. – Tu sabias que aquele estaleiro era nosso.

– Não sabes como ele é! – balbucia o Rollie. – Não é como com os outros patrões, em que se pode aceitar um trabalho ou não. Ele dá uma ordem e tu tens de a cumprir. Se fazes merda, levas um aviso. Fazes merda outra vez e acabou-se.

– Qual é o aviso? – pergunta o Dante.

O Rollie levanta a mão direita. Falta-lhe o dedo mindinho, cortado pela base. A pele cor-de-rosa esticada mostra que se trata de uma lesão relativamente recente.

– Não me interessa se ele é a porra do papão. – O Nero agarra a parte da frente do fato-macaco do Rollie e puxa-o para mais perto. – Só há um nome de que deves ter medo nesta cidade. O que quer que o Zajac te faça, eu farei dez vezes pior. Se ele te der um tiro na cara, eu vou buscar a tua alma ao inferno para te matar outra vez.

Os olhos do Nero parecem planos e escuros nas sombras do parque de estacionamento. De certa forma, ele é o “mais bonito” dos irmãos da Aida – maçãs do rosto altas, lábios cheios. Isso torna a crueldade daquela expressão ainda mais perturbadora.

O Nero tira uma faca do bolso e levanta a lâmina tão rapidamente que parece ter aparecido do nada. Pressiona a ponta contra a veia que pulsa na garganta do Rollie.

– Diz-me onde está o Zajac, ou corto-te esta artéria. Depois, tens cerca de doze segundos para me responderes antes de te esvaíres em sangue no chão.

Ele não está a ameaçar o Rollie. A expressão é de esperança – espera que ele não fale, para poder deixar que a sua mão faça o que obviamente lhe quer fazer.

– Não sei! Juro...

Com um golpe rápido, o Nero corta o antebraço do Rollie, desde a manga enrolada do macacão até ao pulso. A navalha é muito afiada. O sangue escorre abundantemente e cai no chão de cimento.

– Ah, porra! Para com isso! – uiva o Rollie, tentando tapar a ferida com a mão manchada de gordura.

– Último aviso – avisa o Nero, preparando novamente a navalha.

– Eu não sei! Espera, espera! – suplica o Rollie, quando a navalha do Nero se aproxima do seu pescoço. – Eu sei, sim, uma coisa... uma rapariga com quem ele tem andado.

– Continua – digo.

– Ela trabalha no *Pole*. Tem um apartamento algures em Lawndale, que é ele que paga. É tudo o que sei, juro!

– Acredito em ti – solta o Nero.

De qualquer forma, faz deslizar a lâmina na direção da garganta

do Rollie. Ter-lhe-ia cortado a garganta se não fosse o Dante a agarrar-lhe o pulso. A ponta da faca treme a um milímetro do pescoço do Rollie.

– Isso não é necessário – afirma o Dante. – Ele disse-nos o que sabe.

– Ele disparou contra nós, caso te tenhas esquecido.

– Não me esqueci – garante o Dante, antes de largar o pulso do irmão.

Assim que o Dante lhe larga a mão, o Nero ataca de novo, cortando a cara do Rollie, em vez da garganta.

O Rollie grita, batendo com a mão no longo corte que vai da orelha ao maxilar.

– Isto é um lembrete para ti – diz o Nero. – Da próxima vez que quiseses disparar contra alguém, melhora a pontaria ou fica em casa.

O Dante faz uma careta, mas deixa passar.

Estávamos prestes a sair quando ouço um estrondo. Vidros a estilhaçarem-se, depois um uivo quando alguém vem a correr na minha direção, brandindo um taco de baseball.

Agacho-me e o taco passa-me por cima da cabeça. Instintivamente, dou um murro no estômago do homem. Quando ele se dobra, arranco-lhe o taco da mão e volto a bater-lhe no maxilar.

É o mecânico. Tem qualquer coisa enrolada nos nós dos dedos, uma espécie de trapo, o que não o impediu de ficar com uma mão cheia de vidro quando partiu a janela do escritório. Tem o braço a sangrar. Deixou de lutar, agora que não tem o taco de baseball. Suponho que só foi impelido pelo desespero inicial, uma vez que não tinha qualquer hipótese de me vencer a mim, ao Dante e ao Nero numa luta.

Agora está a ofegar e a arquejar, tentando decidir se deve continuar a resistir.

– Fica aí quieto, porra – ordena o Nero, empurrando-o para o chão ao lado do Rollie. – Melhor ainda, deita-te de bruços e conta até cem antes de te levatares, senão meto-te uma bala na nuca.

Não sei se o Nero tem mesmo uma arma, mas os dois homens

deitam-se obedientemente de barriga para baixo e o Rollie começa a contar. Deixamo-los ali e corremos em direção aos nossos carros.

– Não sabia que sabias lutar, ó janota – comenta o Nero, olhando para mim com uma ligeira surpresa.

– Não foi propriamente um grande desafio. – O mecânico deve ter pelo menos cinquenta anos e é uns bons quinze centímetros mais baixo do que eu.

Isso mostra como ele deve estar aterrorizado com o Zajac. Preferiu enfrentar-nos aos três, em vez de se explicar ao *Carniceiro*.

– Ainda assim – continua o Dante –, foi uma reação muito rápida.

– Apertar mãos e dar palmadas nas costas é que é novidade para mim. – Encolho os ombros. – Ainda me lembro de como se suja as mãos.

– O Fergus sabe lutar – lembra o Dante. – Costumavam chamar-lhe o *Doutor dos Ossos*, não era?

Ele está a referir-se ao tempo em que o meu pai era cobrador de dívidas e executor antes de assumir o controlo do que restava da família Griffin.

– Era.

O meu pai era capaz de fazer uma fratura em espiral no braço de um homem com um movimento do pulso, se isso fosse necessário para o fazer cumprir o plano de pagamento.

Definitivamente, ensinou-me algumas coisas: a primeira é que nunca se deve lutar quando se pode negociar. Porque o resultado de uma luta nunca é certo.

O problema é que não acho que o Zajac queira negociar. Não sem derramar um pouco de sangue.

A Aida chega a casa um pouco depois de mim. Vem até à biblioteca e eu conto-lhe o que temos andado a fazer.

Consigo perceber que está aborrecida por ter sido excluída das atividades da manhã, mas vou manter a minha promessa e levá-la comigo esta noite, se é isso que ela realmente quer.

Quando se dirige para o nosso quarto para deixar os livros, o Jack mete a cabeça na biblioteca.

– Posso falar contigo por um minuto, chefe?

O Jack e eu somos amigos há muito tempo. Nos nossos tempos de faculdade, ele meteu-se em sarilhos. Andava a traficar *ecstasy* em festas para pagar o seu estilo de vida sem ter realmente o fundo fiduciário. Quando a polícia fez uma rusga ao seu dormitório, ele teve de deitar fora cerca de vinte e oito mil dólares de produto. Paguei ao fornecedor dele e depois convenci o Jack a vir trabalhar para mim.

Tem sido um bom empregado e um bom amigo, embora por vezes um pouco zeloso de mais. Como com o irmão da Aida, no cais. E às vezes com a própria Aida. Ela pode dar-me cabo do juízo, mas continua a ser a minha mulher. Se o Jack não aprendeu a lição na cozinha, serei rápido a educá-lo novamente.

– Fui buscar as raparigas à escola – diz ele.

– Ótimo.

– A Aida estava a falar com alguém.

Olho-o de soslaio, para o caso de ele estar a tentar começar outra vez.

– Ela pode fazer isso.

– Era o Oliver Castle.

O meu estômago aperta-se num nó. Se ele tivesse dito qualquer outro nome, eu teria ignorado. Mas não consigo deixar de sentir ciúmes daquele *playboy* de merda. Tanto quanto sei, foi o único namorado real que a Aida alguma vez teve e, por alguma razão, isso dá cabo de mim. Só de pensar nos dois juntos, a nadar numa praia tropical, a rir e a falar, a Aida em biquíni com a pele mais bronzeada do que nunca...

Dá-me vontade de arrancar a cara do Castle do crânio.

Além disso, sei muito bem que ele não anda na Loyola. Estava no *campus* por uma única razão.

– O que é que ele disse?

– Não sei – responde o Jack. – Não me consegui aproximar o suficiente para ouvir. Mas estiveram a falar por um bom bocado.

Sinto o meu olho a contrair-se. A Aida não disse nada sobre o Oliver. Não mencionou tê-lo visto.

– Tens a certeza de que era o Castle?

– Total. Ele foi-se embora logo depois de falarem. Segui-o até ao

carro dele, o *Maserati* cinzento.

É mesmo ele.

– E há mais uma coisa – acrescenta o Jack.

– O quê?

– Eles beijaram-se.

Parece que o chão se abre debaixo de mim.

Esqueci-me completamente do Zajac. Toda a minha raiva, todo o meu desejo de violência e vingança está neste momento virado para o Castle. Se ele estivesse na sala agora, dava-lhe um tiro na cara.

– Obrigado por me contares – digo com os lábios tensos.

Ela beijou-o. Depois voltou para casa, alegre como sempre, como se nada fosse.

Se calhar, para ela, não é nada.

Afinal de contas, nunca falámos sobre isto. Nunca prometemos ser fiéis um ao outro. O nosso casamento é um negócio, não me posso esquecer disso. Na verdade, os votos que fizemos não significam nada. As únicas promessas reais foram as feitas pelo meu pai e o dela.

Mesmo assim, isto atormenta-me.

Ela anda a encontrar-se com ele às escondidas? Andam a comer-se? Será que ela ainda o ama?

Vou perguntar-lhe.

Desço o corredor até ao nosso quarto, decidido a confrontá-la.

Quando entro pela porta, ela está a escrever qualquer coisa no telemóvel. Fecha-o abruptamente, deslizando para cima para mudar de aplicação, depois vira o telemóvel e pousa-o na cama com o ecrã para baixo.

– O que se passa? – questiona ela.

– O que é que estavas a fazer?

– O quê?

– Agora mesmo. No teu telemóvel.

– Ah – solta ela, com as faces ligeiramente rosadas. – Estava a adicionar algumas músicas novas no Spotify. Tenho de fazer uma *playlist* de vitória para depois das eleições.

Ela está a mentir. Estava a escrever uma mensagem, tenho a certeza.

Devia pegar no telemóvel dela e exigir ver o que estava a fazer.

Mas tem uma palavra-passe, e a Aida é teimosa como o caraças. Não ma vai dar. Vai transformar-se numa batalha.

É melhor esperar. Roubo-lhe a palavra-passe e, depois, mexo no telemóvel sem interrupções, sem a avisar.

Forço a minha cara a ficar calma e inexpressiva.

– Está bem. Devíamos comer qualquer coisa antes de sairmos.

– O que queres comer? – pergunta ela, aliviada por eu ter deixado o assunto de lado.

– Tanto faz.

O Cal interrompeu-me a meio de uma coisa que eu preferia não lhe mostrar – pelo menos por enquanto. Agora está a agir de forma estranha. Estamos no piso de baixo, a comer duas das refeições que o chefe deixou no frigorífico. O Cal está a mastigar a carne como se nem sequer a conseguisse saborear, olhando mal-humorado pela janela da cozinha para a piscina.

– O que se passa? – pergunto-lhe, dando uma dentada no entrecosto estufado e na cenoura grelhada. Isto é o mais decadente que se pode fazer na Casa Griffin, por isso estou a tentar apreciar a minha refeição. É difícil fazê-lo com o Callum sentado ao meu lado com uma cara de pedra.

– Nada – responde ele rapidamente.

– Porque é que estás assim tão preocupado? Por andares a agitar as águas?

Eu sei que alguém com o nome de *Carniceiro* não é o melhor alvo para se antagonizar. Ainda assim, estou entusiasmada com a perspetiva de caçar o Zajac. Estou a fazer o papel de boa menina há semanas. Está na altura de me meter em sarilhos.

– Sim – concorda o Callum, num tom duro. – Preocupa-me estar a desafiar um gângster louco. Especialmente dois dias antes das eleições.

– Talvez devêssemos esperar, então – sugiro. – Esperar até depois das eleições para retaliarmos.

– Se não o encontrarmos esta noite, é o que farei – diz o Callum.

– Mas prefiro lidar com isto mais cedo do que mais tarde.

O telemóvel do Callum apita com uma mensagem. Ele olha para ela.

– Os teus irmãos estão aqui – revela.

Um minuto depois, eles param em frente à casa, estacionam e saem do *Escalade* do Dante com cautela. Não vêm cá desde a festa da Nessa. Dá para perceber que se sentem constrangidos ao entrar pela porta da cozinha.

– Bela casa – elogia educadamente o Dante, como se nunca a tivesse visto antes.

– Sim, muito bonita. – O Nero enfia as mãos nos bolsos, olhando à volta da cozinha moderna e reluzente. O olhar dele deteta a única coisa fora do lugar. Inclina-se para ver mais de perto e diz:

– Aquilo é um...

– É – confirmo. – E não é preciso falarmos sobre isso.

A Imogen já se fartou de me chatear a cabeça por causa do buraco de bala na porta do armário. Acho que estava ainda mais zangada do que quando envenenei o filho dela. Esta casa é o seu bebé predileto. A coisa teria ficado feia se o Callum não me tivesse encoberto, dizendo-lhe que fora um acidente. Ela não pareceu convencida.

– Onde é que eu vou descobrir alguém para a arranjar? – queixou-se ela, com os olhos a arder. – Como é que vou explicar a um carpinteiro que tem de tirar uma bala antes de poder tapar o buraco?

– Podia fingir-se totalmente surpreendida – sugeri, prestável.

O Callum lançou-me um olhar que dizia para me calar imediatamente.

– Eu podia tirar a bala primeiro – ofereceu ele.

– Não! – gritou a Imogen. – Não lhe toques. Vocês os dois já fizeram que chegue.

Ainda não foi arranjado e é outro assunto delicado que não preciso que o Nero traga à baila mesmo antes de sairmos.

Mas então o Sujeito Chato Número Três entra na cozinha.

– O carro já está à porta – revela o Jack, mostrando as chaves.

– Não me digas que ele vem – digo ao Callum.

– Ele vem.

– Nós não precisamos...

O Callum interrompe-me.

– Não vamos avançar com pouca gente. Os teus irmãos também trouxeram alguém.

– O Gabriel está no carro – confirma o Dante.

O Gabriel é nosso primo e um dos executores dos meus irmãos. Parece um grande urso de peluche, mas consegue ser um assassino

quando assim tem de ser.

– Tudo bem – acabo por concordar, com uma pontinha de irritação.

– E qual é o plano?

– Bem... – O Callum troca um olhar com os meus irmãos. – Há duas opções. Uma é tentarmos seguir esta pista sobre a rapariga que o Zajac tem andado a papar.

– Mas não temos a morada dela – lembra o Nero, não escondendo o desagrado com esta opção. – E não sabemos com que frequência ele a vê.

– *Ou* – continua o Callum, como se não tivesse sido interrompido – podíamos atacar um dos seus negócios. Dar cabo das coisas dele, talvez levar alguma coisa e ficar à espera que ele venha ter connosco.

– Estamos inclinados para o casino dele, porque fica numa zona remota e tem muito dinheiro – intervém o Dante.

– Porque não os dois? – sugiro. – Estás a falar da Francie Ross? Ela trabalha no *Pole*, certo?

– Sabes quem é? – pergunta rapidamente o Callum.

– Não. Mas conheço uma rapariga que a conhece. Era isso que estava a tentar dizer-te, há pouco.

O Callum lança-me um olhar meio irritado, meio curioso.

– A tua amiga sabe onde mora a Francie?

– Talvez. Devíamos perguntar-lhe.

– Porquê darmos-nos ao trabalho? – questiona o Nero. – O que é que interessa encontrarmos o Zajac? Precisamos de retaliar pelo que ele fez ao nosso estaleiro de obras. Não precisamos de o olhar nos olhos para lhe dar um pontapé nos tomates.

O Dante parece estar indeciso.

– O casino parece ser uma aposta mais segura – insiste ele.

– Bem... – O Callum olha para mim. – Vamos fazer as duas coisas. Vocês podem ir ao casino enquanto eu e a Aida falamos com a amiga dela.

– Achas que três pessoas são suficientes? – questiona o Dante, virando-se para o Nero.

– Claro.

– Leva também o Jack – aconselha o Callum.

– Então, serás só tu e a Aida... – salienta o Dante.

– Não precisamos de um exército – rosno. – Só vamos falar com uma empregada de mesa.

O Dante mete a mão no casaco. Passa-me uma *Glock*, carregada.

– Será que isso é sensato? – pergunta o Jack, de olho na arma quando o Dante a põe na minha mão.

– Não te preocupes – replico com doçura. – Não a vou deixar por aí como uma *idiota*.

O Jack parece querer ripostar, mas desiste, pois o Callum está aqui.

– Têm tudo o que precisam? – pergunta o Dante.

Todos assentem.

– Vamos lá, então.

O Dante e o Nero voltam para o *Escalade*. Eu aceno para o Gabriel através da janela. Ele sorri e acena de volta. O Jack sobe para o banco de trás ao lado dele e apresenta-se com um grunhido e um aceno de cabeça.

Estou extremamente satisfeita por não ter de passar mais tempo fechada num carro com ele, e ainda mais satisfeita por eu e o Cal estarmos a seguir a minha pista. Bem, também é mais ou menos dele, mas eu pensei nisso primeiro.

De qualquer forma, gosto quando o Cal conduz. Permite-me olhá-lo de relance enquanto a atenção dele está fixa na estrada.

Sempre que estamos sozinhos, a energia parece mudar. Há uma tensão espessa no ar, e a minha mente vagueia inevitavelmente para o que fizemos da última vez que estivemos sozinhos.

Como estou a pensar em coisas tão agradáveis, assusto-me quando o Callum diz:

– Porque é que deixaste o Oliver Castle?

A pergunta abala-me e faz-me lembrar de como o Oliver me abordou no *campus*, nessa tarde. Como é que ele continua a cruzar-se comigo assim? No início, quando ele me encontrava em todas as festas, pensei que os meus amigos lhe enviavam mensagens. Mas mesmo mais tarde...

O Callum insiste.

– Então?

Suspiro, irritada por estar a falar sobre isto outra vez. E sem a probabilidade de sexo excêntrico alimentado por ciúmes depois.

– Nunca me senti confortável – respondo. – Era como calçar um sapato no pé errado. Desde o início, era estranho, e quanto mais tempo passava, pior ficava.

– Então, não estavas apaixonada por ele? Quando nos conhecemos? – interroga o Callum.

Há uma pontinha de vulnerabilidade naquela pergunta.

Nunca ouvi o Callum ser vulnerável. Nem um pouco. Quero desesperadamente olhar para ele, mas uso toda a minha força de vontade para não desviar o olhar. Sinto que estamos a ser honestos, e não quero estragar tudo.

– Nunca o amei – replico, com a minha voz firme e segura.

Ele exala, aliviado no seu suspiro.

Não consigo deixar de sorrir, a pensar em algo poético.

– O que foi? – pergunta o Callum.

– Bem, ironicamente, quando acabei com o Oliver, pensei que devia encontrar alguém mais compatível. Alguém mais parecido comigo.

O Cal também se ri.

– Em vez disso, arranjaste exatamente o oposto.

Os opostos têm uma espécie de simetria. Fogo e gelo. Sisudo e descontraído. Impulsivo e contido. De certa forma, pertencem um ao outro.

O Oliver e eu éramos mais como dois objetos escolhidos ao acaso: uma caneta e uma coruja. Uma bolacha e uma pá.

É por isso que não havia emoção do meu lado, apenas indiferença. É preciso afastar e atrair para sentir amor. Ou ódio.

Paramos em frente ao *Pole*. É um cabaré na zona oeste da cidade, escuro, com tetos baixos, extenso e decadente. Mas também muito popular, porque não é um clube de *striptease* comum. As atuações são pervertidas e baseadas em fetiches. Algumas das dançarinas são relativamente famosas em Chicago, incluindo Francie Ross, que é uma das cabeças de cartaz. Não me surpreende que tenha chamado a atenção do Zajac.

– Já estiveste aqui antes? – pergunto ao Callum.

– Não – responde ele despreocupadamente. – Presta para alguma coisa?

– Vais ver. – Sorrio.

Os seguranças verificam os nossos cartões de identidade quando entramos.

O som do baixo faz com que o ar pareça denso. Sinto o cheiro forte do álcool e os tons terrosos das canetas vape. A luz é de um vermelho intenso, fazendo com que tudo o resto tenha tons de preto e cinzento.

O interior parece uma casa de bonecas gótica. Cabines de pelúcia, papel de parede botânico, espelhos ornamentados. As empregadas de mesa estão vestidas com arneses de couro, algumas com orelhas de animais em couro e caudas de pelo a condizer – coelhinhos, raposas e gatas, principalmente.

Avisto uma mesa que está a ficar livre, perto do palco, e arrasto o Callum para lá antes que alguém a consiga apanhar.

– Não devíamos estar à procura da tua amiga? – questiona ele.

– Talvez estejamos na secção dela. Se não, eu vou procurá-la.

Ele olha em volta para as empregadas de mesa peitudas e para os empregados de bar com fatos de cabedal de plumas justos e o fecho aberto até ao umbigo.

– Então, é disto que o Zajac gosta, hã?

– Acho que toda a gente gosta, de uma forma ou de outra – replico, mordendo a ponta do lábio e sorrindo um pouco.

– Ah, sim? – O Callum olha para mim, curioso e algo distraído. – Conta-me mais.

Aceno para o canto da nossa cabine, onde um par de algemas de prata está pendurado num gancho.

– Vejo-te a fazer bom uso daquelas.

– Depende – murmura o Callum, com os olhos escuros – de como te portares esta noite...

Antes que eu consiga responder, a empregada de mesa vem anotar o nosso pedido. Não é a minha amiga Jada. Mas ela diz que a Jada está a trabalhar.

– Podes pedir-lhe que venha cá? – pergunto-lhe.

– Claro. – A rapariga assente.

Enquanto esperamos, reduzem-se ainda mais as luzes e o DJ baixa a música.

– Senhoras e senhores – entoa ele –, por favor, deem as boas-vindas ao palco ao único... e incomparável... Eduardo!

– Oh, vais gostar disto – sussurro para o Callum.

– Quem é o Eduardo? – murmura ele.

– Chiu!

Um holofote segue um jovem magro que posa por um momento sob a sua luz, depois dirige-se para o palco. Usa um chapéu de feltro e um fato de treino – feito à medida, com ombros exagerados. Tem um bigode em forma de lápis e um cigarro pendurado na boca.

Aquela presença é magnética. Todos os olhos estão fixos nele e na sua arrogância ultrajante.

Mesmo antes de subir ao palco, faz uma pausa ao lado de uma bonita loura na fila da frente. Apesar dos protestos e da evidente timidez dela, ele agarra-lhe na mão e arrasta-a para o palco.

Faz um pequeno número cómico em que pede à rapariga para segurar uma flor por ele. A parte de cima da flor esmorece imediatamente, caindo pela frente da blusa da rapariga. O Eduardo arranca-a de novo antes que ela se possa mexer, fazendo-a gritar. Depois, ensina-lhe um número de dança, um tango sedutor, que executa com mestria, fazendo-a rodopiar como um manequim.

Durante todo o tempo, mantém uma série de piadas e insultos, fazendo o público uivar de riso. Tem uma voz baixa e suave, e um ligeiro sotaque.

Por fim, diz à rapariga que já acabou e pede-lhe um beijo na cara. Quando ela, relutantemente, franze os lábios, ele estende-lhe o rosto e, no último minuto, vira a cabeça, beijando-a na boca.

A multidão devora-o, aplaudindo e cantando.

– Eduardo! Eduardo!

– Obrigado, meus amigos. Mas antes de me ir embora... uma última dança! – grita.

Enquanto a música toca, ele dança por todo o palco, ágil e elegante. Pega no chapéu e arranca-o da cabeça, deixando cair um derrame de cabelo louro e branco. Arranca o bigode, depois abre a

frente do fato para revelar dois seios absolutamente espetaculares, cheios e nus, à exceção do par de borlas vermelhas que cobrem os mamilos. O “Eduardo” salta e balança para fazer girar as borlas, depois manda um beijo para o público, faz uma vénia e sai do palco.

O Callum parece que levou uma bofetada na cara. Estou a rir-me tanto que as lágrimas correm-me pelas faces. Já vi o espetáculo da Francie três vezes e ainda me surpreende. A sua capacidade de andar, dançar e falar como um homem, e até rir como um, é simplesmente incrível. Ela não sai da personagem nem por um segundo, a não ser no final.

– Aquela é a Francie Ross – revelo ao Callum, para o caso de ele ainda não ter percebido.

– É a namorada do *Carniceiro*? – pergunta ele, espantado.

– Sim. Se os rumores forem verdadeiros.

Aproveito a oportunidade para perguntar à Jada, quando ela traz as nossas bebidas. Serve um uísque com gelo ao Callum e para mim traz uma *vodka cranberry*.

– Olá! – cumprimenta ela. – Não te vejo há séculos.

– Eu sei! – Sorrio-lhe. – Tem sido uma loucura.

– Foi o que ouvi dizer – diz a Jada, lançando um olhar expressivo na direção do Callum. A Jada tem o cabelo pintado de preto, uma infinidade de *piercings* e lábios cor de ameixa. O pai dela trabalhou para a minha empresa até ser preso por delitos não relacionados com os nossos negócios. Especificamente, tentou burlar a lotaria estadual. Estava a correr bem até ele por acaso ter ganhado duas vezes seguidas, o que foi uma espécie de alerta

– Viste o espetáculo? – pergunta-me a Jada.

– Sim! A Francie é a melhor. – Inclino-me um pouco mais para perto, mantendo a voz baixa para que seja abafada pela música. – É verdade que ela anda com aquele gângster polaco?

– Não sei. – A Jada pega num copo vazio da mesa ao lado da nossa e coloca-o no tabuleiro. Não me olha nos olhos.

– Vá lá – persuado-a. – Eu sei que vocês são muito chegadas.

– Pode ser – diz ela, sem se comprometer.

– Ele vem cá para a ver?

– Não – replica a Jada. – Não que eu tenha visto.

É óbvio que ela não gosta muito deste interrogatório. Mas não quero desistir já.

O Callum passa a mão por baixo da mesa, pressionando suavemente uma nota dobrada na palma da mão da Jada.

– Onde é que ela vive?

A Jada hesita. Olha de relance para a palma da mão para ver a nota.

– O prédio amarelo na Cherry Street – revela por fim. – No terceiro andar. Ele vai lá às terças à noite. É quando ela não está a trabalhar.

– Aí tens – murmuro para o Callum, depois de a Jada sair. – Se ele não aparecer depois de lhe lixarmos o casino, apanhamo-lo na terça-feira.

– Sim – concorda o Callum. – Ainda é cedo... manda uma mensagem aos teus irmãos para ver se precisam de nós no casino.

Estou prestes a fazê-lo quando a Jada nos traz outra rodada de bebidas.

– É por minha conta – diz ela, mais afável agora que parei de a chatear. – Para a próxima, não demores tanto tempo a aparecer.

Desliza uma *vodka cranberry* fresca na minha direção. Eu não queria mesmo uma segunda, mas se é de borla...

– Obrigada – agradeço, levantando a bebida num movimento de saudação.

– A Roxy Rotten é a seguir – revela a Jada. – Vais querer ficar para ver esta.

Quando levo a palhinha aos lábios, vejo um brilho estranho na superfície da minha bebida. Volto a pousá-la, olhando para o *cocktail*. Talvez seja apenas a luz vermelha a incidir na minha bebida vermelha. Mas a superfície parece um pouco oleosa. Como se o copo não tivesse sido bem lavado.

– O que foi? – pergunta o Callum.

Não tenho a certeza se devo beber.

Estou prestes a dizer ao Callum que verifique a sua própria bebida, mas ele já a bebeu de um só trago.

As luzes baixam novamente e o DJ apresenta a Roxy Rotten. A Roxy faz o seu *striptease* com maquilhagem de *zombie* sob luzes

negras, que dão a ilusão de que ela perde vários membros ao longo da atuação. Por fim, as luzes voltam a subir e a Roxy está no centro do palco, milagrosamente inteira de novo, exibindo a sua bela figura pintada de verde para o público.

– Vamos embora? – digo ao Callum.

– Os teus irmãos já te responderam?

Verifico o meu telemóvel.

– Ainda não.

– Então, vamos *embola*. Quero dizer, vamos embora. – Ele abana a cabeça. – Vais acabar isso primeiro? – Aponta para a minha segunda bebida.

– Hum... não. – Deito metade da nova bebida no meu copo antigo para a Jada não se ofender. – Vamos lá.

Levanto-me primeiro, pondo a minha mala no braço. Quando o Callum se levanta, tropeça ligeiramente.

– Estás bem?

– Sim – grunhe ele. – É só uma dor de cabeça.

Consigo perceber como está instável de pé. Não é o uísque – ele só bebeu dois copos, o que, sei por experiência própria, mal o deixa tocado.

Vejo a Jada ao lado do bar, de braços cruzados. Parece uma gárgula malévola com as orelhas de raposa de couro, os lábios pintados de roxo-escuro.

– Vamos embora daqui – murmuro para o Callum, passando o braço dele por cima do meu ombro.

Lembro-me horripelantemente do dia em que nos conhecemos, quando tive de carregar o Sebastian pelo cais desta maneira. O Callum é igualmente pesado, caindo mais e mais a cada passo. Está a tentar dizer alguma coisa, mas os olhos estão virados para trás e a voz é mole e incoerente.

Se eu conseguir colocá-lo no carro, posso levar-nos para um lugar seguro e chamar os meus irmãos.

Tal como no cais, a porta parece estar a quilómetros de distância. Estou a caminhar na areia e não vou conseguir.

Quando finalmente chego à saída, os seguranças cercam-me.

– Há algum problema, menina?

Estou prestes a dizer-lhes que preciso que alguém me ajude a levar o Callum para o carro. Depois apercebo-me de que eles não nos vêm ajudar. Estão a bloquear a porta.

Olho em redor para o semicírculo de homens corpulentos e imponentes.

Não tenho tempo para telefonar aos meus irmãos.

Faço a única coisa que me ocorre.

Deslizo como se estivesse a desmaiar, esperando que não me doa muito quando bater no chão.

CALLUM

Acordo com as mãos atadas sobre a cabeça, suspensas num gancho de carne.

Esta não é uma boa posição para mim. Sou um tipo grande, e todo aquele peso pendurado nos meus braços, sabe Deus durante quanto tempo, faz com que pareça que estão prestes a ser arrancados das articulações.

Além disso, a minha cabeça está a estourar.

A última coisa de que me lembro é de um tipo que não era bem um tipo a dançar o tango no palco.

Agora estou num armazém que tresanda a ferrugem e a sujidade. Por baixo disso, um cheiro frio, húmido e podre.

E está muito frio. Mesmo com o casaco vestido, estou a tremer.

Talvez sejam os efeitos secundários das drogas. Tenho os músculos fracos e trémulos. A minha visão está sempre a mudar de difusa para clara, como um par de binóculos a entrar e a sair de foco.

Drogas. Alguém drogou a minha bebida. Quando eu estava com...

A Aida!

Viro a cabeça para trás, à procura dela.

Felizmente, não está pendurada num gancho ao meu lado. Não a vejo em lado nenhum no espaço deserto. Tudo o que vejo é uma mesa coberta com um pano branco manchado. O que não é, geralmente, um bom sinal.

Quero gritar pela Aida. Mas também não quero chamar a atenção para o facto de ela ter desaparecido. Não sei como vim aqui parar, e não sei se ela estava comigo ou não.

Os meus ombros estão a tremer. Os meus pés quase tocam no chão, mas não exatamente.

Torço os pulsos, virando-os contra a corda áspera, para ver se há alguma hipótese de me libertar. O movimento faz-me rodar ligeiramente, como um pássaro no espeto, mas não parece soltar o

nó.

A única coisa boa é que não tenho de esperar muito tempo.

O *Carniceiro* entra no armazém, ladeado por dois dos seus soldados. Um é magro, com cabelo louro platinado e tatuagens nos braços. O outro parece-me familiar – pode ter sido um dos seguranças do *Pole*. Oh, porra. Se calhar era.

Mas é o *Carniceiro* que me chama a atenção. Fixa-me com um olhar furioso, uma sobrancelha permanentemente arqueada um pouco mais alta do que a outra. O nariz parece mais bicudo do que nunca sob a luz forte, as faces encovadas. As cicatrizes nas laterais do rosto parecem demasiado profundas para serem de acne – podem ser feridas de estilhaços de uma explosão ocorrida há muito tempo.

O Zajac para à minha frente, quase diretamente sob a única luz do teto. Levanta um dedo e toca no meu peito. Depois empurra-me, fazendo-me balançar para trás e para a frente no gancho.

Não consigo deixar de grunhir com o aumento da pressão nos meus braços. O *Carniceiro* dá um pequeno sorriso. Está a divertir-se com o meu desconforto.

Afasta-se novamente, acenando com a cabeça ao segurança da discoteca, que de imediato ajuda o Zajac a despir o casaco.

O polaco parece mais pequeno sem ele. Mas quando arregaça as mangas da camisa às riscas, vejo que os antebraços são grossos com o tipo de músculo construído para fazer coisas práticas.

– As pessoas pensam que ganhei a minha alcunha por causa de Bogotá. Mas não é verdade. Já me chamavam *Carniceiro* muito antes disso – começa ele, enquanto arregaça a manga esquerda com movimentos hábeis e seguros.

Enrola a manga direita até ficar exatamente igual à esquerda. Depois, dirige-se para a mesa coberta. Puxa o pano para trás, revelando precisamente o que eu esperava ver: um conjunto de facas de talhante acabadas de afiar, com as lâminas dispostas por forma e tamanho. Cutelos, cimitarras e facas de *chef* – lâminas para desossar, cortar, trincar, fatiar e picar.

– Antes de sermos criminosos, os Zajac tinham um ofício familiar. O que aprendíamos, passávamos de geração em geração. Posso esquartejar um porco em quarenta e dois minutos. – Ele

levanta uma faca longa e fina, encostando a ponta do polegar à lâmina. Sem qualquer pressão, a pele rasga e uma gota de sangue escorre para o aço. – O que achas que te posso fazer numa hora? – contempla ele, olhando de cima a baixo para a minha estrutura esticada.

– Para começar, talvez pudesses explicar-me que raio queres – digo. – Isso não pode ser sobre a propriedade do trânsito.

– Não – sussurra o Zajac, os olhos sem cor na luz forte.

– De que se trata, então?

– É uma questão de respeito, claro – responde. – Vivo nesta cidade há doze anos. A minha família está cá há três gerações. Mas não sabes isso, pois não, Sr. Griffin? Porque nem sequer me prestaste o elogio da curiosidade.

Pousa a faca que tem na mão e escolhe outra. Embora os dedos sejam grossos e atarracados, maneja a arma com tanta destreza como o Nero.

– Os Griffin e os Gallo... – diz ele, aproximando-se de mim com uma lâmina na mão. – Ambos são iguais na sua arrogância. Os Gallo enterram dois dos meus homens debaixo do cimento e pensam que é o fim da história. Vocês aceitam a minha doação e depois recusam-se a encontrar-se comigo cara a cara. Depois fazem um acordo de casamento sem sequer considerarem os meus filhos. Ou sem fazer um convite.

– O casamento foi em cima da hora – lembro-lhe, por entre dentes cerrados. Os meus ombros estão a arder. Não gosto da proximidade daquela faca.

– Eu sei exatamente porque é que o casamento aconteceu – continua ele. – Eu sei de tudo...

Eu quero saber onde está a Aida, já que ele sabe tanto.

Mas ainda tenho receio de a denunciar. Ela pode ter conseguido escapar. Se assim for, espero por Deus que esteja a chamar a polícia ou os irmãos.

Infelizmente, acho que ninguém vai chegar aqui a tempo. Nem que saibam onde me encontrar.

– Isto era um matadouro – revela o Zajac, gesticulando à volta do armazém vazio com a ponta da faca. – Costumavam matar mil

porcos por dia aqui. O sangue corria por ali – aponta para o comprimento de uma grelha de metal que passa sob os meus pés –, por aquele cano, e depois diretamente para o rio. A água ficava vermelha durante um quilómetro e meio a jusante das fábricas.

Não consigo ver o cano a que ele se refere, mas consigo cheirar a água suja.

– Um pouco mais a jusante, as pessoas nadavam na água – prossegue ele, com os olhos fixos na lâmina da faca. – Nessa altura, já parecia suficientemente limpa.

– Há algum objetivo para esta metáfora? – digo, impaciente. Os meus ombros estão a arder. Se o Zajac me vai matar, prefiro que o faça já. – É suposto ser eu a pessoa a nadar na água suja?

– Não! – retruca ele, agora com o olhar focado na minha cara. – É toda a gente em Chicago que quiser pensar que a sua cidade é limpa. Tu és a pessoa que come o toucinho, pensando que és melhor do que o homem que o matou.

Suspiro, tentando fingir que estou interessado, mas na verdade estou a analisar a sala. Observo os dois guarda-costas, à procura de uma saída para esta confusão. Enquanto isso, esfrego os pulsos na corda, tentando soltá-los pouco a pouco. Ou então estou só a esfregar a minha pele – é difícil distinguir.

O Zajac acabou o monólogo. Corta o meu casaco e a minha camisa com vários cortes rápidos. Partes das mangas ainda estão penduradas nos meus braços, mas o meu tronco está nu, a sangrar devido a cinco ou seis cortes superficiais. O *Carniceiro* é suficientemente hábil para o fazer sem me tocar. Mas cortou-me de propósito. Está a preparar a faca.

Ele pressiona a ponta contra o lado inferior direito do meu abdómen.

– Sabes o que é que está aqui? – interroga ele.

Não quero jogar este jogo com ele.

– Não.

– O teu apêndice. Um pequeno tubo de tecido de três centímetros e meio, que se estende desde o intestino grosso. Provavelmente vestigial para o ser humano moderno, mas por vezes proeminente, quando fica infetado ou inflamado. Não vejo qualquer

cicatriz de laparoscopia, por isso presumo que o teu ainda esteja intacto.

Fico teimosamente em silêncio, recusando-me a alinhar.

O *Carniceiro* apoia a ponta da lâmina na palma da mão.

– Tencionava esperar até depois das eleições para fazer isto, mas vocês tiveram de se armar em espertos, destruindo o meu casino e incomodando a minha amante no seu local de trabalho. Portanto, eis o que vamos fazer. Os Gallo vão devolver o dinheiro que roubaram do meu casino.

Não sei quanto é que eles conseguiram, mas espero que tenha sido uma tonelada de dinheiro.

– Vais vender-me a propriedade do trânsito com um grande desconto.

Não. Não vai acontecer.

– E vais dar-me um cargo na câmara à minha escolha, depois da tua eleição.

Quando a porra das galinhas tiverem dentes.

– Como entrada para estes serviços, vou tirar-te o apêndice – diz o Zajac. – A cirurgia, embora dolorosa na ausência de anestesia, não será fatal.

Ele levanta a ponta da faca mais uma vez, posicionando-a diretamente sobre a parte aparentemente não essencial das minhas entranhas. Inspira, preparando-se para cortar a minha carne. Depois pressiona a faca contra a minha barriga.

Ele enfia-a com uma lentidão agonizante.

Cerro os dentes com toda a força que tenho, mantendo os olhos fechados, mas não consigo deixar de soltar um grito estrangulado.

Está a doer como o caraças. Ouvi dizer que ser esfaqueado é mais doloroso do que ser baleado. Depois de, recentemente, ter sido ferido de raspão no braço pela minha amada mulher, posso afirmar que ter uma faca lenta e tortuosamente enfiada nas entranhas é cem vezes pior. Estou a suar, os meus músculos tremem. A faca está apenas um ou dois centímetros dentro da minha carne.

– Não te preocupes – sibila o *Carniceiro*. – Devo terminar dentro de mais ou menos uma hora...

– Espera um pouco, espera um pouco... – ofego.

Ele detém-se, sem tirar a faca do meu estômago.

– Podes fazer uma pausa por um segundo e coçar-me o nariz? Tenho uma comichão que me está a deixar maluco.

O Zajac bufa, irritado, e estica o braço para enfiar a faca mais fundo no meu corpo.

Nesse momento, uma garrafa entra a voar pela porta, com um trapo fumegante enfiado no gargalo. A garrafa estilhaça-se no chão de cimento e o licor flamejante espalha-se numa poça, com cacos de vidro em chamas a saltarem para fora. Um deles apanha a manga do segurança. Ele rodopia, tentando arrancá-lo com uma palmada.

Ouve-se outro som de estilhaço, depois uma explosão, alta e próxima.

– Tratem daquilo – ordena o Zajac aos seus homens.

O louro afasta-se de imediato, contornando os destroços do *cocktail Molotov* e dirigindo-se para uma porta lateral. O segurança vai diretamente para a porta principal, apenas para levar um tiro no ombro assim que passa por ela.

– *Kurwa mać!* – ladra o *Carniceiro*. Salta para trás de mim, para o caso de o atirador estar prestes a entrar pela porta.

Ficamos à espera. Ninguém entra. Vejo que o Zajac está dividido – por um lado, não me quer deixar aqui sozinho. Por outro, agora está desprotegido. Não faz ideia de quantas pessoas estão a invadir o armazém. Não quer ser apanhado aqui dentro se forem os meus homens a entrar pela porta.

À medida que os segundos passam, ouvimos os sons confusos de gritos, correrias e qualquer outra coisa a partir-se. É impossível perceber o que está a acontecer. O *Molotov* ainda está a arder – na verdade, as chamas estão a espalhar-se pelo chão de cimento. Talvez a tinta esteja a arder. Nuvens de fumo negro e acre fazem-nos suar e tossir.

O Zajac pragueja. Dirige-se para a mesa, pega num cutelo com uma mão e numa catana com a outra. Apressa-se a sair pela mesma porta lateral pela qual o seu tenente louro desapareceu.

Assim que estou sozinho, começo a torcer e a mexer nas cordas. O meu braço esquerdo está quase totalmente dormente, mas ainda consigo mexer o direito. Puxo com toda a força que consigo. As

mãos, os pulsos, os braços e os ombros estão todos a reclamar. Parece que vou deslocar o polegar. Mas, por fim, liberto a mão direita.

Uma figura entra a correr descalça pela porta, saltando por cima do corpo caído do segurança que levou um tiro no ombro.

Os cabelos escuros da Aida correm atrás dela enquanto a minha mulher voa pelo cimento. Habilmente, evita as chamas e os estilhaços de vidro, parando apenas para pegar numa faca da mesa. Pressiona-a na minha palma.

– Corta a corda! – grita ela. – É demasiado alta para mim! – Tem sangue a escorrer-lhe pelo lado direito da cara. A mão esquerda está enrolada num pano.

– Estás bem? – Estico a mão para cima, de modo a cortar a corda que ainda segura a minha mão esquerda. – Onde estão os teus irmãos?

– Não faço ideia... Aqueles tipos tiraram-me o telemóvel e a arma, por isso o Dante vai ficar furioso. Estou aqui sozinha!

– O quê? Que raio foi aquele barulho todo, então?

– Uma distração! – replica a Aida, satisfeita. – Agora despachate, antes que...

A corda parte-se e eu caio no cimento. Parece que os meus braços não estão ligados ao meu corpo. As minhas pernas também estão a latejar. Já para não falar do furo no meu lado direito.

– O que é que eles te fizeram? – pergunta a Aida, com a voz a tremer.

– Eu estou bem – garanto-lhe. – Mas era melhor nós...

Nesse momento, o soldado louro regressa com outro dos homens do Zajac. Estão ambos armados, parados na porta com as armas apontadas diretamente para nós.

– Não se mexam – ordena o tenente louro.

O ar está cheio de fumo. Não tenho a certeza se ele nos consegue ver bem – não o suficiente para nos matar, tenho a certeza. Agarro no braço da Aida e começo a recuar.

Estamos a seguir a grelha de metal ao longo do chão, de volta ao local de despejo onde os carneiros costumavam descarregar o sangue e as vísceras no rio.

– Parem! – grita o tenente, avançando sobre nós através do fumo. Levanta a semiautomática, encostando-a ao seu lado.

Ouçõ um estrondo quando piso numa grade com dobradiças.

De olho nos homens do Zajac, pressiono a ponta do meu sapato contra o canto da grade, tentando levantá-la sem usar as mãos.

É pesada, mas começa a mover-se para cima, o suficiente para poder colocar todo o meu pé por baixo.

– Fiquem aí e ponham as mãos no ar – ladra o soldado louro, aproximando-se de nós.

Abro a grelha ao pontapé.

Envolver os meus braços à volta da Aida, murmurando:

– Respira fundo.

O corpo dela fica tenso.

Depois, levanto-a e salto através da grelha, para um cano de quatro metros de largura que vai dar sabe Deus onde.

Mergulhamos na água imunda e gelada.

A corrente é rápida, arrastando-nos.

Está escuro, tão escuro que não faz diferença se os meus olhos estão abertos ou fechados. Agarrando a Aida com toda a força, levanto-a com uma mão para ver se há ar acima das nossas cabeças. A minha mão toca no cano, não há espaço entre a água e o metal.

Isso significa que precisamos de passar o mais rapidamente possível. A corrente está a fazer-nos avançar. Dou coices com os pés, impulsionando-nos mais depressa.

Até agora, estamos provavelmente há trinta segundos aqui em baixo. Consigo sustentar a respiração durante dois minutos. Não posso esperar que a Aida aguente mais do que um minuto e pouco.

Ela não se debate nos meus braços, não luta comigo. Mas consigo sentir como está rígida e aterrorizada. Ela confia em mim. Deus, espero não ter cometido o pior dos erros.

Avançamos a toda a velocidade, comigo a dar pontapés cada vez mais fortes. Depois disparamos por um tubo de saída e caímos de uma altura de metro e meio para o rio Chicago.

A corrente arrasta-nos para o centro do rio, a cerca de seis metros de cada margem. Não é onde quero estar, para o caso de aparecerem barcos, mas não tenho a certeza de para que lado nos

devo levar. Olho em volta, tentando perceber exatamente onde estamos.

A Aida agarra-se ao meu pescoço, remando apenas com uma mão. Não é uma nadadora muito resistente, e a corrente é forte. Está a tremer. E eu também.

– Como é que sabias que podíamos sair dali? – pergunta-me ela, com os dentes a bater.

– Não sabia – replico. – Como raio é que me encontraste?

– Oh, estive contigo o tempo todo! – responde a Aida. – A cabra traidora da Jada drogou-nos as bebidas, mas não bebi a minha porque parecia estranha.

– Porque é que não me disseste isso?

– Eu ia dizer! Já a tinhas bebido. Não quero fazer disto uma crítica cultural, mas vocês, irlandeses, podiam aprender a saborear uma bebida de vez em quando. Nem tudo é de um trago só.

Reviro os olhos.

– Passando à frente – continua ela –, tentei levar-te para o carro, mas estavas a tropeçar e a gaguejar, e os seguranças bloquearam-me. Por isso, quando desmaiaste, fingi que também estava desmaiada. Estava tão mole que terias ficado espantado com a minha atuação. Mesmo quando o grandalhão me bateu com a mão na mala do carro, não saí da personagem.

Estou a olhar para ela com espanto. Enquanto eu estava inconsciente, a Aida estava a conspirar e a planear.

– Trouxeram-nos para o armazém e levaram-nos para dentro. Levaram-te e puseram-me numa espécie de sala de escritório. O tipo não me tinha amarrado, porque pensava que eu ainda estava inconsciente. Deixou-me sozinha por um momento. Mas trancou a porta. Não tinha telemóvel... Ele levou a minha mala e a arma do Dante. Então, em vez disso, fui pela conduta de ar...

– Tu o quê?

– Sim. – A Aida sorri. – Usei a unha para rodar o parafuso, tirei a tampa e saí logo. Lembrei-me de voltar a colocar a tampa. Gostava de ter ficado para ver a cara do guarda quando voltou... deve ter pensado que eu tinha feito algum truque à Houdini. Livrei-me dos meus sapatos pelo caminho; estavam a fazer muito barulho na

ventilação. Depois caí numa pequena cozinha... tinha um frigorífico, um congelador e um armário cheio de bebidas. Foi assim que fiz os *Molotov*. Havia todo o tipo de coisas lá dentro... O Zajac deve trabalhar muito neste edifício, não apenas quando está a torturar pessoas.

Ela faz uma pausa, com as sobrancelhas franzidas de preocupação.

– Ele cortou-te? Estavas a sangrar...

– Estou bem – asseguro-lhe. – Ele só me picou um pouco.

– Ouvi os guardas a passarem-se – prossegue a Aida. – Não lhe queriam dizer que eu tinha fugido. Estão todos completamente aterrorizados com ele. Isso deu-me algum tempo extra para andar por aí a fazer barulho. Roubei uma arma e alvejei um deles. Um outro agarrou-me por trás e empurrou-me a cabeça contra a parede. Tive de disparar para o pé dele umas nove vezes antes de lhe conseguir acertar. Depois, fiquei sem balas. Mas encontrei-te logo a seguir!

Estou a olhar para ela com um espanto absoluto. Os olhos dela brilham de excitação, o rosto ilumina-se com a emoção do que conseguiu fazer.

É uma loucura e uma confusão, e podíamos ter morrido, mas nunca me senti tão vivo. A água gelada, o ar noturno, as estrelas no céu, a luz refletida nos olhos cinzentos da Aida... Sinto tudo com uma clareza dolorosa. É absolutamente lindo como o caraças.

Agarro na cara da Aida e beijo-a. Beijo-a tanto e tão intensamente que nos afundamos na água e depois voltamos à superfície, com as nossas bocas ainda coladas.

– És incrível – digo-lhe. – E também completamente louca. Devias ter fugido!

A Aida fixa-me com a sua expressão mais séria.

– Nunca te abandonaria.

Estamos a girar ligeiramente na corrente, as luzes da cidade a rodar à nossa volta. Abraçamo-nos, fitamo-nos nos olhos, enquanto os nossos pés se movem na água.

– Nem eu – prometo-lhe. – Encontrar-te-ei sempre, Aida.

Ela beija-me de novo, com os lábios frios e trémulos, mas ainda

assim a coisa mais suave que alguma vez beijei.

As eleições realizam-se dois dias depois.

O Cal está todo remendado. Precisou de pontos para alguns dos cortes. Agora nem se nota que ele esteve numa luta. Eu, por outro lado, tenho de usar um gesso gigante, pois aparentemente o idiota da segurança partiu-me dois dedos quando bateu com a porta da bagageira na minha mão. Fico muito contente por lhe ter dado um tiro.

É muito difícil escrever qualquer coisa no meu telemóvel, o que é irritante, porque tenho um projeto muito importante em curso e não quero que se perca por não conseguir ver o meu *e-mail*.

– Posso ajudar-te com isso – diz o Cal, estendendo a mão para pegar no meu telemóvel. – Podes ditar e eu escrevo.

– Não! – reajo, agarrando-o de volta. – Não preciso de ajuda.

– O que estás a fazer? – pergunta ele, desconfiado.

– Não é da tua conta. – Volto a meter o telemóvel no bolso.

Ele franze o sobrolho. Já está nervoso, porque é suposto estarmos a receber os resultados das eleições a qualquer momento. Não o devia provocar.

O telemóvel dele toca e ele dá um salto de susto. Coloca-o junto ao ouvido, à escuta.

Fico a ver o alívio que o invade. Ele desliga a chamada, sorrindo.

– Parabéns! – grito.

Ele pega em mim e roda-me até eu prender as minhas pernas à sua cintura e beijá-lo durante muito tempo.

– ConseguiSTE – digo.

Ele pousa-me de novo no chão, com os olhos azuis brilhantes a fixarem-se nos meus.

– Fizemo-lo juntos, Aida. Conseguimos mesmo. ConseguiSTE-me o apoio extra que eu precisava dos italianos. Ajudaste-me a conquistar as pessoas certas. Quero que venhas trabalhar comigo. Todos os dias. Quando acabares o curso, quero eu dizer.

O meu coração dá uma pequena vibração curiosa.

Isso é uma loucura. Há duas semanas, eu achava impossível que o Callum e eu pudéssemos dividir um quarto sem nos matarmos um ao outro.

– Colegas de quarto e colegas de trabalho? – digo em tom de provocação.

– Porque não? – O Callum franze o sobrolho. – Fartaste-te de mim?

– Não. Não és exatamente do tipo tagarela. – Rio-me. – Na verdade, és bastante... relaxante.

É verdade. Quando o Cal não me está a deixar furiosa, acalma-me. Sinto-me segura ao pé dele.

– Mas o que é que vamos fazer em relação ao Zajac? – pergunto-lhe.

O Dante e o Nero fugiram com cerca de quinhentos mil dólares em dinheiro do casino do *Carniceiro*, além de terem destruído um monte de máquinas. Não ouvimos mais nada desde então. O que deve ser a calma antes da tempestade.

– Bem, o Nero acha que devemos...

Somos interrompidos pelo Fergus e pela Imogen, que ouviram a notícia. Entram de rompante no gabinete do Cal, querendo festejar com champanhe.

Tento sair para os deixar a sós, mas a Imogen põe o braço à volta dos meus ombros e puxa-me para dentro de novo.

– Não queres uma bebida? Também te estamos a celebrar, Aida. A conquista de um marido pertence à mulher e vice-versa.

A Imogen parece ter-me perdoado por ter assassinado o seu armário. Na verdade, insiste em irmos todos jantar para celebrar, incluindo a Nessa e a Riona. Reparo que a nossa reserva no *Everest* já estava feita. Tenho de sorrir perante a confiança da Imogen no seu filho.

Os pais dele deixam-nos. O silêncio entre nós é quente.

– Acho que queres que eu mude de roupa, então – digo ao Callum.

Ele olha para a minha *T-shirt* e para os meus calções.

– Não sei. – Dá-me um pequeno meio-sorriso. – Estás muito bonita assim.

Levanto as sobrancelhas com espanto.

– Quem és tu e o que fizeste com o meu marido?

O Cal encolhe os ombros.

– Ficas bonita de qualquer maneira. Não te vou dizer o que vestir.

Ofereço-lhe um sorriso de lado e sussurro-lhe:

– Mas e se eu até gostar quando mandas em mim?

Ele agarra-me no braço e rosna-me ao ouvido.

– Então, vai vestir aquele vestido de verão azul que comprei para ti e vê como te recompenso.

Assim que ele usa aquele tom de controlo, os pelos dos meus braços eriçam-se e fico com uma sensação quente, palpitante e nervosa.

Uma parte de mim quer desobedecer-lhe.

A outra parte quer ver o que vai acontecer se eu alinhar na brincadeira.

Por isso, vou ao armário, procuro o vestido que me foi pedido e visto-o. Depois, penteio o cabelo, prendendo-o com um gancho, ponho uns brincos com a forma de pequenas margaridas brancas e calço as sandálias.

Quando acabo de me vestir, o Callum está à minha espera lá em baixo. Desço a escada como uma rainha do baile, passando a mão pelo corrimão, tentando parecer graciosa.

O Callum sorri para mim, extremamente bonito naquela camisa azul-clara e calças. Barbeou o rosto, fazendo com que o maxilar pareça mais afiado do que nunca. Agora consigo ver a forma perfeita dos seus lábios, o modo como sorriem um pouco, mesmo quando os olhos parecem severos.

– Onde está toda a gente? – pergunto-lhe.

– Disse-lhes para irem à frente no outro carro. O Jack leva-nos. – Ele pega na minha mão, puxando-me para perto. – Nada debaixo desse vestido, espero.

– Claro que não – respondo-lhe com simplicidade.

O Jack já está à espera junto ao carro executivo, segurando a porta. Tem sido um pouco mais simpático comigo desde que roubou o casino com os meus irmãos e o meu primo. Não sei se é porque

gosta da minha família ou porque tem medo deles. Não fez um único comentário rude desde então, e eu não tive de disparar contra ele.

O Callum e eu deslizamos para o banco de trás. Vejo que o Cal já levantou a divisória. Também põe a música a tocar, mais alto do que o habitual.

– A que distância fica o restaurante?

– Acho que vou ter tempo suficiente... – Sem se incomodar com o cinto de segurança, coloca-se à minha frente e enfia a cabeça por baixo da saia do meu vestido de verão. Eu ofego e aumento um pouco mais o volume da música, depois deito-me contra o assento.

O Callum lambe-me com movimentos longos e lentos. A boca dele é incrivelmente macia por causa da barba feita. Os lábios acariciam a minha pele, a língua desliza entre as minhas pregas, quente, húmida e sensual.

Adoro foder com ele no carro. Nunca soube porque é que as pessoas tinham motoristas. Agora percebo que é totalmente por esta razão – para se poder transformar uma deslocação aborrecida na melhor parte do dia. Um dia, quando todos tivermos carros robôs, vamos olhar para as outras janelas e só vamos ver pessoas a fornicar.

Estou a começar a ter uma reação pavloviana ao cheiro do couro – de repente, é o cheiro mais erótico do mundo.

Adoro a sensação dos bancos contra a minha pele nua, a forma como o movimento do carro me embala e aperta ainda mais contra a língua do Callum. Ele é tão bom nisto. Parece frio e rígido, mas na verdade as mãos e a boca dele são quentes como manteiga. Sabe exatamente com que força lambe e chupar, proporcionando a máxima estimulação sem nunca cair no exagero.

Estou a balançar as ancas, a cavalgar-lhe a cara, a tentar não fazer barulho. Posso ter desistido da minha vingança contra o Jack, mas isso não significa que me queira exibir perante ele.

Mas é impossível ficar calada quando o Cal mete os dedos dentro de mim. Gira e desliza suavemente em sintonia com o movimento da língua, estimulando todos os meus pontos mais sensíveis.

Aperto-me à volta dos seus dedos, a minha respiração acelera e a

pele fica a formigar. O calor sai em espiral do meu ventre. A minha rata está encharcada e muito sensível.

Com a outra mão, o Callum levanta-se e puxa a parte da frente do meu vestido para baixo. Libertando um dos meus seios, acaricia-o com a mão, beliscando e puxando suavemente o mamilo.

Aumenta gradualmente a pressão até estar a apertar as minhas mamas com força, beliscando e puxando os mamilos. Por alguma razão, isto é fantástico. Talvez seja porque já estou muito excitada, ou talvez porque gosto quando o Cal é um pouco bruto na cama. Há tanta tensão entre nós que isso alivia a agressividade. Dá-nos um espaço para a canalizar.

Nunca tive uma relação como esta. Havia sempre pessoas que eu odiava e pessoas de quem gostava, e essas duas categorias eram opostas. Os meus namorados enquadravam-se na categoria “doce e divertido”, não na categoria “deixa-me louca”.

O Callum está a tornar-se um pouco de ambos. E, de alguma forma, isso faz com que a minha atração por ele seja dez vezes mais forte. Ele capta todas as minhas emoções: ressentimento, ciúme, rebeldia, desejo, raiva, curiosidade, brincadeira e até respeito. Ele junta tudo num só pacote. O resultado é absolutamente irresistível. Cativa-me por completo.

O Cal continua a lambar-me a rata, a dedilhar-me e a apertar-me as mamas, tudo ao mesmo tempo. Estimulando cada parte de mim até eu estar a contorcer-me e a esfregar-me contra ele, pronta para explodir.

Sinto o carro a virar, a começar a abrandar.

É agora ou nunca.

Deixo-me levar, gozando uma e outra vez com a língua do Cal. As ondas de prazer que se sucedem abatem-se sobre mim. Tenho de morder o lábio e fechar bem os olhos para não gritar.

O carro para. O Cal senta-se, limpando a boca com as costas da mão.

– Mesmo a tempo.

Estou tão ofegante como se tivesse corrido quilómetros.

– O teu cabelo tem um ar louco – observo. Ele alisa-o com a palma da mão, sorrindo para mim. – Sim, sim, fizeste um ótimo

trabalho – elogio, a rir.

– Eu sei – diz ele. Pega na minha mão e ajuda-me a sair do carro.

Apanhamos o elevador para o quadragésimo andar do edifício da Bolsa de Valores. Nunca tinha estado aqui em cima, embora saiba que é suposto o restaurante ser bom.

A vista é deslumbrante. A Imogen conseguiu, naturalmente, a melhor mesa do espaço. Em baixo, há um vasto panorama das luzes da cidade e do vazio escuro do lago.

Os outros já estão sentados. A Nessa está a usar um macacão florido, o cabelo castanho-claro preso num rabo de cavalo alto. Tem mais sardas agora que está a ficar mais quente. A Riona tem o cabelo solto – algo invulgar nela. Tem o cabelo mais deslumbrante que alguma vez vi, espesso, ondulado, com tons intensos. Acho que ela não gosta daquele aspeto vivo. Da atenção que atrai.

Esta noite, porém, está quase tão bem-disposta como os outros. Estamos todos a conversar e a rir, a pedir coisas extravagantes do menu. Olho em redor para a família do Cal e, pela primeira vez, não me sinto uma estranha. Sinto-me confortável à mesa. Feliz por estar ali, até.

Estamos a falar sobre o livro mais extenso que já lemos.

– Eu li *Guerra e Paz!* – revelo-lhes. – Acho que sou a única pessoa que já leu. Estava fechada numa casa e era o único livro na prateleira.

– Acho que *The Stand – A Dança da Morte* é o meu mais longo – confessa a Riona. – Versão integral, obviamente.

– Tu lêes Stephen King? – pergunto-lhe com espanto.

– Li todos os livros – replica a Riona. – Até ao mais recente, porque não tive tempo...

– Ela tinha tanto medo do *It* – revela o Callum. – Ainda tem pavor de palhaços.

– Eu não tenho *medo* deles – contrapõe a Riona, com altivez. – Só não gosto deles. Há uma diferença...

– Queres mais vinho? – pergunta-me o Cal, segurando a garrafa. Assinto, e ele enche-me o copo.

Quando pousa a garrafa, deixa cair a mão no meu colo. Encontra a minha mão – a que não está engessada – e entrelaça os dedos nos

meus.

A mão dele é quente e forte, apertando na medida certa. O polegar acaricia suavemente o meu, e depois fica quieto outra vez.

O Cal e eu já fodemos muitas vezes. Também já nos beijámos muito. Mas esta é a primeira vez que damos as mãos. Ele não está a fazer isso para se exhibir, por estarmos num evento. E não está a agarrar-me para me puxar para perto. Está a segurar a minha mão porque quer.

A nossa relação tem-se desenrolado de uma forma tão engraçada e retrógrada. Primeiro o casamento. Depois o sexo. A seguir, conhecermo-nos um ao outro. E finalmente... o que quer que isto seja. Um sentimento de calor, desejo, afeto e ligação espalha-se pelo meu peito, um sentimento que se torna mais forte a cada momento, especialmente quando olho para o homem sentado ao meu lado.

Não posso acreditar.

Acho que me estou a apaixonar.

CALLUM

Estou sentado à mesa, rodeado pela minha família, a saborear o brilho da vitória. Os meus pais parecem mais felizes e orgulhosos do que alguma vez os vi. As minhas irmãs estão bem-dispostas, a rir e a brincar sobre um tipo que anda atrás da Nessa.

É uma cena para a qual tenho estado a trabalhar há meses.

E, no entanto, dou por mim a desligar da conversa porque quero olhar para a Aida.

Não acredito que ela tenha ficado no armazém do Zajac por minha causa.

Podia ter sido morta ou, no mínimo, recapturada e mantida como refém até os irmãos devolverem o dinheiro que roubaram.

Podia ter fugido assim que saiu do escritório. Mas não o fez. Porque sabia que eu estava algures no edifício, provavelmente a ser torturado, possivelmente a ser assassinado.

Teria sido uma maneira fácil de ela se livrar do nosso contrato de casamento.

Acho que ela já não se quer livrar dele. Ou, pelo menos, não tanto como antes.

Eu sei que não a quero perder.

Passei a respeitar a Aida e a gostar dela também. Gosto do efeito que tem em mim. Torna-me mais imprudente, mas também mais concentrado. Antes de a conhecer, estava a fazer o que era preciso. Fazia o que era suposto fazer sem me importar realmente.

Agora quero alcançar as mesmas coisas, mas quero-as muito mais. Quero fazer tudo isso com a Aida ao meu lado, a dar vida a toda a empreitada.

Pego na mão dela e seguro-a, passando suavemente o polegar sobre o dela. A Aida olha para cima, surpreendida, mas não irritada. Sorri para mim, apertando-me também a mão.

O telemóvel dela toca. Ela tira-o da mala para ler a mensagem. Está a olhar para o aparelho debaixo da mesa, por isso não consigo ver o ecrã. Mas noto a mudança imediata na expressão – como ela

inspira um pouco de excitação, as faces a ficarem coradas.

– O que é?

– Oh, nada – desvaloriza ela. – Só uma mensagem do meu irmão.

Guarda rapidamente o telemóvel. Posso ver que está cheia de entusiasmo, mal consegue ficar quieta.

Retiro a mão e bebo o meu vinho, tentando não deixar transparecer a minha irritação.

O que será preciso para que a Aida seja completamente honesta comigo? Quando é que se vai abrir comigo e deixar de me tratar como um supervisor irritante?

Ela está demasiado feliz para notar a minha mudança de humor.

– Devíamos pedir a sobremesa! Qual é a tua preferida?

– Não como doces – respondo, amuado.

– Eles têm um *gelato* de toranja – brinca ela. – Isso é basicamente comida saudável.

– Talvez coma um pouco do teu – digo, cedendo.

– Não vou comer isso. – A Aida ri-se. – Eu vou comer *soufflé* de chocolate.

* * *

Na tarde seguinte, tenho de ir ver o meu novo gabinete na câmara municipal. Passo por casa para ver se a Aida quer ir comigo. Surpreendendo-me, ela já está vestida e tem as chaves do jipe da Nessa.

– Onde é que vais?

– Tenho umas coisas para fazer – replica ela num tom vago.

– Que tipo de coisas?

– De todos os tipos – responde, entrando no carro e fechando a porta.

Está vestida com um *top* curto e calções curtos, o cabelo num rabo de cavalo e óculos de sol em forma de coração na cabeça. Para os padrões da Aida, isto é um pouco elegante. A minha curiosidade está ao rubro.

Encosto-me ao parapeito da janela, irritado por ela não vir comigo. Queria mostrar-lhe a câmara municipal e talvez

pudéssemos fazer um almoço tardio juntos.

– Não pode esperar? – pergunto-lhe.

– Não – diz ela, com pena. – Na verdade, tenho de ir andando...

Afasto-me, deixando-a ligar o motor.

– Qual é a pressa?

– Não há pressa. Vemo-nos logo à noite! – remata ela, pondo o carro em marcha-atrás.

A Aida deixa-me louco quando não responde às minhas perguntas.

Não consigo deixar de pensar que está demasiado bonita para ir a correr para os correios. E que tipo de coisas é que pode ter que sejam tão urgentes?

E quem lhe enviou uma mensagem, ontem à noite? Terá sido o Oliver Castle? Será que vai encontrar-se com ele agora mesmo?

Estou a morrer de ciúmes.

Sei que esta noite devia falar com a Aida, quando ela chegar a casa, mas não quero esperar até lá.

Quem me dera ter-me lembrado de roubar o telemóvel dela. Descobri o PIN dela ao espreitar por cima do seu ombro enquanto ela o introduzia – é 1799, não é difícil de lembrar. Mas na loucura do nosso encontro com o Zajac e a eleição logo a seguir, esqueci-me de ver as mensagens dela.

Devia tê-lo feito ontem à noite, enquanto ela estava a dormir.

Agora, isso está a corroer-me por dentro.

Tiro o meu telemóvel do bolso e ligo ao Jack. Ele atende de imediato.

– O que se passa, chefe?

– Onde é que estás?

– Ravenswood.

– Há um localizador GPS no jipe da Nessa?

– Sim. O teu pai tem-nos em todos os veículos.

Deixo escapar um suspiro de alívio.

– Ótimo. Quero que o sigas. A Aida tem uns afazeres... Quero que vejas o que ela está a fazer, para onde vai.

– É para já – obedece o Jack. Não pergunta porquê, mas tenho a certeza de que adivinha.

– Mantém-me informado. Conta-me tudo o que ela faz. E não a percas de vista.

– Entendido.

Desligo o telemóvel.

Não me sinto muito bem por ter mandado o Jack seguir a Aida – sobretudo sabendo o que ela sente por ele. Mas tenho de saber o que ela anda a fazer. Tenho de saber, de uma vez por todas, se o coração da Aida pertence a outra pessoa ou se pode estar disponível. Talvez até para mim.

Ainda tenho de ir à câmara municipal, por isso levei o meu pai. Ele já está a falar de como vamos transformar isto numa campanha para presidente da câmara, daqui a uns anos. Já para não falar de todas as formas como podemos usar a vereação como meio de, entretanto, enriquecermos.

Mal consigo prestar atenção. A minha mão está sempre a esgueirar-se para o meu bolso, agarrando o telemóvel para poder pegar nele no momento em que o Jack ligar.

Após uns quarenta minutos, ele manda-me uma mensagem.

Ela está algures em Jackson Park. Estou a ver o carro, mas ainda não a encontrei. Estou a procurar nas lojas e cafés.

Estou mais tenso do que as cordas de um violino.

O que é que há em Jackson Park? Com quem é que ela se vai encontrar? Eu sei que ela se vai encontrar com alguém; consigo senti-lo.

O meu pai toca-me no ombro, assustando-me.

– Não pareces contente. O que se passa? Não gostas do gabinete?

– Nada. – Abano a cabeça. – É ótimo.

– O que é, então?

Hesito. A minha relação com o meu pai baseia-se no trabalho. Todas as nossas conversas se centram no negócio da família: problemas que temos de resolver, negócios que temos de fazer, formas de nos expandirmos. Não falamos de coisas pessoais. Emoções. Sentimentos.

Ainda assim, preciso de conselhos.

– Acho que posso ter cometido um erro com a Aida.

Ele olha para mim através dos óculos, desconcertado. Não era isso que esperava que eu dissesse.

– O que queres dizer com isso?

– Eu era frio e exigente. Cruel, até. Agora pode ser demasiado tarde para começar de novo...

O meu pai cruza os braços, encostado à secretária. Provavelmente, não quer falar sobre isto. Eu também não quero. Mas está a consumir-me por completo.

– Ela não parecia estar a guardar rancor, ontem à noite – comenta ele.

Suspiro, olhando através da janela para os prédios altos em frente.

A Aida aguenta sempre os golpes. Isso não quer dizer que não tenha sido magoada. E isso não significa que será fácil conquistá-la. Ela é um osso duro de roer. O que será preciso para que se abra verdadeiramente, para encontrar o seu âmago mais vulnerável?

– Quando é que te apaixonaste pela mãe? – pergunto, lembrando-me de que o casamento dos meus pais também não foi exatamente tradicional.

– Não sou uma pessoa sentimental – replica o meu pai. – Acho que somos parecidos nesse aspeto, tu e eu. Não penso muito no amor ou no que ele significa. Mas posso dizer-te que passei a confiar na tua mãe. Ela mostrou-me que podia contar com ela, acontecesse o que acontecesse. Foi isso que nos uniu. Foi então que percebi que já não estava sozinho. Porque pelo menos podia contar com uma pessoa.

Não parece romântico, nem mesmo à primeira vista.

Mas faz sentido, especialmente no nosso mundo. Qualquer gângster sabe que os amigos podem meter-lhe uma bala nas costas com a mesma facilidade que os inimigos – até mais facilmente, na verdade. A confiança é mais rara do que o amor.

É colocar o nosso destino, a nossa felicidade, a nossa vida nas mãos de alguém. Esperando que a mantenha em segurança.

O meu telemóvel volta a vibrar.

– Dá-me um minuto – digo ao meu pai, saindo para o corredor para atender a chamada.

– Vi-a por um segundo – revela o Jack. – Ela estava num restaurante com um tipo. Ele deu-lhe uma coisa, uma caixinha. Ela meteu-a na mala.

– Quem era o gajo? – quero saber, com a boca seca e a mão apertada à volta do telemóvel.

– Não sei – retorque o Jack, desculpando-se. – Só lhe vi a parte de trás da cabeça. Tinha cabelo escuro.

– Era o Castle?

– Não sei. Eles estavam sentados no pátio. Entrei no restaurante e ia tentar arranjar uma mesa para me poder aproximar e ouvir. Mas enquanto eu estava lá dentro, eles foram-se embora. Não consegui encontrá-la novamente.

– Onde está o carro dela? – interrogo.

– Bem, isso é que é estranho. – Ouço o Jack a respirar pesadamente, como se estivesse a andar e a falar ao mesmo tempo.

– O jipe ainda está no mesmo parque de estacionamento. Mas a Aida foi-se embora.

Ela deve ter ido embora com o tipo.

Foda-se!

O meu coração está acelerado. Sinto-me mal.

Ela está com ele neste momento? Para onde é que eles vão?

– Continua à procura dela – grito para o telemóvel.

– Vou continuar – diz o Jack. – Só há mais uma coisa...

– O quê?

– Encontrei uma sapatilha.

Estou quase a explodir. O que o Jack está a dizer não faz sentido.

– De que raio estás a falar?

– Havia uma sapatilha no parque de estacionamento, perto do jipe. É de mulher, *Converse slip-on*, tamanho 38, cor creme. Do pé esquerdo.

Tento lembrar-me do que é que a Aida tinha vestido quando entrou no jipe. Um *top* cor de lavanda. Calções de ganga. Pernas nuas. E depois, nos pés... sapatilhas, como habitualmente. daquelas que se podem calçar sem atar os atacadores. Brancas ou creme, tenho quase a certeza.

– Fica aí – ordeno para o telemóvel. – Fica junto ao jipe. Fica

com a sapatilha.

Desligo o telemóvel e volto a correr para o gabinete.

– Tenho de ir – digo ao meu pai. – Importas-te que leve o carro?

– Força. Eu apanho um táxi para a casa.

Desço novamente a correr para o piso principal, com a mente acelerada.

Que raio se está a passar? Com quem é que a Aida se ia encontrar? E como é que ela perdeu uma sapatilha?

Enquanto conduzo para ir ter com o Jack, tento ligar à Aida uma e outra vez. O telemóvel toca, mas ela não atende.

À quarta vez que ligo, vai diretamente para o *voice mail* sem sequer tocar. O que significa que o telemóvel dela está desligado.

Estou a começar a ficar preocupado.

Talvez eu seja um tolo e a Aida esteja neste momento num quarto de hotel, a arrancar a roupa a outro homem.

Mas não creio que seja isso.

Eu sei aquilo que parece; só não acredito nisso. Não acho que ela me esteja a trair.

Acho que está em apuros.

AIDA

Estou sentada em frente à mesa do meu novo melhor amigo, Jeremy Parker. Ele passa-me a caixinha que esperei e desejei durante toda a semana, e eu abro a tampa para espreitar o interior.

– Oh, meu Deus, não posso acreditar...

– Eu sei. – Ele ri-se. – Este foi o mais difícil que já fiz. Demorei três dias inteiros.

– És um fazedor de milagres. A sério.

Ele sorri, quase tão contente como eu.

– Importas-te que eu ponha tudo no meu canal do YouTube? Eu estava a usar a minha *GoPro*, consegui umas filmagens fantásticas.

– Não me importo nada! – digo.

Fecho a caixa, ainda mal acreditando no que tenho na mão, e guardo-a na minha mala. Em troca, dou ao Jeremy um envelope fino com dinheiro – a quantia que tínhamos combinado, mais um bónus por me ter salvado a pele.

– Bem, liga-me se voltares a precisar de mim – despede-se ele, fazendo-me uma pequena vénia.

– Espero não precisar de ti. – Rio-me. – Sem ofensa.

– Não fiquei ofendido. – Ele também ri, levantando a mão para fazer sinal à empregada.

– Já paguei a conta – digo-lhe.

– Oh, obrigado! Não era preciso.

– Era o mínimo que podia fazer.

– Está bem, então, estou de saída.

Ele acena-me e sai pelo restaurante. Corto a direito pelo pátio, depois atravesso a rua, porque é o caminho mais rápido para o parque onde deixei o jipe.

Parece que os meus pés mal tocam no passeio.

Isto é tão fantástico que deve ser algum tipo de sinal. Um verdadeiro milagre.

Está um dia lindo, também. O sol está a brilhar, uma pequena brisa sopra do lago, as nuvens são tão fofas e uniformes que

parecem um desenho de criança.

Estou desejosa de ver o Cal. Senti-me mal por não ter ido ver o novo gabinete dele, mas isto não podia esperar – não podia arriscar que algo corresse mal. Ele não vai ficar zangado quando vir o que eu tenho.

O jipe da Nessa parece muito branco à luz do sol. Lavei-o e enchi o depósito no caminho para cá, como agradecimento por me ter emprestado o carro tantas vezes. Até aspirei os bancos e deitei fora todas as garrafas de água vazias.

Ainda assim, o jipe é ofuscado pelo carro estacionado ao lado dele. Um carro muito familiar.

Paro a meio do caminho, franzindo o sobrolho.

Não vejo ninguém por perto. Se calhar, o melhor é entrar no jipe e ir-me embora o mais depressa possível.

Assim que os meus dedos tocam no puxador da porta, algo duro e afiado espeta-se entre as minhas costelas.

– Olá, minha menina – sussurra uma voz grave ao meu ouvido.

Fico perfeitamente imóvel, a analisar todas as opções na minha mente: Lutar. Fugir. Gritar. Ligar o telemóvel.

– Seja o que for que estejas a pensar, não o faças – rosna ele. – Não quero ter de te magoar.

– Está bem – digo, tentando manter a minha voz o mais casual possível.

– Vais entrar no meu carro.

– Está bem.

– Na mala do carro.

Foda-se.

Estou a cooperar, porque me parece a melhor opção neste momento – a que, mais provavelmente, o manterá calmo.

Ele carrega no botão do porta-chaves, abrindo a mala do carro.

Tento olhar em volta sem que ele perceba. O parque de estacionamento está desordenado e meio vazio. Não há ninguém nas imediações para me ver a ser enfiada na parte de trás do carro.

Por isso, faço a única coisa que me ocorre. Descalço uma das minhas sapatilhas, a esquerda. Quando me sento na mala aberta, viro o pé para a atirar para debaixo do jipe. Depois levanto os

joelhos e escondendo o pé descalço por baixo do meu corpo para ele não dar por nada.

– Deita-te – ordena ele. – Não quero que batas com a cabeça.

Assim faço. Ele tranca a mala, fechando-me na escuridão.

CALLUM

Estou parado em frente ao jipe da Nessa, a rodar a sapatilha na minha mão.

É da Aida, tenho a certeza.

Como é que ela perdeu a sapatilha?

Já passou mais de uma hora desde que o Jack a perdeu de vista, mas ela não voltou para o jipe. Já liguei para o telemóvel dela vinte vezes. Vai sempre direto para o *voice mail*.

O Dante e o Nero chegam num *Mustang* antigo e saltam do carro sem se darem ao trabalho de fechar as portas.

– Onde é que ela estava? – pergunta de imediato o Dante.

– Naquele restaurante ali. – Aponto para o pátio do outro lado da rua. – Foi encontrar-se com um amigo. Depois de comerem, ela desapareceu.

– Que amigo? – quer saber o Dante.

– Não sei.

Ele lança-me um olhar estranho.

– Talvez tenha saído com o amigo misterioso – intervém o Nero.

– Talvez – concordo. – Mas ela perdeu uma sapatilha.

Levanto-a para que eles a possam ver. É óbvio que a reconhecem, porque o Nero franze o sobrolho e o Dante começa a olhar em volta, como se a Aida tivesse deixado cair outra coisa.

– Isso é muito estranho – comenta o Nero.

– Sim, é. Foi por isso que vos telefonei.

– Achas que o *Carniceiro* a levou? – interroga o Dante, a voz baixa e estrondosa.

– Então, por que raio estamos aqui parados? – Parece que uma corrente elétrica atravessou o corpo do Nero. Está agitado, ansioso por ação.

– Não sei se foi o Zajac – digo.

– Quem mais poderia ser?

– Bem... – Parece loucura, mas tenho de o dizer. – Poderia ser o Oliver Castle.

– O Ollie? – troca o Nero, com as sobrancelhas tão altas que se perdem sob o cabelo. – Não é provável, porra.

– Porquê?

– Para começar, ele é um cabrãozinho. Segundo, a Aida já não quer mais nada com ele.

Mesmo nestas circunstâncias, aquelas palavras dão-me um brilho de felicidade. Se a Aida ainda sentisse algo pelo ex, os irmãos saberiam.

– Eu não disse que ela foi com ele. Eu disse que ele pode tê-la levado.

– O que te faz pensar isso? – O Dante faz uma careta.

– A sapatilha. – Eu levanto-a. – Acho que ela a deixou como um sinal. Baseado numa coisa que ela me disse certa vez.

O Oliver e eu não nos encaixávamos. Era como um sapato no pé errado.

Parece uma loucura. Não preciso de olhar para a cara dos irmãos dela para saber que não estão convencidos.

– Tudo é possível – concede o Dante. – Mas precisamos de nos concentrar primeiro no maior perigo, que é o Zajac.

– É terça-feira – lembra o Nero.

– E então?

– Então, isso significa que o *Carniceiro* está a visitar a namorada.

– Partindo do princípio de que cumpriu o calendário habitual e não está a tirar uma noite de folga para assassinar a nossa irmã – reage o Dante, com ar sombrio.

– A amiga da Aida deu-nos a morada – recordo-lhes. – Presumindo que estava a dizer a verdade. Ela drogou-nos logo a seguir...

– Eu vou até ao apartamento – diz o Dante. – Nero, podes verificar as lojas de penhores e as oficinas do Zajac. Cal...

– Eu vou procurar o Castle.

Percebo que o Dante acha que é uma perda de tempo. Ele olha para o Jack, com uma expressão desconfiada. Suspeita que mandei o Jack seguir a Aida. Ele acha que sou ciumento e irracional.

Talvez tenha razão.

Mas não consigo afastar a sensação de que a Aida estava a tentar

dizer-me alguma coisa com esta sapatilha.

– Vou ao apartamento do Castle – afirmo num tom firme.

Mas depois faço uma pausa, tentando pensar bem no assunto. O Oliver vive num prédio alto no meio da cidade. Será que ele raptaria a Aida e a levaria para lá? Bastava um grito e os vizinhos chamariam a polícia.

– Jack, tu vais ao apartamento dele – ordeno, mudando de ideias. – Eu vou ver noutro sítio.

– Mantenham-se todos em contacto – aconselha o Dante. – Continuem também a tentar ligar à Aida. Assim que alguém a encontrar, avisem os outros, e vamos todos juntos.

Todos assentimos em concordância.

Já sei que, se encontrar a Aida, não vou esperar por mais ninguém. Vou lá buscar a minha mulher.

– Olha, leva o meu carro – digo ao Dante, atirando-lhe as chaves. – Eu fico com o jipe.

O Dante e o Nero separam-se, e o Jack volta para a sua carrinha. Entro no jipe, sentindo o cheiro feminino familiar da minha irmã mais nova – baunilha, lilás, limão. E depois, mais fraco, mas perfeitamente nítido, o cheiro a especiarias e canela da própria Aida.

Deixo a cidade e dirijo-me para sul pela I-90. Espero não estar a cometer um erro terrível. O sítio para onde vou fica a mais de uma hora de distância. Se me enganar, estarei demasiado longe de onde quer que a Aida esteja para a poder ajudar. Mas sinto-me impelido nesta direção, puxado por um íman invisível.

A Aida está a chamar-me.

Ela deixou-me um sinal.

O Oliver Castle levou-a, tenho a certeza.

E acho que sei exatamente para onde ele se dirige – a pequena casa de praia que o Henry Castle acabou de vender. A que o Oliver adorava. A que está completamente vazia neste momento, sem ninguém por perto.

AIDA

Não teria entrado na merda da mala do carro se soubesse a distância que o Oliver ia conduzir. Sinto-me como se estivesse aqui há séculos. Além disso, bebi muita água ao almoço e tenho mesmo de fazer chichi. E também estou preocupada com o que o Oliver possa ter feito com a minha carteira. Infelizmente, ele não foi suficientemente estúpido para a deixar aqui comigo. Tenho receio de que a tenha atirado pela janela ou algo do género, o que significa que o meu precioso pacote já desapareceu outra vez.

Durante muito tempo, consigo perceber que estamos na autoestrada – um progresso suave e constante na mesma direção. Por fim, saímos e conduzimos, lenta e irregularmente, por estradas que são obviamente mais estreitas e menos bem conservadas. Por vezes, o carro dá um solavanco suficientemente forte para que eu bata com a cabeça no topo da mala do carro.

Tenho andado às voltas no escuro, à procura de algo útil. Se houvesse aqui uma chave de rodas, usava-a para dar cabo do Oliver assim que ele abrisse a mala.

Finalmente, o carro abranda. Acho que chegámos ao raio do sítio para onde íamos. Não encontrei uma arma, mas isso não me vai impedir. Espero, agachada e pronta, que o Oliver abra a mala do carro.

Os pneus rangem sobre a gravilha e param. Ouço a porta do carro a abrir-se e sinto a suspensão levantar-se quando o Oliver retira o seu considerável volume do banco da frente. Depois ouço-o dar a volta até à traseira do carro.

A mala abre-se.

Apesar de o sol estar a pôr-se, a luz ainda é brilhante, comparada com a escuridão da bagageira. Os meus olhos ficam encadeados. Mesmo assim, pontapeio com os dois pés, o mais forte que posso, em direção às virilhas do Oliver.

Ele salta para trás e os meus pés mal lhe tocam na coxa. Aqueles malditos reflexos de atleta.

– Tão previsível, Aida. – Suspira. – Sempre a lutar.

Agarra o meu pé e puxa-me para fora. Faz uma pausa quando repara na falta de uma sapatilha num dos pés.

– O que aconteceu à tua sapatilha?

– Como é que hei de saber? Estava ocupada a ser raptada e metida numa mala. É bom que não tenhas perdido a minha mala também.

– Não perdi – garante o Oliver.

Ele larga o meu pé. Levanto-me, olhando em volta.

Estamos estacionados em frente a uma pequena casa de praia azul. A água está apenas a uns cem metros de distância, através de uma areia lisa de cor creme. A casa está rodeada de árvores densas, a vista para a água está desimpedida nas traseiras.

Nunca tinha cá estado antes. No entanto, sei exatamente onde estamos. O Oliver estava sempre a falar disto – é a casa de praia da família dele.

Ele queria trazer-me aqui. Estivemos noutra casa, mesmo à beira do Indiana Dunes State Park. Foi a noite de que o Oliver falou na angariação de fundos – quando vesti o biquíni branco e fizemos sexo na areia.

Aparentemente, ele acha que foi uma noite mágica. Para mim, foi fria e desconfortável, e apanhei uma carrada de picadas de mosquito.

Agora estamos aqui, desta vez na residência dos Castle. O Oliver vinha aqui em criança. Ele disse que foi a única vez que viu os pais por mais de dez minutos seguidos. O que é triste, mas não o suficiente para me fazer esquecer a parte do rapto.

– O que é que achas? – pergunta o Oliver, com uma expressão de esperança.

– É, hum... exatamente como descreveste.

– Pois é! – concorda Oliver, num tom jovial, ignorando a minha falta de entusiasmo.

– Não te esqueças da minha carteira – lembro-lhe.

Ele abre novamente a porta do lado do condutor para poder ir buscar a minha carteira ao banco da frente.

No momento em que ele se inclina, afasto-me, correndo em

direção à água.

Teria sido mais fácil correr para a estrada, mas ele encontrar-me-ia em dois segundos. Espero conseguir esconder-me algures entre as árvores ou as dunas.

Assim que os meus pés chegam à areia, apercebo-me da estupidez do plano. Eu nunca corro, muito menos na areia macia e fofa. É como um pesadelo em que uma pessoa corre o mais que pode e mal se mexe.

Já o Oliver costumava fazer um circuito da pista em 4,55 segundos. Pode ter engordado alguns quilos desde os seus dias de glória, mas quando baixa a cabeça e bombeia os braços, continua a correr pela areia como um defesa.

Ele dá-me uma pancada tão forte que me tira todas as moléculas de oxigénio dos pulmões. Estão tão vazios que faço um som horrível de engasgamento antes de conseguir finalmente inspirar um doce sopro de ar.

A minha cabeça está a latejar. Estou coberta de areia; está no meu cabelo e na minha boca. E o pior de tudo é que está no gesso, o que me vai deixar doida.

O Oliver já está novamente de pé, a observar-me com olhos impiedosos.

– Não sei porque é que fazes isto a ti própria, Aida. És tão autodestrutiva.

Quero dizer-lhe que não fui eu que me ataquei, mas mal consigo respirar, quanto mais falar.

Enquanto estou a arfar e a engasgar-me, o Oliver remexe na minha carteira. Encontra o meu telemóvel. De joelhos na areia, pega numa pedra do tamanho do seu punho e parte o ecrã. A cara dele está vermelha de esforço, os músculos de braços e ombros estão tensos. O meu telemóvel praticamente explode debaixo da pedra, enquanto o Oliver continua a bater-lhe uma e outra vez.

Apanha os pedaços de metal e de vidro e atira-os para a água.

– Isso era mesmo necessário? – pergunto-lhe, assim que recupero o fôlego.

– Não quero que ninguém te siga.

– Ninguém... – Paro de falar, com a boca aberta.

Estava prestes a dizer *ninguém tem um localizador no meu telemóvel*, mas percebi que isso não é verdade.

O Oliver pôs um localizador no meu telemóvel. Deve tê-lo feito quando andávamos juntos. Era assim que ele sabia sempre onde me encontrar. Em restaurantes, festas e, mais tarde, na angariação de fundos do Callum.

Deve ter sido assim que ele me encontrou hoje. Ele tem estado a vigiar-me para onde quer que eu vá. A maior parte do tempo, são sítios completamente aborrecidos, como a faculdade. Ainda me dá uma sensação de enjoo saber que eu era um pontinho num ecrã, sempre debaixo do olho dele.

O Oliver deixa a minha carteira na areia.

– Vamos – ordena ele. – De volta para casa.

Não me quero levantar, mas também não quero que ele me carregue. Por isso, levanto-me e arrasto-me atrás dele, apenas com uma sapatilha e o gesso cheio de areia que me dá comichão e já me está a deixar maluca.

Tento sacudi-lo.

– O que é que te aconteceu? – interroga o Oliver

– Fui enfiada na mala de um carro. – Um riso perverso irrompe de mim quando me apercebo de que fui enfiada na mala de um carro duas vezes esta semana. Um novo recorde em relação às zero vezes que aconteceu antes disto.

O Oliver olha para mim, sem sorrir.

– Eu sabia que isto ia acontecer – diz ele. – Sabia que ele não ia conseguir tomar conta de ti.

Franzo o sobrolho, pisando a areia. Nunca quis que ninguém “tomasse conta” de mim. O Oliver estava sempre a tentar fazê-lo, e isso era uma das coisas que me irritava nele. Uma vez, jogámos padel com outro casal e o Oliver quase se meteu numa luta porque o tipo atirou a bola contra mim. O Oliver queria um jogo cavalheiresco. Eu queria um desafio.

Ele estava sempre a chamar-me *princesa* e *anjo*. E eu pensava sempre: *De quem raio estás a falar? Porque de certeza que não é de mim.*

Acho que também interpretei mal o Oliver. Porque nunca pensei

que ele fizesse algo tão louco como isto.

Sigo-o até às traseiras da casa de praia. Subimos os degraus desgastados pelo tempo. O Oliver segura na porta para eu entrar.

Fico surpreendida por encontrar a casa quase totalmente vazia. Estamos na sala de estar/jantar/cozinha, mas não há mesa, nem cadeiras, nem sofás. Apenas um colchão despojado, no chão, com um cobertor por cima.

Não posso dizer que me agrade o aspeto daquilo.

– Porque é que está tão vazia?

O Oliver olha em volta, ressentido, como se estivesse a contar todas as coisas que faltam.

– O meu pai vendeu a casa. Eu pedi-lhe que não o fizesse, mas ele disse que o valor era o mais alto possível e que era a altura certa para vender, antes que construíssem mais propriedades em Chesterton. Como se precisasse do dinheiro! – Ele dá uma gargalhada áspera e estridente. – Este sítio não significava nada para ele – continua, num tom sombrio. – Eu era o único que se preocupava em vir cá.

Conheço bem a educação mimada, mas negligenciada, do Oliver como filho único. Ele não tinha irmãos e também não tinha amigos verdadeiros – apenas os colegas de escola com quem era “suposto” conviver. Dizia-me que tinha ciúmes por eu ter irmãos. No entanto, ele nunca conheceu os meus irmãos – não os conseguia ver a darem-se bem.

– Bem – digo, tentando apaziguá-lo –, fico contente por finalmente a ter visto.

Ele vira-se para olhar para mim, com as pupilas enormes à luz fraca. O rosto dele parece uma máscara. Engordou uns quinze quilos desde que namorámos, o que lhe deixou o rosto mais largo e mais velho, mais parecido com o do pai. Continua a ser grande e musculado – na verdade, o peso extra faz com que seja ainda mais fácil para ele dominar-me, como ficou provado pela nossa curta luta na praia. Não sei como raio vou conseguir escapar-lhe quando ele é mais forte e mais rápido do que eu.

– Quem me dera que pudesses ver como era antigamente – diz o Oliver. – Com todos os quadros e livros. E sofás. Mas não faz mal.

Trouxe isto aqui para termos um sítio para nos sentarmos, pelo menos.

Ele afunda-se no colchão. O colchão range com o seu peso.

– Vá lá, senta-te – convida ele, dando palmadinhas no espaço ao seu lado.

– Na verdade, tenho mesmo de fazer chichi – digo.

É verdade. A minha bexiga parece que está prestes a rebentar, especialmente depois de o Oliver me ter placado com o corpo na praia.

Ele olha para mim desconfiado, como se não acreditasse em mim. Mudo o peso do meu pé descalço para o da sapatilha, sem exagerar o meu desconforto.

– A casa de banho é aqui – indica o Oliver, por fim, levantando-se de novo.

Leva-me pelo corredor até uma bonita casa de banho com adornos nas paredes e um lavatório em forma de concha. Tenho a certeza de que havia aqui toalhas e sabão com temas náuticos quando a casa estava mobilada.

Quando tento fechar a porta, o Oliver impede-me com uma mão carnuda.

– Não me parece.

– Preciso de fazer chichi – repito, como se ele se tivesse esquecido.

– Podes fazê-lo com a porta aberta.

Olho-o fixamente, num impasse entre a sua teimosia e a minha bexiga latejante.

Só consigo aguentar uns segundos. Deixo cair os calções e sento-me na sanita, soltando-me. O chichi sai a trovejar, com mais dor do que alívio.

O Oliver fica à porta, a observar-me. Há um pequeno sorriso nos cantos da sua boca. Os olhos parecem sombrios e satisfeitos.

Gostava que ele se virasse e me desse alguma privacidade. Ou, pelo menos, gostava de não estar a fazer chichi durante tanto tempo. Parece que não tem fim, e é humilhante como o caraças.

Mas ele tem razão – se me tivesse deixado sozinha na casa de banho, eu teria saído pela janela passados cinco segundos.

Quando acabo, puxo os calções para cima e lavo as mãos, enxugando-as na roupa, já que não há toalhas.

O Oliver observa isto com uma expressão carrancuda. Acho que ele está a olhar para o gesso outra vez. Depois apercebo-me de que está a olhar para a minha mão esquerda, para o meu anel de noivado.

Comecei a usá-lo com mais frequência, não apenas quando vou a um evento com o Cal.

Posso dizer que o Oliver odeia vê-lo. Na verdade, assim que voltamos para a sala de estar, ele rosna:

– Tira isso.

– Isto? – digo, levantando a minha mão esquerda.

– Sim – sibila ele.

Relutante, tiro-o do dedo.

Detestei o anel quando o recebi, mas já não me importo tanto com isso. Até é bonito, a forma como brilha à luz do sol. E não me parece tão estranho e falso como no início.

Estou prestes a metê-lo no bolso para o guardar quando o Oliver diz:

– Não. Dá-mo.

Não o quero entregar. Parece-me uma traição. Mas se recusar, nada o impede de o arrancar da minha mão. Por isso, entrego-lho em silêncio.

Há um estojo de ferramentas no chão da cozinha, ao lado de um pedaço de parede ligeiramente mais esbranquiçado, que provavelmente foi danificado pela água, até que alguém o arranjou.

O Oliver abre o saco e tira um martelo. Pousa o meu anel na bancada da cozinha. Tal como fez com o meu telemóvel, bate-lhe uma e outra vez.

O metal dobra-se, as pinças soltam-se à volta dos diamantes e as pedras espalham-se. Mesmo assim, ele continua a bater-lhe até estar todo torcido e estragado, e a pedra principal ter caído.

Dói mais do que eu esperava ver aquele anel destruído.

Mas o que realmente me perturba é a forma como o martelo está a arrancar pedaços enormes da bancada que serve para cortar carne. O Oliver não se importa com os estragos que está a fazer. Sabendo

como ele se sente em relação a esta casa, isso não pode ser uma coisa boa.

Ele balança o martelo com uma fúria aterradora. Os olhos brilham, o rosto está corado. Está a suar, com manchas escuras a aparecerem no peito, nas costas e nas axilas da *T-shirt*. Bate no anel sem parar.

Finalmente, para. Está ali de pé, ofegante, a olhar para mim. Continua a segurar no martelo.

Dá um passo na minha direção. Dou um passo atrás, com o coração acelerado.

Acho mesmo que ele está a perder a cabeça.

Quando conheci o Oliver, ele parecia um tipo porreiro. Às vezes um pouco superficial. Um pouco meloso. Mas, na maioria das vezes, era normal, com pequenas oscilações de estranheza.

Agora é o oposto – parece estar a balançar no precipício da loucura, apenas pendurado por um fio. Não sei bem que fio é esse – será esta casa? Será o afeto dele por mim? Ou será apenas a aparência de calma – frágil e facilmente estilhaçada?

Dá mais um passo e parece lembrar-se de que está a segurar no martelo. Pousa-o no balcão antes de tirar o telemóvel do bolso.

– Vamos ouvir um pouco de música.

Ele percorre a sua lista de reprodução, seleciona uma canção e pousa o telemóvel no balcão para tocar.

O som metálico de *Make You Feel My Love* enche a pequena sala.

O Oliver avança sobre mim. Não há como recusar. Pega no meu gesso com a mão esquerda e põe a outra mão à volta da minha cintura. Balança-nos para a frente e para trás, um pouco fora do ritmo.

Consigo sentir o calor que lhe irradia do corpo. A mão dele está suada à volta da minha. Há um travo ligeiramente metálico no seu suor. Não sei se foi sempre assim ou se isto é novo.

Em nítido contraste com a nossa posição aparentemente romântica, todos os músculos do meu corpo estão tensos, todos os nervos gritam por eu estar em perigo, por precisar de me afastar deste homem.

Não há nada de romântico nisto. Estou a tentar perceber como é

que alguma vez namorei com o Oliver. Acho que nunca lhe prestei muita atenção. Eu andava à procura de diversão; ele ia a reboque.

Agora que estou realmente a olhar para os olhos dele, não gosto do que vejo: necessidade, ressentimento e uma centelha de insanidade.

– Nunca fomos dançar juntos – lembra o Oliver, amuado. – Sempre quiseste ir com os teus amigos.

– Oliver, lamento que...

– Costumavas chamar-me “Ollie”. Gosto muito mais disso do que “Oliver”.

Engulo desconfortavelmente.

– Toda a gente te chamava assim.

– Mas soava tão bonito quando eras tu a dizê-lo...

Ele puxa-me para mais perto. Tento manter o espaço entre nós, mas é como nadar contra a maré. Ele é muito mais forte do que eu.

Puxa-me contra o peito e tenho de esticar o pescoço para olhar para ele.

– Diz – ordena ele. – Chama-me “Ollie”.

– Está bem... Ollie... – obedeço.

– Perfeito – suspira ele.

Inclina a cabeça para baixo para me beijar. Os lábios dele parecem grossos e de borracha contra os meus. Estão demasiado molhados. Aquela nota metálica também está na sua saliva.

Não consigo. Não o consigo beijar.

Empurro-o para longe de mim, limpando a boca no braço.

O Oliver cruza os braços sobre o peito largo, franzindo o sobrolho.

– Porque é que tens de ser sempre tão difícil? Eu sei que és infeliz com os Griffin. Eu tirei-te de lá. Em vez disso, trouxe-te para aqui, para o sítio mais bonito de todo o estado. Olha para aquela vista!

Ele gesticula pela janela para a areia pálida iluminada pela lua e para a água escura mais além.

– Não me beijas, mas a ele beijas, não é? Provavelmente, também já o fodeste. Não é verdade? NÃO É?

Sei que isso só o vai deixar mais zangado, mas não vale a pena

mentir.

– Somos casados – recordo-lhe.

– Mas tu não o amas – solta o Oliver, com os olhos a brilhar. – Diz que não o amas.

Tenho de alinhar com isto. O martelo ainda está em cima do balcão, a apenas alguns metros de distância. O Oliver pode voltar a agarrá-lo. Ele poderia fazê-lo cair sobre o meu crânio com a mesma fúria que aplicou no anel.

Eu devia dizer o que ele quisesse. Fazer o que ele quisesse. Nunca disse ao Callum que o amava – não deve ser difícil dizer que não o amo.

Abro a boca. Não sei nada.

– Não – solta o Oliver, abanando lentamente a cabeça. – Não, isso não é verdade. Tu não o amas. Só casaste com ele porque tinhas de o fazer. Não queres saber dele, não de verdade.

Aperto os lábios com força.

Estou a pensar no Callum a empurrar-me para trás contra os bancos de couro e a pôr a cara entre as minhas coxas na parte de trás do carro. Estou a pensar em como ele me abraçou e saltou para dentro daquele cano quando os homens do *Carniceiro* tinham as armas apontadas para nós. Estou a pensar em como ele disse que devíamos trabalhar juntos todos os dias. E em como pegou na minha mão ao jantar, ontem à noite.

– Na verdade... – começo lentamente. – Eu amo-o.

– NÃO, NÃO AMAS! – ruge o Oliver.

Bate-me com as costas da mão na cara. É como se tivesse sido atingida por uma pata de urso. A força é tanta que todo o meu corpo fica mole e mal recupero o fôlego antes de cair ao chão.

Sinto o gosto de ferro na boca. Os meus ouvidos estão a zumbir. Cuspo um pouco de sangue.

– Leva-me para casa – murmuro. – Não vais conseguir o que queres.

– Não vais para casa – garante o Oliver, sem rodeios. – Vocês são todos iguais. Tu, o meu pai, o cabrão do Callum Griffin... Pensam que podem dar uma coisa a alguém e deixá-la ficar com ela, usá-la e acreditar que é deles para sempre. E depois arrancam-lha das mãos

outra vez, só porque vos apetece. Bem, isso não vai acontecer. Outra vez, não.

O Oliver volta ao seu estojo de ferramentas e tira uma corda enrolada.

Não acho que aquilo seja um estojo de ferramentas, nem por isso. Por que raio é que tem uma corda lá dentro?

Acho que o Oliver tem estado a planear muito mais do que uma reparação doméstica há já algum tempo.

Tento correr, mas mal me consigo manter de pé. É fácil para o Oliver amarrar-me como uma galinha e enfiar-me um pano na boca.

Ele agacha-se à minha frente, com a cara a centímetros da minha.

– O que tens de compreender é o seguinte, Aida – diz ele, com a voz baixa e cantante. – Não te posso obrigar a ser minha. Mas posso impedir que pertenças a mais alguém.

Eu murmuro qualquer coisa à volta da mordação.

– O quê? – diz o Oliver.

Digo-o outra vez, não mais alto do que antes. O Oliver aproxima-se ainda mais.

Eu inclino a cabeça para trás e bato-lhe com a testa no nariz com toda a força que tenho.

– Auuuu, foda-se! – uiva o Oliver, colocando a mão sobre o nariz enquanto o sangue lhe escorre pelos dedos. – Foda-se, Aida, sua cabra!

O Oliver bate-me novamente. Desta vez, quando caio, afundo-me mesmo no chão, numa escuridão densa e silenciosa.

CALLUM

Não tenho a morada exata da casa de praia dos Castle, mas sei que fica nos arredores de Chesterton e conheço a sua posição aproximada em relação ao lago. Espero ser capaz de a identificar pela cor e pela localização geral.

Infelizmente, há uma tonelada de pequenas casas de praia azuis ao longo deste troço do lago. Além disso, está a escurecer e não há muitos candeeiros de rua ao longo deste percurso. Mal consigo distinguir que casas são azuis e quais são cinzentas ou verdes.

Agora estou à procura do *Maserati* do Oliver, na esperança de que ele não estivesse a conduzir outra coisa.

Pelo menos consigo evitar os sítios iluminados com barulho e risos – onde quer que a Aida esteja, a casa será sossegada e relativamente isolada, tenho a certeza disso.

Abro a janela para ver melhor algumas das casas que estão afastadas da estrada, meio escondidas pelas árvores.

Alguns dos caminhos de acesso são tão ténues que mal os consigo ver. Na verdade, quase passo por uma, sem conseguir ver os rastros na relva. Até que cheiro um pouco de fumo.

É tão suave que mal sei que aroma apanhei. Depois sinto a reação automática – os pelos da minha nuca ficam em pé e o meu coração começa a acelerar. É um cheiro primitivo e aterrador. Um aviso de perigo.

Carrego nos travões, fazendo girar o volante para a esquerda. Depois, sigo o caminho sinuoso em direção a um conjunto duplo de árvores. Entre essas árvores está a pequena casa de praia azul que eu já tinha visto uma vez numa fotografia danificada.

O *Maserati* prateado do Oliver está estacionado ao lado da casa. A mala do carro está aberta.

Eu sabia, porra.

Paro o carro, esperando que o Oliver ainda não tenha ouvido o motor ou me tenha visto a subir a rua. Saio do lado do condutor e agacho-me atrás do carro, tentando espreitar a casa.

Envio uma mensagem rápida para os irmãos da Aida. Estou a uma hora de Chicago. Eles não vão chegar tão cedo.

Cheira-me a fumo, de certeza. Na verdade, por cima do som do vento nas árvores, acho que ouço o crepitar da lenha a arder. Todas as luzes estão apagadas, um brilho alaranjado alarmante emana das traseiras da casa.

Que se lixe, não posso esperar. Se a Aida está lá dentro, tenho de a tirar de lá agora.

Corro em direção à casa de praia, tentando manter-me agachado. Tenho a minha *Beretta* comigo, e saco-a. Tenho receio de a usar no escuro, sem saber onde está a Aida. Uma bala perdida que atravessasse uma parede poderia atingi-la acidentalmente.

Dou a volta pelas traseiras da casa, espreito pelas janelas. Não consigo ver nada. Tento então a porta das traseiras, que está destrancada. No momento em que a abro, sai uma nuvem de fumo negro e espesso. Baixo-me, abafando a tosse na dobra do braço.

A infusão de ar fresco revigora o fogo. Ouço-o a sugar o oxigénio, a expandir-se em calor e tamanho. A cozinha está em chamas, os armários, as bancadas, o chão e o teto estão todos a arder.

Contornando as chamas, tropeço numa coisa no chão. É relativamente macio. Por um segundo, espero que seja a Aida, mas depois apercebo-me de que é apenas um colchão velho.

Quero chamar por ela, mas não posso correr o risco de alertar o Oliver, onde quer que ele esteja. Procuro no piso principal o melhor que posso por entre o fumo, sem conseguir chegar perto da cozinha ou do corredor.

Ela tem de estar lá em cima. Tem de estar, porque, caso contrário, esta casa vai arder toda antes de eu a encontrar, e não posso pensar nisso.

Puxo a camisa parcialmente sobre a cara e subo as escadas a correr, pensando apenas na Aida.

Baixei a guarda. Não estou a segurar a minha arma.

O Oliver ataca-me de lado com toda a velocidade e técnica do atleta que já foi. Bate-me com tanta força que embatemos na parede oposta, derrubando-a. A minha arma sai a rodopiar pelo corredor,

bate no batente da porta e desaparece num dos quartos.

O Oliver bate-me com os punhos, desferindo golpes potentes com as mãos e com o corpo. Por azar, um dos golpes cai diretamente sobre a minha apendicectomia amadora, rasgando os pontos e fazendo-me rugir de dor.

Ele é cerca de dois centímetros mais baixo do que eu, mas provavelmente quinze quilos mais pesado. Além disso, já estive em muitas brigas de rapazes universitários.

Mas não é um lutador treinado. Depois do choque inicial e da investida selvagem, levanto as mãos e bloqueio vários dos seus murros antes de o atingir no estômago e no maxilar.

Os golpes parecem não o perturbar. A cara dele está quase irreconhecível, o cabelo emaranhado, um brilho maníaco nos olhos e sangue seco incrustado nele como uma barbicha macabra.

– Onde é que ela está, seu psicopata de merda? – grito, com os punhos erguidos.

O Oliver passa as costas da mão pela cara enquanto sangue fresco lhe escorre do nariz.

– Ela pertenceu-me primeiro e vai pertencer-me por último.

– Ela nunca foi tua!

O Oliver volta a atirar-se a mim, agarrando-se aos meus joelhos. Ele é tão imprudente e inflamado que me atira de costas pelas escadas abaixo. Caímos de um lado para o outro, com a parte lateral da minha cabeça a bater contra um dos degraus de madeira.

O Oliver apanha a pior parte. Ele estava por baixo quando caímos no patamar. Fica inconsciente. Pelo menos, é o que parece.

O fumo no ar está mais espesso do que nunca e eu estou a respirar com dificuldade por causa da luta. Tenho um ataque de tosse, e estou a tossir com tanta força que sinto uma dor aguda nas costelas, como se tivesse tirado uma do sítio. Ou como se o Oliver a tivesse partido quando se atirou a mim com aquele corpo gigante.

Arrasto-me de volta para os degraus.

– *Aida!* Aida, onde é que estás? – grito.

O grito arranha-me a garganta cheia de fumo. Tusso com mais força do que nunca, com lágrimas a correrem-me dos olhos.

O Oliver agarra-me pelo tornozelo e puxa-me, atirando-me ao

chão. Caio diretamente no degrau mais alto, batendo com o queixo na borda de madeira. Pontapeio o pé com força, arrancando-o das mãos do Castle e enfiando o salto do meu sapato diretamente no olho dele. O Oliver cai para trás, de volta ao patamar.

Estou a subir os degraus outra vez. A parte de cima da casa está a encher-se de fumo. Sinto o calor a subir da cozinha. O fogo deve estar agora em todo o primeiro andar. Não sei se conseguiremos voltar a descer as escadas – se é que a Aida ainda está cá em cima.

Ela tem de estar cá em cima. Porque se estiver noutro lugar da casa, já está morta.

Percorro o corredor, abrindo todas as portas e olhando para todas as divisões por onde passo. Casa de banho. Armário de roupa de cama. Quarto vazio. Até que, finalmente, ao fundo do corredor, encontro a suite principal. Não tem mobília, como todas as outras divisões, porque a casa foi posta à venda. Mas há uma figura deitada no meio do chão, com as mãos atadas à frente, os pés amarrados com corda, a cabeça apoiada numa almofada. Ainda bem que ele se certificou de que ela estava confortável antes de a tentar queimar viva.

Corro para junto da Aida, levanto-lhe a cabeça e viro-lhe a cara para ter a certeza de que está bem.

Pressiono os meus dedos contra a parte lateral da sua garganta; pelo menos consigo sentir-lhe o pulso. Quando lhe levanto o rosto, as pestanas dela tremem contra a face.

– Aida! – grito, acariciando-lhe a face com o polegar. – Estou aqui!

Os olhos dela abrem-se, enevoados e atordoados, mas definitivamente vivos.

– Cal? – geme ela.

Não há tempo para a desamarrar. Pego nela e atiro-a para cima do meu ombro. Quando me viro para a porta, uma forma enorme bloqueia-nos o caminho.

Com cuidado, coloco a Aida de volta no chão de tábuas nuas. Sinto o calor a irradiar para cima, e o fogo está a ficar cada vez mais alto. Devemos estar mesmo sobre a cozinha. O papel de parede está a começar a escurecer e a enrolar. O fogo também está nas

paredes.

– Já chega, Oliver – digo-lhe, levantando as mãos. – Temos de sair daqui antes que toda a casa desabe.

O Oliver abana a cabeça de uma forma estranha, como se tivesse uma mosca a zumbir à volta da orelha. Está curvado, a coxear um pouco de uma perna. Ainda assim, os olhos estão fixos em mim, com os punhos cerrados ao lado do corpo.

– Nenhum de nós se vai embora – reage ele.

Ataca-me mais uma vez. O ombro dele bate no meu peito como uma bigorna. Estamos a lutar e a agarrar-nos um ao outro. Dou-lhe murros na cara, na orelha, nos rins – em qualquer parte dele que consiga alcançar.

Pelo canto do olho, vejo a Aida a bater com as mãos no parapeito da janela. Não, não são as mãos, é o gesso. Ela está a tentar partir o gesso da mão direita. A grunhir de dor, bate com o gesso mais uma vez, partindo o molde. Agora pode soltar a mão da corda. Atrapalha-se com os laços à volta dos tornozelos, pois os dedos partidos são desajeitados e os nós demasiado apertados.

Perco-a de vista quando o Oliver e eu rebolamos novamente, cada um de nós a lutar com todas as nossas forças. Somos ambos homens grandes – sinto o chão a gemer perigosamente por baixo de nós. Está a ficar mais quente a cada minuto, o ar é tão negro e denso que mal consigo ver a Aida.

Ela põe-se de pé.

– Apanha a arma, Aida! Está num dos quartos... – grito.

Mas ela não a vai conseguir encontrar. Eu não a conseguia ver antes, e agora o fumo é dez vezes mais intenso.

Na verdade, só a quero fora daqui. O fogo está a alastrar por baixo de nós. Tenho a sensação de que estou prestes a mergulhar no inferno.

Ponho as mãos à volta da garganta do Castle e prendo-o, apertando com toda a força que consigo. Os olhos dele quase saltam. Ele arranha-me os braços, desferindo golpes no meu rosto e no corpo, cada vez mais fracos. Aumento a pressão, mesmo quando sinto o chão começar a deslocar-se e a gemer debaixo de nós.

Todo o canto da sala cede. O chão torna-se numa plataforma

inclinada, com um escorrega que vai da porta até ao poço de fogo que se abriu sob nós. Estamos a deslizar para baixo, o Oliver Castle e eu por cima dele, a deslizar e a cair na fogueira que outrora foi uma cozinha.

Largo o Castle e tento recuar, mas tarde de mais. Estou a deslizar mais depressa do que consigo subir; não há forma de me salvar. Até que algo agarra a minha manga.

A Aida agarra-se à ombreira da porta com uma mão e ao meu pulso com a outra. Tem os dentes cerrados com o esforço, a cara é o espelho da dor, enquanto tenta agarrar-se à caixilharia com a mão partida.

Não lhe agarro o braço porque vejo como é fraco o seu apoio. Não a vou arrastar comigo.

– Eu amo-te, Aida – digo.

– Nem te atrevas, porra! – grita-me ela. – Agarra o meu braço ou eu salto atrás de ti!

Com qualquer outra pessoa, seria uma ameaça vã. A Aida é a única pessoa que conheço que é suficientemente teimosa para o fazer.

Agarro o braço dela e iço-me, no momento em que as vigas cedem e a sala inteira cai. O Oliver uiva enquanto cai nas chamas. A Aida e eu atiramo-nos pela porta, fugindo pelo corredor de mãos dadas. Não há como voltar a descer as escadas, isso é óbvio. Em vez disso, corremos para o lado oposto da casa, encontrando um quarto de criança com decalques de barcos à vela ainda colados nas paredes. O antigo quarto do Oliver.

Arranco o peitoril da janela e saio, libertando uma nova coluna de fumo. Penduro-me no caixilho da janela e deixo-me cair, depois levanto as mãos para apanhar a Aida.

Ela salta para os meus braços, ainda calçando apenas uma sapatilha.

Enquanto nos afastamos a correr da casa, ouço o som distante das sirenes.

Estou a puxar a Aida pela estrada até ao jipe. Ela arranca a mão do meu aperto.

– Espera! – grita ela.

Corre na direção oposta, passando pelo inferno da casa e pela areia, em direção à água.

Faz uma pausa, baixando-se para apanhar algo – a carteira.

Depois volta a correr para mim, com os dentes brancos a brilhar naquela cara imunda, enquanto sorri.

– Já a tenho! – declara ela, triunfante.

– Posso comprar-te uma carteira nova – digo-lhe.

– Eu sei.

Estou prestes a ligar o motor, mas há algo que também não posso esperar nem mais um segundo para fazer.

Agarro na Aida e beijo-a, sentindo o sabor do sangue e do fumo naqueles lábios.

Beijo-a como se nunca mais a fosse largar.

Porque não largo. Nunca mais.

AIDA

Eu e o Callum viramos para a estrada principal no momento em que o carro dos bombeiros vem a rugir pela estrada, em direção à casa de praia dos Castle – ou ao que resta dela.

Consigo ver as caras dos bombeiros quando o nosso carro passa por eles – estão a olhar para nós com as sobrancelhas levantadas, incapazes de nos impedir de fugir do local.

– Que viagem do caraças! – grito, o meu coração ainda a galopar como um cavalo de corrida. – Sabias que o Oliver era assim tão louco? Pensava que era uma loucura normal, do tipo “não quero que mexam na minha comida” ou “falar sozinho no duche”, não como a do *Shining*.

O Callum está a conduzir demasiado depressa, com as mãos presas ao volante. Por incrível que pareça, está a sorrir quase tanto como eu. Será que o meu marido tenso está a começar a gostar das nossas aventuras?

– Nem acredito que te encontrei – diz ele.

– Sim, caramba! Encontrei a minha sapatilha?

– Sim, encontrei-a! E lembrei-me.

Ele olha para mim, os olhos azuis brilham contra aquela pele cinza devido ao fumo. Não sei como é que alguma vez pensei que os olhos dele eram frios. São lindos como o caraças. Os olhos mais impressionantes que já vi.

Ainda mais impressionante é o facto de ele me ter compreendido, de se ter lembrado da nossa conversa. Quase significa mais para mim do que o facto de ele me ter vindo salvar.

– Na verdade, tenho a outra aqui algures – comenta o Cal, virando-se para procurar no banco de trás.

– Olhos na estrada! – repreendo-o. Um minuto depois, encontro a sapatilha e volto a pô-la no pé. Agora está comicamente mais limpa do que a outra, por isso já não parecem um conjunto a condizer.

– Pronto – digo. – Totalmente vestida de novo.

Os olhos do Cal fixam-se na minha mão esquerda.

– Não totalmente – repara ele.

– Oh, porra – resmungo. – Esqueci-me disso.

– Ficou lá na casa? – pergunta o Cal.

– Sim. Mas o Oliver espatifou-o.

– Acho que não teria sobrevivido de qualquer maneira – concede o Cal. Aperta-me a coxa. – Não te preocupes com isso. De qualquer maneira, eu queria comprar-te outro. Sabes que não fui eu que escolhi aquele.

– Eu sei. – Sorrio. – Aprendi a reconhecer o gosto da Imogen.

O Cal vira para a autoestrada, dirigindo-se novamente para norte, em direção à cidade.

– É melhor ligares aos teus irmãos – aconselha ele. – Eles pensaram que o Zajac te tinha levado.

– Era capaz de estar melhor se ele o tivesse feito. – Enrugo o nariz. – Sinceramente, acho que os discursos de vilão dele eram melhores. É um autêntico durão, sabes? Já o Oliver era tão choramingas, a carregar com a culpa... tipo, credo, meu, vai ao Tinder e ultrapassa lá isso.

O Callum olha para mim durante um segundo e depois começa a rir-se tanto que os ombros tremem.

– Aida, és doida varrida.

Encolho os ombros.

– Era apenas uma crítica útil.

Peço emprestado o telemóvel do Callum para ligar ao Dante. É o Nero quem atende.

– Aida? – diz ele.

– Sim, sou eu.

– Graças a Deus. Pensei que ia ter de conduzir até lá daqui a nada.

– Porquê, onde estás?

– No hospital. O Dante foi baleado. Mas está bem! O Zajac acertou-lhe de lado... não atingiu nada crítico.

– Esse merdas nojento! – solto, a ferver. – Ele vai pagar por isso.

– Ele já pagou – garante o Nero, calmamente. – O Dante tem melhor pontaria do que o *Carniceiro*.

– Ele está morto? Tens a certeza?

O Cal olha para mim, seguindo o meu lado da conversa, mas igualmente incrédulo.

– De certeza absoluta – confirma o Nero, firme. – A não ser que tenha uma cabeça de reserva algures por aí, está feito.

– Bem, merda – digo, encostando-me ao meu assento. Esta foi realmente uma noite agitada.

Olho para o Callum, com a cara pálida sob a fuligem. Tem um corte feio sobre a sobrancelha direita e estremece um pouco sempre que respira fundo.

Pensando bem, eu também não estou exatamente na melhor forma. A minha mão está a latejar ao ritmo do meu batimento cardíaco e os meus dedos anelar e mindinho voltaram a inchar. Provavelmente, vou precisar novamente de gesso.

– Em que hospital estás? – pergunto ao Nero. – Se calhar vamos precisar de ir ter convosco.

* * *

O Callum e eu demoramos algumas horas para nos limparmos e fazermos os curativos no Saint Joseph. O Dante vai lá ficar pelo menos uns dias – tiveram de lhe dar três litros de sangue. O Jack e o Nero estão a fazer-lhe companhia. Fico chocada ao ver os rostos deles feridos e magoados.

– Que raio te aconteceu?

– Enquanto o Dante estava num tiroteio no apartamento da amante, eu e o Jack *não* estávamos a encontrar o *Carniceiro* e levámos uma tarefa do tenente dele.

– Não era *apenas* o tenente – acrescenta o Jack. Tem um olho negro tão mau que nem sequer consegue ver do lado esquerdo. – Havia pelo menos quatro deles.

– Aqui o Jack é um lutador a sério – elogia o Nero, num tom impressionado. – Deu-lhes o velho método “duro e sujo”, não foi, mano?

– Acho que ele não é assim tão mau quando está do nosso lado – anuo.

O Jack oferece-me um meio-sorriso – só meio, porque o outro lado da cara está demasiado inchado para se mexer.

– Isso foi um elogio?

– Não deixes que isso te suba à cabeça.

– Vocês os dois também não estão com muito bom aspeto – informa-me o Nero.

– Bem, é aí que te enganas. – Rio-me. – Se estivéssemos mais em brasa, seríamos briquetes de carvão.

O Fergus Griffin vem buscar-nos, apesar de termos o jipe estacionado lá fora.

– Duas visitas ao hospital numa semana – diz ele, fitando-nos com um olhar severo através dos óculos de aro de chifre. – Espero que isto não se esteja a tornar num passatempo para vocês os dois.

– Não – replica o Cal, colocando o braço à volta dos meus ombros no banco de trás do *Beamer*. – Acho que não vamos fazer nada de muito louco na próxima semana. Exceto talvez procurar um apartamento.

– Ah? – O Fergus faz uma pausa antes de pôr o carro em marcha-atrás. Olha para nós pelo espelho retrovisor. – Querem ter a vossa própria casa?

O Callum olha para mim.

– Sim – responde ele. – Acho que está na altura.

Sinto o coração pesado e quente no peito. Adoro a ideia de encontrar uma casa com o Cal – não a minha casa ou a dele, mas uma que escolhemos juntos.

– Isso é bom – reage o Fergus, assentindo. – Fico contente por ouvir isso, filho.

Curiosamente, quando paramos em frente à mansão dos Griffin, sinto pela primeira vez que estamos em casa. Tenho aquela sensação de conforto. Sei que é um sítio seguro para descansar a minha cabeça. E, raios, de repente, sinto-me exausta.

Tropeço um pouco ao sair do carro. Fiquei rígida e dorida por estar sentada. Apesar de saber que ele está tão exausto e, provavelmente, mais magoado do que eu, o Cal pega-me ao colo e leva-me para dentro de casa, como um noivo que carrega a noiva pela soleira da porta.

– Não devias guardar isso para o nosso novo apartamento? – provoco-o.

– Vou levar-te assim para todo o lado – diz o Cal. – Por um lado, gosto disso. Por outro, vai evitar que alguém te rapte.

– Tu também foste raptado, numa das vezes – lembro-lhe.

Ele carrega-me até ao cimo das escadas.

– Vais partir as costelas outra vez!

– Oh, neste momento ainda estão partidas – garante-me ele. – Não fizeram grande coisa no hospital. Nem sequer me puseram fita-cola. Só me deram Tylenol.

– Isso ajudou?

– Nem um bocadinho – replica ele, ofegante e a gemer quando finalmente chegamos ao cimo das escadas.

Quando me põe no chão, coloco-me em bicos de pés para o beijar suavemente nos lábios.

– Obrigada – digo-lhe.

– Ainda não acabei de cuidar de ti. Ainda precisas de te limpar.

– Oh, nãoooooo – gemo, lembrando-me de que estou completamente imunda. – Deixa-me só ir dormir. Eu durmo no chão.

– Pelo menos escova os dentes – diz ele. – Ou vais odiar-te de manhã.

A resmungar, vou para a casa de banho escovar os dentes e passar o fio dental. Quando termino, o Cal já tem o chuveiro a correr e toalhas felpudas à nossa espera.

Ele ensaboia-me o corpo todo, até a espuma que escorre pelo ralo mudar de preto para cinzento e depois para branco. Os dedos dele massajam-me o pescoço e os ombros rígidos. Juntamente com a água quente, ele trabalha todas as partes tensas e nodosas até eu me sentir como uma massa de esparguete molhada, em vez de um biscoito.

Quando estamos os dois completamente limpos, já não me sinto cansada. Na verdade, algumas partes de mim estão bem acordadas.

– É a minha vez – digo, esfregando o Cal com a sua toalha. Passo-a pela curva das costas largas, depois pelo rabo perfeito, pelas protuberâncias dos tendões e pelos gêmeos.

Ele está cheio de nódoas negras, arranhões, vergões, além dos cortes mais profundos feitos pelo *Carniceiro*. Mesmo assim, nunca vi um corpo tão perfeito. Este homem é perfeito – perfeito para mim. Adoro a forma dele, o cheiro, a sensação daqueles braços à minha volta.

Viro-o e começo a secá-lo de frente, começando pelos pés e subindo. Quando passo pelas coxas, chego àquele pénis grosso e inchado, quente e limpo do duche. Pego-lhe na mão e sinto-o expandir-se dentro do meu punho. A pele é tremendamente macia. Passo as pontas dos dedos pelo seu comprimento, que se estica em direção à minha mão, quase como se tivesse vontade própria. Aperto-o mesmo por baixo da ponta, fazendo o Cal gemer.

Ele puxa-me para perto.

– Eu é que devia estar a tomar conta de ti – rosna ele.

– E vais. Daqui a pouco.

Pego-lhe no pénis com a boca, chupando suavemente a cabeça. Enche-se até ao limite, tão duro que a pele se estica com força. Passo a língua para cima e para baixo, em movimentos longos e suaves, e depois em movimentos rápidos de provocação. Volto a meter o máximo que posso na boca e tento forçar a cabeça para trás, para dentro da minha garganta.

É muito difícil lidar com uma ereção deste tamanho. Estou a desenvolver um novo respeito pelas estrelas porno. Como é que conseguem meter aquilo tudo lá dentro, até à base? Eu teria de ser o raio de uma engolidora de espadas.

Chego a meio do eixo antes de me engasgar e ter de voltar a tirá-la.

O Callum parece não se importar. Acho que me deixaria praticar com ele toda a noite. Já aprendi algumas coisas – sei que adora quando lhe toco e acaricio os tomates enquanto deslizo os meus lábios para cima e para baixo sobre o pénis. Isso fá-lo gemer tão profundamente que é quase um estrondo no peito dele.

Podia mesmo fazer isto a noite toda. Não há nada mais íntimo e confiante do que ter a parte mais vulnerável de nós na boca de outra pessoa. Nunca quis tanto fazer alguém sentir-se bem como agora, neste momento. O Callum salvou-me a vida esta noite. Eu

teria ardido até à morte, talvez sem sequer acordar. O mínimo que posso fazer é dar-lhe a melhor libertação que ele já conheceu.

O Cal encontrou-me, tal como tinha prometido. Não foi o meu pai ou os meus irmãos. Foi o meu marido. Este homem que eu nem sequer queria. Agora não me consigo imaginar sem ele.

Eu devia venerar este corpo durante toda a noite. Beijar cada arranhão e nódoa negra.

Mas, como sempre, o Cal tem os seus próprios planos. Puxa-me para a cama, de modo a ficarmos deitados lado a lado, ele com a cabeça virada para os meus pés. Coloca a cabeça entre as minhas coxas e começa a comer a minha rata como se estivesse esfomeado.

Ao mesmo tempo, volto a concentrar-me na gaita dele. É ainda mais difícil servi-lo deste ângulo invertido, mas isso não importa. Estou a dar-lhe prazer e ele está a dar-me prazer, estou a passar a minha língua sobre a sua pele suave e macia, sentindo o mesmo calor e humidade em mim. É íntimo e partilhado. E, acima de tudo, parece que somos iguais, que estamos ambos a aprender a dar, ambos a aprender a receber.

Não pensei que o Cal me encontrasse. Não pensei que alguém o fizesse.

Mas no futuro, se eu voltar a meter-me em apuros, sei que o meu marido virá atrás de mim.

Meu Deus, ele é tão bom nisto. Já consigo sentir os impulsos de prazer a passar por mim, cada vez mais fortes.

Mas não me quero vir assim. Quero senti-lo dentro de mim.

Por isso, viro-me e subo para cima dele, agarrando-lhe as ancas, antes de me baixar para a pila. Ele desliza facilmente para dentro de mim, humedecido pela minha própria saliva, tal como eu estou pela dele.

Olho para baixo, para aquele rosto austero e bonito. A intensidade dos olhos azuis costumava assustar-me. Agora anseio pela sensação deles fixos no meu rosto. Isso ilumina os meus neurónios, fazendo-me sentir ansiosa, selvagem e ousada. Sinto que faria qualquer coisa para manter a sua atenção, para despertar aquele olhar de fome.

Ele põe as mãos nas minhas ancas, agarrando-me com aqueles

dedos longos e fortes. Estou a ficar corada e quero montá-lo com mais força e mais depressa. Ele obriga-me a abrandar, a manter o mesmo ritmo constante.

O meu clímax está a crescer de novo, sinto-me apertar à volta da ereção dele. O meu corpo exige que a pressão aumente para me levar ao limite. O Callum está a empurrar as ancas para cima, enterrando-se profundamente. Tenho as palmas das mãos no peito dele, os meus braços rígidos pelo esforço de o montar.

O Cal passa as mãos das minhas ancas para os meus seios. Aperta-os. Agora posso acelerar um pouco, rebolando as ancas para deslizar a minha rata para cima e para baixo no seu pau.

As mãos dele acompanham o ritmo dos meus movimentos. Está a apertar-me os seios, deslizando os dedos até aos mamilos a cada aperto. Começo a vir-me, atirando a cabeça para trás e pressionando o meu clítoris com força contra o corpo dele.

O Callum aperta-me os mamilos, um aperto longo e arrastado que envia um choque de prazer que vai e vem do peito até às virilhas. Intensifica o orgasmo enquanto o repete vezes sem conta.

É tão forte que já nem sequer consigo ficar em cima dele. Sinto-me a latejar, a pulsar no rescaldo daquele clímax.

Mas ainda não acabei. Quero terminar o que comecei antes.

Saio de cima do Callum e ajoelho-me entre as suas pernas. Volto a meter o pénis na minha boca, deleitando-me naquela pele. Tem um sabor quente, almiscarado, ligeiramente doce, que se mistura perfeitamente com o cheiro da pele dele e o ligeiro salgado do líquido claro que escorre da cabeça.

Quero mais.

Chupo-o ainda com mais entusiasmo do que antes. Os meus lábios estão inchados e sensíveis devido ao meu clímax. Sinto todos os cumes e veias daquele pénis contra a minha língua. Consigo sentir-lhe a pulsação e como o pénis fica tenso e lateja à medida que ele se aproxima cada vez mais do limite.

Agarrando a base do pénis, chupo-lhe com força a cabeça, fazendo-o tombar.

– Oh, céus, Aida! – grita ele, quando explode dentro da minha boca.

O esperma é espesso, escorregadio e quente. Adoro aquele sabor misturado com a minha própria humidade. Fomos feitos para estar juntos, ele e eu. Salgado e doce.

Depois de eu o ter sugado até à última gota, ele envolve-me novamente nos braços, as nossas pernas entrelaçam-se sob os lençóis. Acho que até consigo sentir os nossos corações a bater em uníssono.

CALLUM

No dia seguinte, levo a Aida à procura de casas por toda a Costa Dourada, e também na Cidade Velha, caso ela prefira ficar no seu antigo bairro. Procuramos vivendas, coberturas, apartamentos de luxo em edifícios chiques e estúdios da moda convertidos. Tudo e mais alguma coisa que eu ache que ela possa gostar.

No final, escolhemos o meio-termo: uma antiga igreja que foi convertida em apartamentos. O nosso fica no último andar, por isso inclui uma janela com uma rosácea inteira dentro de um arco pontiagudo, que ocupa quase toda a parede da sala de estar.

A Aida gostou tanto que depositámos logo uma caução.

Depois disso, resolvemos o outro assunto que faltava no nosso casamento – levo a Aida a escolher um anel como deve ser. Um que ela própria escolha, de acordo com os seus gostos e preferências. Estou à espera de que escolha uma aliança simples. Ela surpreende-me ao optar por uma pequena pedra central de corte esmeralda com baguetes em filigrana. Tem linhas simples e um toque de velho mundo. Assenta-lhe na perfeição.

Quando o coloco no dedo dela, repito os votos que proferi tão levemente da primeira vez.

Agora saboreio cada palavra, falando com o coração.

– Eu, Callum Griffin, aceito-te, Aida Gallo, para seres minha esposa. Prometo ser-te fiel nos bons e nos maus momentos. Na doença e na saúde. Amar-te-ei e honrar-te-ei todos os dias da minha vida. Prometo-te isso, Aida. Estarei sempre ao teu lado. Nunca te deixarei ficar mal.

– Eu sei disso – diz ela, olhando para mim. – Sei exatamente o que farias por mim.

Para celebrar o início da nossa nova vida juntos, levo-a a almoçar ao *Blackbird*.

Quando nos sentamos, a Aida põe a carteira na mesa que está entre nós, sorrindo alegremente.

– Na verdade, também tenho uma coisa para ti – revela ela.

– O que é? – interrogo, sem ter a mais pequena ideia na cabeça. Não sei se alguma vez recebi uma prenda que me tenha entusiasmado. Estou habituado a fazer um sorriso falso para presentes de botões de punho ou perfumes.

– Quase me sinto estúpida por te dar isto – continua a Aida, passando-me uma pequena caixa plana. – Uma vez que já é teu.

Levanto a caixa, que é surpreendentemente pesada. Quando abro a tampa, vejo um relógio de bolso dourado. Parece exatamente o relógio do meu avô, mas sei que não pode ser. Ela deve ter mandado fazer uma réplica.

– Como é que o fizeste? – pergunto-lhe, espantado. – Parece-se exatamente com o outro. Até um pouco gasto...

– Mais gasto do que estava, provavelmente – reconhece a Aida, culpada. – Esteve no fundo do lago durante semanas.

– O quê? – solto, incrédulo. – Este não é o mesmo relógio.

– Garanto-te que é – garante a Aida, triunfante.

– Como?

– Sabes quem é o Jeremy Parker?

– Não. Quem é esse?

– Faz uns vídeos no YouTube sobre tesouros perdidos no fundo do mar. É um mergulhador. Enfim, vi um vídeo em que ele encontrou o brinco que uma senhora tinha deixado cair num rio. E pensei, se ele consegue fazer aquilo...

– Então, ligaste-lhe?

– Exatamente – replica a Aida, radiante. – E paguei-lhe, obviamente. E ele pode usá-lo no seu canal. Demorou três dias inteiros e dois detetores de metais diferentes, mas encontrou-o!

Viro o relógio nas minhas mãos, incrédulo, apesar de o estar a segurar.

Olho para o rosto esperançoso e culpado da Aida.

Só ela acreditaria que podia recuperar o relógio. Nunca pensei sequer que fosse possível. Mais valia drenar todo o maldito lago antes de a fazer desistir.

Amo esta mulher. O dia em que ela pegou fogo à minha casa foi o mais sortudo da minha vida. É realmente a sorte dos irlandeses: Perversa. Inexplicável. E absolutamente fantástica.

– Perdoas-me por tê-lo extraviado? – pergunta-me ela, deslizando a mão pequena e fina na minha.

– Não te devia dizer até onde podes ir, Aida – respondo, abanando a cabeça. – Mas já sabes que eu perdoaria qualquer coisa que fizesses.

– Qualquer coisa? – repete ela, sorrindo com malícia.

– Sim – confirmo. – Mas, por favor, não ponhas essa teoria à prova.

A Aida inclina-se sobre a mesa para me beijar. Afasta-se um pouco para que o nariz toque no meu.

– Amo-te – diz ela. – Já te disse isso?

– Não. – Sorrio. – Diz-me outra vez.

Epílogo bónus

CALLUM

UM ANO DEPOIS

Sexta-feira é o aniversário da Aida.

Quero fazer algo especial para ela. Mesmo especial.

O mês passado foi uma merda. Eu estava a trabalhar demasiado, ela estava doente. Acho que não saímos juntos uma única noite para fazer algo de que gostássemos.

À quarta-feira, levo o Enzo ao parque para o espremer num dos tabuleiros de xadrez de pedra. Ele quer jogar mesmo quando o tempo está horrível. Seguro um enorme guarda-chuva de golfe sobre nós os dois.

Peço-lhe ideias, se a Aida mencionou alguma coisa que queira. Ele diz-me que eu devia tirar o piano da mãe dela da sala de música do sótão e levá-lo para a nossa nova casa.

Finjo que nunca o poderia fazer, mas é óbvio que o quero logo. A Aida adora aquela coisa como se tivesse a alma da mãe dentro dela.

Mas não quero dar um ataque cardíaco ao Enzo. E, definitivamente, não *antes* do aniversário da Aida.

– Tens a certeza? Não gostas às vezes de ir lá acima e, hum, vê-lo?

O Enzo não toca piano, apenas se senta no banco e toca nas teclas.

– Demasiadas vezes – replica o Enzo, olhando para o nada.

Foda-se.

O Enzo é a personificação viva do meu pior pesadelo. Pensar na Aida a morrer e eu a viver sozinho na nossa casa para o resto da minha vida dá-me um ataque de pânico. Sempre.

– Estás a suar – observa o Enzo. – Preocupado por perder outra vez?

– Eu ganhei da última vez.

– E perdeste as três anteriores.

– Estou a melhorar ou estás a ficar senil?

O Enzo bufa.

– Hoje é que vai ser.

Ele toca no bispo, depois move a rainha. Faz isso para me chatear. Continuo a ver e rever todos os movimentos potenciais do bispo.

– O Dante ajuda-te na mudança – diz o Enzo, voltando ao assunto do piano.

– Não posso aceitar.

– Já está decidido. – O Enzo faz avançar o cavalo.

– Falaste como um padrinho – digo-lhe, para o animar.

– O teu pai costumava fazer essa piada – lembra o Enzo, porque sabe exatamente o quanto isso me vai irritar. Ele tem sempre de ter a última palavra.

E depois fez uma filha que tem de ter a última palavra duas vezes, e eu casei com ela. Então... ganhei?

Penso no sorriso maroto da Aida a espreitar-me esta manhã antes de se enfiar sob os cobertores e me engolir todo.

Sim, definitivamente, ganhei.

– Porque é que estás a sorrir? – pergunta o Enzo.

– Por isto. – Deslizo a minha torre para a posição desejada. – Xeque.

– Leva o piano – insiste o Enzo, movendo o bispo para bloquear.

– Vou a tua casa para ouvir a Aida tocar.

Agradeço-lhe e deixo-o levar o meu rei, pensando no quão feliz a Aida vai ficar.

Quando o deixo à porta de casa, o Enzo resmunga:

– Eu ia ganhar na mesma.

Na sexta-feira de manhã, acordo a Aida com a minha cabeça entre as suas coxas. Ela está sonolenta e quente, gemendo de prazer antes de estar completamente acordada.

Levanto a cabeça.

– Parece que estás a sonhar com algo obsceno... – brinco.

– Estou – ri-se a Aida, arqueando as costas e deixando os joelhos caírem. Enfia as mãos no meu cabelo, puxando a minha boca contra ela.

– Continua.

– É o *meu* aniversário?

Mergulho a fundo.

A Aida cheira a canela e laranjas, provavelmente porque ontem à noite esteve a comer bolachas de canela e tangerinas na cama.

A penugem da sua rata é macia como o exterior de um *kiwi*. Esfrego a minha cara contra ela, fazendo-a rir e gritar.

Prendo-lhe as pernas, lambendo-a com movimentos longos. Cubro-a com almofadas e cobertores, expondo apenas pequenas partes dela de cada vez. Puxo-lhe a camisola para cima, deixando os seios a descoberto, lambendo e chupando os mamilos, vendo-se afogar na suavidade da roupa da cama. Estou a deixá-la louca, contorcendo-se e gritando, lutando comigo até ficarmos ambos ofegantes.

Ela salta para cima de mim, apanhando a minha gaita na boca. Já estou duro. A primeira vez que peguei na Aida nos meus braços foi quando a tentei afogar na piscina dos meus pais. Por mais fodido que seja, ainda me excita sentir a força com que ela luta.

Rebolamos para o lado, a minha cara enterrada na rata dela, a sua boca fechada à volta da minha pila. As coxas encostam-se às minhas orelhas, macias e almofadadas. Passo os braços à volta das pernas dela, agarro-lhe o rabo com as duas mãos, afastando-lhe as nádegas para poder mergulhar a minha língua mais fundo.

Ela geme à volta da minha pila, fazendo sons ansiosos. Mexe a cabeça para cima e para baixo, e eu imito aquele ritmo e pressão. Ela vai mais depressa, com mais força, e eu faço o mesmo, lambidela por lambidela, estocada por estocada. Tem um sabor quente, almiscarado e delicioso. Estou viciado em comê-la como se fosse o pequeno-almoço.

Chupo-lhe suavemente o clitóris, mordiscando-o ao de leve com os lábios, sugando lentamente enquanto a minha língua acaricia por baixo. A minha gaita desliza-lhe profundamente na garganta.

Vimo-nos juntos, lentos, quentes e molhados, eu a bombear-lhe na boca e ela a cavalgar a minha língua.

Durante toda a noite, os meus tomates fervilham, a minha gaita amolece e volta a ficar dura sempre que a coxa nua da Aida desliza contra a minha ou eu sinto o cheiro do seu cabelo.

Ela engole a carga matinal que estive a acumular durante toda a noite. Mergulho a minha língua na sua suavidade, fazendo-a gozar com a boca à volta da minha ereção, cada contração das ancas acompanhada pelo aperto da sua garganta.

Rebolamos para trás, ofegantes, a nossa pele nua tingida com um caleidoscópio de cores do vitral na parede.

– Feliz aniversário, querida – digo, beijando-a.

O beijo começa doce, mas torna-se imundo quando sinto o meu gosto na boca dela.

Meia hora depois, terminámos a segunda ronda e precisamos desesperadamente de um duche.

A Aida ensaboou-me as costas onde não consigo chegar e eu lavei o cabelo, porque ela adora a sensação.

Ela sorri para mim.

– Então, o que é que vamos fazer para o Dia da Aida Absoluta?

– Pensei que tínhamos combinado que seria o Dia da Aida Fantástica.

– E que tal o Dia da Aida Angelical? – Ela emoldura a cara com as mãos e tenta parecer inocente.

– Adorava ver isso.

– Não, não adoravas.

– Não, claro que não. – Puxo-a para perto de mim e beijo-a novamente, a minha mão desliza para baixo para apalpar o peito ensaboadado.

– Terceira ronda? – provoca a Aida, com os olhos brilhantes. – É mesmo o meu aniversário.

– Não te quero atrasar.

– Para quê, para quê? – Ela está a tremer de antecipação.

– Reservei-te um dia no *spa*.

O sorriso dela desaparece.

– Raios, nem pensar. Não vou cair nessa outra vez.

– Pensei que ias dizer isso... por isso marquei os mesmos tratamentos para a Nessa.

– Perverso.

Dou-lhe uma palmada no rabo, fazendo-a gritar.

– Significa que estás perfeitamente segura.

A minha verdadeira intenção é manter a Aida ocupada para que eu possa levar o raio do piano para nossa casa.

Por isso, encontro-me no último andar da decrepita mansão dos Gallo, a tentar içar um instrumento com quase uma tonelada por uma janela.

O Dante está a suar como um touro, o Seb e o Nero estão do outro lado. Eu estou a trabalhar no sistema de roldanas.

O velho piano geme, com a madeira a ranger e as cordas a esticarem-se. Temos corda enrolada à volta do instrumento, para tentar mantê-lo unido, mas o tampo está a curvar-se.

– Não o podem levantar assim! – grita o Nero. – Vão parti-lo ao meio!

– *Vocês não* estão a levantar nada! – brada o Dante. – Eu tenho a maldita coisa toda nos meus ombros!

– Acho que não vai caber naquela janela – comenta o Seb.

– Vai caber – garanto, obstinado.

Não cabe. Nem mesmo depois de retirarmos toda a janela e o caixilho. E de certeza que não vai passar pela porta.

– Como é que conseguiram pôr esta porra aqui em cima? – pergunto.

– Está aqui desde que a casa foi construída – replica o Seb. – Provavelmente, montaram-no aqui.

Faz sentido. A cauda do piano parece mais velha do que todos nós juntos, coberta de entalhes e pergaminhos, pássaros, flores e videiras. A madeira costumava ser pintada, mas só restam manchas de turquesa desbotada.

Pousamos novamente o piano. Há três cordas que se partem.

– *Meerda*. – Tapo a cara com as mãos, profundamente desiludido.

– Acho que não o conseguimos tirar daqui sem o destruir – observa o Seb, com pena. Ele adora a Aida e aceitou de bom grado a oportunidade de lhe entregar o piano, apesar do joelho magoado.

Até o Nero tem um ar sombrio, observando o casco empoeirado do piano imóvel.

– E agora? – O Dante passa um braço musculado pela testa a pingar.

– Arranja-lhe outro piano – sugere o Nero.

Abano a cabeça.

– Não lhe quero dar um piano velho qualquer.

– Sabes... – reflete o Seb. – Há um parecido com este no *campus*...

O Sebastian ainda frequenta a Universidade Estadual de Chicago, embora eu lhe tenha lixado a bolsa de basquetebol. Ele disse-me que são águas passadas, mas continuo a sentir-me mal sempre que o vejo a mancar.

– Onde é que está?

– No museu de arte.

– No museu! – zomba o Nero. – Deve ser uma antiguidade. Não nos vão dar o piano assim sem mais nem menos.

O Seb sorri.

– Quem é que falou em dar?

* * *

Uma hora mais tarde, o Nero distrai a guia do museu enquanto eu desativo as câmaras nas traseiras do edifício e suborno o segurança para que vá fazer um almoço prolongado.

O Dante chega ao cais de carga com um camião de mudanças cheio de arames e ferrugem.

– Onde é que arranjaste essa coisa esquisita? – interroga o Seb.

– A cavalo dado não se olha os dentes – grunhe o Dante.

– *Exatamente* – concordo, empurrando o carrinho de carga com um piano de duzentos anos roubado da exposição Músicos Antigos. Não é tão grande como o piano de cauda da mãe da Aida, mas o Seb tinha razão, tem a mesma madeira pintada de turquesa e o mesmo suporte com uma bela moldura onde assentam as partituras.

– Porque é que este parece melhor do que o nosso? – pergunta o Nero, ajeitando o cabelo para trás com as duas mãos.

– Provavelmente, porque não teve três gerações de miúdos a treparem-lhe em cima – replica o Seb. – Acabaste de comer aquela

guia?

– Disseste para a distrair.

– Com *conversa*.

– Nesse caso, eu teria de falar com ela.

O Seb abana a cabeça para o Nero.

– Talvez devesse tentar, um dia destes.

– Quando eu precisar de conselhos sobre encontros com o meu irmão mais novo, acordo e volto à realidade em que não preciso de conselhos sobre encontros com o meu irmão mais novo.

– O Seb tem razão – rosna o Dante.

– Oh, cala a boca – reage o Nero. – Pelo menos eu *quero* mesmo ser solteiro. Não quero ouvir merdas de vocês dois, seus tristes.

Não me meto, porque, apesar de ser o único de nós a ter uma relação, concordo com o Nero que é melhor para as mulheres ele ficar solteiro.

Carregamos o piano para a carrinha de mudanças.

Quando estamos prestes a fechar as portas de trás, a guia sai a correr da exposição da Renascença, com o cabelo desarrumado e a camisa mal abotoada. Ao ver o Nero e o piano, começa a gritar enquanto corre na nossa direção.

– Vai, vai! – grita o Nero ao Dante, fechando as portas da carrinha.

Quando nos afastamos, ouço o grito vacilante:

– *Vais pagar por isto, Greg!*

Olho para o Nero, encolhido junto ao piano roubado.

– Disseste-lhe que o teu nome era Greg?

O Nero encolhe os ombros.

– E depois?

O Seb bufa por entre os dedos.

– Porquê Greg?

– Sei lá. – Juro que o Nero está a corar ligeiramente. – Foi o primeiro nome que me veio à cabeça.

A ideia do Nero como “Greg” faz-nos rir descontroladamente, até ao Dante.

– Como é que esse nome é mais estranho do que o meu nome verdadeiro? – pergunta o Nero, todo irritado.

– Apenas é – ri-se o Dante.

Estou agachado na parte de trás com o Nero e o Seb, a segurar o piano enquanto o Dante dá grandes voltas na frágil carrinha.

– Vamos levar isto de volta para o apartamento – digo. – Antes que aconteça mais alguma coisa.

Eu já devia saber que não devia dizer merdas destas em voz alta.

Antes mesmo de terminar a frase, algo atinge-nos de lado e o mundo inteiro explode.

AIDA

O meu dia de *spa* com a Nessa é agradável, tal como o Cal prometeu. Passamos a manhã toda a massajar os pés e a pintar as unhas, a mergulhar em banhos de lama e a comer taças de uvas congeladas.

Conto à Nessa a história da minha primeira ida ao *spa*. Ela ri-se até as lágrimas lhe correrem pela cara.

– Não acredito que vocês os dois não se mataram um ao outro.

Sorriso.

– Não foi por não termos tentado.

A Nessa oferece-me uma caixa gigante embrulhada em fita vermelha.

– Feliz aniversário!

– Não me queres dar isso mais tarde? – digo.

A família do Cal e a minha vão à nossa casa para uma festa – só bolo e champanhe, e uma lista de músicas com a qual a Imogen *não* pode de maneira nenhuma meter-se. Não vou ouvir Brahms no meu aniversário.

– Na verdade, é para a festa. – A Nessa sorri.

– Bem, nesse caso...

Rasgo alegremente o papel e a fita, e desfaço-me da caixa como um guaxinim raivoso.

Lá dentro encontro uma massa de tule carmesim inchado,

salpicado de morangos vermelhos brilhantes.

– É um vestido – revela a Nessa, prestável.

Tiro-o da caixa, já a rir-me de prazer.

– O Cal vai perder a cabeça.

– Não lhe digas que fui eu que te dei – ri-se a Nessa.

Ela ajuda-me com a maquilhagem. Melhorei bastante no que toca a embelezar-me com toda a prática que tive depois de participar nos eventos do Cal, mas não sei se alguma vez terei a mão firme que o *eyeliner* requer.

A Nessa dá um passo atrás e assobia com apreço.

– O vermelho é a tua cor. Serve-te bem?

– Está um bocado apertado – admito.

– Posso trocá-lo...

– Não, compraste o tamanho certo. Se calhar devia deixar de comer tarte de abóbora ao pequeno-almoço.

A Nessa ri-se.

– Onde é que arranjias tarte de abóbora nesta altura do ano?

– Fui eu que a fiz. Apetecia-me e não podia esperar por novembro. Ainda tenho um bocadinho, devias vir experimentar. Pus sumo de laranja no recheio, vai mudar a tua vida...

Interrompo-me, porque a Nessa está a olhar para mim de forma estranha.

– O que foi? – pergunto.

Ela inclina a cabeça, franzindo ligeiramente o sobrolho.

– Parece...

– Comestível? Não comestível?

Ela ri-se.

– Eu ia dizer... radiante.

– Agora sei que estás a mentir.

A nossa esteticista regressa com um balde de *Moët* gelado e dois copos.

– Cortesia do seu marido. – Sorri para mim, saca a rolha e serve as bebidas, entregando às duas uma taça borbulhante.

– A que devemos brindar? – pergunto à Nessa, segurando o meu copo no ar.

Ela pousa o dela sem tocar.

– Quero perguntar-te uma coisa primeiro...

* * *

Uma hora depois, a Nessa deixa-me no meu apartamento, com o coração acelerado e a cabeça a zumbir. Estou tão ansiosa por ver o Cal que me esqueço de que ainda estou com o vestido de morango.

Ele abre a porta assim que ouve a chave na fechadura.

– Aida! – Envolve-me nos seus braços. – Oh, meu Deus, esse vestido... Estás com um aspeto que vale totalmente uma ida às urgências.

Estou a olhar para ele em choque, porque parece que o meu marido acabou de *chegar* das urgências.

– Cal, o que é que aconteceu?

Ele olha para si próprio, para a camisa rasgada, o corte no braço, os cortes nas mãos.

– É... uma longa história.

Pega na minha mão e leva-me para a sala de estar.

Lá encontro uma pilha de lenha do que pode ter sido um piano. Duas das pernas estão partidas, o teclado está rachado ao meio e as cordas espetam-se em todas as direções.

Não consigo evitar rir-me.

– O que é isto?

– A tua prenda de anos – replica o Cal, com um ar miserável.

Puxo-o para o sofá, beijando-lhe a testa ferida, os lábios ensanguentados e as faces sujas.

– O que é que aconteceu, meu amor?

Ele conta-me a história toda, começando com a grua que alugou para tentar tirar o piano da minha mãe pela janela e terminando com o camião da padaria que passou um sinal vermelho e esmagou o segundo piano, juntamente com o meu querido marido e os meus três irmãos.

– Estão todos bem?

– Sim, estão ótimos. Quer dizer, estão muito parecidos com isto – o Cal gesticula para si próprio –, mas não há nada partido.

– À exceção do piano – ironizo.

– Sim, à exceção do piano – repete o Cal, sem sorrir. – Queria que o dia de hoje fosse especial para ti. Mas correu tudo mal.

Tem os ombros descaídos e a cabeça baixa.

Coitado do meu marido tão perfeccionista. O trabalho que teve para me fazer feliz enche-me de uma alegria que é quase dolorosa. O meu peito aperta-se e os olhos ardem.

Ponho o meu braço à volta dos ombros dele, beijando-lhe o lado da cabeça.

– Adoro o meu piano novo. Vamos dizer a toda a gente que é arte moderna.

– Queria que fosse o aniversário mais perfeito... – murmura o Cal.

Pego-lhe no rosto com as mãos e faço-o olhar para mim.

– Meu amor... é o aniversário mais perfeito.

– Só estás a tentar fazer-me sentir melhor.

– Não, não estou.

Não consigo conter a minha alegria. O Cal olha para a minha cara, o humor dele já está a melhorar, apesar de eu ainda não lho ter dito.

– O que se passa...

– Tenho um presente para ti.

– É suposto ser o *teu* aniversário.

– Isto é para os dois.

Ele fita-me nos olhos. Vejo uma aurora compreensiva, brilhante como o sol da manhã.

– Não estás a falar a sério...

Aperto-lhe as mãos com força.

– Vamos ter um bebé.

O Cal faz um som que parece uma gargalhada e um soluço.

– Aida!

Ele salta do sofá, agarra-me e balança-me. Depois lembra-se e põe-me no chão com extrema delicadeza, como se eu fosse de cristal.

– Quando é que descobriste?

– Há cerca de uma hora. – Rio-me. – Na verdade, foi a tua irmã que me contou... Acho que a Nessa prestou mais atenção às aulas de

Educação Sexual.

– Isto é... – A voz do Cal fica rouca. – A melhor notícia que alguma vez recebi. Não posso acreditar, Aida, estou tão feliz...

Ele abraça-me novamente, o tipo de abraço que faz com que todos os nossos sentimentos fluam de um para o outro até estarmos cheios até à borda.

Quando nos afastamos, ele segura-me pelos ombros, olhando-me de cima a baixo.

– Eu devia ter percebido... estás resplandecente.

Parece que o Cal passou por um furacão, mas ele também está radiante, com os olhos molhados e a brilhar, o sorriso luminoso.

– Achas que é um rapaz ou uma rapariga? – pergunta ele.

– Seja o que for, é bom que saia ao pai.

O Cal entrelaça os dedos nos meus.

– Espero que seja como os dois... Somos melhores juntos.